Universidade Federal do Espírito Santo
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Renato Santos Lacerda

ROTARY CLUB
PODER INVISÍVEL NA TERRA PROMETIDA (1959-1967)

Vitória
2007

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

RENATO SANTOS LACERDA

ROTARY CLUB
PODER INVISÍVEL NA TERRA PROMETIDA (1959-1967)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, na área de concentração História Social das Relações Políticas.
Orientador: Prof. Dr. Carlos Vinícius Costa de Mendonça.

Vitória
2007

Universidade Federal do Espírito Santo
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Renato Santos Lacerda

ROTARY CLUB
PODER INVISÍVEL NA TERRA PROMETIDA (1959-1967)

Vitória
2007

Ficha catalográfica

L131r Lacerda, Renato Santos

Rotary Club : poder invisível na terra prometida (1959-1967) / Renato Santos Lacerda. — 2007.

264 f.

Dissertação (mestrado) — Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2007.

Orientação: Carlos Vinícius Costa de Mendonça.

1. Rotary Club – História. 2. Rotary Club – Vale do Aço. I. Mendonça, Carlos Vinícius Costa de. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas. III. Título.

RENATO SANTOS LACERDA

ROTARY CLUB
PODER INVISÍVEL NA TERRA PROMETIDA (1959-1967)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, na área de concentração História Social das Relações Políticas.

Aprovada em 27 de julho de 2007

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Vinícius Costa de Mendonça
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
Orientador

Prof. Dr. José de Sousa Miguel Lopes
Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – Unileste/MG

Prof. Dr. Luiz Cláudio Moisés Ribeiro
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

A Delfina de Oliveira Santos Lacerda, meu passado imortal.

A Carolina Fortunato Lacerda, meu futuro eterno.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos são mais que devidos ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Vinícius Costa de Mendonça. Pois, dialogar, por um período de dois anos, com um paraibano alcatifado de terno, emitindo ecos solenes, amalgamado de gestos corteses, foi a mim uma oportunidade incomum na minha vida. Seu estilo seguro, calmo, confiante, engraçado, sério, benevolente, instigador, cauteloso, organizado, ouvidor, prestativo e, sobretudo, amigo, foi a todos os títulos, mais que notável. Além de orientador, foi meu professor. Sem incorrer em exageros, meus colegas do mestrado podem atestar, que, Carlos Vinícius, quando assumia sua disciplina, criava uma nova atmosfera inspiradora e, tinha-se de imediato, a impressão de que o grande orador romano, Cícero, encontrava-se presente naquele momento. Sem dúvida alguma, sem perder o rigor teórico e científico, foram cenas memoráveis, umas experiências teatrais inesquecíveis.

Minha gratidão também é devida ao professor e ex-diretor nacional de educação de Moçambique, Prof. Dr. José de Sousa Miguel Lopes. Outrora, tive o privilégio raro de ser aluno e orientando, no programa de iniciação científica, na graduação de História, por esse mestre e revolucionário de origem africana.

De igual modo, meus agradecimentos são conferidos aos professores, Dr. Luiz Cláudio Moisés Ribeiro e Dr. Geraldo Antônio Soares, os quais emitiram, na Banca de Qualificação, num ambiente privilegiado e concentrado, inteligentes sugestões, contribuições e ponderações para o desenvolvimento dessa pesquisa. Ao Dr. Luiz Cláudio, sobretudo, pelas inúmeras anotações sugestivas nos manuscritos, que sem sombra de dúvida, em grande medida, foram incorporadas nessa pesquisa.

Há certos caminhos que são incertos quando palmilhados sem apoio moral e econômico. Há certos trajetos que se tornam um calvário quando não existe, sequer, apoio financeiro. Foi exatamente o inverso que Everaldo Silveira de Almeida fez de meu destino. Como presidente da empresa COMIT – Montagem Eletromecânica,

esse empresário, ao ouvir as necessidades de nossa pesquisa, não exitou em apoiar a minha viagem para USP, UNICAMP, UNASP e Rotary Club de São Paulo. Nesse percurso, todos os custos com reprografia, livros, viagens, hospedagem e alimentação foram assumidas pela COMIT. Essa dissertação possui marcas e dívidas com esse empresário de sucesso na região do Vale do Aço.

Continuo insistindo que sem auxilio, proteção, guarda, apoio, tal como fazem as mães, nenhum filho cresceria confortavelmente. De igual modo, meu crescimento profissional, cognitivo e educativo assumiria outros rumos não fosse a professora Niura Sueli de Almeida Martins. A essa pedagoga dedico meu agradecimento especial pela cobertura, nesses dois anos, que poucos sabem, dos temporais de granizo. Não somente, sensível aos nossos pleitos, como também sempre gentil, alegre, prestativa, confidente, justa, diplomata e ética, assumiu uma posição de referência no meu destino, embora sob outro enclausuramento, como se fosse a renovação da aura, que outrora, bem cedo, me fora tomada.

Os caminhos seriam árduos não fossem as bibliotecárias do Unileste/MG, Elizabeth Aparecida Lopes e Elizabeth Gonçalves Vilarino. Ambas, sempre se mostraram eminentemente dispostas a oferecer serviços bibliotecários a nossa pesquisa. Assim, minha gratidão também se estende a essas profissionais competentes que incontestavelmente deixaram, nesse trabalho, marcas digitais.

Não poderia deixar de figurar meu grande pai, Luiz Carlos Lacerda. A ele meus agradecimentos especiais pela sua sensibilidade. Sem ele não poderia digitar, confortavelmente, em qualquer lugar e em qualquer tempo essa dissertação. É devido, também, meu afeto a Elza, Penha, Davi, Carla, Adriano, Juliana, Marcelo, Filipe, Naldinho, Soninha, Lili, Nina e Neném.

A Cicleyde Fortunato Lacerda pela companhia nos (2/3) dois terços do mestrado. Mas durante (1/3) um terço somente Deus e alguns sabem. Obrigado pela maravilhosa filha que me destes!

Aos meus anfitriões, Adriano e Flávia; Hugues Marques e Ezida; Anderson e Luciene; Dênis e Cristiane. Aos meus hospedeiros, José e Fernando. Devoto a eles

meus agradecimentos por me protegerem do sol, da chuva e do sereno. Especialmente ao José Leandro, por dividir comigo, por dois anos, o seu quarto, sua escrivaninha, sua luz da luminária, sua comida, sua alegria, sua religiosidade e seu tempo escasso. Novamente ao Fernando, pelo abstract.

Meu apreço especial a Agueda Bernardete pela sua calorosa recepção na Unicamp, pelo almoço marroquino, pelas horas cedidas em entrevista gravada, pelas indicações bibliográficas, pelo diálogo promissor.

Aos meus, outrora, mestres do Unileste/MG, hoje, meus pares. Ademir, Lúcio, Gonzaga, Aparecida Assis, Aparecida Faria, Aparecida Quadros, Luciana Brandão, Tereza Cristina, Elisângela, Lazzari, Marcos, Zulmira, Cláudia, Betzaida, Roberto, Ademir, Luiz Antônio, Luiz Henrique, Abdu Sane, pelo résumé. Tiago, pelas críticas e ponderações sempre pertinentes.

Aos meus companheiros (as) que me socorreram no antes, início, durante, e no final do mestrado, respectivamente, Josianne Cerasoli, José Reis, Gildásio, Sidneiva Paiva, Didio, Hugues, Denis (obrigado pelo apoio no limiar!).

Aos representantes legais do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – Unileste/MG.

Ao Sindicato Metalúrgico de Timóteo – METASITA pelo apoio no ingresso do mestrado.

Ao RC de Coronel Fabriciano, RC de Coronel Fabriciano-Norte, RC de Acesita, RC de Ipatinga, RC de Ipatinga-Norte, RC de Ipatinga Ribeirão Ipanema, RC de São Paulo.

Aos entrevistados pelas belíssimas narrativas.

“As técnicas dramáticas não são utilizadas exclusivamente no teatro, mas também na direção da cidade. [...]. Por trás de todas as formas de arranjo da sociedade e de organização dos poderes encontra-se, sempre presente, governando dos bastidores, a ‘teatrocracia’. Ela regula a vida cotidiana dos homens em coletividade.”

Georges Balandier

“O poder simbólico é esse poder invisível [...] poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força física ou econômica, [...] capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia.”

Pierre Bourdieu

RESUMO

Nesta pesquisa, os holofotes estão apontados sobre os anos históricos, compreendidos entre 1959 e 1967, com a finalidade última de mostrar os arranjos cênicos da instalação, organização e atuação de um Rotary Club num cenário geográfico que se encontrava em fase de mutação. Esse território, outrora denominado *Terra Prometida* ou *Canaã da Indústria*, foi logo substituído pela nomenclatura *Vale do Aço*. Os Sócios fundadores desse primeiro Rotary Club conceberam-se como forasteiros da *Canaã do Estado de Minas* que emanava “leite e mel”. Originários de outras terras, encontraram-se e foram encontrados para formarem um clube de serviço no *Vale da Redenção Nacional*, mas com fortes vínculos institucionais a uma corporação internacional. Organizados sob a doutrina do interesse bem compreendido, os agentes associados, cada qual, com sua composição e volume de capital, sejam eles de natureza econômica, cultural, social, simbólico e/ou político, que permitiu, através do mecanismo de convertibilidade de capital, potencializar, na comunidade regional, um poder capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia. Como uma associação voluntária e oligárquica, esse clube de serviço foi, em alguma medida, um veículo institucional, na esfera local, de apropriação, incorporação, reprodução e difusão de visões de mundo do corpus ideológico do Rotary Internacional.

Palavras-chave: Rotary Club. clube de serviço. história. poder invisível. vale do aço. visões de mundo. americanismo.

ABSTRACT

In this research, the spotlights are aimed on the historical years between 1959 and 1967, with the main purpose of showing the scenic arrangements of the installation, organization and performance of a Rotary Club in a geographical scenery that was in mutation phase. That territory, formerly denominated Promised Earth or Canaan of the Industry, was soon substituted by the nomenclature “Steel Valley”.The partners founders of that first Rotary Club conceived themselves as foreigners from the Canaan of the State of Minas that emanated "milk and honey". Native from another lands, they met each other and they were met in order to form a service club in the Nacional Valley of Redemption, but with intense institutional entails to an international corporation. Organized under the doctrine of the interest well understood, the associated agents, each one, with his composition and capital volume, of economic, cultural, social, symbolic or political nature, they allowed, through the mechanism of capital convertibility, to concentrate, in the regional community, a power, capable to produce real effects without apparent waste of energy. As a voluntary and oligarchical association, this service club was, in a way, a institutional vehicle, in the local sphere, of appropriation, incorporation, reproduction and diffusion of visions of world of the ideological *corpus* of International Rotary.

Word-key: Rotary Club. service club. history. Invisible power. Steel Valley. world visions. Americanism.

RÉSUMÉ

Dans cette recherche, les holophotes sont observés dans les années historiques, comprises entre 1959 et 1967, avec l' ultime finalité de montrer les arrangements scéniques de l' installation, de l' organisation et du fonctionnement d' un Rotary Club dans un scénario géographique qui se trouvait en phase de mutation. Ce territoire, jadis dénommé *Terre Promise* ou *Canaã de l' Industrie*, fut donc postérieurement substitué par la nomenclature *Vallée de l' Acier*. Les associés fondateurs de ce premier Rotary Club ont conçu comme forains de la *Canaã de l' État de Minas* qui émanait de la "lait et du miel". Des Originaires des autres terres se sont retrouvés et ont été rencontrés pour former un clube de service dans la *Vallée de la Rétention Nationale*, mais avec de forts liens institutionnels à une corporation internationale. Organisés sous la doctrine de l' intérêt bien compris, les agents associes, chacun en ce qui le concerne avec sa composition et son volume de capital qu' il soit de nature économique, culturelle, sociale symbolique et/ou politique, a permi par le biais du mécanisme de la convertibilité de capital, de potentialiser dans la communauté régionale, un pouvoir capable de produire des effets réels sans préjudice apparent d' énergie. Étant comme une association volontaire et oligarque, ce clube de service fut dans une certaine mesure, un lien institutionnel dans la sphère locale d' appropriation, d' incorporation, de reproduction et de diffusion de visions du monde du corpus idéologique du Rotary International.

Mots-clés: Rotary Club. histoire. pouvoir invisible. vallée de l' acier. visions du monde. américanisme.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Crescimento de Rotary Clubs e de sócios no Brasil entre os anos (1922-1972) 71

Gráfico 2 - Crescimento demográfico em Coronel Fabriciano 1933-1960 73

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação de Rotary Clubs e rotarianos em Ipatinga, Coronel Fabriciano e Timóteo (2006) 20

Quadro 2 - Clubes de Serviço, local e data de origem 68

Quadro 3 - Data de fundação de Rotary Clubs em capitais brasileiras 71

Quadro 4 - Nome e profissão dos 32 sócios fundadores do Rotary Club Frabriciano-Acesita 80

Quadro 5 - Crescimento de Rotary Club no Vale do Aço (1965-1992) 84

Quadro 6 - Nome e origem dos 32 sócios fundadores do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita 91

Quadro 7 - Número de estabelecimentos comerciais, industriais e entidades associativas das três maiores cidades da Região Metropolitana do Vale do Aço que possuem o topônimo Vale do Aço no nome fantasia ou na razão social 112

Quadro 8 - Instrução pública em Coronel Fabriciano (1954-1956) 171

Quadro 9 - Integrantes de formação do capital de constituição do fundo Melhoramentos, 1960 205

Quadro 10 - Inauguração de estações ferroviárias em “Coronel Fabriciano-Ipatinga” (1922-1924) 231

Quadro 11 - Lista de depoentes e datas dos depoimentos orais 260

Quadro 12 - Dados gerais dos sócios fundadores do RC Coronel Fabriciano-Acesita 261

Quadro 13 – Inventário do jornal *Canaã* 262

Quadro 14 – Jornais impressos fundados no Vale do Aço 264

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 16

1 ROTARY CLUB: O ESTADO-DA-ARTE 31

2 ROTARY CLUB: O CENÁRIO DE SUA ORIGEM E A INSTALAÇÃO NO BRASIL 48

3 ROTARY CLUB: INSTALAÇÃO E SOCIABILIDADE FORJADA NA *CANAÃ DA INDÚSTRIA* ... 72

4 ROTARY CLUB: PODER INVISÍVEL NA *TERRA PROMETIDA* 97

5 ROTARY CLUB: NO AMBIENTE DA DIFUSÃO DO IMAGINÁRIO *VALE DO AÇO* 105

6 ROTARY CLUB: AMBIENTE EMBRIONÁRIO DA IMPRENSA ESCRITA 126

7 ROTARY CLUB: VISÕES DE MUNDO DA ESCALA MACRO NA ESFERA MICRO 145

8 ROTARY CLUB: ATUAÇÕES NA *CANAÃ DO ESTADO DE MINAS* 165

8. 1 Educação 169
8. 2 Cinema 182
8. 3 Estradas 190
8. 4 Banda de Música 194
8. 5 Hotel 200
8. 6 Clube Recreativo 211
8. 7 Maternidade 217
8. 8 Telefonia 221
8. 9 Energia Elétrica 229

CONSIDERAÇÕES FINAIS 244

REFERÊNCIAS 246
APÊNDICE 260
ANEXOS 265

INTRODUÇÃO

Não há consenso sobre o que se entende por *elites*, sobre quem são e sobre o que as caracteriza [1]. Todavia, tentativas foram feitas para definir elite. Esse vocábulo significava, em sua origem, os melhores artigos selecionados para venda ou os objetos que se podiam escolher. Nas ciências sociais, esse termo assumiu o sentido de referência a um grupo de pessoas, que em qualquer sociedade, ocupa posições de destaque [2]. Em sentido amplo, o termo elite parece fazer referência a categorias ou grupos que ocupam o "topo" de estruturas de autoridade ou de distribuição de recursos [3]. Em Giovanni Busino, elite qualifica todos aqueles que compõem um grupo minoritário que agrega indivíduos da hierarquia social superior e que se arrogam, em virtude de sua origem, de seus méritos, de sua cultura, ou de sua riqueza, o direito de dirigir e negociar os interesses da coletividade [4].

Se a história das elites e da burguesia é hoje um dos campos mais freqüentados pela historiografia francesa,[5] o italiano Antônio Gramsci, nos anos trinta do século passado, já sugeria uma investigação das personalidades do mundo industrial, econômico e financeiro [6]. Mas uma figura dominante no estudo sociológico das elites é Vilfredo Pareto. Pois, para esse autor, a história não é outra coisa, senão que um "cemitério de aristocracias" [7]. Em Pareto há duas definições de elites: elite social e elite governamental [8]. A primeira refere-se ao pequeno número de indivíduos que, cada qual, atuando na sua esfera de ação, chegou a um escalão elevado da hierarquia profissional, ou seja, todos aqueles que obtiveram índices mais elevados no seu ramo respectivo de atividade que compõem a elite [9]. A

---

[1] HEINZ, Flávio M. O historiador e as elites: à guisa de introdução. In: HEINZ, Flávio M. (Org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 7.
[2] KELLER, Suzanne. *O destino das elites*. Rio de Janeiro: Forense, 1967, p. 14.
[3] HEINZ, loc. cit.
[4] BUSINO, 1992, apud HEINZ, loc. cit.
[5] CHARLE, Christophe. Como anda a historia social das elites e da burguesia? Tentativa de balanço crítico da historiografia contemporânea. In: HEINZ, loc. cit.
[6] GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2, 2004, p. p. 181. [caderno 14, parágrafo 22, 1932-1935].
[7] PARETO, apud ARON, Raymond. *Etapas do pensamento sociológico*. 6. ed. Martins Fontes, 2003, p. 674.
[8] Ibid., p. 665.
[9] Ibid., p. 666. Essa concepção paretiana foi influenciada pelo darwinismo social, pela idéia de luta pela vida e seleção natural das espécies aplicadas às sociedades humanas (p. 654).

segunda, refere-se aos detentores do poder político que sempre recorre à força e à astúcia. A população se deixa dirigir pela elite governamental porque esta detém os meios de força ou então porque consegue convencer [(10)]. Enfim, em sentido geral, na perspectiva do francês Vilfredo Pareto, os fundamentos da elite encontram-se na distribuição desigual dos bens desse mundo e na repartição mais desigual do prestígio, poder e honrarias [(11)]. Peter Burke, em seu estudo historiográfico de elites do século XVII, partiu basicamente desse conceito paretiano de elite para análise de seu objeto de estudo comparado: Vezeza e Amsterdã. "Pelo menos, o historiador de aristocracias pode aprender algo com o estudo das *elites*, definidas como grupos superiores, em todo este livro, segundo três critérios: status, poder e riqueza", todavia Peter Burke critica a generalização feita por Pareto a respeito das elites [(12)].

Ao contrário de grandes generalizações, tem-se sugerido com mais freqüência que seria mais viável que se fizesse pesquisa sobre elites, não com um recorte espacial de grandes dimensões tal como uma nação, mas que tomasse uma cidade como o foco de atenção [(13)].

Há, por exemplo, estudos acadêmicos no Brasil sobre a maçonaria (um dos viveiros de elites). A pesquisa de Alexandre Mansur Barata privilegia os aspectos da sociabilidade maçônica no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, na virada do século XVIII para o século XIX. Sua investigação identificou os principais mecanismos de recrutamento de membros, organização, as motivações de pertencimento, as relações entre os maçons e autoridades portuguesas, tanto seculares quanto religiosas [(14)].

---

[10] ARON, 2003, Ibid., p. 674.
[11] Ibid., p. 667.
[12] BURKE, Peter. *Veneza e Amsterdã*: um estudo das elites do século XVII. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 16.
[13] Ibid., p. 18-19.
[14] BARATA, Alexandre Mansur. *Maçonaria, sociabilidade ilustrada e independência (Brasil, 1790-1822)*. 2002. 373 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002. Para referências acadêmicas detalhadas sobre maçonaria Cf. BARATA, p. 12-13.

Em nosso [15] caso, sob o viés de uma abordagem de escala menor, investigamos a associação oligárquica - Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita – no contexto de uma cidade do interior de Minas Gerais que se encontrava calorosa mutação [16].

Optamos em apropriar a teoria das *formas de capital* e da *convertibilidade de capital*, [17] produzidas e publicadas por Pierre Bourdieu, para explicar como atuava o Rotary Club em uma região que se encontrava em metamorfose. A maneira da formação do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita apontava uma construção de um grupo de indivíduos de capital econômico, capital cultural incorporado-objetivado-institucionalizado, elite de capital social, capital simbólico, capital político. O volume e a composição de capital implicavam em um elevado nível e natureza de uma elite em micro escala.

Conquanto, tanto maior o volume e a composição do capital, mais elitizado torna-se seus portadores. O próprio capital converte em outro capital. A teoria da convertibilidade de capital permite não somente aos indivíduos formarem uma elite, como também se manterem e se potencializarem como tal.

---

[15] Por escolha de estilo conjugaremos o verbo na primeira pessoa do plural.

[16] Talvez a principal ou a mais marcante característica da região, onde se localiza o Vale do Aço, seja a constante transformação espacial. Essa região, abriga a maior concentração urbana do estado de Minas Gerais, em torno do maior parque siderúrgico do país, composto pelas plantas industriais da Acesita (Aços Especiais Itabira) no município de Timóteo, da Usiminas na cidade de Ipatinga, da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira na cidade de João Monlevade, além da fábrica de celulose da Cenibra no município de Belo Oriente. Cf. COSTA, Heloisa Soares de Moura. *Vale do Aço*: da produção da cidade moderna sob a grande indústria à diversificação do meio ambiente urbano. 1995. 324 f. tese (Tese em Demografia) – Programa de Pós-graduação em Demografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995, p. 49.

[17] BOURDIEU, Pierre. *Las formas de capital.* Lima, Peru: Piedra Azul, 1999.

Objeto

O Rotary Club [18], associação voluntária [19] de caráter secular [20], surgiu em fevereiro de 1905, na cidade de Chicago, Estado de Illinois, EUA, em meio a uma ampla transformação urbana, bem como num contexto de industrialização em franca expansão e de uma diversificação étnico-cultural [21].

Para se ter uma idéia real da dimensão que ela adquiriu desde então e de sua difusão, existem hoje no mundo 1.211.446 rotarianos e 31.563 Rotary Clubs em 166 países. Somente em 1987, as mulheres começaram a ser admitida pela organização, perfazendo um número de 137.759 rotarianas [22].

Os primeiros passos para a introdução de Rotary no Brasil foram dados em 1916, mas apenas em dezembro de 1922 conseguiu-se a adesão de dezesseis profissionais de ramos diversificados, dispostos a integrarem o Rotary Club no Rio

---

[18] O vocábulo *Rotary* é "um adjetivo do idioma inglês, equivalente a rotativo, giratório, circulatório. Os sócios fundadores desta grande organização que é hoje o Rotary Internacional optaram pelo nome Rotary porque suas primeiras reuniões eram feitas em rodízio, cada vez no local de trabalho de um dos sócios". In: Brasil Rotário On Line. Disponível em: <www2.brasil-rotario.com.br/institucional/rotary/definição.html>. Acesso em: 21 outubro 2005.

[19] O conceito de "associação voluntária" é sociológico. Em termos amplos, informa David Sills que uma associação voluntária é um grupo organizado por pessoas: (1) que se forma para alcançar algum objetivo; (2) a participação que se estimula é voluntária no sentido de que não é obrigatória e nem adquirida por nascimento; (3) e que é independente do Estado. Ainda, segundo este mesmo autor, têm-se elaborado diversas tipologias de associação voluntária. E uma delas é a classificação a partir de um amplo modelo de afiliações, sem, contudo, proporcionar alguma informação acerca da estrutura das associações. As associações podem ser cívicas, de serviço, de irmandades, de igrejas, de organizações religiosas, sociais, recreativas, de veteranos, de militares, patrióticas, econômicas, ocupacionais, profissionais, culturais, educativas, de alunos, políticas e de pressão e outros. Cf. SILLS, David L. Asociaciones voluntárias: aspectos sociológicos. *Enciclopédia Internacional de Las Ciências Sociales*. Espanha: Aguilar, 1974, p. 615-628.

[20] "Associação voluntária de caráter *secular*" é usada aqui no sentido de que o Rotary Club, Lions Club não são instituições religiosas, embora o Rotary Club, por exemplo, admite em seu quadro de sócios líderes religiosos (pastores, padres e etc.). O Rotary Club nasceu em um contexto de urbanização e industrialização. Essa nova configuração de sociedade subtraiu o domínio espiritual-eclesiástico nos diversos surgimentos de instituições associativas, daí secularizada, isto é, "liberta" dos modelos de cunho religioso o que não significa necessariamente que os sócios de uma dada associação voluntária de caráter secular não sejam religiosos. Para o conceito de secularização ver RISSE, G. Secularização. In: WALDENFELS, Hans (Org.). *Léxico das religiões*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 536-537. Por outro lado, essas associações voluntárias "entram quase que num mecanismo de caráter religioso: precursores da 'boa nova', têm como meta atingir o "maior" número possível de pessoas para incutir a fé nos valores absolutos presentes em noções como pátria, família, segurança, trabalho etc." Cf. BONITO, Maria Antonieta. *Lions Club*: serviço e pode*r*. 1994. 116f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, p. 35.

[21] *Rotary e seu Perfil***.** Evaston, Illinois U.S.A: Rotary Internacional, 1995, p. 9.

[22] *Brasil Rotário* Quantos Somos? Rio de Janeiro: *Brasil Rotário*, ano 79, n. 979, jan. 2004, p. 40.

de Janeiro, sob a aprovação do Rotary Internacional [23]. Em 1957, o Brasil já ocupava o terceiro lugar no mundo em número de Rotary Clubs e hoje há no país 51.167 rotarianos distribuídos em 2.291 clubes rotários [24].

O Rotary Club na região do Vale do Aço [25], Minas Gerais, foi instalado em 21 de março de 1959 e, admitido ao Rotary Internacional em 12 de maio do mesmo ano. Sua formação ocorreu no município de Coronel Fabriciano e, posteriormente, expandiu-se para Ipatinga e Timóteo. O Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita (Vale do Aço) foi o terceiro clube entre Vitória e Belo Horizonte ao longo da Estrada de Ferro Vitória a Minas Gerais. Em Belo Horizonte, o Rotary Club foi instalado em 1927 e em Vitória, em 1934. Ao longo da Estrada de Ferro Vitória a Minas Gerais, as três primeiras cidades a sediarem um Rotary Club foram respectivamente Governador Valadares (1955), [26] Aimorés-Baixo Guandu (1956) e Coronel Fabriciano-Acesita (1959) [27]. Atualmente Coronel Fabriciano, Timóteo (Acesita) e Ipatinga têm seus clubes rotários [28] com aproximadamente 163 rotarianos.

Município	**Nome do Clube**	**Número de sócios**
Coronel Fabriciano	Coronel Fabriciano	21
	Coronel Fabriciano-Norte	25
Ipatinga	Ipatinga	36
	Ipatinga-Norte	26
	Ipatinga-Ribeirão Ipanema	16
Timóteo	Acesita	39
Total		***163***

Quadro 1 - *Relação de Rotary Clubs e rotarianos em Ipatinga, Coronel Fabriciano e Timóteo* (2006).
Fonte: *Guia Distrital 2005-2006 Distrito 4520*. Belo Horizonte: Secretaria do Distrito 4520, 2005/2006.

[23] *Official Directory*. Evaston, Illinois U.S.A: Rotary Internacional, 1985, C 352.
[24] *Brasil Rotário*, op. cit., p. 40.
[25] É um anacronismo dizer que "o primeiro Rotary Club no Vale do Aço foi instalado em 1959", pois a idéia de "Vale do Aço" no Leste Mineiro foi incubada e difundida apenas nos meados dos anos sessenta, tornando-se, na forma de lei, Região Metropolitana do Vale do Aço, em dezembro de 1998. A unidade territorial de Coronel Fabriciano no ano de 1959 era aproximadamente de 529 Km², ou seja, uma extensão, na época, menor do que a soma das bases territoriais dos municípios que hoje compõem o Vale do Aço (Ipatinga, Coronel Fabriciano, Timóteo e Santana do Paraíso – 671 km²).
[26] A cidade de Governador Valadares, denominada Figueiras até 1942, se consolidou a partir do comércio entre o litoral e interior, tornando-se pólo de uma região que se destaca nos anos trinta, pela exploração de recursos naturais como a madeira, pecuária e mesmo beneficiamento de mica durante a Segunda Guerra Mundial. Cf. COSTA, 1995, op. cit., p. 54.
[27] Cf. *Official Directory*. Evaston, Illinois U.S.A: Rotary Internacional, 1985, C5, C39, C95, C152, C452.
[28] Embora os vocábulos *rotário(s), rotária(s), rotarianismo* não fazem parte da língua portuguesa, essas expressões são de uso corrente entre os rotarianos.

Coleta de Dados

No interior da instituição onde me graduei, em 2004, Centro Universitário do Leste Minas Gerais, vários membros, inclusive da direção, participavam ativamente do Rotary Club na região. Identifiquei, ainda, uma forte ligação entre o Unileste-MG e os Rotary Clubs da região do Vale do Aço. A campanha "Pólio Nunca Mais", realizada pelo Unileste-MG no primeiro semestre de 2003, envolvendo alunos, professores e funcionários levando a efeito uma arrecadação de R$ 61.500,00 e enviados ao Rotary Internacional, é um dos sinais de relacionamento entre essas duas instituições. É interessante notar que essa relação não é apenas atual, mas tem raízes históricas a partir do fundador dessa instituição de ensino superior, Joseph Cornelius Marie De Man, mais conhecido como Padre De Man. Esse padre foi admitido no Rotary Club de Ipatinga em 1967. Provavelmente, Maria De Man fora influenciado pela filosofia rotária através de seu assessor jurídico, Geraldo Perlingeiro Abreu.

Entre os anos 2003 e 2005, realizei um conjunto de entrevistas que, sem dúvida alguma, foram utilizados nessa dissertação. Poderá perceber que boa parte das entrevistas, são fontes produzidas nos anos de pesquisa como bolsista de Iniciação Científica [(29)].

Problema

Identificamos que os anos compreendidos, entre 1959 e 1967, foi o período áureo de atuação do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita no município de Coronel Fabriciano. Uma sistematização dessas ações aponta que um número de empreendimentos significativos, em um espaço de tempo relativamente curto, por um grupo não grande de rotarianos voluntários, tiveram impactos relevantes na comunidade regional. Visto a identificação dessa especificidade do Rotary Club

[29] LACERDA, Renato Santos. *Rotary Club de Coronel Fabriciano*: sociabilidade e ação social dos sócios fundadores na região do Vale do Aço nos anos 60 e 70. 2004. 132 f. Monografia (graduação em História) – Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, Coronel Fabriciano, 2004. Para uma síntese da monografia cf. LACERDA, Renato Santos; LOPES, José de Sousa Miguel. Rotary Club de Coronel Fabriciano. *Cadernos UnilesteMG*. Coronel Fabriciano, ano 4, n.6, 2004.

local, deparamos com um problema: como se explica e se traduz a atuação do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita na região do aço?

Metodologia de Procedimento

A História Oral, como outras metodologias de procedimento, apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho, tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada uma delas para a pesquisa. É um método de trabalho que incide sobre o passado dos inquiridos, sobre aspectos da vida social, particularmente na esfera do quotidiano, que não são geralmente documentados através da escrita ou noutros suportes [30].

> A História interessou-se pela "oralidade" devido ao fato de que essa prática permite obter e desenvolver conhecimentos novos e fundamentar análises históricas com base na criação de fontes inéditas ou novas. Fazer História Oral significa produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e das experiências dos outros [31].

Na execução desse trabalho, buscamos ordenar, sistematizar, analisar, interpretar e situar historicamente os depoimentos e as evidências orais acerca da trajetória do Rotary Club no período estudado.

Contudo, é possível utilizar o método dos relatos orais sem que se deixe de satisfazer de algum modo as exigências do método científico. Para isso, foi necessário introduzir nas entrevistas a padronização necessária para possibilitar a comparação, sem que isso resultasse em forçar a relação de entrevista e inibir a auto-expressão espontânea [32].

Mesmo assim, há quem expresse algum descrédito pelo método da História Oral em razão da memória ser falível em termos de lembranças do passado. Todavia,

---

[30] VIDIGAL, Luis. *Os testemunhos orais na escola***:** história oral e projetos pedagógicos. Portugal: Asa, 1996, p. 21.
[31] FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 16.
[32] PEREIRA, Lígia Maria Leite. Relatos orais em ciências sociais: limites e potencial. In: *Análise e Conjuntura*, Belo Horizonte, v. 6, n. 3, set./dez. 1991, p. 114.

estudiosos desse método buscaram desenvolver um conjunto de maneiras de verificar a confiabilidade da narrativa: o recorte horizontal (comparar os depoimentos dos vários entrevistados que se pronunciaram sobre um mesmo assunto); recorte vertical (o retorno ao entrevistado após um certo período de tempo); recorte oblíquo (verificação implícita de um fato a partir de outros fatos já autenticados); recorte circular (a recolocação, no decorrer da entrevista, de um mesmo tema sob outra forma) [33]. Sob esse procedimento é que submetemos a nossa pesquisa e, sem dúvida alguma, alcançamos resultados significativos.

Em nosso trabalho, exercitamos o ato de comparar as fontes orais com outros tipos de fontes-documentos: jornais impressos, atas de reuniões, escrituras de compra e venda, fotografias, manuscritos e etc. O principal jornal utilizado foi o *Canaã* (fundado por dois rotarianos sob os auspícios de outros sócios do Rotary Club). Esse jornal começou a circular vinte e oito dias após o Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita festejar o recebimento da Carta Constitutiva do Rotary Internacional, em 04 de julho de 1959. Se, por um lado, o jornal inevitavelmente está carregado de discursos produzidos por rotarianos, de outro lado, há muitas representações do mundo social dessa associação voluntária nas páginas impressas. Os jornais permitiram comparar as notícias registradas com as falas dos entrevistados, funcionaram como fonte para elaboração de roteiros de entrevistas - roteiro geral, roteiro individual e roteiro parcial [34]. Além disso, foram realizadas leituras de algumas notícias desses jornais junto aos entrevistados, com a finalidade de incitar a memória.

A maioria das entrevistas apropriadas nessa pesquisa foram as dos sócios fundadores do Rotary Club Coronel Fabriciano-Acesita, os quais se encontram na faixa etária acima dos sessenta anos, o que de certa forma favoreceu nosso trabalho, uma vez que as lembranças que a terceira idade possuem, ao contrário do que parece ser, um pano de fundo mais desenhado e definido do que a memória de

[33] PEREIRA, 1991, p. 114.
[34] ALBERTI, Verena. *O manual de história Oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 85-100.
[35] BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: lembrança de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 60.

adultos jovens entretidos em tarefas do presente [35]. Esse aspecto ficou bem evidente na primeira entrevista que realizamos com o depoente Narciso Drummond Tôrres. Antes mesmo de colocarmos no gravador a fita para registrar a entrevista, essa testemunha fez um comentário acerca dos livros sonoros que recebe semanalmente de uma Fundação e, naquele instante, escapou-lhe da memória o nome do suporte de áudio do livro sonoro. Narciso Drummond Tôrres, depois de vários minutos tentando lembrar o nome, declarou: “eu esqueço às vezes o nome [das coisas] porque minha memória não voltou muito bem não. Voltou só para as coisas antigas, mas para as coisas recentes, às vezes me falho nomes, números [...]” [36] (grifo nosso).

Supomos que as memórias da maioria de nossos entrevistados (terceira idade) está muito menos absorvidas pelas lutas e contradições de um presente do que a memória dos mais jovens, que são mais intensamente solicitados pela lida diária, embora seja verdade que o homem velho ao lembrar do passado ele não está descansando, senão se ocupando conscientemente da substância mesma da sua vida [37]. Sendo assim, pesquisar os velhos tem sua vantagem: “os velhos se interessam pelo passado bem mais que os adultos jovens” já dizia Maurice Halbwachs [38]. Isso ocorre porque o adulto jovem parece situar-se muito mais no eixo presente-futuro que no eixo passado-presente [39].

Já para os depoentes com noventa anos de idade, tal como o sócio fundador Pedro Sampaio Guerra, foi muito importante para o exercício de incitar a memória, reconstruir os personagens, os fatos e os ambientes. Em razão disso, encontramos expressões assim: “eu até tinha esquecido desse detalhe [...]. Engraçado, agora que estou lembrando” [40].

Enfim, como já dizia Tucídides, o empenho em apurar os fatos se constitui numa

---

[36] TÔRRES, Narciso Drummond, 2003. Entrevista concedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 3 mai. 2003.
[37] BOSI, 1994, p. 60
[37] Ibid.
[38] Ibid
[39] Halbwachs, Apud BOSI, Ibid, p. 68.
[40] GUERRA, Pedro Sampaio, 2004. Entrevista concedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 20 mar. 2004

tarefa laboriosa, pois as testemunhas oculares de vários eventos nem sempre fazem os mesmos relatos a respeito dos mesmos, mas variam de acordo com suas simpatias por um lado ou pelo outro, ou de acordo com sua memória" [41], mesmo porque as fontes, declara Carlo Ginzburg, não são nem janelas escancaradas à realidade, nem muros que obstruem a visão do real [42], mas representações do real e do mundo social.

Em razão disso, os informantes escolhidos para a realização dessa pesquisa são pessoas que estiveram diretamente envolvidos com os fenômenos relacionados com a temática (Rotary Club e ações sociais). Essa pesquisa não se fundamenta na história de uma única vida, ao contrário, muitas entrevistas foram apropriadas para esse trabalho. Além disso, apoiamo-nos na opinião de Paul Thompson em não utilizar isoladamente as fontes orais justamente para resguardar a inevitável tendência de alguns entrevistados perderem de suas lembranças ou evitarem relatá-las, tais como os entrechoques ocorridos da época [43], o que nos levou a recorrer a outros informantes, isso sem falar no cotejo com as fontes documentais impressas, manuscritas.

Metodologia de Abordagem

Nessa pesquisa buscou-se investigar algumas hipóteses de Antônio Gramsci a respeito do fenômeno Rotary Club com vistas a testar os nexos ideológicos do rotarianismo com: a)- *capitalismo social*, b)- *saint-simonismo*, c)- *pragmatismo*. Não menos diferente, as teorias das *formas de capital* e *convertibilidade de capital* de Pierre Bourdieu ajuda-nos a desvendar a estratégia de composição e atuação do Rotary Club na região do Vale do Aço.

[41] TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. 3. ed. Brasília: UNB, 1999, p. 28.
[42] GINZBURG, Carlo. *Relações de força*: história, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 44.
[43] THOMPSON, Paul. *A voz do passado*: história oral. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p. 329.

Recorte Espacial

Ao se deparar, desde logo, com o título da dissertação *Rotary Club: poder invisível na Terra Prometida* poderá inquirir-se, de imediato, sobre a relação existente entre a Terra Prometida e o Rotary Club. Destarte, seria bom aqui já antecipar o fato de que os trinta e dois rotarianos que fizeram parte do primeiro Rotary Club no Vale do Aço são, com exceção de um, originários de outros lugares, o que representa, de fato, uma imagem de forasteiros numa terra que se encontrava em processo de industrialização e crescimento urbano. O jornal *Canaã*, fundado por rotarianos, apropriaram-se do imaginário bíblico "Terra Prometida" e resignificaram para uma região em formação industrial. Nessa mesma época, Coronel Fabriciano com aproximadamente 529 Km^2, tinha em sua base territorial: 1)- a Belgo Mineira, exercendo na região, desde 1936, atividades de exploração de carvão; 2)- a companhia Acesita, implantada em 1944, produziu, inicialmente, ferramentas agrícolas, posteriormente, ferro e, atualmente, aço inoxidável; 3)- a Usiminas, instalada em 1958, com produção de ferro e aço; 4)- a Estrada de Ferro Vitória a Minas que perpassava a região desde 1924.

O imaginário *Terra Prometida* antecede à imagem *Vale do Aço*. Ambos os conceitos foram incorporados pelos rotarianos sócio fundadores e, construíram sua identidade nessas imagens. A *Terra Prometida* não é um nome de cidade, senão o imaginário forjado para referir-se a município de Coronel Fabriciano em fase, na época, de desenvolvimento urbano e de industrialização. Esse município, composto pelos distritos (Timóteo e Ipatinga), possuía uma base territorial de 529 km². Não se fala mais em *Terra Prometida* desde a substituição desse imaginário pela imagem-força *Vale do Aço*. Esse novo imaginário, encetado a partir do segundo semestre de 1964, veio compor, em 1998, a nomenclatura: *Região Metropolitana do Vale do Aço* [(44)], reunindo quatro cidades interdependentes e complementares, Timóteo, Coronel Fabriciano, Ipatinga, Santana do Paraíso, totalizando uma base territorial de 671 km².

[44] A região onde se encontra o Vale do Aço corresponde à parte média da bacia do Rio Doce, localizada cerca de duzentos quilômetros à leste de Belo Horizonte.

Recorte Temporal

Trata-se da passagem de 1950 para 1960, ou melhor, mais especificamente de 1959 a 1967. No plano local, subdividimos esse recorte temporal em duas fases, tomando como critério as tipologias das fontes documentais. A primeira fase, com o limite inicial, 1959, em razão de ser o ano da instalação do Rotary Club no Vale do Aço, e da fundação do jornal *Canaã*, uma das principais fontes para a pesquisa desse objeto, embora se apropriando de outras paralelamente tais como cartas, atas, cartoriais, fontes orais e etc. O limite final da primeira fase, 1963, é legitimado em função do encerramento das atividades do jornal *Canaã* em 1º de julho de 1963. A segunda fase, 1964-1967, são os anos do desdobramento das atividades incrementadas nos anos anteriores, porém sem se valer da importante fonte, o jornal *Canaã* (extinto em 1963). Continuamos a nos valer de entrevistas orais, porém de outras fontes escritas para sistematizar as atuações do Rotary para essa segunda fase. Os dois conjuntos temporais, 1959-1963 [45] e 1964-1967, são períodos históricos do Brasil com bastante calor político [46]. No plano nacional, são períodos que os clubes de serviço atuaram, mesmo na esfera local, demasiadamente na esfera pública, ainda mais num contexto internacional de acirrados embates entre o mundo bipolarizado. Os recortes temporais do nosso objeto de estudo têm, também, uma explicação espacial no plano local. A base territorial de Coronel Fabriciano era de 529 km² até o primeiro quadrimestre de 1964 e 221 km² a partir do segundo trimestre de 1964. Tanto é que um novo Rotary Club é fundado em um dos distritos desmembrados, Ipatinga, área geográfica de localização da Usiminas, tornou-se cidade. Um dos rotarianos do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita, o advogado Geraldo Perlingeiro Abreu aponta pelo menos duas razões da criação do

[45] No âmbito nacional, os anos, 1961-1964, são descritos como um período de *paralisia decisória*, ou seja, um sistema político razoavelmente operacional, incapaz de produzir decisões sobre questões mais prementes desse período. Cf. SANTOS, Wanderley Guilherme. *Sessenta e quatro*: anatomia da crise. São Paulo: Vértice, 1986, p. 10.

[46] No final dos anos sessenta, oito padres, da região do Vale do Aço, foram indiciados pelo Regime Militar. Entre esses padres, encontrava-se o ex-rotariano (1967-1968), Joseph Cornélius Marie De Man. Por ironia do destino, esse clérigo foi denunciado pelo ex-companheiro do Rotary Club de Ipatinga, Carlos Frederico de Castro e Silva Fassheber, militar do Exército e Capitão Reformado. Para mais informações a respeito do processo judicial. Cf. MELO, Amir José. *Padres Subversivos*: as representações da igreja progressista do Vale do Aço na mira do aparelho repressor 1968-1972. 2006. 104 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social. Universidade Severino Sombra, Vassouras, RJ, 2006.

Rotary Club de Ipatinga em julho de 1965: a)- emancipação de Ipatinga; b)- cumprimento das metas do Rotary Internacional [47].

O período histórico de nosso objeto (1959-1967) é muito significativo na história nacional. Na tese de doutorado sobre Rotary Club de São Paulo, Agueda Bernardete Uhle delimitou temporalmente seu objeto partindo do ano de 1924 a 1945:

> Pensamos em definir um período histórico para tal estudo, o que fizemos fixando-o de 1924, data da fundação do Rotary de São Paulo a 1945, data que marca o fim de um importante período da história brasileira" [48].

A autora supôs que esse recorte temporal (1924-1945) seria suficiente para verificar a atuação do Rotary Club na sociedade brasileira em meio às lutas e transformações ocorridas nesse período histórico nacional. Todavia, declara Agueda Bernardete:

> O Rotary dos primeiros vinte anos no Brasil se preocupou muito mais com sua própria estruturação e expansão do que com a sociedade na qual estava inserido. Percebemos que o período de maior intervenção do clube nas questões políticas só foi ocorrer nas décadas de 50 e 60. Decidimos, então, ampliar o período de estudos até meados da década de 70" [49].

Desse modo, podemos concluir que o recorte temporal da autora, antes delimitado em 1924-1945, foi ampliado até aos anos setenta, por ser o período dos sessenta de maior interferência de clubes de serviço na esfera pública.

O estudo sobre o Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita, no período histórico, 1959-1967, justifica-se por ser um momento áureo de atuação desse clube de serviço na comunidade regional. Foi o período em que mais exerceu atividades sociais na esfera pública. É nesse recorte temporal que se explicitou mais nitidamente um projeto coletivo da organização rotária local de modernização conservadora, um etos bem comportado para um contexto de chamas políticas e sociais na esfera nacional e internacional.

---

[47] ABREU, Geraldo Perlingeiro. *Boletim Rotary Club de Coronel Fabriciano/ Rotary Club de Ipatinga*. Ipatinga, 8 jul. 1965.
[48] UHLE, Agueda Bernardete. *Comunhão leiga*: o Rotary Club no Brasil. 1991. 353f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, pp. 3-4.
[49] Ibid.

Estrutura Capitular

Ocupamos-nos detidamente, no primeiro capítulo, a sistematizar as pesquisas acadêmicas sobre o Rotary Club. Embora possamos falar em algum avanço nas investigações acerca dos clubes de serviço, há que dizer que mais pesquisas se tornam necessárias, principalmente no que se refere a testar empiricamente algumas das múltiplas hipóteses de Antonio Gramsci sobre o Rotary Internacional.

No segundo capítulo aglutinamos alguns objetos que compuseram o cenário do surgimento do Rotary Club em Chicago: estado ampliado, associativismo nos moldes da doutrina do interesse bem compreendido, produção e circulação de signos de honorabilidade, urbanização, diversidade étnico cultural, industrialização, ambiente despertador de solidão e movimento reformista. Esses objetos constituintes do palco cênico ajudam-nos explicar alguns traços do processo constitutivo do Rotary Club. Com a fundação do Rotary Club em Illinois, *a expansão*, tornou-se uma das principais preocupações do Rotary Internacional em toda sua fase histórica.

O nascimento do Rotary Club na *Terra Prometida* ou na *Canaã da Indústria*, proposta do terceiro capitulo, visa mostrar como os sócios fundadores foram encontrados e se encontraram para a formação do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita. Originários de outros lugares, sociabilidades foram forjadas para criar ou reforçar a amizade entre os associados. Também mostra como o imaginário *Terra Prometida* foi apropriada para a constituição da identidade do grupo de sócios na medida em que se remetia à *Canaã* ou *Terra Prometida* dos templos bíblicos. Nessa etapa constitutiva do clube de serviço, em uma região industrial em mutação, é flagrante um ator norte-americano intervindo no processo de criação, doutrinamento e manutenção do clube.

Pudemos analisar, no quarto capítulo que a forma como o Rotary Club aglutinava seus sócios, através de criteriosa seleção, sob os moldes das normas de *classificaçã*o, e o quanto essa estratégia potencializava, na comunidade regional, um poder capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia, isto é, por meio do poder invisível.

No quinto capitulo, examinamos a percepção de ganhos que o Rotary Club de Coronel Fabriciano teria ao difundir o imaginário *Vale do Aço,* pois, como isso, ampliaria o mercado de negócios num espaço de crescente circulação de mercadorias. Além disso, identificar-se com a imagem-força *Vale do Aço* fortaleceria o Rotary Club face ao controle, não apenas de cidades fragmentadas, mas de uma região global de cidades interdependentes e complementares que se encontrava em movimento de distinção no cenário estadual, nacional e internacional.

No sexto capítulo colocamos o binóculo sobre a Imprensa escrita regional, o jornal *Canaã* (1959-1963) e o jornal *O Vale do Aço* (1967), em seu contexto midiático local, visto serem esses instrumentos do Rotary Club, para legitimar e invalidar; justificar e acusar; tranqüilizar e perturbar, mobilizar e desencorajar e incluir e excluir as visões de mundo de que os sócios fundadores eram portadores ou reprodutores.

Algumas visões de mundo que embasam o Rotary Internacional foram objetos de atenção no sétimo capítulo: saint-simonismo, pragmatismo, comunitarismo e puritanismo. Essas concepções de mundo, que estruturam parte dessa organização internacional, foram apropriadas pelo Rotary Club local e difundidas na região do Vale do Aço.

No oitavo capítulo as atuações do Rotary Club de Coronel Fabriciano atestam que o clube local funcionava como que um poder paralelo ao poder público. As atuações se davam sob a perspectiva do interesse bem compreendido, ou seja, o fazer para a coletividade porque a individualidade seria também beneficiada. Os campos de atuação se inserem na direção da modernidade conservadora: telefone automático, luz elétrica de qualidade, hotel luxuoso, estradas asfaltadas, banda de música oficial, escola de comércio privado, clube recreativo com piscina, rede de cinema. Os sócios fundadores, formados por industriais, comerciantes e profissionais liberais, movidos pela racionalização dos negócios, atuaram em prol da cidade (comunitarismo) com vista a promover o fortalecimento dos negócios privados.

1 ROTARY CLUB: O ESTADO-DA-ARTE [50]

Se levarmos em conta o nascimento do Rotary Club, na aurora do século XX [51], e o rápido crescimento dessa instituição corporativa, [52] nos primeiros vinte cinco anos [53], podemos afirmar que não é pouco expressivo o fato de advir de um intelectual político do Partido Comunista da Itália, ao escrever nos *Cadernos do Cárcere*, [54] a sugestão de "estudar atentamente a organização e o desenvolvimento do Rotary Club" [55]. Essa recomendação de Antonio Gramsci, já no início dos anos trinta do século passado, deveria começar por examinar as "publicações periódicas" [56] dessa associação internacional que agrega personalidades do mundo econômico

---

[50] O título desse capítulo inspirei-me em "Introduction: the state of the art" do historiador inglês POCOCK, J. G. *Virtue, commerce, and history*: essays on political thought and history, chiefly in the eighteenth century. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 1. Entendemos por e*stado-da-arte* o nível de desenvolvimento de um tema ou objeto de pesquisa atingido na atualidade.

[51] O Rotary Club surgiu em fevereiro de 1905, na cidade de Chicago, Estado de Illinois, EUA, sob uma ampla transformação urbana, bem como num contexto de industrialização em franca expansão e de uma significativa diversificação ético-cultural. Sobre dados de urbanização nos Estados Unidos no fim do século XIX, ver WADE, Richard C. Urbanização. In.: WOODWARD, C. Vann (Org.). *Ensaios comparativos sobre a história da América*. São Paulo: Cultrix, 1972 pp. 197-215; Já sobre industrialização em solo americano conferir COCHRAN, Thomas C. A industrialização In.: WOODWARD, op. cit., pp. 185-196; E por último, a alusão à diversidade étnica, certificar SOWELL, Thomas. *Etnias da América*: a história dos nove principais grupos étnicos – irlandeses, alemães, judeus, italianos, chineses, japoneses, negros, porto-riquenhos, e mexicanos – e suas variadas experiências da adaptação a sociedade norte-americana. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988.

[52] O Rotary Club é uma *instituição corporativa* por ser uma associação de pessoas sujeitas às mesmas regras ou estatutos e com os mesmos direitos e deveres associativos. O padre Bárcena, em 1929, já declarava: "A autonomia dos clubes não tem, segundo dizem, outros limites além da obrigação de ater-se ao que exige o espírito da Associação e aos Estatutos fundamentais que regem sua vida corporativa". Cf. BÁRCENA, Felipe Alonso. *Los Rotarios*: sus tendencias en el orden social, moral y religioso. Madrid: Razón y Fe, 1929, p. 28. Em 1910, os dezesseis clubes fundados entre os anos 1905 e 1910, com aproximadamente 1.500 membros, foram unidos para formar *The National Association of Rotary Clubs* (Associação Nacional de Rotary Clubs). Com a expansão do Rotary para além do Atlântico, foi reunido, em 1912, setenta e seis clubs e aproximadamente 10.000 membros, com o objetivo de organizar a *Internacional Association of Rotary Clubs* (Associação Internacional de Rotary Club). Cf. LICHAUCO, Marianito F. *1001 questions and answers on Rotary*. Rotary Internacional.

[53] Em 1930, já haviam 3.349 clubs e 155.000 sócios representados por 50 países. Cf. LICHAUCO, op. cit.

[54] Antonio Gramsci utilizou 33 cadernos escolares, todos de capa dura, para estampar, no período em que esteve na prisão, seus escritos e traduções. Cf. COUTINHO, Carlos Nelson. Introdução. In: *GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, v. 1, p. 9. Gramsci obteve autorização para estudar e escrever na prisão entre fevereiro de 1929 e abril de 1935, quando sua minguada condição de saúde o impediu definitivamente de produzir. Cf. COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci*: um estudo sobre seu pensamento político. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 78.

[55] GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2, 2004 p. 42 [caderno 12, especial, parágrafo 1, 1932].

[56] Ibid., v. 2, p. 182. [caderno 14, parágrafo 22, 1932-1935].

(industrial, comercial e financeiro) e que “são menos conhecidas e valorizadas do que às vezes merecem” [57].

O Rotary Club, enquanto objeto de análise, foi insistentemente sugerido por esse autor italiano ao declarar ser interessante a realização de uma pesquisa sobre o nexo ideológico entre o rotarianismo e o saint-simonismo de direita [58]. Ainda assim, Antonio Gramsci pareceu não se cansar de recomendar estudos sobre essa entidade internacional ao dizer que das associações, como o Rotary Club, devem ser investigadas e examinadas as manifestações de centralismo orgânico e democrático [59], bem como os pontos de contato entre o americanismo e o Rotary [60]. Como se não bastasse, o autor dos *Cadernos do Cárcere* supõe que o pragmatismo norte-americano (de James) [61] contribuiu para criar o movimento do Rotary, em razão dessa instituição aderir à moral laica e à “filosofia popular” superior ao senso comum, isto é, funcionar como partido ideológico [62]. Sob esse aspecto, Antonio Gramsci entende que o Rotary Club funciona como partido político internacional atuando em cada país com todas as suas forças aglutinadas com o objetivo de mediar extremos ou criar alternativas para posições unilateralizadas [63]. Subjacente a esse prisma de mediação de radicalidade, o secretário do partido comunista levantou a hipótese de que o programa essencial do Rotary Club parece ser a difusão de um novo espírito capitalista ou a superação do “capitalismo selvagem” por meio de uma nova mentalidade, ou seja, entender a indústria e o comércio como um *serviço social* antes de serem um *negócio* [64].

---

[57] GRAMSCI, v. 2, p. 181. [caderno 14, parágrafo 22, 1932-1935].
[58] Ibid., 1. ed. 2001, v. 4, p. 298. [caderno 5, miscelâneo, 4, 1930-1932].
[59] Ibid., 2. ed. 2002, v. 3, p. 90. [caderno 13, especial, parágrafo 36, 1932-1934]. A manifestação de “centralismo orgânico” parece ser a ação de um aparelho privado de hegemonia que cria uma principal camada ideológica coesiva, organizada e centralizada com vistas a dirigir (domínio), outros aparelhos privados de hegemonia. Por “centralismo democrático” pode-se dizer que a ação do aparelho privado de hegemonia não funciona como órgão de polícia (centralismo burocrático – centralismo autoritário), mas como deliberador de ações políticas, e não funciona como um mero executante, em ambiente de ampliação da socialização da política. Cf. COUTINHO, 2003, op. cit., pp. 142, 175-178.
[60] GRAMSCI, op. cit., 1. ed. 2001, v. 4, p. 298. [caderno 5, miscelâneo, parágrafo 2 e 4, 1930-1932].
[61] Willian James (1842-1910) foi filósofo e psicólogo norte americano e considerado o fundador do pragmatismo.
[62] GRAMSCI, op. cit., 3. ed. 2004, v. 1, p. 270. [caderno 17, miscelâneo, parágrafo 22, 1933-1935]. O conceito de ideologia em Gramsci é a “unidade de fé entre uma *concepção do mundo* e uma *norma de conduta* adequada a essa concepção”. Cf. COUTINHO, 2003, op. cit., p. 111.
[63] GRAMSCI, op. cit., 2. ed. 2002, v. 3, p. 42. [caderno 13, parágrafo 17, 1932-1934].
[64] Ibid, 1. ed. 2001, v. 4, p. 295-296. [caderno 5, miscelâneo, parágrafo 2, 1930-1932].

Nessas poucas linhas, pudemos perceber que não é com reduzida avidez que esse autor italiano dedica interesse ao tema Rotary, principalmente quando leva-se em conta a ocorrência de setenta vezes o vocábulo "Rotary Club" [65] estampado nos *Cadernos* da prisão. Tendo em vista essa quantidade, não pouca expressiva, do termo Rotary nos *Cadernos do Cárcere*, por que essa emergente instituição internacional foi objeto de interesse para esse autor marxista logo no poente da década de vinte do século passado? Em primeira mão, algumas respostas podem vir do próprio Gramsci: "estudar atentamente a organização e o desenvolvimento do Rotary Club" [66] porque o "desenvolvimento do Rotary é interessante sob muitos aspectos: ideológicos, práticos, organizativos" [67] e também por ser "um tipo de organização essencialmente moderna" [68]. Já em segunda instância, o interesse de Antonio Gramsci por examinar o Rotary Internacional encontra-se no bojo da concepção central dos escritos carcerários, a dizer, a *sociedade civil*, que nas observações de Norberto Bobbio, é o conceito-chave no pensamento político desse intelectual italiano [69]. A contextualização observada por Carlos Nelson Coutinho, na concepção gramsciniana de *sociedade civil*, insere-se em um período histórico em que o fenômeno estatal se tornou mais complexo e mais intenso no que se refere aos processos de socialização da participação política, tais como, a formação de grandes sindicatos, partidos de massa, conquista do sufrágio universal, enfim, uma esfera social nova com funções autônomas e específicas nas relações com a esfera econômica e com os aparelhos repressivos do Estado (burocracia executiva e policial-militar) [70]. Em Antonio Gramsci, a *sociedade civil* é formada pelo conjunto das organizações responsáveis pela elaboração e/ou difusão de ideologias – sistema escolar, igrejas, partidos políticos, sindicatos, organizações profissionais, organização material da cultura (revistas, jornais, editoras, meios de comunicação de

---

[65] Nos *Cadernos do Cárcere* identificamos 62 (sessenta e duas) ocorrências do adjetivo *Rotary (Club)*. Além desses, encontramos 7 (sete) vezes a presença do substantivo *rotariano(a)* e 1 (uma) ocorrência do termo *rotarismo*. Levando-se em conta esses últimos termos, concluímos que Gramsci utilizou nos cadernos da prisão, 70 vezes a palavra *Rotary (Club)* ou derivados. As ocorrências estão estampadas nas páginas que segue: volume I, p. 271 (1x); volume II, p. 42 (1x), p. 182 (1x); volume III, p. 42 (2x), p. 90 (1x); volume IV, p. 242 (1x), p. 248 (3x), p. 281 (1x), pp. 295-298 (31x), pp. 299-301 (20x). Agradeço, em grande medida, ao tradutor dos *Cadernos do Cárcere* da edição brasileira, Carlos Nelson Coutinho (UFRJ), por atender meu e-mail no sentido de conceder-me as páginas em que ocorrem os vocábulos Rotary (Club).

[66] Ibid., 3. ed. 2004, v. 2, p. 42. [caderno 12, especial, parágrafo 1, 1932].

[67] Ibid., 1. ed. 2001, v. 4, p. 298. [caderno 5, miscelâneo, parágrafo 2, 1930-1932].

[68] Idem.

[69] BOBBIO, Norberto. *O conceito de sociedade civil*. Rio de Janeiro: Graal, 1994, p. 24.

[70] COUTINHO, 2003, op. cit., p. 124.

massa), entre outros. No século XX, essas organizações, que formam a *sociedade civil*, irão se apropriar de um espaço político autônomo e específico de manifestação face à *sociedade econômica* e à *sociedade política* (Estado-coerção). A sociedade civil adquiriu, no novo século, uma esfera própria, em si mesma dotada de legalidade, e que funciona como mediação necessária entre a estrutura econômica e o Estado-coerção [(71)]. Se no Estado-coerção as classes exercem dominação pela coibição, na sociedade civil, ao contrário, as classes buscam exercer hegemonia (liderança), ou seja, buscam ganhar aliados para suas posições mediante a direção, liderança e consenso [(72)].

Para Gramsci, o Rotary Club, por ser uma instituição eminentemente produtora e difusora de ideologia, insere-se no arcabouço teórico de *sociedade civil*. Isso porque o Rotary Internacional é visto por esse autor italiano como um tipo organização profissional, surgida na aurora do século XX, que rapidamente se expandia em todo o mundo e que aos poucos vinha conquistando aliados para formar uma liderança corporativa no cenário internacional. Além disso, o Rotary Club seria um aparelho privado de hegemonia por ter adesões voluntárias de sujeitos sociais e por não assumir postura repressiva [(73)].

Entrementes, Antonio Gramsci não foi o único a despertar interesse por essa associação corporativa internacional logo no final dos anos vinte do século passado. No período em que esse membro do partido comunista obteve autorização para estudar e escrever na prisão, em fevereiro 1929, um padre jesuíta, chamado Felipe Alonso Bárcena, editou, em abril daquele mesmo ano, uma obra portadora de duras críticas ao movimento Rotary Club [(74)]. Gramsci parece que estava bem informado da circulação dos embates jesuíticos ao movimento rotário: “os jesuítas criticam o

---

[71] COUTINHO, 2003, p. 129.

[72] Ibid, p. 128. Para mais estudos acerca do conceito de “sociedade civil” e “estado ampliado” em Antonio Gramsci ver COUTINHO, Carlos Nelson. *Marxismo e política*: a dualidade de poderes e outros ensaios. São Paulo: Cortez, 1996, pp. 13-69.; SIMIONATTO, Ivete. *Gramsci*: sua teoria, incidência no Brasil, influência no serviço social. 2. ed. Florianópolis: UFSC; São Paulo: Cortez, 1999, pp. 62-72.; SEMERARO, Giovanni. *Gramsci e a sociedade civil*: cultura e educação para a democracia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, pp. 69-148.; JESUS, Antônio Tavares de. *Educação e hegemonia no pensamento de Antonio Gramsci*. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Unicamp, 1989, pp. 51-55.

[73] COUTINHO, 2003, op. cit., p. 125,

[74] O livro editado foi nominado *Los Rotarios*: sus tendencias en el orden social, moral y religioso. Madrid: Razón y Fe, 1929.

Rotary" [(75)], pois "o caráter 'agnóstico', de indiferença ou tolerância religiosa do Rotary" [(76)] e a "moral laica" [(77)] "é para os jesuítas, um defeito tão grave que os induz a demonstrar hostilidade e a tomar atitudes de suspeita e de polêmica (estágio preparatório que poderia terminar com a condenação do Rotary pela Igreja)" [(78)].

O livro *Los Rotarios* do padre jesuíta espanhol, Felipe Alonso Bárcena, foi considerado, pela própria liderança rotária, a súmula e o compêndio de todos os ataques feitos ao Rotary [(79)]. Entretanto, na obra, antes mesmo das emissões críticas ao Rotary, esse padre espanhol emite algumas observações para justificar seu trabalho acadêmico: "é preciso reconhecer que a instituição rotária, considerada em seu conjunto, oferece proporções gigantescas e merece chamar a nossa atenção" [(80)]. Além do mais, Bárcena descreve que "não é possível ignorar o que significam as cifras de 140.000 homens de negócios, influentes por sua posição e por sua representação, e que são, sem dúvida, uma força social e internacional digna de ter-se conta" [(81)]. Na perspectiva desse padre jesuíta, para estudar o Rotary Club é necessário que se contenha do grande poder de sedução que essa organização desperta na medida em que se adentra na sua essência íntima [(82)]. Todavia, embora Bárcena se diga não querer atacar, combater, condenar e repreender o Rotary em vários aspectos, esse padre, em toda extensão de sua obra, emite juízos não pouco favoráveis ao movimento rotário, isto é, levanta o que ele chama de "pontos vulneráveis dessa instituição" e "os graves perigos que envolvem" [(83)]. Ainda assim, esse autor se considera um mestre autorizado pelo povo católico para fazer tal enunciação crítica ao Rotary [(84)].

Para Felipe Alonso Bárcena, seu principal objetivo foi pesquisar e analisar a constituição e essência do Rotary Club, principalmente no que se relaciona com a

---

[75] GRAMSCI, op. cit., 2001, v. 4, p. 295. [caderno 5, miscelâneo, parágrafo 2, 1930-1932].
[76] Ibid., p. 299. [caderno 5, miscelâneo, parágrafo 2, 1930-1932].
[77] Ibid., p. 300. [caderno 5, miscelâneo, parágrafo 2, 1930-1932].
[78] Ibid.,, pp. 299-300. [caderno 5, miscelâneo, parágrafo 2, 1930-1932].
[79] Premissa enunciada por GUELL, José Ros; JAMES, Norman J. Cinnamond. *Rotary, rotarismo e rotarianos*: replica ao Pe. Felipe Alonso Bárcena. São Paulo: Gráfhica Paulista, São Paulo, 1936, p. 21.
[80] BÁRCENA, 1929, op. cit., p. 21.
[81] Ibid., p. 22.
[82] Ibid., p. 47.
[83] Ibid., pp. 48-49.
[84] Ibid., p. 48

ordem social, moral e religiosa [85]. Sua pesquisa sobre o movimento rotário parece fundamentar-se em observações dos Rotary Clubs da Espanha. E suas conclusões fundamentais, em repetidas vezes, é a de que o Rotary Club é uma associação interessada em intervir e exercer sua influência na família, na escola, na moralidade das profissões e negócio, e em toda vida social, mas com princípios pautados na moralidade laica, no indiferentismo religioso ou na a-confessionalidade, prescindência religiosa, naturalismo, materialismo, racionalismo e americanismo [86]. Segundo Bárcena, o Rotary seria uma instituição que tem um fecundo manancial de males que se encontra oculto e que produz funestos resultados para o espírito cristão [87] e por essas razões, o Rotary deveria ser condenado pela Igreja Católica, [88] acompanhado por uma forte campanha anti-rotária em diversos países estrangeiros [89]. Essa campanha contra o Rotary justifica-se, segundo Bárcena, por ser uma instituição difusora do espírito laico, do indiferentismo religioso, da irreligiosidade, da moralidade naturalista e estóica que envenena muitas instituições modernas, os órgãos culturais, os centros de educação e mesmo a vida da família [90].

Nesse mesmo ano de 1929, lideranças do Rotary Club da Espanha editaram uma réplica às críticas do padre espanhol *Rotary, Rotarismo e Rotarianos*. Na replicação, os rotarianos espanhóis afirmaram que o padre Bárcena não encontra argumento em suas afirmações e que os argumentos dele são escorregadios e induz ao erro [91].

É provável que somente cinqüenta anos após as reiteradas sugestões de Antônio Gramsci, para pesquisar o Rotary Club, é que despertou, no Brasil, interesse acadêmico por esse objeto de análise. Duas teses de doutorado sobre esta associação corporativa internacional e uma dissertação de mestrado sobre Lions

---

85 BÁRCENA, 1929, op. cit., p. 36.
86 Os termos centrais da obra de Felipe Alonso Bárcena são citados inúmeras vezes ao longo de duzentas e vinte páginas da sua obra crítica ao Rotary: “moralidade laica” (23x), “naturalismo” (48x), “indiferentismo religioso” (51x), “prescindência religiosa” (20x), “americanismo” (14x) e “racionalismo” (5x). São com esses conceitos que Bárcena identifica o Rotary Club.
87 BÁRCENA, op. cit., p. 116.
88 Ibid., pp. 174-175.
89 Ibid., p. 166.
90 Ibid., p. 118.
91 GUELL, 1936, op. cit., p. 116.

Club foram produzidas nos anos noventa. Das teses, uma, em 1991, por Agueda Bernardete Uhle, na faculdade de Educação da UNICAMP, e a outra, em 1996, por Maria da Graça Jacintho Setton, no departamento de Sociologia da USP. A dissertação de mestrado, em 1994, por Maria Antonieta Bonito, também na UNICAMP [92]. Agueda Bernardete, depois de concluído sua tese doutoral, não expressa nenhuma dúvida de que o "Rotary Club, pela sua composição, pelas relações que mantém com outras instituições, pelo caráter local e internacional, carece de mais estudos" [93] (grifo nosso). Maria da Graça Jacintho Setton, por sua vez, embora encontrasse relevância sociológica na temática Rotary Club, deparou-se no decorrer de sua pesquisa com "poucas e esparsas referências acadêmicas" sobre esse e outros clubes de serviço no Brasil [94] (grifo nosso).

Não encontramos, todavia, nenhuma pesquisa acadêmica sobre essa associação internacional manufaturada em departamentos brasileiros de História [95]. Essa fragilidade parece ser, não apenas no Brasil, mas também em países estrangeiros, tal como declarou o historiador norte-americano da universidade de Michigan, Brendan Goff: "a rápida expansão do Rotary Club, desde 1912, tem sido amplamente desconsiderada pelos historiadores" [96] (grifo nosso).

A tese de doutorado de Agueda Bernardete Uhle, *"Comunhão Leiga: O Rotary Club no Brasil",* analisa o Rotary Internacional a partir de um clube de São Paulo e discute

[92] BONITO, 1994, op. cit.,
[93] UHLE, 1991, op. cit. p. 5. A tese de Agueda Bernardete ainda não foi editada (publicada). Segunda a autora, na época, teve, inicialmente, dificuldades diplomáticas para processar a publicação. Cf. UHLE, Agueda Bernardete: depoimento, 2006. Entrevista concedida a Renato Santos Lacerda, Campinas, SP, 5 out. 2006. A autora publicou posteriormente parte de sua pesquisa: UHLE, Agueda Bernardete. Internacional dos empresários: política de interesses do Rotary Club no Brasil dos anos 1960. In: ALMEIDA, Ana Maria F. Almeida. et al. *Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras*. Campinas, SP: Unicamp, 2004, p. 257-281. Também UHLE, Agueda Bernardete. Democracia e ordem: a política de interesses do Rotary Club no Brasil nos anos 60. *Espacios em Blanco*, Argentina, n. 9, p. 59-125, jun. 1999.
[94] SETTON, Maria da Graça. *Rotary Club*: Clubes de serviço ou "clubes de capital social e capital simbólico?" 1996. 261f. Tese (Doutorado em Sociologia) Faculdade de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 138.
[95] Ao que tudo indica, pesquisa acadêmica, no Brasil, sobre Rotary Club, em departamentos de História, só há uma, exatamente esta, LACERDA, Renato Santos. *Rotary Club*: poder invisível na Terra Prometia (1959-1967). 2007.
[96] GOFF, Brendan. *The Heartland abroad: the civic internationalism of main street in the 20th century*. [Tese de doutorado, 2006]. Resumo. Disponível em <www.phdata.org>. Acesso em 17 abr. 2006.

a filosofia rotária descortinando o envolvimento desse clube paulista em momentos decisivos da história do Brasil, principalmente na esfera política, com a participação ativa de seus vários membros no Golpe de Estado de 1964 (97). Segundo essa autora, a estratégia de ação do Rotary Club é a *cooptação*, isto é, uma prática que faz da filantropia e da assistência, mecanismos eficientes de convencimento dos poderes públicos e da sociedade (98). De mais a mais, Rotary Club é caracterizado por Uhle como um grupo de pressão:

> Afirmamos que o Rotary surge com a perspectiva de atuar como grupo de pressão. Essa afirmação se justifica porque o clube congrega um conjunto de indivíduos agrupados para defender interesses comuns (valores morais e vantagens materiais) (99).

Segundo Uhle, a filantropia exercida pelo Rotary seria apenas para ganhar a opinião pública e conseguir conquistar os favores governamentais de uma maneira mais fácil, porque quando a opinião pública simpatiza com uma causa, a tendência dos governantes é abraçá-la (100). A relação do Rotary Club com o Estado e com o Governo, no entanto, se dá de modo não tão explicito, porque o estatuto do Rotary Internacional não permite o uso dos clubes rotários para fins políticos - a continuidade e expansão do movimento rotário depende de seu aparente apoliticismo - embora seja permitido aos rotarianos individualmente estabelecer relações políticas de forma explicita (101).

Das diversas questões postas por Agueda Bernadete, logo na *Introdução* de sua tese, uma é nodal em sua pesquisa: como atua o Rotary Club? Essa parece ser a questão central de sua tese, já que o verbete *atuar* é utilizado pela autora, só na *Introdução,* 11 (onze) vezes (102): “Queríamos saber como atua o Rotary Club, como defende seus interesses, como consegue seus resultados” (103).

Em termos gerais, a tese de doutorado de Agueda Uhle propõe - tomando como exemplo o Rotary de São Paulo - defender a hipótese de que o Rotary Club é uma

---

97 UHLE, 1991, op. cit., pp. 242-295.
98 Ibid., p. 264.
99 Ibid., p. 113.
100 Ibid., p. 117.
101 Ibid., pp. 257-258.
102 p. 1 (2x); p. 2 (3x); p. 3 (6x); p. 4 (1x).
103 UHLE, pp. 257-258.

Associação Internacional que visa contribuir para a reprodução das condições de expansão do capitalismo e que o clube só serve diretamente aos interesses da camada social que o compõe, bem como só realiza prestação de serviços para encobrir seus reais objetivos [104].

Para Agueda Bernardete, as formas de atuação do Rotary Club convergem para a defesa dos interesses das empresas e do capital [105]. Destarte, acredito que suas reflexões é uma tentativa de responder uma das hipóteses de Antonio Gramsci que é justamente os pontos de contato entre o rotarianismo e o capitalismo. Todavia, Agueda Bernardete, em sua pesquisa, não relativiza a natureza do capitalismo que a organização rotária reproduz, embora ela deixe evidências empíricas que comprove o contrário. A hipótese gramsciniana acerca do Rotary é que essa organização internacional *parece* superar um capitalismo selvagem (dissenso entre capital e trabalho). Nesse sentido, o Rotary Club deveria ser analisado sob o viés de um capitalismo social [106] (tentativas de consenso entre capital e trabalho). Tudo leva a entender que Agueda Bernardete analisou o Rotary Club de São Paulo como uma instituição reprodutora de um capitalismo indistinto e não sob a perspectiva de um suposto capitalismo diferenciado (como quer Gramsci), principalmente no período histórico brasileiro, compreendido entre os anos cinquenta e sessenta, recorte temporal focada por Agueda Bernardete, inserida num contexto internacional de capitalismo monopolista de Estado como forma de combater as ideologias “do outro lado do muro”, para além da “cortina de ferro” do pós II Guerra Mundial.

Devemos também referir que a pesquisa doutoral de Agueda Bernardete comete uma fragilidade no estado-da-arte. Conforme afirma essa autora, sobre Rotary Club “não havia nenhuma outra pesquisa, além de Gramsci”. Acerca dessa afirmação faremos aqui duas considerações. Primeiramente, Antônio Gramsci não fez

---

[104] UHLE, 1991, op. cit., p. 121.
[105] Ibid., p. 298.
[106] Conceito utilizado por Alceu Amoroso Lima. Esse intelectual brasileiro utiliza o conceito *capitalismo social* para referir-se à aproximação dos dois termos da equação capital-trabalho, ou seja, diminuição do arbítrio do capital e aumento da participação do trabalho. Segundo esse autor, o *capitalismo social* como superação do *capitalismo clássico* estava em prática nos Estados Unidos da América [anos 50]. Sobre esse capitalismo social, declara, Alceu Amoroso Lima, que o desnivelamento das condições de trabalho tende a desaparecer “na base da *social security*. De modo que esse é outro elemento diferencial na evolução do capitalismo americano”. Cf. LIMA, Alceu Amoroso. *A realidade americana*: ensaio de interpretação dos Estados Unidos. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1955, p. 114.

nenhuma pesquisa acadêmica, principalmente no campo empírico, sobre o Rotary Club, senão levantou diversas hipóteses acerca dessa organização internacional. Segundo, entre as décadas de 1930 e 1990, foram produzidas, nos Estados Unidos da América, três teses de doutorado sobre o Rotary Club e que são anteriores à data de defesa de Agueda [(107)] muito embora devamos reconhecer essa pesquisadora como a bandeirante da pesquisa acadêmica sobre a organização rotária em solo brasileiro.

Já a tese de doutorado defendida por Maria da Graça Jacintho Setton, *"Rotary Clubs: Clubes de Serviço ou Clubes de Capital Social e Capital Simbólico"*, [(108)] analisou a prática associativista rotária a partir de uma rede de conexões entre os vários segmentos sociais a ela conectados. Para a autora, os clubes de serviço e, especificamente, os clubes rotários não se resumem a um grupo de agentes políticos por excelência, com práticas a serviço do capitalismo e de interesses classistas, tal como advogou Agueda Bernardete Uhle [(109)]. No entender de Maria da Graça Jacintho Setton, os clubes de serviço cumprem uma função maior e não se resumem à atuação como grupos de pressão sobre o sistema político. Os clubes rotários não são homogêneos entre si e os motivos de ingresso nesse tipo de organização não se esgotam na estratégia política tradicional de alguns indivíduos ou mesmo de algum clube rotário localizado. Os Rotary Clubs são melhor compreendidos pelo matiz do complexo significado social que envolve uma rede de

[107] Entre os anos 1930 e 1990, o Rotary Club e congêneres já eram objetos de estudo acadêmico nos Estados Unidos da América. E nesse intervalo de tempo, foram defendidas três teses de doutorado respectivamente nas seguintes datas – 1935, 1956, 1987: (I)- pelo sociólogo MARDEN, Charles, *Rotary and its brothers: an analysis and interpretation of the men's service clubs*. Princenton, NJ.: Princeton University Press, 1935; (II)- BAHLKE, Howard Bahlke, *Rotary and american culture: a historical study of ideology*. University of Minnesota, 1956; (III)- pelo historiador CHARLES, Jeffrey A. *Service clubs in American society*: Rotary, Kiwanis and Lions. Urbana; Chicago: University Illinois Press, 1993 [defendida em 1987]. Obs.: Informações I e II obtido em CHARLES, p. 160, nota 1. Também temos notícias de uma dissertação defendida, em 1935, por BREMER, Edmund Haug. *The Administration and operation of club student Loan Funds* (112p), Universidade de Chicago, 1935.

[108] Essa tese foi publicada pela editora Annablume. SETTON, Maria da Graça Jacintho. *Rotary Club*: hábitos, estilo de vida e socialidade. São Paulo: Annablume, 2004. Sobre o Rotary a autora também publicou artigos: SETTON, Maria da Graça Jacintho. Clubes de serviço ou clubes de capital simbólico. *Cadernos CERU,* São Paulo, v. 2, n. 7, p. 134-148, 1996b.

[108] SETTON, 1996, op. cit., p. 138.

[109] SETTON, 1996, op. cit., p. 138. Essa tese foi publicada pela editora Annablume. SETTON, Maria da Graça Jacintho. *Rotary Club*: hábitos, estilo de vida e socialidade. São Paulo: Annablume, 2004. Sobre o Rotary a autora também publicou artigos: SETTON, Maria da Graça Jacintho. Clubes de serviço ou clubes de capital simbólico. *Cadernos CERU,* São Paulo, v. 2, n. 7, p. 134-148, 1996b.

interesses bastante diversificada. Portanto, Setton considera as abordagens de Agueda Bernardete Uhle, sobre o Rotary Club, bastante reducionistas [110].

> Não temos elementos para afirmar que um grupo seleto de rotarianos possa representar toda a população do Rotary. Sem dúvida, possuem pontos em comum, mas é necessário ressaltar, além de suas convergências, suas divergências. Os Rotary Clubs não são constituídos de um único segmento social. A pesquisa que fizemos em 31 clubes dos 52 existentes na capital paulista verificou a maciça presença do pequeno e médio empresário e do profissional liberal. Verificamos, a partir da humilde origem social da maioria de seus membros, que uma parcela considerável de rotarianos é recém-integrante dos segmentos das camadas médias, perfil bastante diverso do verificado no único clube de elite estudado por Uhle [111].

As críticas de Maria da Graça Jacintho Setton, dirigidas à Agueda Bernardete Uhle, são de duas naturezas: reducionismo e generalização. Concordamos com Maria da Graça Jacintho Setton que Agueda Bernardete foi reducionista na medida em que limitou o Rotary Club a agentes políticos por excelência, ou seja, agrupamento político, de interesses classistas, que funciona como grupo de pressão sobre o Estado e outras instituições civis. É mais plausível pensar que a estrutura rotária envolve uma rede de interesses mais diversificados, o que pode ir além dos interesses políticos e econômicos. Concordamos também que Agueda fez generalizações a partir de um único clube paulista. Que essa atípica associação paulistana pode não representar inteiramente a estrutura rotária dentro de um contexto societário maior. Todavia, a crítica de Setton, acerca da generalização da "origem social", precisa ser matizada. Embora Setton pesquisasse um conjunto significativo de Rotary Clubs da capital de São Paulo, essa pesquisadora recolheu informações dos clubes de serviço do período histórico dos anos noventa do século passado. A configuração do Rotary Club no final do século XX permitiu a entrada de proponentes de origem social mais modesta, ao contrário das décadas compreendidas entre 1920 e 1960, cuja origem social dos sócios era,

[110] SETTON, 1996, op. cit., p. 138.
[111] SETTON, 1996, op. cit., p. 140.

provavelmente, mais elitizada [112]. Há que fazer uma pesquisa sobre a origem social dos rotarianos nos períodos que precedem os anos setenta. Maria da Graça Jacintho Setton reconhece isso: "não temos informação sobre a origem social do rotariano médio, na cidade de São Paulo, nas décadas de 60 e 70" [113]. Ora, se ainda não dispomos de dados sobre a "origem social" dos rotarianos das décadas anteriores aos setenta, então não saberíamos dizer até que ponto a generalização no aspecto da "origem social", feita por Agueda, tenha plausibilidade. Setton parece quase induzida a ler as "origens sociais" dos rotarianos, dos anos cinqüenta e sessenta com os dados obtidos da década de noventa, o que não deixa de ser uma postura anacrônica, atitude essa freqüentemente flagrada em produções sociológicas.

A pesquisa de Maria Setton tem cunho sociológico, referencial bourdieusiano [114] e

---

[112] Antonio Gramsci declarou nos anos trinta: "O Rotary é organização das classes altas". Cf. GRAMSCI, op. cit., v. 4, p. 298. [caderno 5, miscelâneo, parágrafo 2, 1930-1932]. Para Gramsci, há uma diferença social fundamental entre Rotary e Maçonaria: "O Rotary é uma maçonaria sem pequenos burgueses e sem a mentalidade pequeno-burguesa". Cf. GRAMSCI, op. cit., v. 4, p. 248. [caderno 22, parágrafo 2, 1934]. Essas duas premissas podem nos induzir a supor que o Rotary foi altamente seletivo na aglutinação de sócios nas seis primeiras décadas da organização rotária. Provavelmente, somente nos anos 70, 80 e 90, é que houve uma abertura do Rotary Club às classes sociais mais modestas. Deve-se levar em conta que o maior concorrente mundial do Rotary, na agremiação de sócios é, sem duvida, o Lions Club. Todavia, esse clube de serviço congênere instalou-se no Brasil somente em 1952, ao passo que o Rotary Club encontrava-se em solo brasileiro desde 1922. A concorrência leonina pode, provavelmente, explicar a abertura de vagas do Rotary Club a proponentes de origem social de escala menor. Sem essa abertura, a expansão do Rotary ficaria, talvez, comprometida no Brasil, ainda mais num país de elevado nível de estratificação social. O número de associados ao Lions Club no mundo, para o ano de 1984, aponta 1.352.71 e, ao passo que ao Rotary Club, 958.577. Isso representa uma superação quantitativa significativa. Cf. SILVA, Zander Campos da. *Lions Clube*: a grande idéia de Melvin Jones. Goiânia: Quatro, 1984, p. 267. Para esse fenômeno, o historiador norte-americano Jeffrey Charles afirma que o Lions Club, em relação ao Rotary Club, expande um pouco mais em comunidades menores. Cf. CHARLES, 1993, op. cit., p. 4. Enfim, é bem provável que antes da concorrência leonina, o Rotary Club poderia melhor aglutinar sócios. Maria da Graça Jacintho Setton investiga os Rotary da capital paulista dos anos 90 (período de forte concorrência entre clubes de serviço congêneres) o que pode explicar a detecção de um grupo significativo de rotarianos de origens modestas, ao contrário de Agueda Bernardete, de um único Rotary Club de São Paulo, um grupo elitizado, já que os proponentes não estavam submetidos a ampla concorrência de agremiação de sócios nos anos quarenta e cinqüenta. É claro que podemos supor diferenças sociais e econômicas entre as elites da capital paulista com as elites da capital marginal, isto é, diferenças sócio-economicas nos diferentes campos geográficos da capital paulista.

[113] SETTON, 1996, op. cit., p. 140, nota 100.

[114] Os principais conceitos de Pierre Bourdieu referenciados por Setton são: *habitus*, *reprodução, capital social, capital cultural, capital simbólico*, *distinção*.

culturalista [115] ao passo que de Agueda Bernardete, possui calço histórico, político e marxista [116]. Esta se detém ao fenômeno rotário nos quadros políticos do período histórico brasileiro, entre os anos trinta e setenta [117]. Aquela, ao contrário, investigou o fenômeno Rotary, nos anos noventa, com perspectiva de desvendar as estratégias de distinção social forjada pelos rotarianos paulistanos [118].

Setton apóia-se em Pierre Bourdieu para mostrar que o Rotary Club, além de ser um grupo de capital social e simbólico congregando um conjunto de recursos atuais e/ou potenciais ligados a uma rede durável de relações, é também um local privilegiado de produção e circulação de bens simbólicos [119]. Além disso, a autora, fundamentando-se em Norbert Elias, afirma que o Rotary pode ser entendido como uma "unidade de sobrevivência, de ataque e de defesa" em "momentos conjunturais de crise e de transformações sociais". Este clube seria, assim, um local especial para o equilíbrio da "balança nós-eu", uma vez que o associativismo voluntário é considerado um fenômeno urbano por excelência [120] – impressão reforçada quando se retorna, por exemplo, para a origem das associações voluntárias na emergente cidade de Chicago, no início do século XX.

Finalmente, além de apoiar-se em Pierre Bourdieu e Norbert Elias, Setton apresenta a visão de Georg Simmel com a finalidade de mostrar que as associações voluntárias também podem ser vistas não só como um espaço de produção e circulação de bens simbólicos e de "espaço de sobrevivência", mas também como um espaço de sociabilidade, onde os sentimentos de estar associado de forma

---

115 Setton se diz não tomar a abordagem *culturalista* com paradigma de análise, senão apenas algumas proposições desse paradigma, tais como: a)- a estrutura da personalidade é produto do grupo do qual o individuo faz parte; b)- Os valores e outros elementos do sistema cultural são interiorizados e que regula o comportamento; c)- O processo de socialização não apenas possibilita a interiorização dos valores e sistemas culturais, mas também um processo de adaptação a situações mutantes e variáveis. Cf. SETTON, 1996, op. cit., p. 5.

116 É amplamente perpassado, em toda a tese de Agueda Bernardete, os conceitos *classe, capitalismo, capitalistas, dominante, dominação.* Há que dizer também que sua pesquisa se funda em vasta documentação histórica.

117 UHLE, 1991, op. cit. p. 3.

118 SETTON, 1996, op. cit., p. 5.

119 Ibid, p. 141.

120 Ibid, p. 34.

lúdica e prazerosa e de entretenimento social acontecem entre indivíduos socialmente semelhantes [121].

Sobre associação congênere ao Rotary Club, foi produzida, por Maria Antonieta Bonito, uma dissertação de mestrado sobre Lions Club [122]. Nessa pesquisa, investigou o arcabouço ideológico do leonismo, bem como sua *atuação* efetiva na sociedade, especialmente no município de Indaiatuba, enfocando tantos os serviços prestados pelo Lions quanto a relação entre seus membros e o poder. A investigação de Maria Antonieta segue o mesmo viés de Agueda Bernardete, isto é, sobre a atuação dos clubes de serviço como grupos de pressão de vocação ideológica e influência nas decisões políticas e administrativas [123]. A investigação se detém ao período histórico brasileiro compreendido entre 1959 e 1965, no município de Indaiatuba (localizado no Estado de São Paulo), uma população, na época, de 17 mil habitantes [124]. Sua dissertação aborda os episódios: *impeachment* do prefeito local Alberto Brizzola, a cassação do prefeito Ivan Corrêa de Toledo e a cisão do Lions [125], pois o rumo político da cidade local tendia a uma direção esquerdista (comunista) e, por extensão, abafava os interesses de classe do movimento leonino na realidade regional.

Enfim, não temos mais informações acerca de pesquisas sobre o Rotary Club em programas de pós-graduação no Brasil, embora possamos falar de autores que fizeram algumas referências rápidas sobre essa associação voluntária, tal como Alceu Amoroso Lima que afirma ser o Rotary um lugar de honra de homens que movimentam as forças econômicas – negociantes, industriais, agricultores, dirigentes e proprietários [126]. Na obra de Lima, o Rotary Club é uma instituição conservadora, [127] puramente secularizada, despojada de todo conteúdo

---

121 Ibid., p. 146.
122 Tanto Agueda Bernardete Uhle (autora da tese doutorado sobre Rotary Club), quanto Maria Antonieta Bonito (autora da dissertação de mestrado sobre Lions Club), foram orientadas pelo Prof. Dr. Maurício Tragtenberg.
123 BONITO, 1994, op. cit., p. 1
124 Ibid., p. 73.
125 Ibid., p. 6.
126 LIMA, 1955, op. cit., p. 94. Alceu Amoroso Lima, utiliza, na sua obra *A Realidade Americana*, o verbete Rotary Club (6) seis vezes: p. 70 (1x), p. 94 (1x), p. 95 (1x), p. 197 (2x), p. 204 (1x).
127 Ibid. p. 197.

sobrenatural, (128) imbuída de racionalismo e indiferentismo religioso (129). Também Michel Debrum cita o Rotary Club e o Lions Club como instituições da sociedade civil como propagadora da ideologia do Estado, embora não estejam diretamente ligados ao aparelho estatal (130).

Reiterando, não temos notícias de pesquisas mais recentes sobre Rotary Club manufaturadas em universidades brasileiras, senão nos Estados Unidos da América (131). Duas recentes teses de doutorado foram produzidas. Uma, em 2005, produzida por Donna M. Favreau, pelo departamento de psicologia da universidade de Walden e, a outra, em 2006, feita por Brendan Goff, pelo departamento de História da Universidade de Michigan.

Depois dos ataques terroristas, 11 de setembro de 2001, o presidente dos Estados Unidos da América conclamou mais voluntários para apoiar na amenização das conseqüências do desastre. Esse incidente despertou duas perguntas à Donna Favreau: i- o que motiva os associados do Rotary Club a fazer trabalho voluntário; ii- o que estimula os membros do Rotary fazer permanentemente o trabalho voluntário. Foi exatamente essa questão que a autora buscou responder em sua tese. Aplicou um questionário de 30 questões a 130 rotarianos de cinco Rotary Clubs da cidade de Fairfield, Connecticut. Na essência, sua tese doutoral teve, por objetivo último, examinar as motivações do rotariano para realizar serviços voluntários (132).

---

128 LIMA, 1955, op. cit., p. 198.

129 Ibid. p. 204. Há que lembrar que Alceu Amoroso Lima fora um intelectual defensor da Igreja Católica. Um estudo sobre a visão de mundo desse autor, certificar MENDONÇA, Carlos Vinícius Costa de. *O êxtase autoritário*: a política educacional de segurança nacional no período vargas e sua repercussão no Espírito Santo. 2002. Tese (Doutorado em História). Faculdade de História, Universidade de São Paulo, 2002.

130 DEBRUN, Michel. *A conciliação e outras estratégias*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 67.

131 Agueda Bernardete Uhle informou, numa entrevista, da existência de pelo menos dois trabalhos acadêmicos, sobre o Rotary Club, um na França e outro na Inglaterra: “Quando eu estava preparando um artigo para a revista Espacios en Blanco [esse artigo foi editado em junho 1999] eu estava em Paris. E aí, discutindo com um professor de lá ele me fez referência de uma pesquisa sobre o Rotary na França. Também faz uns cinco anos, não sei exatamente, eu recebi de um estudante inglês um pedido de minha tese [defendida em 1991] e encaminhei para ele”. UHLE, Agueda Bernardete. 2006. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, 5 out. 2006.

132 FAVREAU, Donna M. *The relationship between motivation to volunteer and intention to continue volunteering in five Rotary clubs in Fairfield Country, Connecticut*. [Tese de doutorado, 2005]. Resumo. Disponível em <wwwlib.umi.com/dissertations/preview_pickup/22/86/1172286/2/00001.gif>. Acesso em 21 set. 2006.

Por sua vez, Brendan Goff examinou a história do intercâmbio internacional entre empresários e profissionais voluntários de clubes de serviço (Rotary, Lions, Kiwanis) e, como esses grupos expandiram mundialmente no século XX [(133)]. Sua pergunta essencial é: qual teriam sido os objetivos e as conseqüências desse intercâmbio cultural entre empresários e profissionais voluntários em nome de serviços prestado à comunidade, ao civismo ou à unidade e paz mundial. Sua abordagem é apontar o contexto do crescimento dos clubes no território americano, a participação de membros estrangeiros e a interação entre os grupos estrangeiros e nativos. Mesmo antes da Primeira Guerra Mundial, os Rotary Clubs começaram espalhar sobre o mundo. Esses clubes desenvolveram um negócio e o internacionalismo cultural que frequentemente levaram avante os interesses dos Estados Unidos da América ao mundo e, especialmente, depois da Primeira Grande Guerra, difundiram sobre o impulso missionário, a perspectivas de reforma wilsoniana [(134)].

Se essas duas teses de doutorado foram recentemente produzidas nos Estados Unidos da América, não podemos esquecer de uma pesquisa que foi manufaturada, na década de oitenta, por Jeffrey A. Charles, pela universidade Johns Hopkins. Esse autor aponta que o Rotary Club, Kiwanis e Lions Club refletem amplas mudanças na composição e cultura da classe média americana. A investigação também focaliza o impacto da ideologia corporativa sobre a cultura dos negócios e, a sobrevivência e expansão dessas associações voluntárias através das prestações de serviço à comunidade local [(135)].

Em nossa pesquisa, propriamente dita, investigaremos algumas das hipóteses de Antonio Gramsci relativas ao Rotary, que provavelmente ainda não foi produzida algo parecido: capitalismo social, saint-simonismo, pragmatismo, comunitarismo. Diferentemente de Maria da Graça Setton, daremos peso à convertibilidade dos capitais, poder invisível, algo que sua tese doutoral não privilegia [(136)]. Diferentemente de Agueda Bernardete Ulhe, focalizaremos o Rotary Club não

[133] Sobre o expansionismo do Rotary Club, um artigo foi publicado, em 1999, por WIKLE, Thomas A. International expansion of the american-style service club. In: *Journal of American Culture*, v. 22, n. 2, p. 45-52, 1999.
[134] GOFF, 2006, op. cit.,
[135] CHARLES, 1993, op. cit., p. 5. Essa tese de doutorado foi defendida em 1987.
[136] O foco de Maria da Graça Jacintho Setton é o *habitus*, estilo de vida e sociabilidade dos rotarianos da capital paulista nos anos noventa.

sob o aspecto do conflito entre capital e trabalho, mas no âmbito de uma associação voluntária que se funda na doutrina do “interesse bem compreendido” no sentido tocquevilliano, que provavelmente, também não houve quem despertasse atenção por esse prisma.

Perscrutaremos ainda, empiricamente, o processo de instalação, organização e consolidação do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita na região do Vale do Aço com vistas a mostrar como a atuação do Rotary local se traduzia.

2 ROTARY CLUB: O CENÁRIO DE SUA ORIGEM E A INSTALAÇÃO NO BRASIL

Os *Cadernos do Cárcere* indicam um cenário que se consolidou no nascente do século XX sem qualquer precedência nos séculos anteriores. Trata-se exatamente de um universo social de maior complexidade do fenômeno estatal, ou seja, a intensificação dos processos de socialização da participação política que tomou corpo nos países "ocidentais", tais como a formação de grandes sindicatos, partidos de massa e sufrágio universal. Ao contrário do século XIX, Antonio Gramsci diagnosticou, na aurora do século XX, o surgimento de um Estado ampliado [(137)]. Nos *Cadernos do Cárcere* é registrado um fato novo, um fenômeno exclusivo do século XX, a dizer, a autonomia e base material própria da sociedade civil que não existia no século XIX [(138)].

Um outro cenário, especificamente estadunidense, pode ser detectado, não necessariamente nos *cadernos da prisão* de Antonio Gramsci (1891-1937), senão nos *cadernos de viagem* [(139)] do francês Aléxis Charles Henri Clérel de Tocqueville (1805-1859). Suas anotações de viagem aos Estados Unidos da América [(140)], entre os anos 1831 e 1832, apontam uma característica social estadunidense já existente nos primórdios períodos do século XIX: "Em nenhum país do mundo tem sido empregado ou aplicado com tanto êxito o princípio de associação a uma multidão de

---

[137] O Rotary Club nasceu em um cenário de Estado-ampliado (Estado moderno nos países ocidentais ou capitalistas) e não numa configuração de Estado-coerção (Estado autoritário). Cf. pp 32-33 do primeiro capítulo. Segundo Sills "as associações voluntárias só podem existir nas sociedades em que haja liberdade de associação e tais sociedades são, em maior ou menor grau democráticas". Cf. SILLS, 1974, op. cit., p. 621.

[138] COUTINHO, 1996, op. cit., p. 52-60.

[139] Os c*adernos de viagem* são as anotações de campo feitas por Alexis de Tocqueville, por ocasião de sua estada nos Estados Unidos da América, entre abril de 1831 e março de 1832. Esses manuscritos de viagem foram publicados posteriormente, em 1835, com o título *A democracia na América* e um outro e último volume, em 1840. A nomenclatura *cadernos de viagem* é utilizada não menos que três vezes por FURET, François. Prefácio, biografia e bibliografia. In: TOCQUEVILLE, Aléxis de. *A democracia na américa*: leis e costumes. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 27, 28 e 31.

[140] Aléxis de Tocqueville foi, aos Estados Unidos da América, acompanhado de seu amigo Beaumont. Ambos eram magistrados na França e estavam investidos de uma missão de estudar instituições penitenciárias americanas. Para o historiador François Furet, a viagem de Tocqueville, com vistas a examinar instituições penitenciárias, não passa, no plano intelectual, de um acessório de sua grande viagem. Cf. FURET, 2001, op. cit., p. XI.

objetivos como nos Estados Unidos" [(141)]. De igual modo, porém, no final do século XIX, James Bryce declarou que "as associações se criam, se estendem e funcionam nos Estados Unidos com mais rapidez e com mais eficácia que em qualquer outro país" [(142)]. Max Weber também expressou essa mesma opinião, por ocasião de sua visita aos Estados Unidos, em 1904: "Qual é, em termos qualitativos, a terra das associações por excelência? Sem dúvida, é os Estados Unidos" [(143)]. Ainda no nascente dos anos cinqüenta, Alceu Amoroso Lima obteve a mesma conclusão: "o americano é um ser essencialmente grupal, coletivo [...] é o homem do pequeno grupo, das associações" [(144)] Sobre o sentido apontado por Tocqueville, Bryce, Weber e Lima conclui-se com freqüência que os Estados Unidos da América são uma "nação de gregários", embora David L. Sills aponte excessos nessas afirmações que colocam a sociedade estadunidense em posição de magnitude e singularidade no que se refere às práticas associativas [(145)]. Alexis de Tocqueville observou que o uso que os americanos faziam da associação na vida civil, no primeiro cinqüentenário do século XIX, é muito expressivo:

> Os americanos de todas as idades, de todas as condições, de todos os espíritos, se unem sem cessar. Não apenas têm associações comerciais e industriais de que todos participam, mas possuem além dessas mil outras: religiosas, morais, graves, fúteis, muito gerais e muito particulares, imensas e minúsculas; os americanos associam para dar festas, fundar seminários, construir albergues, erguer igrejas, difundir livros, enviar missionários aos antípodas; criam dessa maneira hospitais, prisões, escolas. Enfim, sempre que se trata de pôr em evidência uma verdade ou desenvolver um sentimento com apoio de um grande exemplo, eles se associam. [...] Encontrei na América certas espécies de associação de que confesso, nem tinha idéia, e admirei com freqüência a arte infinita com o qual os habitantes dos Estados Unidos conseguiam fixar um objetivo comum para esforços de um grande número de homens e fazê-los caminhar livremente. [...] É freqüente os ingleses executarem isoladamente coisas gigantescas, ao passo que não há pequeno empreendimento para o qual os americanos não se unam [(146)].

---

[141] TOCQUEVILLE, apud SILLS, 1974, op. cit., p. 617.
[142] BRYCE, apud SILLS, op. cit., 617.
[143] WEBER, apud SILLS, op. cit., 617.
[144] LIMA, 1955, op. cit., p. 37-38. Alceu Amoroso Lima, em sua moradia nos Estados Unidos, por um período de dois anos (1951-1952), ficou surpreso ao encontrar, nesse país, até mesmo "uma associação dos antigos empregados da Madeira-Mamoré". Cf. nota 1 da p. 38.
[145] Ibid..
[146] TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América*: sentimentos e opiniões. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 131-132.

Se o associativismo é um fenômeno característico da sociedade norte-americana, então por que Alexis de Tocqueville afirma que os americanos, na medida em que suas condições se igualam, tornam-se mais individualistas? Por qual razão o individualismo estadunidense apresentou-se aos olhos de Tocqueville como um fenômeno diretamente proporcional ao igualitarismo:

> O *individualismo* é uma expressão recente que uma nova idéia fez surgir. Nossos pais só conheceram o egoísmo. [...] O individualismo é um sentimento refletido e tranqüilo, que dispõe cada cidadão a se isolar da massa de seus semelhantes e a se retirar isoladamente com sua família e amigos; de tal modo que, depois de ter criado assim uma pequena sociedade para seu uso, abandona de bom grado a grande sociedade a si mesma. [...] O individualismo é de origem democrática, e ameaça desenvolver-se à medida que as condições se igualam [147].

Para o aristocrata francês, Alexis de Tocqueville, democracia é sinônimo de equalização, insubsistência de estratificação social rígida ou inexistência de diferenças hereditárias de condições no sentido aristocrático [148], um impulso para a igualdade, uma designação para uma sociedade de iguais [149]. Todavia, o diagnóstico de Tocqueville, ao apresentar a democracia americana como uma sociedade de homens iguais, parece ter fixado para além de uma igualdade formal:

> De início é bom limitar bem o problema: não é sobre a igualdade perante a lei que se está referindo, esta é completa na América. Ela não é apenas um direito, mas é também um fato. Pode-se mesmo afirmar que, se a desigualdade existe em qualquer lugar nos Estados Unidos, há na esfera política uma ampla compensação em favor das classes médias e inferiores que, juntamente com os nomes tradicionais, preenchem quase todos os postos eletivos. Falo da igualdade nas relações sociais. Esta igualdade que faz com que certos indivíduos se reúnam nos mesmos lugares, compartilham suas idéias e seus prazeres, unam suas famílias. É neste aspecto que é preciso distinguir entre a França e a América. As diferenças se tornam essenciais [...]. A diferença é que nenhuma regra arbitrária e inflexível preside esse arranjo [...] Assim, na América, observa-se menos que em qualquer outra parte esse desejo ardente de uma classe partilhar não apenas os direitos políticos, mas também os

147 TOCQUEVILLE, 2000, op. cit., p. 119.
148 ARON, 2003, op. cit., p. 320.
149 MERQUIOR, José Guilherme. *O liberalismo*: antigo e moderno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, p. 91.

> prazeres das outras. Esta é a boa distinção da sociedade americana da nossa [150].

Essa igualdade de condições da democracia norte-americana apontada por Tocqueville, sugere a despolarização da sociedade dos muito ricos e dos muito pobres, ou seja, ausência de extremos de pobreza e de riqueza. A riqueza na América é bem distribuída e não concentrada, o que explica a ausência de revoluções, já que a maioria dos homens possui propriedade suficiente para desejarem a manutenção da ordem [151]. Embora o viajante francês aponte um diagnóstico acerca da igualdade de condições na sociedade americana anglo-saxônica, não faltam críticas sobre a verdadeira realidade social no período das viagens desse aristocrata francês, principalmente no que diz respeito à suposta equidade econômica e a existência de diferenças raciais, culturais e etnográficas [152]. Entretanto, para Tocqueville, numa sociedade igualitária ou democrática, há uma inevitável patologia social, a dizer, o individualismo isolacionista [153]. A democracia ou igualdade de condições é produtora de um germe que ataca as virtudes públicas ou esgota o impulso para o bem comum:

> À medida que as condições se igualam, encontramos um número maior de indivíduos que apesar de já serem ricos, mas não poderosos o bastante para exercer uma grande influência sobre a sorte de seus semelhantes, adquiriram ou conservaram luzes e bens suficientes para poderem se manter por si sós. Não devem nada a ninguém, não esperam, por assim dizer, nada de ninguém, acostumam-se a se considerar sempre isoladamente, imaginam de bom grado que seu destino inteiro está em suas mãos [154].

Visto que a igualdade de condições desenvolve o individualismo isolacionista, ou a democracia faz surgir o “isolamento dos homens uns dos outros” [155], produz-se cidadãos independentes que conseqüentemente ficam embriagados com um novo

---

150 TOCQUEVILLE, Alexis. Apud QUIRINO, Célia Galvão. Tocqueville: a realidade da democracia e a liberdade ideal. In: QUIRINO, Célia Galvão; VOUGA, Cláudio; BRANDÃO, Gildo Marçal (Orgs.). *Clássicos do pensamento político*. São Paulo: Edusp, 1998, p. 260.
151 HEFFNER, Richard. Introdução à edição mentor. In: TOCQUEVILLE, Aléxis de. *Democracia na América*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969, p. 23-24.
152 QUIRINO, Célia Galvão. Tocqueville: sobre a liberdade e a igualdade. In: WEFFORT, Francisco C. (Org.). *Os clássicos da política*: Burke, Kant, Hegel, Tocqueville, Stuart Mill, Max. 10 ed. São Paulo: Ática, 2001, v. 2, p. 154.
153 MERQUIIOR, op. cit., p. 89 e 91.
154 TOCQUEVILLE, op. cit., 2000, p. 121.
155 Ibid., p. 123.

poder: “a presunçosa confiança em suas forças” (156). Em suma, para esse jovem viajante francês, a democracia induz “os cidadãos a se mostrarem mais dispostos a fugir dos outros” (157). Essa tendência isolacionista leva os homens a inoperância de realização de empreendimentos de caráter coletivo e “não tardaria a cair de volta à barbárie” (158). Para Tocqueville, o individualismo isolacionista, procedente do igualitarismo, é socialmente superado na medida em que os cidadãos reconhecem a impotência do individualismo e percebem que não podem fazer nada de grandioso se não ajudarem mutuamente (159). Desse modo, o associativismo norte-americano não é um acidente histórico, senão uma relação necessária para combater os resultados funestos que podem advir do isolacionismo (160). O combate que os americanos fazem ao individualismo não é por um associativismo altruístico, mas por um associativismo que Alexis de Tocqueville chamou de “doutrina do interesse bem compreendido” (161). Tal doutrina, não foi vista por ele como uma virtude extraordinária, embora fosse pelo menos remédio contra o germe produzido pelo igualitarismo. O mundo do altruísmo, do desprendimento, do esquecimento de si, do fazer o bem sem interesse já não tinha mais apelo social significativo na sociedade americana (162). O associativismo estadunidense assumiu uma postura utilitarista. As associações se fundavam entre aqueles que possuíam interesses particulares em comum. O interesse individual tornou-se mais que nunca o móvel principal, senão exclusivo, das ações dos homens americanos (163). A doutrina do interesse bem compreendido não se fundou em um sentimentalismo inconseqüente, mas em uma estrutura de temperança, moderação, previdência, esclarecimento e racionalidade (164). Cada americano sacrificava seus interesses particulares, já que ele sabia que seria diretamente ou indiretamente recompensado pelos benefícios auferidos pela esfera coletiva do qual cada individuo está inserido, portanto, um interesse privado realiza-se na agregação (165). A virtude cívica americana não se fundamentava no assentimento dos indivíduos pelo bem comum. Pelo contrário, o ímpeto pela

156 TOCQUEVILLE, op. cit., 2000.
157 Ibid., p. 124.
158 Ibid., p. 133.
159 Ibid., p. 132.
160 Ibid.
161 Ibid., p. 147-150.
162 JASMIN, Marcelo Gantus. Interesse bem compreendido e virtude em a democracia na América. In: BIGNOTTO, Newton (Org.). *Pensar a república*. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 80.
163 TOCQUEVILLE, 2000, op. cit., p. 150.
164 Ibid., p. 149-150
165 Ibid., p. 151.

coletividade originava-se pelo cálculo e pelo interesse privado [166]. As pupilas tocquevillianas detectaram que na América "não é o desapego aos interesses que é grande, é o interesse que é bem compreendido, o que também dá quase no mesmo" [167]. Para esse aristocrata francês a doutrina do interesse bem compreendido nada tem de esplêndido, embora ainda que menos sublime não negue a relevância dessa doutrina contra o individualismo possessivo [168].

Ao que tudo indica, podemos afirmar que a configuração do espírito de associativismo na sociedade norte-americana, dos primórdios do século XX, se pautava predominantemente na doutrina do interesse bem compreendido. Desse modo, há que supor que a fundação do Rotary Club se deu como produto de interesses e necessidades comuns entre seus fundadores. Essa organização antes de ser caracterizado *club service* assumiu função de *ajuda mútua*. O interesse particular se fez realizar numa coletividade específica. A idéia de reunir homens de cada profissão em rodízio (rotary) se fundamentou na doutrina do interesse bem compreendido, tal como pode ser observado na autobiografia do fundador do Rotary Club, Paul Percy Harris:

> [...] em fevereiro de 1905, convoquei três jovens, homens de negócios, para se reunirem comigo e expus-lhes um plano muito simples de mútua cooperação e amizade sem constrangimentos, tal qual o que havíamos outrora conhecido nas nossas aldeias [169] (grifo nosso).
>
> Crescíamos em número, em companheirismo, no espírito de auxílio mutuo e de auxílio à nossa cidade. O banqueiro e o padeiro, o sacerdote e o picheleiro, o advogado e o dono da lavanderia descobriram a semelhança das ambições, dos problemas, dos êxitos e insucessos de todos eles. Aprendemos quanto tínhamos em comum. Sentíamos prazer em podermos ajudar-nos uns aos outros [170] (grifo nosso).

O "espírito de auxílio mútuo" ou "mutua cooperação" não se configura em altruísmo ou no fazer o bem sem interesse. O Rotary Club nasceu sob o viés do "interesse bem compreendido", ou melhor, sob o espírito de conjuminância dos interesses

166 JASMIN, 2002, op. cit., p. 79.
167 TOCQUEVILLE, apud JASMIM, 2002, op. cit., p. 80.
168 JASMIN, 2002, op. cit., p. 81.
169 HARRIS, Paul. *De rumo ao Rotary*. Recife: Rotary Club de Recife, 1953, p. 230.
170 Ibid.

privados de grupos sociais, fenômeno esse, atentamente observado por Aléxis de Tocqueville em sua estada de onze meses nos Estados Unidos da América.

Mais um outro cenário na sociedade americana anglo-saxônica foi percebido por um estrangeiro de origem alemã, Max Weber, que também viajando aos Estados Unidos da América, em 1904 [171] (vale aqui lembrar – um ano antes da fundação do Rotary Club em Chicago), deparou-se com o baixo número de pessoas sem religião [172], ou melhor, causou-lhe profunda impressão a quantidade enorme da população norte americana vinculada a uma seita [173] protestante. Todavia, um exame atento e específico despertou atenção em Max Weber: a filiação a uma seita religiosa implicava numa relação de crédito comercial. Max Weber cita três casos, de observações pessoais, para provar sua hipótese:

Caso nº 1

> [...]. Numa longa viagem de trem através do que era então território índio, o Autor [Weber], sentado ao lado de um caixeiro-viajante de ferragens funerárias (letras de ferro para túmulos), mencionou casualmente a tendência, ainda bastante forte, para a participação

[171] WEBER, Max. *Ensaios de sociologia*. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 1982, p. 348.
[172] Ibid, p. 347.
[173] Há que estabelecer diferença sociológica dos conceitos *religião* e *seita*. O vocábulo *igreja* supõe que os membros já nascem dentro da igreja e não precisam entrar nela. Não exerce algum sentido eletivo e não há exigências especiais que condicionam seus privilégios. A associação como membro da igreja é uma conseqüência necessária do nascimento em uma família. Há duas variedades de igreja: nacional e internacional. A Igreja Católica é o exemplo mais acentuado da primeira, ao passo que as igrejas Luterana e Anglicana ilustram a segunda. Já a *seita* está em contraste marcante com a igreja. A seita é um corpo eletivo que exige entrada formal a fim de que se possa ser membro. Há exigências éticas para ser membro. Frequentemente requer algum tipo definitivo de experiência religiosa de seus membros antes que se associem. Há observação genuína da sentença "venha dentre eles e seja separado". É grande a variedade de seitas desde a Reforma: Anabatistas, Menonitas, Huguenotes, Presbiterianos, Batistas e muitos outros. Cf. BEKER. Howard S. Quatro tipos de organizações religiosas. In: ETZIONI, Amitai. *Organizações complexas*: estudo das organizações em face dos problemas sociais. São Paulo: Atlas, 1981, p. 249-252. O próprio Marx Weber faz distinção entre os conceitos *igreja* e *seita*: "É importante que a participação numa seita significasse um certificado de qualificação moral e especialmente de moral comercial para pessoa. Isso contrasta com uma participação na 'Igreja' na qual a pessoa 'nasce' e que permite que a graça brilhe igualmente sobre o justo e injusto. Na verdade, uma Igreja é uma corporação que organiza a graça e administra os dons religiosos da graça, como uma fundação. A filiação a uma Igreja é, em princípio, obrigatória e, portanto, nada prova quanto às qualidades dos membros. A seita é, porém, uma associação voluntária apenas daqueles que segundo o princípio, são religiosa e moralmente qualificados. Quem encontra a recepção voluntária da sua participação, em virtude da *aprovação* religiosa, ingressa na seita voluntariamente" (grifo nosso). Cf. WEBER, 1982, op. cit., 1982, p. 351. Às vezes, Max Weber usa os vocábulos *seita* e *religião* indistintamente. Todavia, devemos entender que ele usa também o vocábulo *igreja* como sinônimo de *seita* e não como seu contrário, já que nos Estados Unidos da América a religião predominante é a protestante (seitas). Max Weber ao utilizar os conceitos *igreja* e *seita* em sentido oposto, ele está a se referir, por exemplo, Igreja Católica como *igreja* e, uma boa parte de Protestantes como *seita*.

> nas Igrejas. Com isso, o vendedor observou: 'Senhor, de minha parte, quem quiser pode acreditar ou não; mas se eu visse um agricultor ou um comerciante que não pertencesse a nenhuma Igreja, não lhe daria crédito de cinqüenta centavos. Por que me haveria de pagar, se não acredita em nada?' [(174)] (grifo nosso).

Caso nº 2

> A questão tornou-se um pouco mais clara com a história de um especialista de nariz e garganta, de nacionalidade alemã, que se instalara numa grande cidade às margens do rio Ohio e que me narrou a visita de seu primeiro paciente. A pedido do médico, ele deitou-se na mesa para ser examinado com a [ajuda de] de um refletor de nariz. O paciente sentou-se imediatamente e lhe disse com dignidade e ênfase: 'Senhor, sou membro da .... Igreja Batista na Rua...'. Intrigado com a possível significação do incidente para a enfermidade do nariz e seu tratamento, o médico fez indagações discretas junto a um colega americano. Esse, sorrindo, disse que a declaração do paciente sobre a Igreja a que pertencia queria simplesmente dizer: 'Não se preocupe com os honorários' [(175)] (grifo nosso).

Caso nº 3

> Numa bela e clara tarde de domingo de princípios de outubro compareci a uma solenidade de batismo numa congregação batista. Estava eu em companhia de alguns parentes que eram agricultores no interior, a alguns quilômetros da cidade de M., na Carolina do Norte. O batismo deveria realizar-se num pequeno lago [...]. Estava frio, e houvera geada durante a noite. [...]. O pregador, num terno preto, estava mergulhado até o peito no lago. Depois de vários preparativos, cerca de dez indivíduos de ambos os sexos, em suas melhores roupas dominicais, entraram na água, uma depois da outra. Declaram sua fé e em seguida totalmente mergulhados [...]. Durante o mergulho de um dos jovens, meu parente agitou-se:
> - Veja! Eu bem lhe disse!
> Depois da solenidade, perguntei-lhe como havia adivinhado que tal homem se batizara.
> - Porque ele deseja abrir um banco em M. – respondeu-me
> - Há ali tantos batistas, que lhe possam garantir movimento?
> - Não, mas ao ser batizado ele conseguirá a preferência de toda a região e superará qualquer pessoa [(176)] (grifo nosso).

Max Weber chegou à conclusão que a filiação as seitas Batistas, Presbiterianas, Metodistas e a outras congêneres, era sinônimo de crédito moral, e mais especificamente crédito comercial. Logo, o êxito nos negócios pertencia apenas

[174] WEBER, 1982, op. cit., pp. 348-349.
[175] Ibid, p. 349.
[176] Ibid, pp. 349-350.

àqueles que eram filiados à seita. Pois, os credores tinham certeza que não sofreriam qualquer prejuízo nos negócios causados por um de seus membros, visto que a seita prezava pelo próprio prestígio institucional [177]. A participação na seita significava uma certificação moral-comercial. O contrário também era verdadeiro: "A exclusão de uma Igreja, por motivos de ofensas morais, significa, economicamente, a perda de crédito e, socialmente, a perda de classe" [178].

O fundador do Rotary, Paul Percy Harris, chegou a Chicago, com vinte oito anos de idade, em 1896, período marcado por uma depressão financeira em todo território norte-americano [179]. Esse advogado recém formado alugou uma sala para exercer sua profissão. Todavia, começar advogar em Chicago, era mais difícil do que se pensava, declarou Paul Harris. Ainda assim, segundo ele, não esperava obter muitos clientes, mas que nunca contava ausência completa de serviços advocatícios [180]. Dos vários advogados, jovens e velhos que temporariamente estiveram ligados a Paul Harris, a maioria encontrou dificuldades que em determinados casos os levaram ao fracasso em face de disputada concorrência [181]. É flagrante, entretanto, que nesse período histórico houve, em Chicago, uma epidemia de fraudes o que se tornou uma fonte de negócios para os advogados: "Os tribunais trabalhavam em horas extraordinárias, decretando embargos e falências" [182]. Há que entender que havia demanda de serviços no campo do Direito, mas por que então não havia clientela para esse advogado e para seus amigos em igual situação?

> Passava bastante tempo nos tribunais para me familiarizar com suas práticas e estudava processos e acórdãos até altas horas da noite, mas quanto a clientes, continuava a não haver nenhum. Trocava impressões com outros advogados novos, mas pouco aprendia que me trouxesse vantagem; alguns tinham parentes e amigos de influência; e outros, tal como eu, lutavam [183] (grifo nosso).

Tudo indicava que a rede de sociabilidades de Paul Harris, na grande Chicago, encontrava-se deficitária. Percebeu que sem amizades de natureza social,

---

177 WEBER, 1982, op. cit., p. 351.
178 Ibid.
179 HARRIS, Paul Percy. *O fundador de Rotary*. São Paulo: Rotary Club de São Paulo, 1954, p. 80.
180 HARRIS, 1953, op. cit., p. 223.
181 HARRIS, 1954, op. cit., p. 88.
182 Ibid., p. 81.
183 HARRIS, 1953, op. cit., p. 224.

dificilmente alcançaria sucesso nos negócios. Sentia-se um estranho [184] e, portanto, sem “crédito” comercial e, conseqüentemente, pouca chances de mobilidade social. Nesse sentido, não é pouco expressiva a conclusão de Marx Weber: “[...] quem desprezasse as associações [...] tinha de trilhar o caminho difícil, especialmente na vida econômica” [185]. Esse viajante alemão percebeu que a democracia estadunidense é um “animado complexo de associações rigorosamente exclusivas, embora voluntárias”, e “essas associações estavam longe de aceitar qualquer pessoa de braços abertos como a um igual” [186]. Quem desejasse ser plenamente aceito nessa democracia americana, em qualquer posição, “tinha de ser capaz de mostrar que havia conseguido ingressar, por votação, numa das seitas, clubes ou sociedades, não importa de que tipo, desde que fosse tida como suficientemente legítima” [187].

Paul Harris notou que as estratégias de mobilidade social, por um caminho menos pedregoso, seria a de freqüentar e associar-se a instituições seculares e religiosas. Tentou imiscuir-se em política [188], mas não teve sucesso. Tornou-se sócio do Clube de Imprensa e começou a comungar refeições com celebridades de jornais e outros homens de méritos literários [189]. Passou a freqüentar, não pouca vezes, diversas denominações, como Cultura Ética e disquisições Cristã, Católica, Quaker, Teosófica, Bahita, Judia, Metodista, Presbiteriana, Batista e Congregacional [190]. Tornou-se sócio de instituições profissionais como a Bar Association, Press Club, Bohemian Club, Association of Commerce [191]. Paul Harris percebeu que o ato de associar-se renderia frutos, a dizer, clientelas [192].

Não satisfeito ainda, Paul Harris identificou que vários de seus clientes eram apenas amigos comerciais. Sua idéia foi a de converter seus amigos de negócios em amigos sociais, ou seja, reunir um grupo de comerciantes pela estima social [193]. Mas,

184 HARRIS, 1954, op. cit., p. 80.
185 WEBER, 1982, op. cit., p. 357.
186 Ibid., p. 356.
187 Ibid, p. 357.
188 HARRIS, 1954, op. cit., p. 85.
189 Ibid., p. 86-87.
190 Ibid., p. 87.
191 HARRIS, 1953, op. cit., p. 224.
192 Ibid.
193 HARRIS, 1954, op. cit., p. 91-92.

deveriam ser reuniões sem etiqueta e formalidade [194]. Seria de grande vantagem que cada sócio tivesse representação exclusiva de seu próprio negócio ou profissão particular com vistas a prestarem ajuda mútua. Podemos deduzir que os princípios do associativismo voluntário, de caráter profissional, sob a nomenclatura Rotary Club, encontravam-se fundamentados sob a ética da moralidade e retidão cívica [195].

Paul Percy Harris, como um profissional fracassado nos negócios no início de sua carreira de advogado, foi levado a pensar estratégias institucionais de auferir e assegurar confiabilidade. Mas como fazer isso numa metrópole? Os grandes centros urbanos, tal como Chicago, encontravam-se, na virada do século, caracterizados pela forte mobilidade geográfica e significativa diversificação étnica. O comércio, as trocas e as transações comerciais estavam bastante desenvolvidos nesse universo de *big city*. E transações, sobretudo quando se desenrolam no tempo (transação baseada no crédito, por exemplo) supõem confiança. Mas só se estabelece confiança pelo menos por meio de três formas: a)- entre pessoas que se conhecem; b)- entre pessoas que não se conhecem, mas que se reconhecem como "pertencentes ao mesmo mundo" (por exemplo, nacionalidade, regionalidade); c)- entre pessoas portadoras de signos de honorabilidade [196]. Desse modo, os "vendedores" de bens e serviços, em *locus* de grande heterogeneidade étnica e de forte mobilidade da população, deparavam-se e eram deparados com inúmeras pessoas desconhecidas e irreconhecidas. Logo, se valer de signos de honorabilidade (certificado da associação voluntária civil ou religiosa) era uma estratégia de garantia, com poucos custos, de uma linha de crédito material ou simbólica. A organização (Rotary) ao ser fundada em meio a grande mobilidade populacional e diversidade étnica, também se viu emissora de signos honorabilidade tais como lapela, certificado, como meio seguro de conseguir realizar trocas e transações.

Uma outra componente, não menos importante, pertencente ao cenário do surgimento do Rotary Club, é a urbanização (metropolização). Pois é do entardecer do século XIX à aurora do século XX, que não somente os integrantes vindos do

[194] HARRIS, 1953, op. cit., p. 231.
[195] HARRIS, 1953, op. cit., 233.
[196] BOUDON, Raymond; BOURRICAUD, François. *Dicionário crítico de sociologia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001, p. 4.

exterior se sentiram atraídos pelos centros urbanísticos da sociedade estadunidense, mas também os jovens norte-americanos das fazendas e da zona rural se viram presos a essa febre urbana [197]. A década de 1880 é vista, pelos analistas da demografia americana como o período da “divisão de águas”, isto é, uma transição de uma população predominantemente rural para uma marcadamente urbana [198]. Em razão desse crescimento vertiginoso, o século XX foi chamado de "século das cidades", ou ainda, o século do "fim da supremacia rural" [199]. Nesse contexto, Chicago foi uma das cidades no topo da lista em termos de crescimento populacional na área urbana.

Ely Chinoy enuncia que em geral, as pessoas retratam a cidade grande em duas imagens opostas: uma de hostilidade e a outra de virtuosidade. A cidade grande é cognominada de uma ampla prisão para a alma, assim como as gaiolas o são para os pássaros, porque não é dado aos sentidos humanos espaço suficiente. Se de um lado, o quadro da cidade grande é pintado como infeliz, artificial, imoral e degenerado, do outro, há os defensores da cidade grande que a pintam como a mestra do homem, como a fonte do desenvolvimento da mentalidade, da iniciativa e das consecuções do homem. Sendo assim, a cidade grande é o ambiente da faculdade criativa [200].

Paul Harris, em sua autobiografia, apoia-se em John Burroughs para dizer que a cidade grande desgasta muito rapidamente o homem e ainda afrouxa os laços de família. A cidade sofistica o homem, mas o debilita. A corrente autêntica de humanismo sempre vem do campo para a cidade, ao passo que da cidade grande para o campo chega um humanismo anêmico: “uma nação sempre começa apodrecer nas cidades e acabaria podre não fosse o sangue bom e fresco que flui do campo para os centros de população” [201]. Os homens se concentram nas cidades como sardinha em lata e, quando não encontram o que mais comer, uns devoram aos outros. Para Paul Harris, as pessoas da cidade grande possuem um

---

197 WADE, Richard C. A Urbanização. In: WOODWARD, 1972, op. cit., p. 205.
198 NARO, Nancy Priscilla S. *A formação dos Estados Unidos*. 9. ed. São Paulo: Atual, 1994, p. 50.
199 WADE, 1972, op. cit., p. 205.
200 CHINOY, Ely. *Sociedade*: uma introdução à sociologia. São Paulo: Cultrix, 2002, p. 385-386.
201 HARRIS, Paul Percy. *Meu caminho para rotary*. Santos, SP: 1990. Disponível em: <http://www.rotary4310.org.br/Caminho/caminho.htm >. Acesso em: 01abril 2003, p. 120.

humanismo anêmico formatado no aglomerado de pessoas. Pode-se considerar aqui que o humanismo anêmico da cidade grande foi um ambiente propício para despertar o surgimento da associação voluntária de natureza secular, a dizer, o Rotary Club. Estudos têm mostrado que as associações voluntárias são características das sociedades urbanas, embora possam ser encontrados, em sociedades rurais, grupos organizados tanto quanto em *locus* urbanos [202].

A industrialização também é um outro objeto do palco cênico. O historiador norte-americano Thomas Cochran descreve que a industrialização estadunidense foi rápida a partir do início do século XIX. Em vista do interesse norte-americano pela tecnologia e também possuidora de vastos recursos naturais, nunca pareceu haver dúvida alguma de que o progresso industrial reproduzisse o firme avanço da Grã-Bretanha. Acelerados pelas características da personalidade e da cultura norte-americanas, os Estados Unidos de 1900 estavam emparelhados com os líderes industriais do mundo. O mercado interno norte-americano, no início do século XX, tornara-se o maior do mundo e isso, por seu turno, incentivou as operações em maior escala no terreno dos negócios com maiores economias na produção, na administração, no marketing e na pesquisa [203]. Robert Divine apresenta os norte-americanos como triunfadores no desenvolvimento das máquinas operadoras mais sofisticadas e dignas de confiança do mundo. Os avanços conseguidos foram sinais de uma aptidão especial dos americanos para a fabricação de ferramentas, de precisão essenciais para uma industrialização eficiente [204].

Se levarmos em conta que a industrialização e a tecnologia na grande metrópole de Chicago contribuíram para o empobrecimento das relações interpessoais, podemos afirmar que Paul Harris estava entre os seres humanos que eram vítimas da industrialização e, ele faz uma crítica ao expressar que as máquinas causam a alienação na medida em que elas se tornam o foco das atenções. O olhar unilateral para a máquina desgasta a sensibilidade do homem de ver o outro, bem como a de ver a si mesmo:

> Do que necessitamos é uma filosofia de vida sensível, integral, altaneira. A subserviência à máquina não nos levará a nada. O mais

[202] SILLS, 1974, op. cit., p. 617.
[203] COCHRAN, Thomas C. A industrialização. In: WOODWARD, 1972, op. cit., p. 195.
[204] DIVINE, Robert A. et al. *América passado e presente*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1972, p. 298.

> alto das minhas aspirações para os meus compatriotas é que eles sejam vistos, pelo mundo, como um povo amante da educação e da vida em família [(205)] (grifo nosso).

De igual modo, a diversidade étnico-cultural está entre as outras peças do cenário. Essa diversidade étnico-cultural se deveu ao aumento vertiginoso do fluxo migratório em função das indústrias na América do Norte, que precisavam de mão-de-obra não especializada, o que de fato atraiu uma multidão de pessoas com o sonho de prosperidade. Segundo a secretaria do censo americano, nada menos de quatro milhões de emigrantes penetraram os Estados Unidos entre 1840 e 1860, o que é um fluxo muito grande comparado com a população norte-americana de vinte milhões nesse período [(206)]. Os grandes centros, já no início do século XX, tornaram-se uma pluralidade étnica. Thomas Sowell informa que a história dos grupos étnicos norte-americanos é um complexo agregado de grupos e indivíduos, padrões de profundas diferenças e de um espírito humano com os seus muitos disfarces. Essa diversidade de culturas produzia fricção entre os vários grupos étnicos, não somente nos aspectos de valores e crenças, como também nas diferentes formas de comportamento social ao transmitir sentimentos e atitudes. Um olhar, um gesto, o tom da voz podiam significar alguma coisa muito diferente de uma cultura para a outra, provocando continuadas incompreensões e sentimentos de inquietação, afronta ou hostilidade. Famílias etnicamente diferentes levadas a morar juntas em conjuntos habitacionais freqüentemente se auto-segregavam, ainda que estatisticamente estivessem integradas [(207)]. Pessoas de um mesmo grupo étnico se instalaram entre si e fecharam-se às outras culturas, como forma de preservar sua identidade cultural, ou para preservar o bem-estar pessoal de permanecer somente naquela etnia. Chicago, como um grande centro urbano, não escapava dessas fricções, segregações e agregações fechadas entre as várias etnias que se instalaram ali. Essas tensões características nas várias etnias urbanizadas, de certa forma, atenuavam, dificultavam as relações interpessoais entre os sujeitos que

---

[205] HARRIS, 1990, op. cit., p. 115.
[206] DIVINE, 1972, op cit., p. 299.
[207] SOWELL, 1988, op. cit., p. 326.

moravam nos grandes centros.

Podemos considerar que a diversidade étnica em Chicago dificultava, de certo modo, relações fortes entre as pessoas. Paul Harris externaliza sua própria experiência no que tange às dificuldades de se fazer amizades numa sociedade multi-étnica: "fazia minhas refeições em restaurantes alemães, escandinavos, italianos, gregos e húngaros. Fazia algumas relações, mas não amizades" [208]. No original inglês a última frase é mais enfática: "I made acquaintances but not real friends" [209] (grifo nosso). Tratava-se de não conseguir fazer verdadeiras amizades. Será por que Paul Harris não conseguia fazer reais amizades nesses espaços representativos de disparidades étnicas, como era o caso desses restaurantes? "Algumas relações", disse ele, eu consegui, mas "não reais amizades". Podemos inferir que os múltiplos espaços étnicos em Chicago dificultavam o relacionamento significativo entre as pessoas, o que significava o favorecimento de constituição de associações conforme os interesses bem compreendidos no sentido tocquevilleniano.

Um outro fragmento do cenário, não menos significativo, de natureza interna e psicológica, foi o sentimento de solidão sentido pelo fundador do Rotary. Anne Junqueira informa que as grandes metrópoles norte-americanas como Nova York, Chicago e Los Angeles têm sido interpretadas em função do seu gigantismo como espaços propagadores de temores, provocadores de solidão e propaladores de pânicos esporádicos e, por isso, são chamadas de *urban wilderness*. As grandes cidades foram qualificadas de *wilderness* porque nelas as pessoas se sentem sozinhas em meio à multidão, fragmentadas e perdidas no turbilhão, sem laços tradicionais de relacionamento [210]. O vocábulo *wilderness* significa a produção de humores que produzem determinados sentimentos e sensações no homem. É uma espécie de estado mental provocado pela observação de determinado lugar. São os sentimentos que os lugares descampados para uns e turbilhonados para outros provocam no sujeito, deixando-o desnorteado e estranhado. O conceito de *wilderness* está relacionado a um lugar onde a percepção humana é abalada ou

[208] HARRIS, 1990, op. cit., p. 96.
[209] HARRIS, Paul Percy. *My road to rotary***.** Illinois, EUA: Rotary Internacional, 1945, p. 229.
[210] JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao sul do rio grande imaginando a América Latina em seleções*: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970). Bragança Paulista: EDUSP, 2000, p. 61.

ampliada. É onde o homem perde as referências que governam sua vida. Qualquer lugar em que o homem se sinta sem orientação pode ser chamado de *wilderness*. Isso quer dizer que um habitante da cidade pode sentir *wilderness* no campo, e o habitante do mundo rural pode experimentar *wilderness* na cidade [(211)].

Esse sentimento de solidão, característico dos grandes centros, foi sentido e verbalizado por Paul Percy Harris em sua autobiografia. Ele mesmo confessa o seu desalento na fervilhante Chicago:

> [...] Week days, though they brought me many disappointments, had one advantage-business kept me from thinking about myself. Sundays and holidays were my days of sorrow**.** I coud go to the dowtown churches Sunday mornings, but during the long Sunday afternoons I was desperately lonely. [...] There is no place like a city park on a Sunday afternon to feel one's loneliness**.** The very presence of so many strangers accentuated it more than boundless expanses of land e water could have done Even the music of excellent bands failed to dispel my gloom [(212)] (grifo nosso).

Os vocábulos *disappointments, sorrow, lonely, loneliness* e *gloom* descrevem o estado de espírito de Paul Harris na grande Chicago. Esses cinco termos utilizados por Paul Harris podem ser traduzidos como expressão de seu estado emocional: *disappointments* (desapontamento, decepção, frustração, desilusão), *sorrow* (pesar, aflição, contrição, lamento) *lonely* (solitário, desacompanhado, retirado, isolado, deserto, ermo, triste, desolado) *loneliness* (solidão, isolamento) e *gloom* (desânimo, desalento, melancolia, tristeza, depressão, abatimento) [(213)].

Também é plausível que se descreva aqui mais um cenário do surgimento do Rotary Club em território americano. E começaríamos por duas (2) pistas expressivas deixadas pelo membro do partido comunista da Itália, Antonio Gramsci. O primeiro encalço hipotético formulado por esse intelectual da política é que "o programa

---

[211] JUNQUEIRA, 2000, op. cit.,p. 61.

[212] HARRIS, 1945, op. cit., p. 229. "[...] Os dias úteis da semana, embora me trouxessem algumas frustrações, ofereciam-me as compensações de conservar-me ocupado com os deveres profissionais, esquecendo os meus amargores espirituais. Domingos e feriados eram dias monótonos. De manhã podia ir à igreja, ao centro da cidade, mas às tardes eu caia em solidão. [...] Nada como um parque de cidade grande, nas tardes de domingo, para despertar o senso de solidão. A presença de uma multidão de desconhecidos acentua-o mais do que a vastidão ilimitada de terra ou de água. Nem mesmo, a música de excelentes bandas conseguiam dissipar a minha melancolia" (grifo nosso). Tradução de Olavo Alberto de Carvalho. In: HARRIS, 1990, op. cit., p. 96. (Formato Word.doc).

[213] HOUAISS, Antônio. *Dicionário inglês-português*. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

essencial do Rotary Club *parece* ser a de difundir um novo espírito capitalista" [214]. "O Rotary gostaria que fosse superado o 'capitalismo selvagem'" [215]. O segundo indício deixado por Gramsci é que o Rotary tem uma função, em escala internacional, "mediar entre extremos, imaginar compromissos e alternativas entre as soluções extremas" [216].

Supostamente, o capitalismo que o Rotary propõe a difundir, não é selvagem, senão, um novo tipo de capitalismo. Mas qual seria esse novo? Antonio Gramsci não deixou seu leitor tão órfão: "a indústria e o comércio, antes de serem um negócio, são um *serviço* social, ou, mais precisamente, de que são e podem ser um negócio na medida em que são um 'serviço'" [217]. Seria um tipo de capitalismo social? Alceu Amoroso Lima, ao comentar da economia norte-americana no princípio do século XX, descreve que o capitalismo americano transformou seu velho capitalismo em algo novo [218]. Esse intelectual brasileiro sugere que o capitalismo estadunidense, do novo século, não se configurava sob os mesmos moldes liberais do século passado [219]. Portanto, essa nova feição da economia foi nomeada de "capitalismo social" [220].

A década do nascimento do Rotary Club (1900-1910) é caracterizada pela historiografia norte-americana de *era progressista* ou *era reformista* [221]. O capitalismo concorrencial estadunidense do século XIX se converteu em capitalismo monopolista no início do novo século. Pois, nos Estados Unidos, mais que nos países europeus, teve o progresso econômico alinhado a alguns grandes nomes que

---

[214] GRAMSCI, op. cit., v. 4, p. 295. [caderno 5, miscelâneo, parágrafo 2, 1930-1932].
[215] Ibid., p. 296. A edição brasileira de 1969 traduziu para *capitalismo de rapina*. Cf. GRAMSCI, Antônio. *Maquiavel, a política e o estado moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 415.
[216] Ibid., v. 3, p. 42. [caderno 13, parágrafo 17, 1932-1934].
[217] Ibid, v. 4, p. 295-296.
[218] LIMA, 1955, op. cit., p. 88-89. Se de um lado Alceu Amoroso Lima usa os seguintes conceitos para referir-se ao *velho capitalismo* (p. 88): "capitalismo liberal" (p. 81, 108, 115), capitalismo clássico (p. 88, 92) "capitalismo instintivo" (p. 110), "capitalismo tradicional" (p. 90, 103, 112). Por outro lado, faz uso de outros conceitos para aludir-se ao *novo capitalismo* (p. 114): capitalismo civilizado (p. 113), capitalismo social (p. 108, 114, 115, 118, 120).
[219] Ibid., p. 81.
[220] Ibid., p. 113-114.
[221] SELLERS, Charles; MAY, Henry; MCMILLEN, Neil R. *Uma reavaliação da História dos Estados Unidos*: de colônia a potência imperial. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, p. 279. Cf. também FOHLEN, Claude. *América anglo-saxônica*: de 1815 à atualidade. São Paulo: Pioneira; USP, 1981, p. 223.

se transformaram em símbolos da industrialização, do êxito e da riqueza: Vanderbilt, Jay Goud, James Hill, nas estradas de ferro; Carnegie, na metalurgia; Rockefeller, no petróleo; Morgan, no banco; Henry Ford, no automóvel; Du Pont de Nemoursm na indústria química. Esses nomes puderam criar empresas gigantescas, conseguiram eliminar seus concorrentes e estabelecer monopólio e auferir grandes fortunas [(222)]. Os historiadores apontam que em 1840 não se contavam mais que 20 milionários em todos os Estados Unidos da América, ao passo que em 1892, publicava-se uma lista de 4.047 milionários. Um estudo da secretaria de recenseamento calculou, em 1893, que 9% das famílias possuíam 71% da riqueza nacional. Esses novos ricos barravam o caminho dos americanos ao novo padrão social da era industrial [(223)]. A classe média americana começou a se sentir desclassificada em relação aos novos *businessmen*. Segundo o historiador Hofstadter foi da classe de advogados que surgiu grandes líderes do movimento progressista (reformista). Os advogados dos anos 1870-1880 tinham ocupado uma elevada posição na escala social [(224)], todavia essa posição vinha se perdendo na transição do século XIX para o XX [(225)]. A classe de advogados aliados a outras categorias profissionais começou a pressionar o governo e sociedade a reformar a estrutura da manutenção das oportunidades sociais num mundo transformado pela revolução industrial americana e pela tentacular influência da *business community* [(226)]. O reformismo correspondia aos esforços de adaptação à era tecnológica. A pressão dos reformistas, formada não somente pelos profissionais liberais, mas também pela classe operária organizada, sindicatos e associações de imigrantes, pressionaram o governo no sentido de corrigir os abusos e defender a moralidade nos negócios. Dentre as lutas reformistas, havia temas como: justiça social, reorganização profissional, regeneração moral, racionalidade nos negócios, ética comercial, equidade social e melhoramentos urbanos [(227)].

---

[222] FOHLEN, 1981, op. cit., p. 262.
[223] Ibid., p. 233.
[224] É nesse período que o fundador do Rotary Club, Paul Percy Harris, encontrava-se cursando o Direito.
[225] HOFSTADTER, apud FOHLEN, 1981, op. cit., p. 234
[226] Ibid.
[227] SELLERS, 1990, op. cit., p. 281.

Paul Percy Harris denuncia o contexto social de Chicago ao denominá-la metrópole "fervilhante" e de grande "turbulência anárquica".

> O clima de insegurança reinante em Chicago, naquela época, prevalecia em outras regiões do país. De maneira generalizada, os negócios iam mal: a ética comercial agredida, em desfavor dos consumidores, dos empregados e competidores. O espírito de comunidade estava praticamente esquecido [228] (grifo nosso).

Temos na boca do fundador do Rotary Club, críticas lançadas ao capitalismo selvagem. Paul Harris, imbuído do espírito reformista, emite claras críticas à ausência do espírito social pelos imperialistas da economia. No binômio capital-trabalho, a ênfase estava no primeiro e o desfavor no segundo. A competição estava agredida pelo monopólio.

O Rotary nasceu sob a ética progressista ou reformista. Embora nos primeiros anos da instituição rotária fosse caracterizada pela ajuda mútua, o espírito reformista já fazia parte de sua prática. Um programa foi estabelecido para aumentar o quadro social e realizar serviços à comunidade:

> Nos primeiros dois anos de existência do Rotary Club de Chicago não tomei parte da sua administração, mas indicava os diretores, e a minha orientação administrativa era sempre acatada. Posso ser acusado de haver exercido o poder ditatorialmente. Mas isso foi pela devoção que eu via a idéia desenvolver-se em realidade. No terceiro ano fui eleito presidente e a minha plataforma constou de, primeiro, expandir o quadro social do clube de Chicago; segundo, estender o movimento a outras cidades; terceiro, intensificar a ação do clube em favor da comunidade, como um dos seus propósitos [229] (grifo nosso).

A primeira ação social desenvolvida pelos rotarianos de Chicago foi a construção de instalações sanitárias públicas nessa cidade:

> Mesmo antes da fundação do segundo Rotary Club, convenci o Rotary Club de Chicago a contribuir com a comunidade, promovendo, com auxílio das autoridades e do povo, a construção de instalações sanitárias públicas na cidade. É possível que outro serviço mais atrativo pudesse ter sido escolhido para nossa primeira contribuição, mas teria sido difícil haver achado outra que despertasse maior interesse. Duas forças formidáveis levantaram-se contra nós. Uma foi a associação dos cervejeiros de Chicago, que

[228] HARRIS, 1990, op. cit., p. 94.
[229] Ibid., p. 97.

> afirmava que os seis mil bares da cidade ofereciam instalações suficientes para todos os habitantes homens. A outra foi Associação de lojas de Departamentos na State Street, que afirmava serem, as acomodações das lojas livres, suficientes para todas as mulheres. Os proponentes da medida, no entanto, contestaram que os homens não precisariam comprar cerveja nem as mulheres adquirir mercadorias para servirem-se de sanitários. Foram construídos os mictórios públicos [230] (grifo nosso).

O fundador Paul Percy Harris afirma que somente depois de resoluções de muitas necessidades sociais é que foi adotada a palavra "serviço" [231]. Daí o Rotary Club e outros clubes congêneres serem classificados como "clubes de serviço". Disse Paul Parcy Harris:

> Centenas de pequenas cidades, em clima de absoluta pasmaceira desenvolvimentista, assumiram nova vitalidade com a criação de R.C. Campanhas de limpeza surgiram, formaram-se grupos de escoteiros e conjuntos musicais jovens; associações comerciais estagnadas, reviveram e outras foram fundadas. Acampamentos de jovens foram assumidos. Mais do que incentivadores, os rotarianos, na maioria das vezes, foram os "João faz tudo". Os que não podiam contribuir com dinheiro faziam-no com trabalho. Quem soubesse bater um prego virava carpinteiro, negociantes transformaram-se em pedreiros, eletricistas, encanadores, conforme a oportunidade [232].

Assim, tentamos remontar aqui as peças e artefatos que compuseram o palco cênico do surgimento do Rotary Club. Enfim, podemos, em síntese, afirmar que a organização rotária nasceu em um contexto caracterizado pelo: a)- estado ampliado; b)- associativismo fundado no interesse bem compreendido; c)- circulação de signos de honorabilidade; d)- urbanização; e)- industrialização f)- diversidade étnico-cultural; g)- ambiente despertador de solidão; h)- movimento reformista. Também nesse mesmo cenário americano foi palco de outras instituições congêneres: National Exchange (1911), Sertoma International (1912), Gyro International (1912), Kiwanis (1915), Lions Club (1917), Altrusa internacional (1917), Optimist Internacional (1919), Cosmopolitan (1918), Civitan, Internacional (1920), Ruritan Nacional (1920), Active 20-30 (1920), Usjayces (1920), Torch (1924), Soroptimists, Zonta (1919), Quota,

---

230 HARRIS, 1990, op. cit., p. 104-105.
231 Ibid, p. 100.
232 Ibid.

Pilot [233].

O próprio fundador do Rotary Club aconselha: “nada é mais propício para estabelecer as relações com pessoas qualificadas do que fazer parte do quadro social de um Rotary Club. Mas se não houver um Rotary Club, que seja um Kiwanis ou Lions Club ou outro qualquer clube de serviço” [234]. O curioso é que Paul Harris faz inferência apenas a esses três clubes de serviço. Talvez, seja pela predominância [235]. Na tabela a seguir, há um mapeamento do local e ano de surgimento dos principais clubes de serviço originadas nos Estados Unidos da América:

CLUBES DE SERVIÇO	**LOCAL DE NASCIMENTO**	*ANO DE SURGIMENTO*
Rotary Club	Chicago, E.U.A.	1905
National Exchange	Detroit, E.U.A.	1911
Sertoma International	Kansas City, E.U.A.	1912
Gyro International	Cleveland, E.U.A.	1912
Kiwanis	Detroit, E.U.A.	1915
Lions Club	Dalas, Texas, E.U.A.	1917
Altrusa International	Nashville, E.U.A.	1917
Otimista Internacional	Louisville, E.U.A.	1919
Civitan International	Birmingham, E.U.A.	1920
Ruritan National	Holland, Virgínia, E.U.A.	1920
Active 20-30	E.U.A.	1920

Quadro 2 - Clubes de Serviço, local e data de origem.
Fonte: *Enciclopédia Mirador* (1987, p. 2564, v. 6).

Após dez anos de atuação nos Estados Unidos da América, o Rotary Club buscou difundir-se na América Latina. Os países mais visados foram: Cuba, Uruguai,

[233] Os sites dos respectivos clubes de serviços podem se acessados nos seguintes endereços: 1- Rotary Club (www.rotary.org ou www.rotaryint.com.br); 2- National Exchange (www.nationalexchangeclub.com); 3- Sertoma International (www.sertoma.org); 4- Gyro International (www.gyro.ws ou international.gyro.ws); 5- Kiwanis (www.kiwanis.org); 6- Lions Club (www.lionsclubs.org) 7- Altrusa Internacional (www.altrusa.com); 8- Optimist Internacional (www.optimist.org); 9- Civitan, Internacional (www.civitan.org); 10- Ruritan Nacional (www.riritan.org); 11- Active 20-30 (www.active2030int.com), 12- Usjayces (www.usjayces.org); Torch International (www.torch.org); 13- Cosmopolitan International (www.cosmopolitan.org); 14- Zota Internacional (www.zota.org); 15-

[234] HARRIS, 1990, op. cit., p. 122.

[235] O Rotary Club, Lios Club e Kiwanis, em conjunto, formam *the big three* (os três grandes) por comporem 90% do total dos associados em clubes de serviço nos Estados Unidos. Cf. CHARLES, 1993, op. cit., p. 4. Para o ano de 1984 o Lions Club, Rotary Club e Kiwanis agregavam 2.623. 709 (dois milhões e seiscentos e vinte três mil e setecentos e nove) sócios. Já os clubes de serviço, Us Jayces, Optimist, Exchange, Riritan, Civitan, Sertoma e Active 20’ 30’, em conjunto, aglutinavam 579.094 (quinhentos e setenta e nove mil e noventa e quatro) associados. Cf. SILVA, 1984, op. cit., p. 267.

Argentina e Brasil. Em razão da Primeira Guerra (1914-1918), lentamente são instalados clubes em Havana, Montevidéu, Panamá e Lima [236].

Todavia, sobre o expansionismo rotário, Antonio Gramsci formulou mais uma pergunta: “Por que foi precisamente o Rotary Club que se difundiu fora da América? Por que isso não ocorreu com uma das outras tantas formas de associação que lá existem e que constituem uma superação das velhas formas religiosas positivas” [237]. Esse autor marxista levantou algumas hipóteses: “A causa deve ser buscada na própria América: talvez isso tenha ocorrido porque o Rotary organizou a campanha pelo *open shop* e, portanto, pela racionalização” [238].

No Brasil, os rotarianos norte-americanos, passaram três anos tentando instalar o Rotary Club do Rio de Janeiro e só conseguiram em 1922. Vários impasses foram encontrados no processo de instalação. Na tentativa de fundar o Rotary Club em território tropical, destaca-se o cônsul americano no Brasil, Richard P. Moursen, o qual, em 1919, conseguiu reunir empresários estrangeiros (norte americanos) radicados no Rio de Janeiro. Todavia, tais empresários não aceitaram participar do clube, motivo justificado por eles, de que já faziam parte de outras associações (Câmara do Comércio, Club Central, Country Club, Associação Cristã dos Moços, Hospitais, Seaments Mission, Patriotic Society etc.) [239].

Diante da tentativa, porém, sem sucesso, o Rotary Internacional enviou, em 1920, ao Rio de Janeiro, um de seus representantes, que era presidente da empresa Gill Manufacturing Company. Esse comissário, que tinha interesses comerciais no Brasil, escreveu um artigo no jornal *A Noite*: “Está em organização o 1º Clube Internacional Rotário no Rio”. Após vários contatos, houve, em 1921, uma nova reunião na qual esperava-se a participação de brasileiros e estrangeiros. Entretanto, estiveram presentes somente dois brasileiros e quinze estrangeiros, embora, em termos quantitativos já seria suficiente para iniciar um clube [240].

---

236 UHLE, 1991, op. cit., p. 42.
237 GRAMSCI, 2001, op. cit., v. 4, p. 296. [caderno 5, miscelâneo, 4, 1930-1932].
238 Ibid.
239 UHLE, 1991, p. 42-43.
240 Ibid, p. 43.

Então foi solicitada filiação ao Rotary Internacional do primeiro clube brasileiro. A resposta do Rotary Internacional foi negativa sob a justificativa de que não interessava um clube no Rio de Janeiro constituído por sócios estrangeiros, ou seja, o movimento rotário deveria atingir brasileiros e não se tornar uma organização estrangeira no Brasil [241].

Depois da segunda tentativa sem sucesso de fundar um Rotary Club no Rio de Janeiro, buscou-se realizar um trabalho de agremiar, predominantemente, homens de negócios nascidos no Brasil. Desse modo, conseguiu-se em 5 de dezembro de 1922, no Jóquei Clube, fundar o primeiro clube rotário em território verde e amarelo. Estavam presentes na reunião dezoitos candidatos a sócios do clube, dos quais dois não chegaram a compor o quadro de associados: João Thomé Saboya e Silva, Importador de acessórios para automóveis; Fernando de Magalhães, medicina-cirurgião; Lewis Wendel Hackett, saúde pública; Roberto James Shalders, aáquinas-acessórios; Henry Herman Lichtwart, associações (A. C. M.); Hebert Moses, advogado; Frederick Charles Brown, diversões-desportos; José Simão da Costa, [Ignorada]; Horácio Cartier, imprensa; David Bell, perito em contabilidade; Ismael de Oliveira Maia, Material de construção-importação; Renato da Rocha Miranda, carvão-mineração.

A diretoria foi composta pelos seguintes sócios: presidente, João Thomé de Saboya (engenheiro, senador da República e ex-governador do Ceará); vice-presidente, Fernando Magalhães (médico cirurgião); secretário, Roberto J. Shalders (máquinas-acessórios) [242].

Mesmo depois desses impasses de instalação do primeiro Rotary Club no Brasil, o que impressiona é o fato de ter havido um alto crescimento de rotarianos e de clubes em território brasileiro, chegando a ser, em 1957, o terceiro país do mundo com maior número de Rotary Clubs [243]:

---

241 UHLE, 1991, op. cit., p. 43.
242 Ibid., p. 45-46.
243 SETTON, 1996, op. cit. p. 27.

Por ordem de fundação, os Rotary Clubs nas capitais dos estados do Brasil foram os seguintes [244]:

Rotary Clubs	Data	Rotary Clubs	Data
RC Rio de Janeiro - RJ	**1922**	**RC Vitória – ES**	**1934**
RC São Paulo – SP	**1924**	**RC Joinville – SC**	**1934**
RC Belo Horizonte - MG	**1927**	**RC Aracaju – SE**	**1934**
RC Porto Alegre - RS	**1928**	**RC Natal – RN**	**1934**
RC São Luiz – MA	**1931**	**RC Teresina – PI**	**1937**
RC Recife – PE	**1931**	**RC Maceió – AL**	**1937**
RC Belém – PA	**1931**	**RC Campo Grande – MT**	**1939**
RC João Pessoa – PB	**1933**	**RC Goiânia – GO**	**1941**
Curitiba – PR	**1933**	**RC Rio Branco – AC**	**1945**
RC Salvador – BA	**1933**	**RC Porto Velho – RO**	**1945**
RC Manaus – AM	**1934**	**RC Macapá – AM**	**1946**
RC Fortaleza – CE	**1934**	**RC Boa Vista – RO**	**1949**

Quadro 3 – Data de fundação de Rotary Clubs em capitais Brasileiras.
Fonte: *Official Directory*

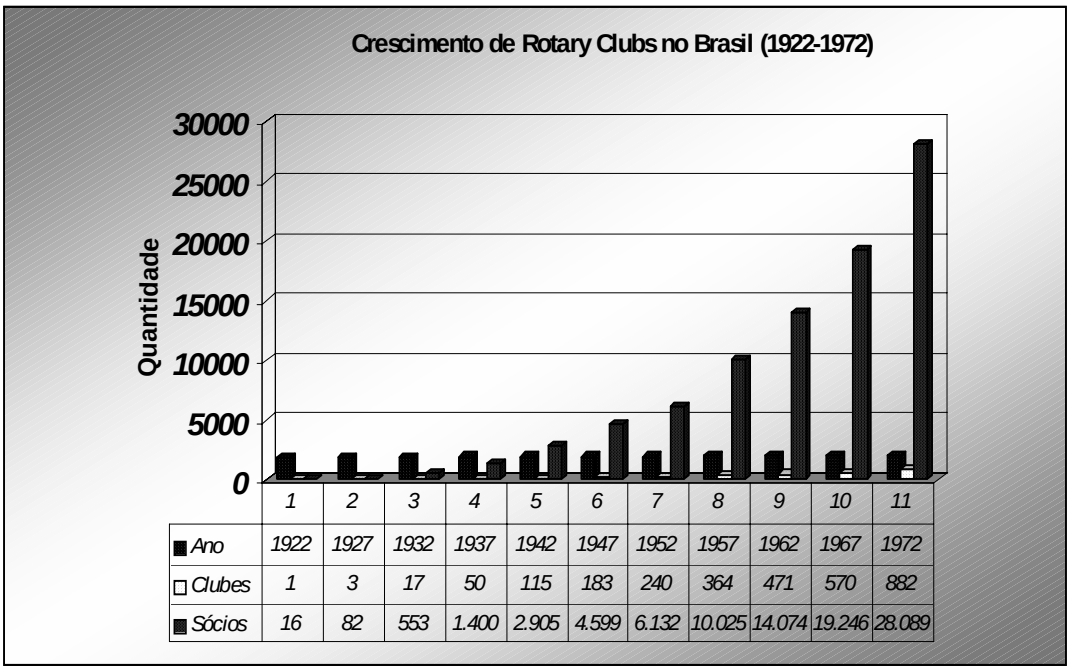


Gráfico 1 – Crescimento de Rotary Clubs e de sócios no Brasil entre os anos (1922-1972).
Dados obtidos de AMARANTE, Alberto Pires. *Contribuição à história do Rotary Club no Brasil*. Rio de Janeiro: Cooperativa Brasil Rotário, 1973, p. 83.

[244] *Official Directory*. Evaston, Illinois U.S.A: Rotary Internacional, 1985, p. D 61-D 68.

3 ROTARY CLUB: INSTALAÇÃO E SOCIABILIDADE FORJADA NA *CANAÃ DA INDÚSTRIA*

> *[...] graças aos trabalhos desenvolvidos com rapidez e eficiência pelo rotariano R. P. Simpson, do Clube de Governador Valadares, e que teve como colaboradores Hermírio Gomes da Silva e Antônio Rodrigues Coelho, além de outros, porém os citados (estavam) credenciados pelo então Governador do distrito 458 de R.I., Antônio Pereira de Souza, do clube de Belo Horizonte. O Clube de Governador Valadares foi o nosso padrinho* [(245)].
>
> *Eu ouvi falar em Rotary Club pela primeira vez em Coronel Fabriciano quando os companheiros de Governador Valadares vieram nos instruir para criar um Rotary Club na nossa região. Inicialmente pensei que fosse um clube social, mas o que nos entusiasmou muito foi o fato de justamente a proposta não ser um clube social e sim um clube de serviço* [(246)].

Nos anos quarenta do século passado, o Brasil era predominantemente rural [(247)]. Somente no período pós-guerra, principalmente a partir dos anos cinqüenta, que ocorreram mudanças significativas na estrutura produtiva do país. Houve substituições de importações, determinando assim uma diversificação maior da atividade produtiva, em especial a da indústria. No momento em que a industrialização ingressava na fase de produção desses bens, houve uma ampla intervenção do Estado, que passou a assumir função empresarial, voltando-se para a planificação do desenvolvimento. Daí a exigência de quadros com uma formação profissional técnico-científica e a capacidade de elaboração de projetos de desenvolvimento e formulações da ideologia nacional-desenvolvimentista [(248)].

O crescimento industrial no Brasil entre os anos 1940 e 1961 é bastante visível. Diga-se de passagem, que o crescimento de produção industrial quase sextuplicou.

---

245 *Boletim* do Rotary Clube de Coronel Fabriciano-Timóteo. 21 mar. 1979.

246 ANACLETO, Maurício Antônio, 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 27 set. 2003.

247 Em 1940, conforme apontado por Paul Hugon, a população rural no Brasil representava 69% da população total. Cf. HUGON, Paul. *Demografia brasileira*: ensaio de demoeconomia brasileira. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1977, p. 205.

248 ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: ABREU, Alzira Alves de (Org.). *A imprensa em transição*: o jornalismo brasileiro nos anos 50. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 16.

Particularmente, de 1955 a 1959, a expansão industrial no Brasil superou de longe os marcos de outra nação latino-americana em processo rápido de industrialização [249].

Foi nesse contexto de expansão industrial que foi implantada, em 1944, na região do "Vale do Aço", a Companhia Aços Especiais de Itabira - ACESITA e, em 1958, a USIMINAS. As instalações dessas empresas industriais acarretaram inevitavelmente um alto fluxo migratório. Sujeitos dos mais diversificados lugares do Brasil e do mundo fizeram ascender o índice demográfico dessa região. Basta dizer que o censo de 1950 registrou cerca de 22.186 habitantes, enquanto o censo de 1940 estampou apenas 3.791 [250]. Houve um crescimento de 585% em apenas dez anos. Esse crescimento vertiginoso não poderia originar-se somente da população interna, mas também pela alta taxa de migração.

Além dessas duas empresas industriais, já havia sido instalado na região, nos idos de 1936 [251], o escritório da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, com a finalidade de explorar carvão vegetal a partir das matas virgens que circundavam o "Vale do Aço" fomentando a indústria de madeira com a instalação de uma potente serraria.

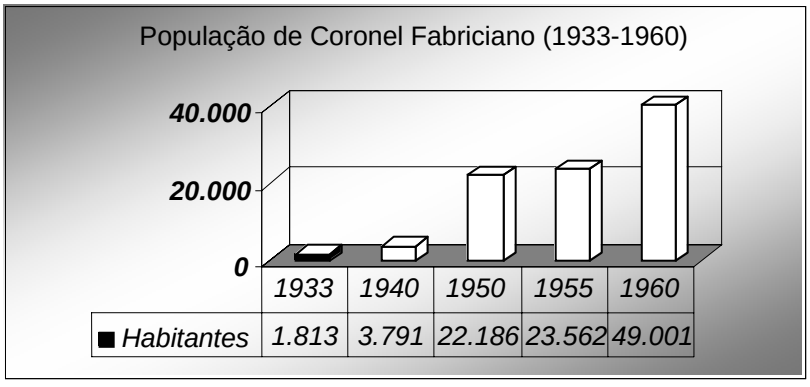


Gráfico 2 – Crescimento Demográfico em Coronel Fabriciano 1933-1960.
Fonte: *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, v. XXIV, p. 543-549.
Cartilha - *O Valle do Rio Doce,* 1933.
Diretrizes para o desenvolvimento micro-regional do Vale do Aço, 1974, p. 19.

[249] MARANHÃO, Ricardo. O estado e a política "populista" no Brasil 1954-1964. In: FAUSTO, Boris (Dir.). *O Brasil Republicano*: sociedade e política (1930-1964). 6. ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1996, p. 260.
[250] GETÚLIO, Wilson. Coronel Fabriciano. In: *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1958, vol. 34, p. 543-549.
[251] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 19, 2º quinzena, mai. 1960, p. 4.

Observa-se um vertiginoso crescimento demográfico em Coronel Fabriciano entre os anos de 1933 a 1960. Mesmo com a instalação da Belgo Mineira em Coronel Fabriciano em 1936, já havia, nos três anos anteriores, 1.813 habitantes [(252)]. Já o censo de 1940 registrou um crescimento de 209% atingindo não mais do que quatro mil pessoas [(253)]. Todavia, em 1950 computou-se uma população de 22.186 pessoas, ou seja, um elevado crescimento de 585%, coincidindo com a instalação da Companhia Aços Especiais de Itabira (Acesita) em 1944 e início de produção por volta de 1949 [(254)]. Detecta-se, na primeira metade dos anos cinqüenta, uma relativa estagnação populacional. Já na da segunda metade, há um disparo demográfico apontado em 1960, [(255)] o que também coincide com a implantação da Usiminas no distrito de Ipatinga em 1958 [(256)]. (sobre a região do Vale do Aço **mapas** em **anexo**).

O Rotary Club do município de Governador Valadares [(257)] (localizado acerca de 100

---

[252] Ressalta-se que a população de Coronel Fabriciano no ano de 1933, constada na Cartilha - *O Valle do Rio Doce*, refere-se Mello Vianna, distrito de Antônio Dias desde 1923. O topônimo Mello Vianna foi alterado para Coronel Fabriciano em virtude do Decreto-lei nº 148, de 17 dezembro de 1938 e tornou-se município com a lei estadual nº 336, 27 de dezembro de 1948. Cf. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* (vol. 34, p. 85-86 e 543-544).

[253] "(Em) final de 1943 eu cheguei aqui. Fabriciano era um lugarejo, era um distrito de Antônio Dias, pequeno, pouca gente. Não tinha ainda nem **quatro mil** pessoas". In: TORRES, Narciso Drummond. 2003, Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 3 mai. 2003. Os dados fornecidos por Narciso parecem-nos plausível quando se compara com os dados fornecidos pela *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* (vol. 34, p. 544), ou seja, 3.791 habitantes em 1940.

[254] "Os primeiros engenheiros da Acesita chegaram no fim de 1944. Porém, os barracões de residência dos operários só começaram a ser construído em 1945". Cf. TÔRRES, 2003, 3 mai., op. cit. Todavia, somente em 29 de abril de 1949 que ocorreu "a primeira corrida de gusa no Alto-forno nº 1, quando também foram instalados os equipamentos da Laminação e inaugurada a Forjaria. [...] Enquanto não entrava em operação a Aciaria – que aguardava a conclusão da usina hidrelétrica – a Companhia, prevendo obter algum faturamento, planejou a venda do gusa produzido. [...] A forjaria também foi responsável pelo faturamento da Acesita em seu primórdios. Desde final dos anos 40, passou a contribuir com a diversificação da produção da Companhia, através da fabricação de ferramentas agrícolas – facões, enxadas, pás e machados – que conquistaram, pouco a pouco, um importante mercado para a Acesita". Cf. *Acesita, uma história feita de aço*. Belo Horizonte: Assessoria de Comunicação Social, 1989.

[255] Dos 49 mil habitantes em Coronel Fabriciano no início dos anos sessenta, 16.949 residiam na sede, 9.114 no distrito de Ipatinga e 22.938 no distrito de Timóteo. Esses dados nos mostram que o maior contingente encontrava-se no distrito de Timóteo e na sede. Cf. *Diretrizes para o desenvolvimento micro-regional do Vale do Aço*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1974, p. 19.

[256] Em 16 de junho de 1958 ocorreu a cravação solene da estaca inicial da Usina pelo Presidente da República. E em 27 de outubro de 1962 inaugurou a primeira corrida de ferro. Assim, de 1958 a 1962 foi o período de ausência de produção, ou seja, de construção da Usiminas. Cf. *Usiminas conta sua história*. Belo Horizonte: Assessoria de Comunicação Social, 1990, p. 145-147.

[257] O Rotary Club Governador Valadares foi fundado em 10 de abril de 1955 e admitido em Rotary Internacional em 28 de abril do mesmo ano. Conferir *Boletim Bimestral* do Rotary Club de Governador Valadares, jul. /ago. 1971, n. 63. Cf. *Official Directory*. Evaston, Illinois, U.S.A: Rotary Internacional, 1985, C 152. O Rotary Club Governador Valadares é o Padrinho (o responsável pelo processo de instalação de um novo clube rotário) do Rotary Club Coronel Fabriciano-Acesita (1959).

Km do Vale do Aço), ao constatar o desenvolvimento industrial e populacional na cidade de Coronel Fabriciano [258] idealizou a instalação de um clube rotário nesse município industrial.

Hermírio Gomes da Silva, sócio fundador do Rotary Club de Governador Valadares, relata que eram necessários vários requisitos para a instalação de um novo clube rotário na época. Dentre eles, era importante que uma comunidade apresentasse desenvolvimento, estruturação econômica e política. Além disso, o clube precisava ser representado por pessoas realmente importantes e ocupantes de posições de destaque na comunidade para que, ao Rotary Club conferissem reputação e prestígio. Há que se ressaltar ainda a necessidade de se cumprir a filosofia básica do Rotary, que determina que o clube, sendo composto por profissionais liberais, donos, gerentes de comércio, bancários, dirigentes de indústria ou de outras instituições, deveria representar um corte transversal da comunidade [259].

Diante dessas exigências, o processo de instalação de um clube rotário em Coronel Fabriciano (Vale do Aço) não se deu sem impasses. De acordo com as normas do Rotary Internacional, a cidade de Coronel Fabriciano e o distrito de Timóteo [260] não constituíam comunidades bem definidas sobre os aspectos políticos e institucionais, já que cerca de setenta por cento dos convidados para formarem um novo Rotary

---

[258] Atualmente a área ou base territorial de Coronel Fabriciano é de 221,05 Km². Em 1959, porém, a área ou base territorial desse município era aproximadamente de 529 km². O desmembramento de Ipatinga (165,51 Km²) e Timóteo (145,16 Km²) só se deu em 1964. Assim, entre os anos 1948 e 1964, Coronel Fabriciano era uma unidade territorial composta pela sede (Coronel Fabriciano) e pelos distritos (Timóteo, Barra Alegre e Ipatinga). Para confirmação desses dados, consultar *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros.* Rio de Janeiro: IBGE, 1958, Vol. 34, p. 544, e o site do IBGE: www.ibge.gov.br.

[259] SILVA, Hermírio Gomes da. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Governador Valadares, 3 out. 2003.

[260] Pode-se falar de duas comunidades com identidades distintas: comunidade de Timóteo ao norte do distrito e a comunidade de Acesita ao sul. A comunidade de Timóteo tem suas raízes históricas no século XIX, num contexto de colonização do Vale do Rio Doce. Já a comunidade de Acesita tem suas raízes na década de quarenta do século XX, assentada na atividade industrial, ou melhor, cidade-empresa. Essa comunidade que se formou ao redor da empresa se diferencia da comunidade de Timóteo. Diga-se de passagem, até houve um plebiscito em 1980/1981 para mudança do nome Timóteo para a denominação Acesita. Isso sinaliza a disputa de identidades entre duas comunidades. Para mais detalhes sobre do plebiscito ocorrido em Timóteo ver SILVA, Sidneiva Paiva de Oliveira. *Plebiscito – Acesita x Timóteo – 1979 a 1981*: disputa pela identidade através da preservação do nome. 2004, 42f. Monografia (graduação em História). Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, Coronel Fabriciano. Os rotarianos muitas vezes irão se reportar à Acesita como comunidade em torno da empresa Acesita**.** O leitor deve ter cuidado ao se deparar com a nomenclatura Acesita, pois esse termo pode referir tanto à empresa Aços Especiais Itabira – ACESITA quanto à comunidade em torno dessa empresa em distinção da comunidade de Timóteo.

Club trabalhavam nas companhias siderúrgicas Belgo Mineira ou Acesita. Os sócios profissionais liberais, tais como médicos e advogados, também trabalhavam nessas indústrias. Não se podia dar autonomia ao novo clube porque a maior parte dos sócios estava vinculada somente às duas empresas industriais [261].

Não foi simples instalar o primeiro Rotary Club no Vale do Aço, conforme expressou o rotariano de Governador Valadares:

> Nós que fomos apadrinhar o clube de Coronel Fabriciano, o Mr. R. P. Simpson, um americano de nosso clube e versado em Rotary; o Antônio Rodrigues Coelho, porque tinha muitos amigos lá; e eu, porque também tinha muitos amigos nas duas comunidades. O nosso primeiro impasse foi o de não garantir um mosaico de profissões independentes das empresas Acesita e Belgo Mineira. Isso nos valeu uma celeuma com o Rotary Internacional. Mas o americano Mr. R P. Simpson tinha autoridade para brigar porque ele, como um americano, era também versado em Rotary. Embora nós disséssemos que lamentavelmente os sócios a serem admitidos da comunidade de Coronel Fabriciano e Acesita fossem vinculados quase na sua totalidade às empresas Acesita e Belgo, argumentamos que eles realmente representavam a comunidade. Então, depois de muita luta, nós resolvemos criar um clube só, juntando as duas comunidades para misturar um pouco. Então o primeiro clube foi justamente Coronel Fabriciano – Acesita [262].

Narciso Drummond Tôrres lembra da ocasião em que esses três rotarianos do clube de Governador Valadares vieram para Coronel Fabriciano com a intenção de fundarem um Rotary Club.

> Em fevereiro de 1959, chegou em Coronel Fabriciano um grupo de Governador Valadares, o Dr. Hermírio Gomes e um americano chamado Mr. R. P. Simpson (Engenheiro da EFVM) e o farmacêutico Antônio Rodrigues Coelho. Logo procuraram o Sr. Joaquim César Santos, gerente da Serraria, para informar-lhe o que era Rotary Club e que estavam pretendendo fundar um clube aqui e que seria o segundo clube entre Vitória e Belo Horizonte [263].

Os três rotarianos de Valadares, conforme os dizeres de Narciso Drummond Tôrres, procuraram Joaquim César Santos, gerente da Serraria. O rotariano Hermírio Gomes da Silva também afirma em seu depoimento:

---

[261] SILVA, Hermírio Gomes da. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Governador Valadares, 3 out. 2003.
[262] Ibid.
[263] TORRES, Narciso Drummond. 2003, Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 3 mai. 2003.

> Tudo que se quisesse fazer em Coronel Fabriciano teria que pensar, porque o pessoal da Belgo era o fulcro básico de estrutura daquela comunidade. O Sr. Joaquim César Santos era um homem de cor, de muita postura e muito atuante. Ele era o porta-voz da Belgo. Ele era o homem de testada lá. Ele era o superintendente da Serraria. Ele era forte lá [(264)].

Ao que tudo indica, o Rotary Club era pouco ou quase nada conhecido pelas pessoas em geral. Narciso Drummond Tôrres teria ouvido notícias de Rotary em Belo Horizonte, nos idos de 1940 e 1950, mas “aquilo era uma coisa muito distante para mim. Achava que era uma coisa inacessível, muito longe mesmo” [(265)]. De igual modo: "Nunca havia ouvido falar em Rotary", escreveu o rotariano Wenceslau Martins Araújo [(266)].

Além do Rotary Club não ser conhecido pela maioria dos sócios fundadores, facilmente faziam-se ligação de Rotary com um clube de lazer ou relacionava-se a uma espécie de maçonaria [(267)]: “Quando eu ouvi falar em Rotary pela primeira vez eu pensei que fosse um clube social de esporte e lazer” [(268)]. “Pensávamos que o Rotary era uma espécie de maçonaria branca e isso não nos soava bem aos ouvidos” [(269)].

No início do ano de 1959, os rotarianos de Governador Valadares procuraram Joaquim César Santos, diretor da Serraria Santa Helena. Ao saber do que se tratava, este solicitou à sua secretária que convidasse Narciso Drummond Tôrres

---

[264] SILVA, Hermírio Gomes da. 2003, Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Governador Valadares, 3 out. 2003.

[265] TÔRRES, Narciso Drummond. 2003, Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 3 mai. 2003.

[266] ARAÚJO, Wenceslau Martins. *A história de uma vida.* Coronel Fabriciano: Lajinhense, 1993, p. 146.

[267] Parece que quase sempre se associa indistintamente o Rotary Club com a Maçonaria. Nos anos vinte do século passado, um padre espanhol já se preocupava com a natureza da associação rotária. Ele escreveu o livro “Los Rotários” alertando aos católicos contra o Rotary Club – uma organização secreta e de natureza análoga à Maçonaria. Entretanto, os rotarianos editaram uma obra rebatendo as críticas, demonstrando que o Rotary Club é uma instituição aberta e transparente (Cf. UHLE, 1991, op. cit., p. 13-14). Também o italiano Antonio Gramsci mostra que, em 1929, facilmente associava-se o Rotary Club com um novo tipo de maçonaria, com fortes ligações com o protestantismo e um instrumento do americanismo. Todavia, Gramsci rebate esse tipo de atitude ao dizer que o “Rotary não pretende ser confessional, nem maçom. Todos podem ingressar nas suas fileiras: maçons, protestantes e católicos”. Cf. GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 415 e 418.

[268] ANACLETO, Maurício Antônio. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 27 set. 2003.

[269] ROLIM, Chames Salles. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Ipatinga, 23 dez. 2003.

para comparecer à Serraria. A secretária disse: “O Sr. César mandou te convidar para almoçar com ele porque tem um grupo de Governador Valadares querendo fundar um Rotary Club”. Narciso perguntou para a secretária: “O que é Rotary Club?”. Ela respondeu: “Eu também não sei, mas deve ser uma espécie de maçonaria branca” [270].

Quando soube como deveria ser formado o Rotary Club, isto é, somente a partir de homens que tivessem autonomia empresarial ou posição de mando na empresa, Narciso afastou-se um pouco, pois achou que essa seleção causaria ciúme entre alguns membros da comunidade.

> Eu não participei no princípio porque logo que o pessoal de Valadares deu os fundamentos para a fundação do Rotary eu achei que haveria muita ciumeira aqui na região, porque existiam funcionários aqui de grande aceitação na comunidade, mas não havia condições de serem admitidos, porque não exerciam posto de mando superior na companhia [271].

No dia seguinte, Joaquim César Santos contatou o ex-prefeito, Rubem Siqueira Maia, superintendente da Belgo Mineira, que ficou entusiasmado com a idéia de fundação de um Rotary Club na cidade.

> Continuaram a visitar outras personalidades e foram ao Superintendente da Acesita, o Coronel José Augusto Joaquim Moreira. Aí continuaram a fazer aquele trabalho de agremiação de pessoas para fundar o tal do Rotary. Foram visitando, convidando as pessoas. Convidaram a partir daí o chefe de serviço jurídico da Acesita, o Dr. Geraldo Perlingeiro Abreu. Convidaram alguns comerciantes aqui de Coronel Fabriciano, porém só os comerciantes mais em evidência [272].

Mais tarde, os rotarianos de Governador Valadares voltaram e ampliaram esse trabalho. A ordem das reuniões de agremiação é descrita assim:

> A primeiríssima reunião foi na casa do Sr. Joaquim César Santos, da qual eu participei. A segunda foi no escritório da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira e não participei. A terceira foi na Acesita, na casa do Dr. Geraldo Perlingeiro Abreu, e também não participei [273].

---

[270] TORRES, Narciso Drummond. 2003, Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 3 mai. 2003.
[271] Ibid.
[272] Ibid.
[273] Ibid.

O sócio fundador, Maurício Antônio Anacleto, médico, embora não se recorde precisamente do local onde lhe foi feito o convite de fundação do Rotary, se recorda do chamado para participar:

> Recebi visita, sim. Não sei se foi em casa ou no serviço, mas recebemos visita desses rotarianos de Governador Valadares, acompanhados dos amigos de Coronel Fabriciano: Rubem Siqueira Maia e do Sr. Joaquim César Santos que era da Serraria Santa Helena [(274)].

Dentre os comerciantes convidados estava o farmacêutico José Maria Rolim, proprietário de uma farmácia. Sua esposa, Chames Salles Rolim, recorda-se perfeitamente do momento em que um grupo de rotarianos chegou ao seu estabelecimento para convidar o marido a compor a fundação do Rotary:

> Vieram os três de Governador Valadares: Mr. Simpson, Hermírio Gomes e Antônio Coelho, mais o Dr. Rubem Siqueira Maia e o Narciso. Foram muitos, mas não estou lembrando de todos. Lembro-me que nós estávamos na farmácia e eles chegaram, conversaram e convidaram José Rolim no escritório e, depois que se retiraram, meu esposo veio falar comigo: “eles estão me convidando para fazer parte do Rotary e o que você acha?” Eu respondi: “Tudo bem, vamos fazer parte dele” [(275)].

Houve uma reunião com todos os convidados e foi-lhes explicado o que era o Rotary Club. Nesses encontros realizados, em fevereiro de 1959, muitas dúvidas apareceram, mas em março daquele mesmo ano já estava instalado o clube rotário. O sócio fundador e médico José Riscala Albeny explica que a maioria dos novos sócios não conhecia a filosofia rotária: “Nosso primeiro presidente indiscutivelmente desempenhou a missão mais difícil: organizar a casa e movimentá-la com calouros sem nenhum cimento da doutrina rotária” [(276)]. Tanto é que na primeira reunião ordinária ocorrida em 1º de abril de 1959 “O Rubem pediu [...] ao Simpson que falasse mais um pouco sobre as classificações, respondendo a perguntas que lhe seriam formuladas pelos presentes, especialmente porque contávamos com

[274] ANACLETO, Maurício Antônio. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 27 set. 2003.
[275] ROLIM, Chames Salles. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Ipatinga, 23 dez. 2003.
[276] Jornal *Folha do Comércio*. Coronel Fabriciano, 28 mar. 1983, p. 4.

companheiros que pela primeira vez assistiam a uma reunião de Rotary" [277] (grifo nosso).

Em março daquele ano, haviam sido escolhidos trinta e três homens de diversas profissões para a instalação de mais um Rotary Club no Brasil: "era para iniciar o Clube com trinta e três sócios, mas só trinta e dois tomaram posse. O trigésimo terceiro não compareceu no dia da posse" [278].

Com a instalação do Rotary Club em Coronel Fabriciano, os trinta e dois sócios, empolgados com a filosofia rotária de servir à comunidade pela influência do prestígio do Rotary, começaram a colocar em evidência as ações rotárias. "O primeiro presidente do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita estava muito entusiasmado", declara Narciso, "não somente ele, mas todos nós" [279].

Ao ser instalado provisoriamente na reunião de 21 de março de 1959, o Rotary Club contava com os seguintes cidadãos das comunidades de Acesita, Coronel Fabriciano, Horto/ Ipatinga e Timóteo:

	SÓCIO FUNDADOR	**PROFISSÃO - ATIVIDADE PROFISSIONAL**
01	Albim Schulz	Engº Mecânico
02	Antônio Procópio Torres	Farmacêutico
03	Cândido de Assis Pinto	Comerciante (padaria)
04	Ery Aranda Pires	Dentista
05	Evandro Caetano de Lima	Engº Metalúrgico/Civil/Minas
06	Francisco de Paula e Silva Jr.	Encarregado
07	Geraldo Perlingeiro Abreu	Advogado
08	Gil Guatimosin Jr.	Engº Civil
09	Hércio de Figueiredo Mello	Gerente Banco do Brasil
10	Joaquim César Santos	Diretor da Serraria Santa Helena
11	José Augusto Joaquim Moreira	Engº Metalúrgico (Diretor)
12	José Avelino Barbosa	Comerciante (eletrodomésticos)
13	José Araújo Moraes	Comerciante (casa de carne)
14	José Ignácio Fernandes	Coletor Federal
15	José Luiz Pessoa	Contador
16	José Maria Rolim	Farmacêutico
17	José Penha Cysne	Engº Metalúrgico

[277] Cópia da Ata da primeira reunião ordinária (1º de abril de 1959). In: *Boletim* do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Timóteo. 21 mar. 1979.
[278] TORRES, Narciso Drummond. 2003, Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 3 mai. 2003.
[279] Ibid.

18	José Pereira Guerra	Engº Civil
19	José Riscala Albeny	Médico
20	Luiz Gonzaga Bueno	Coletor Estadual
21	Marco Túlio Viana	Engº Metalúrgico
22	Maurício Antônio Anacleto	Médico
23	Narciso Drummond Torres	Comerciante (móveis e eletrodomésticos)
24	Nestor Cotta Figueiredo	Comerciante (posto de gasolina)
25	Ney Araújo de Oliveira Cruz	Engº Metalúrgico
26	Pedro Sampaio Guerra	Médico (chefe)
27	Ricardo Moreira Xavier	Comerciante (posto de gasolina)
28	Rubem Siqueira Maia	Superintendente Belgo Mineira (médico)
29	Takêo Aibê	Engº Mecânico
30	Virgílio Hélio Mosci	Médico
31	Wellington Martins Ferreira	Pecuarista
32	Wenceslau Martins Araújo	Gerente Banco da Lavoura

Quadro 4 - *Nome e profissão dos 32 sócios fundadores do Rotary Club Coronel Fabriciano-Acesita*

No dia primeiro de abril de 1959, ocorreu a primeira reunião ordinária do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita:

> Abrindo a reunião o Presidente Rubem convidou o Simpson, do Rotary Club de Governador Valadares, clube padrinho, para desfraldar o Pavilhão Nacional. Conduzindo os trabalhos o Presidente pediu ao diretor do Protocolo, Inácio, para apresentar os visitantes. Foram apresentados: R. P. Simpson – Construções – Estradas de Ferro – Past President do R. C. de Governador Valadares; Célio Coutinho, química – Farmácia, 2º Sec. R. C. Governador Valadares. O presidente agradeceu a visita daqueles companheiros que aqui vieram para instruir os rotarianos de nosso clube com os seus conhecimentos rotários, especialmente o Simpson que foi o baluarte da organização do Clube de Coronel Fabriciano, com seus esforços desmedidos. Pediu, então, que, a seguir, fosse feita auto-apresentação, para treinamento. [...] Feitas as apresentações, pediu o Simpson, a seguir, que o Presidente Rubem, em nome de todos os rotarianos fabricianenses recebessem um presente do Clube Padrinho. Aberto o invólucro, ricamente preparado, sob emocionante expectativa, verificou-se a passagem de um autêntico PRIMEIRO DE ABRIL. Considerando a data da reunião, a peta foi alegremente recebida. [...] O Simpson com seu clássico e fluente português/inglesado, deu uma aula de Rotary. Terminando o assunto comunicou a todos que deveríamos comparecer à Assembléia Distrital de Cataguases – a 1ª do distrito 458, a realizar-se nos dias 17 a 18 de abril próximo, sob a presidência de A. Pereira de Souza, Governador. [...] E assim, foi encerrada a reunião, sendo convidado o companheiro Célio para descerrar o Pavilhão Nacional [(280)].

A Carta Constitutiva de admissão do Rotary Club Coronel Fabriciano em Rotary

[280] Cópia da Ata da primeira reunião ordinária (1º de abril de 1959). In: *Boletim* do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Timóteo. 21 mar. 1979.

Internacional foi assinada em 12 de maio de 1959 [(281)] e entregue festivamente no dia 4 de julho (Sábado) do mesmo ano [(282)]. O evento foi realizado no Elite Clube [(283)], na "cidade" de Acesita. O Governador do distrito 458, Antônio Pereira de Souza, trouxe para cobrir o evento a TV Itacolomi [(284)].

A solenidade da entrega da Carta Constitutiva foi de tal maneira marcante que vinte oito dias após o evento, sete rotarianos, ao lançarem o primeiro número de um jornal nomeado *Canaã*, anunciaram na primeira página: "O ROTARY CLUB DE CEL. FABRICIANO recebe a sua carta constitutiva, solenemente" [(285)]. Como se não bastasse, uma foto do Governador do distrito, entregando a Carta ao presidente Rubem Siqueira Maia, acompanhava a reportagem. A notícia fazia eco da solenidade:

> O recentemente organizado Rotary Clube de Coronel Fabriciano foi admitido formalmente como membro do Rotary Internacional, a organização mundial de serviço que conta com mais de 10.000 clubes em 112 países e regiões geográficas em cinco continentes. Estiveram presentes à sua reunião delegações dos Rotary Clubs de Governador Valadares (Clube Padrinho), Caratinga, Belo Horizonte e Manhuaçu, para dar as boas vindas aos rotarianos de Acesita, Fabriciano, Ipatinga e Timóteo, [...] A Carta Constitutiva oficial foi entregue ao Presidente Rubem Siqueira Maia pelo Governador do distrito 458 Antônio Pereira de Souza, do Rotary de Belo Horizonte, que em seu brilhante discurso ao Clube de Fabriciano fez uma resenha da história e dos propósitos do movimento rotário. [...] O Conselho Diretor ficou assim constituído: Presidente – Rubem Siqueira Maia; Secretário – Geraldo Perlingeiro Abreu; Tesoureiro –

---

[281] A Carta de Admissão do Rotary Internacional consta datado: "twelfth day of may Anno Domini 1959" (duodécimo dia de maio de 1959 depois de Cristo). Veja na íntegra o texto da Carta: "This certifies that the Rotary Club of Coronel Fabriciano, Minas Gerais, Brasil having been duly organized and having agreed, through its officers and members, to be bound by the Constitution and By-Laws of Rotary Internacional, which agreement is evidenced by the acceptance of this certificate, is now a duly admitted member of Rotary Internacional and is entitled to all the rights and privileges of such membership. *In witness whereof* the seal of Rotary Internacional is hereto affixed and the signatures of its officers, duly authorized, are subscribed hereto this twelfth day of may Anno Domini 1959". ("Certifica-se que o Rotary Club de Coronel Fabriciano, Minas Gerais, Brasil está devidamente organizado e que concorda, através de seus dirigentes e membros, submeter-se aos Regulamentos e Estatutos do Rotary Internacional, e que o acordo é evidenciado pela aceitação deste certificado, e que agora é um sócio adequadamente admitido pelo Rotary Internacional passando a possuir todos os direitos e privilégios de tal associação. Na testemunha de que o selo de Rotary Internacional afixado neste documento e as assinaturas de seus oficiais, devidamente autorizadas, são subscritas no duodécimo dia de Maio de 1959 depois de Cristo)". Além disso, a Carta Constitutiva consta assinatura do Presidente do Rotary Internacional, Clifford A. Handall, do Secretário Geral do Rotary Internacional e do Governador do Distrito, Antônio Pereira de Souza.

[282] *Boletim* do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Timóteo. 21 mar. 1979.

[283] ABREU, Geraldo Perlingeiro. Que conhece você de Rotary? Acesita, mar. 1984, p. 7.

[284] AVELINO, José Barbosa. Como surgiu o nosso Rotary clube de Coronel Fabriciano. *Manuscrito*. Coronel Fabriciano, 21 mar. 1995.

[285] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n.1, 1º ago. 1959, p. 1.

> Joaquim César Santos. Os demais membros são: José Riscala Albeny. José Penha Cisne, Marco Túlio Viana, Wenceslau Martins Araújo e José Fernandes [286].

Desde o início das atividades até o surgimento do Rotary Club de Ipatinga, 8 de julho de 1965 [287], as reuniões/jantares aconteciam às dezenove horas das quartas-feiras. Nos meses pares, os sócios encontravam-se no Hotel de Acesita (Dª Iracema) e, nos ímpares, em Coronel Fabriciano (Clube Sete de Setembro) [288]. Após a fundação do Rotary Clube de Ipatinga, que escolheu fazer as reuniões às quintas feiras no Grande Hotel, os encontros de Rotary Club de Coronel Fabriciano passaram a ocorrer às segundas feiras [289].

Os nomes do Rotary Club de Coronel Fabriciano foram: Rotary Club de Fabriciano-Acesita, Rotary Club de Fabriciano-Timóteo. O primeiro nome foi trocado pelo segundo após a emancipação de Timóteo em 1964. Com a instalação do Rotary Club de Acesita, em 04 de novembro de 1984, suprimiu-se o vocábulo "Timóteo" [290].

Conforme pudemos ver, a instalação de um Rotary Club em Coronel Fabriciano, no final dos anos cinqüenta, não ficou isenta de impasses com o Rotary Internacional. Somente depois de muito diálogo do rotariano Richard Simpson [291] com os representantes da Comissão de Expansão ou Conselho Diretor Internacional de Rotary que se conseguiu de fato materializar a instalação do primeiro Rotary Club no Vale do Aço [292]. Conseguido efetivar a fundação do Rotary Club de Coronel Fabriciano em 1959, não demorou muito que fizesse um projeto de instalação de um Rotary Club em Ipatinga um ano após a emancipação dessa cidade. Geraldo Perlingeiro Abreu aponta pelo menos duas razões da criação do Rotary Club de

---

[286] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n.1, 1º ago. 1959, p. 1..
[287] AMARAL, José Rodrigues do. "Fundado Rotary Club de Ipatinga com jantar festivo". Jornal *Flan*. Coronel Fabriciano, 17 jul. 1965, p. 4. "Como pretendemos na edição passada, vamos, hoje, relatar o que foi a brilhante festa da fundação do Rotary Clube de Ipatinga, realizada dia 8-7 (8 de julho) no salão de recepções do Grande Hotel (Castelo), da Usiminas".
[288] *Boletim* do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Timóteo. 21 mar. 1979.
[289] Ibid. Deve-se a mudança das reuniões ao processo de expansão do Rotary Club no Vale do Aço.
[290] Ainda em abril de 1984 pronunciava-se Rotary Club de Coronel Fabriciano-Timóteo, conforme estampado na *Revista Guia*, ano 2, n. 11, abr. 1984, p. 42.
[291] Ele era um norte-americano que trabalhava como engenheiro na Companhia Vale do Rio Doce. Foi sócio do Rotary Club de Governador Valadares.
[292] SILVA, Hermírio Gomes da. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 3 out. 2003.

Ipatinga em julho de 1965: a)- emancipação de Ipatinga; b)- cumprimento das metas do Rotary Internacional. No que tange ao primeiro, informa Geraldo: "Os problemas de Ipatinga estavam a demandar uma atenção toda especial, não podendo suportar mais um programa conjunto com Fabriciano, onde as questões merecem igualmente programação centralizada" [(293)]. Quanto ao segundo, isto é, ao cumprimento dos objetivos da Associação Internacional de Rotary declara novamente Geraldo Abreu: "com esta instalação (Rotary de Ipatinga) estamos dando cumprimento à meta do Presidente do Rotary Internacional – C. P. H. Teenstra, sob o lema 'consolidação e continuidade'" [(294)]. O jantar festivo de instalação do Rotary Club de Ipatinga ocorreu no Grande Hotel (Castelo) com aproximadamente 120 convidados [(295)]. Após as apresentações dos convidados presentes, feitas pelo o diretor de protocolo do Rotary Club de Coronel Fabriciano, Ery Aranda Pires, Narciso Drummond Tôrres fez um curto pronunciamento de estímulo aos sócios fundadores do novo Rotary Club [(296)]. Dando-se prosseguimento da reunião foi dada posse ao Conselho Diretor formado pelo presidente Silas Augusto da Costa, pelos secretários Jacy Garcia Fernandes e Manoel Teixeira de Carvalho, pelos tesoureiros Paulo Augusto Pena e protocolo Antônio Magalhães.

EXPANSÃO DO ROTARY CLUB NO VALE DO AÇO

Rotary Club	Clube Padrinho	Instalação Provisória	Diploma de Admissão	Festiva
RC Coronel Fabriciano	RC Governador Valadares	21/03/1959	12/05/1959	11/06/1959
RC Ipatinga	RC Coronel Fabriciano	08/07/1965	06/08/1966	?
RC Acesita	RC Coronel Fabriciano	04/11/1984	26/12/1984	25/03/1985
RC Ipatinga Norte	RC Ipatinga	03/12/1985	09/01/1986	?
RC Coronel Fabriciano Norte	RC Coronel Fabriciano	14/06/1989	28/06/1989	?
RC Ipatinga Ribeirão Ipanema	RC Ipatinga	02/02/1992	04/03/1992	?

Quadro 5- Crescimento de Rotary Club no Vale do Aço (1965-1992).

[293] ABREU, Geraldo Perlingeiro. *Boletim Rotary Club de Coronel Fabriciano/ Rotary Club de Ipatinga*. Ipatinga, 8 jul. 1965.
[294] Ibid.
[295] AMARAL, José Rodrigues do. "Fundado Rotary Club de Ipatinga com jantar festivo". Jornal *Flan*. Coronel Fabriciano, 17 jul. 1965, p. 4.
[296] Ibid.

Sociabilidade Forjada na *Canaã da Indústria*

> *Eu tenho saudades do início do Rotary (anos 60 e 70). Havia mais companheirismo. Os amigos eram verdadeiros amigos. Havia muito companheirismo. As pessoas tinham mais amizades uma com as outras* [297].

Há que explicar a sociabilidade dos rotarianos fundadores a partir do processo de urbanização e principalmente pelo fenômeno da migração para Coronel Fabriciano. Essa reconfiguração populacional é aludida secundariamente na primeira página impressa de um jornal semanário da década de cinqüenta, cognominado *Folha do Vale*, que traz a seguinte notícia: “Mais um civil assassinado pela polícia”:

> No último Domingo, pelas duas horas da manhã, a zona boêmia desta cidade foi palco de mais um crime monstruoso [...]. Àquela hora, Pernambuco encontrava-se conversando com a mundana Efigênia Batista, com quem tomava satisfações, por haver Efigênia se dirigido a êle com palavras que Pernambuco julgou ofensivas à sua moral. Foi quando chegou o soldado José Carvalho, [...] que não estava a serviço naquele dia [...] Tentando pôr têrmo à discussão entre Pernambuco e Efigênia, procurando afastar a vítima. Insistiu Pernambuco com o soldado esclarecer a situação. As testemunhas são unânimes em afirmar que Pernambuco não ofendeu o soldado, mas como insistisse em tomar satisfações com a mulher, José Carvalho sacou de uma garrucha e desfechou certeiro tiro na região umbilical de Pernambuco, prostrando-o quase sem vida. Segundo depoimento de uma testemunha, deu ao gatilho pela segunda vez, tendo a arma mascado o tiro que seria o de misericórdia, porque Pernambuco já estava morto. José Ângelo da Silva, vulgo Pernambuco, era motorista profissional, <u>há pouco radicado neste município</u>. Neste curto espaço do tempo, entretanto, fêz boas amizades por aqui, sendo estimado por quantos o conheceram. Ultimamente, Pernambuco exercia a profissão em Acesita, para onde foi transportado seu corpo a fim de ser dado à sepultura [298] (grifo nosso).

Esse incidente ocorrido em março de 1954 em Coronel Fabriciano e noticiado pelo jornal *Folha do Vale,* que circulava nessa cidade, desencadeou discussão sobre o comportamento do policial acusado, bem como sobre a organização e funcionamento da própria instituição policial. Dois dos principais argumentos em defesa da vítima, José Ângelo da Silva (Pernambuco), diz respeito aos fatos de esse

[297] BARBOSA, José Avelino. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 21 mar. 2003.
[298] Jornal *Folha do Vale*. Coronel Fabriciano, ano 1, n.8, 28 de março de 1954, p. 1.

homem ter sido “há pouco radicado neste município” e ser “estimado por quantos o conheceram”. O editor da *Folha do Vale*, Claudiano Soares, em sua crônica sobre o ocorrido, assim se manifesta:

> E assim foi, no último domingo, quando outro soldado aqui destacado, na zona boêmia da cidade, com certeiro tiro de garrucha, matou o operário José Ângelo da Silva, vulgo Pernambuco, motorista profissional, rapaz novo no município, mas estimado por quantos o conheceram [299] (grifo nosso).

As frases “rapaz novo no município” e “há pouco radicado neste município” nos levam a concluir que esse denominado Pernambuco era um imigrante regional. Ao que tudo indica, José Ângelo da Silva era mais um daqueles que chegaram em Coronel Fabriciano em função das empresas industriais instaladas nos anos trinta e quarenta. A evidência que sustenta essa proposição é a informação de que esse imigrante exercia sua profissão na ou para a Companhia Acesita.

A vinda de Narciso Drummond Tôrres para Coronel Fabriciano também foi um exemplo típico de imigração em função do potencial crescimento da cidade após a instalação de um escritório da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira em 1936. Narciso Drumond Torres imigra para Coronel Fabriciano em 1943. Eis o que nos diz:

> Eu trabalhava em Nova Era. Vim de Itabira para Nova Era trabalhar numa firma comercial chamada Casas Guerra. Eu vim de Nova Era para montar uma filial aqui. Naquele tempo, Coronel Fabriciano estava começando a ficar em evidência por causa do serviço de carvão [300].

A frase “Fabriciano estava começando a ficar em evidência” esclarece que sua chegada aqui foi essencialmente determinada por questões comerciais ou por motivos econômicos. Não há dúvida de que uma estrutura econômica regional favorável impulsiona diversas pessoas a saírem de seu local de origem para uma região em potencial desenvolvimento, na esperança de uma vida melhor.

Outro exemplo de imigração regional é a história de José Petronilho dos Reis, nascido na cidade de Rio Pomba. Quando completou quinze anos de idade,

---

[299] Jornal *Folha do Vale*. Coronel Fabriciano, ano 1, n.8, 28 de março de 1954, p. 2.
[300] TORRES, Narciso Drummond. 2003, Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 3 mai. 2003.

começou a trabalhar numa gráfica, aprendendo o serviço de tipógrafo. Petronilho recorda-se da visita do Sr. Luiz Ferreira da Cunha, provedor do hospital da cidade, quando foi à gráfica. Esse senhor havia ido para lá com o intuito de conversar com o proprietário do estabelecimento. Petronilho disse ao Sr. Luiz que o patrão acabara de almoçar e fora tirar um cochilo. Então, o Sr. Luiz falou: "Irei esperá-lo e, enquanto isso, vou batendo um papo com vocês." O papo durou um bom tempo, até o Sr. Luiz dizer para os três rapazes, entre os quais inclui-se Petronilho:

> Se eu fosse vocês, eu não ficaria aqui na cidade. Procuraria uma cidade que estivesse começando e se desenvolvendo como Maringá, Londrina, Marília ou mesmo Brasília. Quando o Sr. Luiz Ferreira da Cunha disse 'que se estivesse em nosso lugar iria para cidades em desenvolvimento', simplesmente guardei essas palavras comigo. Não pensei em nenhum momento partir de imediato para algum lugar fora do Rio Pomba. Se bem que naquela época eu tinha apenas vinte anos. Somente aos vinte e três anos é que comecei a pensar partir para alguma coisa [(301)].

José Petronilho dos Reis foi tentar a vida no Rio de Janeiro, mas não se identificou com a cidade e retornou para Rio Pomba. Até que um dia apareceu uma pessoa procurando um tipógrafo para trabalhar na cidade de Raul Soares. Petronilho mudou-se para essa cidade e começou a atuar como tipógrafo. Em Raul Soares, Petronilho encontrou um amigo que já tinha ido para Coronel Fabriciano. Numa oportunidade surgida poucos dias depois, Petronilho dos Reis, curioso, perguntou a alguém se Coronel Fabriciano estaria longe de onde ele se encontrava e descobriu que Coronel Fabriciano não distava para além de 60 Km. Não satisfeito, ainda interrogou: "Como é Coronel Fabriciano?" Petronilho recebeu a resposta: "Coronel Fabriciano é a cidade onde está a Companhia Acesita e onde irão construir a Usiminas."

> Essa informação me fez lembrar da conversa do velho: "procure uma cidade onde esteja começando". Daí eu vim trabalhar em Coronel Fabriciano. Procurei na Companhia Acesita o serviço de tipógrafo que me foi informado. Fiz entrevista com o Dr. Geraldo Perlingeiro Abreu e ele me disse que a Cia. Acesita não estava precisando mais. Naquele mesmo instante ele me solicitou que procurasse Wenceslau Martins Araújo, o qual estava precisando de um tipógrafo para trabalhar no jornal *Canaã* recém lançado na cidade de Coronel Fabriciano [(302)].

---

[301] REIS, José Petronilho. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 27 jul. 2003.
[302] Ibid.

Petronilho trabalhou no jornal *Canaã* até 1963, quando esse jornal parou de ser publicado. Posteriormente, através do rotariano José Ignácio Fernandes, conseguiu um emprego numa agência do Banco Mercantil em Coronel Fabriciano.

Outro relato interessante é o do médico Maurício Antônio Anacleto, cujo pai era um operário na cidade de Nova Lima, Estado de Minas Gerais. A família, com parcos recursos, fez sacrifícios para que Maurício fizesse o curso de Medicina. No segundo ano letivo, a Faculdade de Medicina foi federalizada. Durante seus anos de formação, Maurício pensava em trabalhar no interior:

> Eu procurei me preparar para ir para o interior. Eu nunca pensei continuar a trabalhar em Belo Horizonte, porque era muito difícil. Teria que trabalhar muito para conseguir alguma coisa. Essa sobrevivência para mim era difícil. Mas no interior sempre se tem mais chance de começar. Eu recebi na época de minha formatura um convite da Belgo-Mineira para trabalhar em Coronel Fabriciano. A região precisava de cirurgião. Então eu vim com esse objetivo. Estive aqui, gostei da região e resolvi realmente trabalhar aqui [303].

Nos anos cinqüenta, Coronel Fabriciano era ainda uma região inóspita. Os trabalhadores da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira bem como os moradores da cidade freqüentemente eram vítimas da malária ou do impaludismo, que acometiam várias pessoas. A Belgo-Mineira precisou, assim, criar um hospital para cuidar da saúde de seus trabalhadores. Não fosse tal medida, havia risco de emigração da população. O Hospital Siderúrgica, então, foi construído, atraindo profissionais como Maurício Antônio Anacleto para a região.

> Uma das coisas essenciais na especialidade que eu pretendi exercer era a cirurgia e dependia da existência de um hospital. Na época, enquanto estudante, eu fui a Guanhães e a São João do Evangelista e ainda não existia hospital nessas duas cidades. Como aqui em Coronel Fabriciano já existia o Hospital Siderúrgica, o qual era muito bom, resolvi vir para cá em fevereiro de 1954 [304].

Portanto, em razão das duas empresas já instaladas em Coronel Fabriciano, esta cidade tornou-se atraente para várias pessoas que viviam em regiões do interior e mesmo para os que residiam em Belo Horizonte, no Brasil e no exterior.

---

303 ANACLETO, op. cit.
304 Ibid.

Vale dizer que da primeira turma do curso Técnico de Contabilidade, formada em 1962, composta de trinta alunos, apenas quatro eram naturais de Coronel Fabriciano. Os outros vinte e oito provinham dos mais variados lugares do Estado de Minas Gerais, Além Paraíba, Barão dos Cocais, Belo Horizonte, Braúnas, Carandaí, Caratinga, Conselheiro Pena, Dionisio, Itabira, Itabirito, Juiz de Fora, Lavras, Manhuaçu, Nova Era, Peçanha, Ponte Nova, Sacramento, São Francisco da Glória, Sete Alagoas, Tarumirim, Ubá e de cidades do Estado do Espírito Santo como Afonso Cláudio, Fundão e Muniz Freire [305].

O censo de 1950 registrou que quase a metade da população de Coronel Fabriciano era constituída de forasteiros vindos dos mais variados lugares da unidade federativa e até mesmo do exterior. Dentre esses forasteiros, a grande maioria dedicava-se aos trabalhos ligados às Companhias Aços Especiais Itabira – Acesita, Siderúrgica Belgo-Mineira e Vale do Rio Doce [306].

Em primeiro de agosto de 1959, o primeiro número do jornal *Canaã* traz explicação sobre o título da publicação. *Canaã* era, segundo a Bíblia, a "Terra Prometida" de que os israelitas se tinham apossado sob o comando de Josué. *Canaã* era uma terra que emanava leite e mel. Era o lugar da esperança e da felicidade “Do sentido dessa denominação, foi escolhido o nome deste jornal, por se ajustar à grandeza deste fabuloso Vale do Rio Doce, onde desponta, como uma promessa de glórias fascinantes, a cidade de Coronel Fabriciano” [307]. Assim, Coronel Fabriciano foi denominada *Terra Prometida*. Essa denominação foi apropriada para representar o pensamento de que nessa região despontava a promessa de progresso (mito desenvolvimentista) e de glórias em função das instalações das empresas industriais.

O grupo de rotarianos que fundou o jornal *Canaã* propunha, por meio da imprensa, lutar pela grandeza do Vale do Rio Doce e pelas glórias de Coronel Fabriciano num contexto da ideologia nacional-desenvolvimentista dos anos cinqüenta e sessenta: grandeza, desenvolvimento, progresso, glória, independência e bem estar da

[305] Álbum da primeira formatura do Colégio de Comércio Ferreira da Costa.
[306] GETÚLIO, Wilson. Coronel Fabriciano – MG. In: *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1958, vol. XXXIV p. 549.
[307] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 1, 1º ago. 1959, p.1.

sociedade. O jornal *Canaã* foi legitimado como um instrumento para alcançar os objetivos de desenvolvimento da região local.

> CANAÃ será o porta-voz da 'Terra Prometida' e um instrumento de lutas em função do progresso. [...] CANAÃ ajudará a construir a 'Terra Prometida'.[...] CANAÃ é apenas a sua trombeta. [...] Lutaremos pela grandeza do Vale e pelas glórias de Coronel Fabriciano sob a bandeira de CANAÃ [308].

As companhias industriais, juntamente com as instituições geradas por elas, foram um atrativo tão forte que o jornal *Canaã* referiu-se a Coronel Fabriciano como "Canaã da indústria" [309]. O impacto desse fenômeno fez com que o município de Coronel Fabriciano crescesse significativamente a ponto de Ipatinga e Timóteo se tornarem independentes em 1964.

Falar do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita no âmbito da migração regional significa dizer que dos trinta e dois sócios fundadores do clube rotário apenas dois era procedente da região de Coronel Fabriciano. O Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita, instalado provisoriamente em 21 de março de 1959, foi formado por pessoas que não nasceram aqui na região, mas por profissionais advindos dos mais variados lugares. Enfatizar esse fenômeno é de fundamental importância para compreender a sociabilidade e as ações sociais desencadeadas por esses sócios fundadores do primeiro Rotary Clube no Médio Rio Doce. Os nomes e a origem de cada um deles poderão ser visualizados no quadro abaixo:

---

308 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n.1, 1º ago. 1959, p. 2.
309 Ibid., ano 1, n. 19, mai. 1960, p. 1.

N.	SÓCIO FUNDADOR	ORIGEM
01	Albim Schuls	Alemanha
02	Antônio Procópio Torres	Santa Maria de Itabira
03	Cândido de Assis Pinto	Itabira
04	Ery Aranda Pires	Santa Maria de Itabira
05	Evandro Caetano de Lima	Carmo do Paranaiba
06	Francisco de Paula e Silva Jr.	Itajubá
07	Geraldo Perlingeiro Abreu	Santo Antônio de Pádua (RJ)
08	Gil Guatimosin Jr.	Belo Horizonte
09	Hércio de Figueiredo Mello	Raul Soares
10	Joaquim César Santos	Bahia
11	José Augusto Joaquim Moreira	Rio de Janeiro
12	José Avelino Barbosa	Santana do Paraíso
13	José Araújo Moraes	Jaguaraçu
14	José Ignácio Fernandes	Brasópolis
15	José Luiz Pessoa	Santa Bárbara
16	José Maria Rolim	Vermelho Velho (Caratinga)
17	José Penha Cysne	Fortaleza (Ceará)
18	José Pereira Guerra	Itabira
19	José Riscala Albeny	Dionisio
20	Luiz Gonzaga Bueno	Belo Horizonte
21	Marco Túlio Viana	Pedro Leopoldo
22	Maurício Antônio Anacleto	Nova Lima
23	Narciso Drumond Torres	Itabira
24	Nestor Cotta Figueiredo	Dom Silvério
25	Ney Araújo de Oliveira Cruz	Rio de janeiro
26	Pedro Sampaio Guerra	Itabira
27	Ricardo Moreira Xavier	Belo Horizonte
28	Rubem Siqueira Maia	Curvelo
29	Takêo Aibê	São Paulo
30	Virgílio Hélio Mosci	Belo Horizonte
31	Wellington Martins Ferreira	Timóteo
32	Wenceslau Martins Araújo	Nova Era

Quadro 6 - *Nome e origem dos 32 sócios fundadores do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita.*

O quadro de sócios fundadores do Rotary Club foi formado por pessoas que residiam em Coronel Fabriciano, Ipatinga e Timóteo, mas que vieram dos mais diversificados lugares: Alemanha, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Ceará e outras cidades de Minas Gerais. Somente o sócio fundador Wellington Martins Ferreira era procedente de Timóteo. Os rotarianos sócios do jornal representaram os ideais de quase todos os sócios fundadores, na frase que segue: “Canaã ajudará construir a ‘Terra Prometida’, da qual já apossamos tal como fizeram os israelitas na

Antigüidade" [310]. Em outras palavras, a imprensa (jornal *Canaã*) ajudará a construir Coronel Fabriciano ("Terra Prometida"), cidade de que se apossaram os sócios fundadores.

O discurso realizado pelo padre Francisco Stroomer na ocasião do lançamento da Pedra Fundamental do Silvânia Palace Hotel, em junho de 1961, reflete a idéia do apossamento da "Terra Prometida":

> Poucos são os moradores da nossa cidade que aqui nasceram; muitos, porém, vieram aqui em caracter permanente, já viram seus filhos nascer aqui e juntos com estes já estão sentindo em seu coração esse amor à cidade, amor tão indispensável para o verdadeiro progresso [311].

A frase "muitos vieram em carácter permanente" alude à idéia de que muitos vieram com o objetivo de ficar e realizar sonhos, concretizar esperanças, alcançar sucesso financeiro e qualidade de vida. A maioria dos sócios fundadores apossou-se de Coronel Fabriciano, como fizeram os israelitas dos tempos bíblicos.

Os homens de negócio, profissionais liberais, comerciantes, dirigentes de indústrias que moravam na região do "Vale do Aço", convidados para fazerem parte da formação do primeiro Rotary Club de Fabriciano-Acesita, eram oriundos dos mais diversificados lugares: Alemanha, Japão, Bahia, Ceará, Rio de Janeiro, Nova Lima, Itabira e Nova Era, entre outros.

As identidades e os costumes regionais de cada um dos sócios fundadores eram diversificados, e havia assim, necessidade de sociabilizar esses trinta e dois sócios fundadores, uma vez que a nota tônica do Rotary é o companheirismo e a amizade entre os sócios. Inicialmente foram criados artifícios de sociabilidade:

> Nos primeiros anos das reuniões semanais do Rotary, os locais eram estabelecidos por cartõezinhos. Ao chegarem à reunião, os rotarianos sentavam-se onde estivessem marcados os seus nomes. Isso evitava que se formassem grupos fechados entre si nos primeiros anos das reuniões semanais do Rotary [312].

---

[310] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n.1, 1º ago. 1959, p. 2.
[311] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 45, 11 jun. 1961, p.1.
[312] TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 1º ago. 2003.

Maurício Antônio Anacleto dá-nos mais pormenores:

> Realmente, os locais de assento eram marcados com plaquinhas, nas quais eram inscritos os nomes e a cada semana se alternavam entre si. Punha-se a plaquinha para cada um saber aonde iria se sentar. A cada encontro rotário, cada membro tinha que ficar ao lado de outro companheiro do clube. Isso de fato fez com que houvesse um bom relacionamento com todos e se evitasse o isolamento entre algumas pessoas. Houve mais comunicação e sempre ficamos juntos uns com os outros e todos se conheceram. Para evitar segregação, criou-se essa idéia de cada rotariano ficar com um companheiro diferente [313].

À medida que os rotarianos iam se conhecendo e os laços de confiança entre eles se configurando, a sociabilidade do grupo fundador ia se estruturando. Nos encontros semanais e nos jantares do Rotary Club, estabeleciam-se numerosos diálogos:

> As reuniões do Rotary Club tinham horário certo de começar e de terminar. Era uma hora de reunião. Nessa hora, geralmente durante o jantar, discutíamos os assuntos que havia para aquela semana e programávamos para a outra semana. Depois da reunião, no lado de fora, é que se continuava a conversar ou discutir outros assuntos de nosso interesse ou mesmo do interesse da comunidade [314].

A sociabilidade forjada era acompanhada pela informalidade. Os sócios fundadores do clube rotário eram advogados, médicos, comerciantes, engenheiros, superintendentes e diretores de empresas siderúrgicas. Os títulos honoríficos, como o de “doutor”, eram evitados durante as reuniões. Fazia parte da vida do clube não exibir signos de distinção entre os associados.

> O tratamento entre os rotarianos era informal. Ninguém chamava o outro de doutor dentro do ambiente do Rotary. Não tinha Doutor fulano ou sicrano. Podia ser superintendente da Belgo Mineira, diretor da Acesita, médico, engenheiro ou qualquer outro, todos eram tratados sem esses títulos. Um chamava o outro só pelo próprio nome ou pelo apelido. Isso era feito para facilitar a amizade [315].

Alguns chamavam certos companheiros pelo apelido, e este era até mesmo colocado nos boletins rotários, diante do respectivo nome, entre parêntese:

---

313 ANACLETO, Maurício Antônio. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 27 set. 2003.
314 Ibid.
315 TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 21 out. 2003.

Candinho, Guerrinha, Zequinha [316].

A informalidade entre os sócios fundadores marcava não somente as reuniões do Rotary Club, mas também a interação na residência de cada um.

> Geraldo Perlingeiro Abreu, quando chegava em minha casa, entrava pelos fundos batendo palmas e adentrava pela cozinha e saía pela sala. Ele me tratava como irmão. Nós éramos "irmãos" mesmo, irmão de tudo, de intimidade, de pessoas criadas juntas [317].

José Avelino Barbosa confirma essa informalidade:

> Eu tenho saudades do início do Rotary Club. As reuniões eram mais amigas, havia mais contato e companheirismo. O Geraldo Perlingeiro Abreu atuava muito na Universidade do Trabalho em Coronel Fabriciano, mas ele morava na cidade de Acesita. Toda vez que ele vinha para a Universidade não deixava de passar no meu hotel e me dizer: Oh! Zé. Assim era o José Ignácio Fernandes que era Coletor Federal e o Luiz Gonzaga Bueno que era o Coletor Estadual [318].

Levando-se em conta que os trintas sócios fundadores eram forasteiros, essa situação poderia retardar a sociabilidade desses rotarianos, uma vez que seus costumes regionais e identidades eram diferenciados. Isso, provavelmente faria com que as sociabilidades se efetuassem lentamente, devido a essas diferenças.

Como a maioria dos familiares dos sócios fundadores ficou nos locais de origem, a afetividade que se dedicaria aos parentes era dada aos membros do clube. O filho de um dos sócios fundadores percebeu esse fenômeno:

> Os vínculos criados entre os rotarianos se deveu ao fato deles não terem muitos parentes aqui. Logo aquela afetividade que se dedicaria aos irmãos, tios e primos foi feita dentro do ambiente do Rotary Club [319].

Nos encontros festivos do Rotary, havia sempre brincadeiras por parte dos rotarianos festeiros. Chames Salles Rolim, com sua prática poética, fazia versos:

---

316 Boletim Rotary Club de Coronel Fabriciano, ago. 1984, n. 2.
317 TÔRRES, 21 out. 2003, op. cit.
318 BARBOSA, José Avelino. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 5 jul. 2003.
319 ABREU, Humberto de Sousa. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Timóteo, 23 ago. 2003.

> No protocolo é um prazer
> José Ignácio Fernandes produzir,
> põe os óculos para ler
> tira os óculos para ouvir" [320].

Com isso todos caíam na gargalhada e numa descontração sem igual. Também em termos de gargalhadas informou Edelves Morais Albeny: "Muitos eram as anedotas que o Albeny contava no Rotary. Ele dizia: Oh gente! Será que nós iremos passar esse fim de semana sem velório? Estou doido para ter um velório para contar umas piadas?" [321] (risos).

Por outro lado, as sociabilidades entre os rotarianos, com seus respectivos filhos e cônjuges, não se limitavam nos espaços de reuniões ordinárias de Rotary. Outros locais de fomento de sociabilidade eram utilizados, como nas fazendas e cachoeiras para realizar piqueniques: "Ficou estabelecido que o piquenique será realizado no domingo, dia 13 de outubro, sendo o local mais apropriado uma cachoeira perto do Jaguaraçú. À Casa da Amizade cabe organizar jogos e brincadeiras para as crianças" [322].

Essa sociabilidade e afetividade foram percebidas nas entrevistas. Isso é evidenciado em outros depoimentos, como aquele em que é narrada a experiência de um alemão que veio ao Brasil trabalhar como engenheiro chefe de mecânica na companhia Acesita. Na época da instalação do Rotary, esse alemão havia sido convidado para compor a fundação do clube rotário, mas não permaneceu muito tempo na empresa e, conseqüentemente, foi embora do Brasil:

> Ele não ficou muito tempo aqui. Ele ficou aqui no Brasil apenas cerca de cinco anos e foi para a Índia. Depois que foi para esse país exercendo a mesma profissão, retornou para a Alemanha. Mais tarde, veio ao Brasil para visitar os companheiros do Rotary. Eu estou falando isso porque ele me procurou. Eu era muito amigo dele. Ele me procurou e falou: 'eu só vim ao Brasil para visitar o Rotary Club de Coronel Fabriciano [323].

---

320 ROLIM, Chames Salles. 2005. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Ipatinga, 12 ago. 2005,.

321 ALBENY, Edelves Morais. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 15 de jul. 2003.

322 *Ata da 101ª Reunião da Casa da Amizade de Coronel Fabriciano – Timóteo*. 3 set. 1974. Casa da Amizade: Coronel Fabriciano, p. 17.

323 TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 1º ago. 2003.

Muitos tipos de relações não são puramente instrumentais, mas envolvem sentimentos e valores cuja influência precisaria ser explicada como um fenômeno de significativa importância no conjunto de outros fenômenos. Muitas relações são motivadas pelas afetividades e sentimentos de pertencimento no processo da sociabilidade. Talvez essa afetividade, sociabilidade e informalidade no Rotary Club de Coronel Fabriciano expliquem os laços que prendiam o sócio fundador Geraldo Perlingeiro Abreu ao Rotary Club:

> Se eu não sentisse o que sinto, e sempre senti, durante estes anos, teria me despedido do Rotary. Todavia... como sinto... me despeço hoje, para voltar ainda e sempre, na próxima semana [324].

Há indícios nos depoimentos de que havia um grande entrosamento entre os sócios fundadores, o que não significa dizer que não houvesse divergências internas entre eles. No grupo de sócios fundadores havia a engrenagem pensante, socializadora, empreendedora, moderadora, pacificadora, comunicadora, etc. Essas habilidades diferenciadas e agrupadas também permitiram o encontro com o "outro" [325].

Sociabilidade, informalidade e afetividade foram forjadas entre os trinta sócios fundadores. As explicações do "sociólogo" Vilfredo Pareto, parecem plausíveis quando parte do princípio de que os sentimentos e os afetos desempenham um grande papel na determinação do curso da ação humana [326].

---

[324] ABREU, Geraldo Perlingeiro. In: TORRES, Narciso Drummond. Boletim Rotary Club Coronel Fabriciano, mar. 1986, p. 1.
[325] ABREU, Humberto de Sousa. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Timóteo, 23 ago. 2003.
[326] PARETO, apud COHEN, Percy S. *Teoria social moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970, p. 106.

4 ROTARY CLUB: PODER INVISÍVEL NA *TERRA PROMETIDA*

Na medida em que se coloca uma luneta para observar historicamente as atuações sociais dos sócios fundadores do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita detecta-se uma quantidade significativa de iniciativas a partir do primeiro ano da fundação daquele clube de serviço, isto é, uma lista não tão pequena de ações sociais para um diminuto período entre os anos 1959 e 1967: criação de um jornal impresso; incubação da idéia de uma empresa de diversões com uma rede de sete cinemas; efetivação de uma sociedade civil juridicamente estabelecida; construção de escolas de ensino primário e a criação do primeiro curso de ensino médio e profissional; fundação da Companhia Telefônica; construção de um hotel luxuoso, através de vendas de quotas; inicio da construção de uma maternidade; movimentação em prol de estradas rodoviárias que cortam o Vale do Aço; participação na manutenção da luz elétrica e apoio para a vinda da CEMIG para a cidade; participação no empreendimento de um clube de esporte e lazer; debate que germinou a lei de Bolsas de Estudos da Companhia Vale Rio Doce (CVRD) e da Caixa Econômica Federal (financiamento de Ensino Superior que veio se tornar em CREDUC em 1975); participação na difusão do imaginário Vale do Aço; instalação de um Rotary Club, composto por trinta e três rotarianos, em Ipatinga.

Pode-se questionar como conseguiram esses trinta e dois rotarianos realizar grande quantidade de empreendimentos de caráter social, urbano e econômico em menos de nove anos [(327)], sem terem, ao que tudo indica, capital econômico privado que correspondesse efetivamente aos custos financeiros de todos os projetos realizados por esses rotarianos nos primeiros anos de atividade rotária. Estiveram os rotarianos utilizando apenas capital econômico ou tinham eles outros tipos de capitais igualmente potentes para efetuar as edificações consideradas imprescindíveis? Os

[327] Nos primeiros quatro anos (1959-1963) os sócios do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita atuaram na composição ou criação: jornal *Canaã*, Associação Amigos de Coronel Fabriciano, Energia Elétrica, Silvania Palace Hotel, telefone automático, maternidade, cinema, energia elétrica, escola Pública, escola de Comércio Ferreira da Costa, Escola Profissionalizante. Para os anos (1964-1967) CEMIG, CREDUC, Clube Casa de Campo, jornal *O Vale do Aço*, a consolidação do imaginário *Vale do Aço*, instalação de um outro clube rotário na própria região e, que são efetivamente um desdobramento dos anos anteriores.

trintas e dois rotarianos não necessitariam de “poder” para realizar tais empreendimentos sociais e urbanos nesse curto espaço de tempo?

Uma tentativa de resposta a essa pergunta poderia ser dada a partir da declaração de Hannah Arendt de que o único fator material indispensável para a geração de poder é a convivência entre os homens. “Um grupo de homens relativamente pequeno, mas bem organizado, pode governar, por tempo quase indeterminado, vastos populosos impérios” [328]. Essa autora é incisiva ao expressar que a manutenção do poder se faz pela permanência unida das pessoas: “todo aquele que, por algum motivo, se isola e não participa dessa convivência renuncia ao poder e se torna impotente, por maior que seja sua força e por mais válidas que sejam suas razões” [329].

Também é notável que o conceito de *poder invisível* ou *poder simbólico* em Pierre Bourdieu nos ajuda a encontrar uma resposta plausível para o segredo da força do Rotary Club da Região do Vale do Aço, nos primórdios dos anos sessenta:

> "Poder simbólico é esse poder invisível [...] poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força física ou econômica [...]. O poder simbólico (é) capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia" [330].

O poder simbólico [331] é capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia. Nisso encontra-se a invisibilidade do poder do Rotary. Uma força forjada, construída pelos efeitos da associação voluntária.

Em nossa pesquisa, observamos que estatutariamente um Rotary Club é constituído por pessoas convidadas para pertencerem ao clube e não o contrário. Na instalação de um clube rotário, portanto, é de fundamental importância saber escolher quais serão os sócios e se eles têm perfil de entrosamento. “Saber escolher quem são as

---

[328] ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 213.
[329] Ibid.
[330] BOURDIEU. Pierre. O poder simbólico. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2003, p. 7, 14 e 15
[331] Não confundir *poder simbólico* com *capital simbólico*. Pois o poder simbólico é a soma dos capitais: capital econômico, capital social, capital político, capital cultural e capital simbólico (prestígio e reputação).

pessoas que formarão o novo Rotary Club é a mais importante tarefa" [(332)]. No caso do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita, as pessoas foram convidadas e, em seguida, fizeram uma reunião preliminar para avaliarem a capacidade de relacionamento de cada um dos prováveis sócios. A formação de cada Rotary Club é fundamentada na agremiação seletiva. "Para pertencer ao Rotary Club só podem ser admitidas pessoas de prestígio na sociedade e que sejam donos, gerentes ou sócios de uma empresa, ou seja, que tenham plena autonomia empresarial" [(333)]. Prestígio na sociedade é o principal qualificativo procurado nos homens de negócios para fazerem parte do Rotary Club. Sobre essa questão, as reflexões do sociólogo Pierre Bourdieu permitem perceber o funcionamento do Rotary Club, que afirma que um espaço social pode ser construído de diferentes formas e, uma delas, é "não ajuntar uma pessoa qualquer com outra pessoa qualquer desconsiderando as diferenças fundamentais, sobretudo econômicas e culturais" [(334)]. Para esse autor francês, há outras forças além da econômica capaz de mobilizar projetos e ações sociais. São variadas as formas de capitais no espaço social além do capital econômico. Maria da Graça Jacintho Setton resume as definições de Pierre Bourdieu no que se refere as diferentes espécies de capital:

> A diferente localização dos grupos sociais deriva da desigual distribuição de recursos e poderes de cada um deles. Entende-se por recursos: *Capital econômico*, *capital cultural*, *capital social e capital simbólico*. O *capital econômico* refere-se ao conjunto de posses de bens materiais ou renda. O *capital cultural* constitui-se de três formas: o *estado incorporado*, sob a forma de disposições duráveis do organismo; *o estado objetivado*, sob a forma de bens culturais; e o *estado institucionalizado*, sob a forma de diplomas e titulação. *Capital social* é o conjunto de recursos atuais e/ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de inter-reconhecimento e interconhecimento. E por último, *capital simbólico*, geralmente chamado de prestígio, reputação ou fama, nada mais é que a união dos outros tipos de capital ao se tornarem reconhecidos legitimamente [(335)].

Pierre Bourdieu afirma que o *prestígio* e a *reputação* formam uma espécie de capital simbólico, ou seja, um capital com poder tal como outras espécies de capital: capital

---

[332] TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano 3 mai. 2003.
[333] Idem.
[334] BOURDIEU, 2003, op. cit., p. 138.
[335] SETTON, 1996, op. cit., p. 88.

econômico, capital social e capital cultural. Todos eles são campos de poder que se entrelaçam numa esfera social com distribuição desigual das diferentes espécies de capital no espaço geográfico. Nesse sentido, se o Rotary Club é um ajuntamento de homens de prestígio e de posição destacada numa sociedade, inevitavelmente nasce um clube de capital simbólico e social [336].

Detectamos que a forte participação do Rotary Club Coronel Fabriciano-Acesita na sociedade local não se dava necessariamente por meio de doações de dinheiro advindas dos trintas e dois rotarianos. Estes não agiam essencialmente como filantrópicos [337]. Suas manifestações se davam através de prestígio e posição social. Na afirmação de um dos associados: "nossa participação era através de prestígios das pessoas proeminentes que pertenciam ao Rotary Club e não monetariamente" [338]. A explicação de Pierre Bourdieu é pertinente para o entendimento dessa forma de ação assumida pelo Rotary Club: "O poder simbólico é esse poder invisível, [...] que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica) [...]" [339].

O jornalista José Rodrigues do Amaral, vulgo Carioca, descreveu em depoimento a estratégia de natureza invisível dos rotarianos de Coronel Fabriciano, da época, para para alcançar os seus propósitos:

> O Rotary fazia aquela "pressão branca", isto é, aquela pressão que ninguém vê, mas sente. Por exemplo, um deputado era convidado pelo Rotary para participar de um jantar festivo e comemorativo do Rotary Club. O deputado chegando lá avista um coquetel, ouve discursos e participa daquelas rodinhas que se formam. Então é ali que começa a "pressão branca": "olha! Nós estamos precisando disso e isso assim. Nós estamos com a dificuldade de ir ao Governador do Estado ou ao secretário de Saúde ou de Segurança ou de Trabalho. E nós gostaríamos muito que facilitasse, aplainasse o nosso caminho até eles. Nós estamos querendo formar aqui uma comissão para conversar com o Governador ou com o Secretário e o

[336] SETTON, 1996, op. cit., p. 134.
[337] O Rotary não é uma instituição *filantrópica*, senão qualificada de *clube de serviço*: "A filantropia é exercida à expensa própria, o serviço não custa dinheiro para quem o exerce, porque é, e deve ser, conseguido através da influência de quem o pratica." Cf. PORTES, José Silvano. Instruções rotárias. Belo Horizonte: Cuatiara, 1997, p. 93. O Rotary possui a prática comum de utilizar a *influência e prestígio* do rotariano isolado ou da potencialidade dos membros em conjunto para conseguir o que lhe é solicitado.
[338] TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano 3 mai. 2003.
[339] BOURDIEU, 2003, op. cit., p. 7 e 14.

> Sr. poderia aplainar o nosso caminho até eles. Se o Sr. fizer isso ficaremos muito agradecidos. E nós demonstraremos esse nosso agradecimento num integral e irrestrito apoio aqui na nossa cidade". Você quer uma "pressão branca" melhor do que essa, porque não se vê. A pressão está aí! Se não aplainar o caminho não precisa voltar aqui mais. Isso porque os rotarianos eram os líderes, a cabeça pensante da região. Então os deputados saíam sabendo que se fizer alguma coisa pelos rotarianos certamente eles ficarão agradecidos. Os deputados chegavam na capital e tomavam providências e não muito tempo depois vinha um telefonema, uma carta ou telegrama dizendo que a comissão de rotarianos já poderia ir conversar com os políticos da cúpula. Era assim que eles faziam as coisas acontecerem em Coronel Fabriciano [(340)].

É pertinente a explicação de José Rodrigues do Amaral quando esse se refere à "pressão branca". O sociólogo francês Pierre Bourdieu formulou o conceito *poder simbólico*, que de certa forma aproxima-se muito à "pressão branca". O "poder simbólico invisível" de Pierre Bourdieu é um atributo característico dos homens de prestígio e reputação social exercendo influência sobre determinado sentido de ação desejada [(341)]. O poder simbólico não mostra visibilidade como o poder do capital econômico ou poder do capital social apresentam. No município de Coronel Fabriciano pode-se falar até de um poder local paralelo ao poder político.

O poder simbólico permite obter o equivalente àquilo que o poder econômico e físico às vezes não conseguem. Quando um Rotary Club reúne indivíduos que possuem prestígio social e posição na hierarquia empresarial, comercial e rural, o poder dessa associação voluntária torna-se mais potente. O poder econômico de um clube, por si só, é por vezes insuficiente quando a sociedade precisa ser inicialmente conquistada para que nela se canalize visões de mundo social (do grupo rotariano), cuja penetrabilidade se consegue mais facilmente quando apoiados pelo capital cultural, social e simbólico. Daí, o poder simbólico dos detentores das várias espécies de capital.

A teoria do *espaço social* ou *campo social* [(342)] enunciada por Pierre Bourdieu permite lançar luzes sobre as lutas simbólicas desenvolvidas nos diferentes campos em que está em jogo a própria representação do mundo social. Para esse autor, "o

---

[340] AMARAL, José Rodrigues 2004. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 23 fev. 2004. .
[341] BOURDIEU, 2003. op. cit.
[342] Ibid., p. 133-161.

conhecimento do mundo social está em jogo na luta política, luta ao mesmo tempo teórica e prática pelo poder de conservar ou de transformar o mundo social conservando ou transformando as categorias de percepção desse mundo" [343].

O historiador Roger Chartier afirma que, para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas [344]. Roger Chartier, em nota de rodapé, declara se apoiar em grande medida nos trabalhos de Pierre Bourdieu no que se refere ao conceito de "lutas de representações serem relevantes tanto quanto às lutas econômicas" [345].

O Rotary Club, sob o aspecto de agremiação de sócios, pode ser classificado como *elite*. Esse vocábulo vem do latim *eligere* que significa "escolher". O vocábulo "elite" significava, em sua origem, os melhores artigos selecionados para venda ou os objetos que se podiam escolher. Nas ciências sociais, esse termo assumiu o sentido de referência a um grupo de pessoas que em qualquer sociedade ocupa posições de destaque [346]. A criação de cada Rotary Club é fundamentada na escolha de sócios, na seleção de sócios de prestígio da comunidade local**.** Nesse sentido informa Pedro Sampaio Guerra, sócio fundador do Rotary Club de Coronel Fabriciano: "O Rotary Club tem um certo elitismo. É uma seleção. Não é qualquer um que entra no Rotary. Só entram mais ou menos os expoentes de cada profissão. Na época [1959] parece que o critério era esse, mas sempre tem um critério político" [347].

O *prestígio* e a *reputação* são considerados por Pierre Bourdieu como capital simbólico, ou seja, uma espécie de capital com poder tal como outras espécies de capital: capital econômico, capital social e capital cultural. Todos eles são campos de poder que se entrelaçam numa esfera social com distribuição desigual das diferentes

---

343 BOURDIEU, 2003, op. cit. p. 142.
344 CHARTIER, Roger. *A história cultural*: entre prática e representações. São Paulo: Difel. 1989, p. 17.
345 Idem, p. 17, nota 3.
346 KELLER, 1967, op. cit., p. 14.
347 GUERRA, Pedro Sampaio. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 10 dez. 2003.

espécies de capital no espaço geográfico [348]. Sob essa perspectiva, o Rotary Club é um ajuntamento de homens de prestígio de uma sociedade local, uma associação de capital simbólico, mas não apenas de uma só espécie de capital, e sim de várias, como também de capital social (posição social na sociedade).

Conforme expressa os Estatutos do Rotary Internacional: "O Rotary Club será integrado por indivíduos [...] de boa reputação comercial ou profissional, e que sejam proprietários, sócios, diretores ou gerentes de qualquer negócio [...]" [349]. A frase "boa reputação comercial e profissional" refere-se ao capital simbólico, ou seja, prestígio, ao passo que os vocábulos "proprietários", "sócios", "diretores" ou "gerentes" de qualquer negócio reportam ao capital social, isto é, posição social na comunidade.

Na ocasião em que se agremiavam homens de negócio para compor o Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita, Narciso Drummond Tôrres esclarece que não bastava que o indivíduo tivesse reputação na sociedade, mas que possuísse também cargo de comando: "existiam funcionários aqui de grande aceitação na comunidade, mas não havia condições de serem admitidos, porque não exerciam posto de mando superior na companhia" [350] (grifo nosso). Assim, no processo de agremiação dos sócios fundadores levou-se em conta o capital simbólico (prestígio e reputação) e o capital social (posição social). Ter capital simbólico não era suficiente, era necessário que tivessem, junto a esse, o capital social.

Levando-se em conta que o Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita era formado por sócios de diferentes profissões: médico, farmacêutico, dentista, bancário, coletor, contador, advogado, pecuarista, engenheiro mecânico, engenheiro elétrico, engenheiro civil, engenheiro metalúrgico, comerciante e, além disso, alguns deles, ocupando cargos de chefia e diretoria nas três principais empresas industriais, formava-se um poder invisível capaz materializar os interesses bem compreendidos.

---

348 BOURDIEU, 2003, op. cit., p. 134.
349 Estatutos do Rotary Internacional. In: Manual de Procedimento. São Paulo: Rotary Internacional, 1986, p. 163.
350 TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano 3 mai. 2003.

Desse modo, o Rotary Club reúne indivíduos de diferentes espécies de capital, o que o torna uma instituição com poder de concorrer pela inserção de princípios de visão do mundo social, conforme expressado por Pierre Bourdieu: “na luta simbólica pela produção ou reprodução de visão legítima de mundo os agentes ou grupo de agentes investem em capital simbólico” [351].

Ora, as ações reais do Rotary Club, foram feitas sem dispêndio aparente de energia, [352] na luta pelo espaço social, por meio de aglutinação (escolha-agremiação) de homens de capital econômico, capital social, capital cultural, capital simbólico e, sobretudo, capital político.

Não significava que os sócios fundadores não tivessem um mínimo de capital econômico, já que esse capital é a raiz de todos os outros tipos de capital [353]. Todavia, Pierre Bourdieu aponta que a reprodução do capital social pressupõe um incessante esforço de sociabilidade, uma série contínua de intercâmbios entre os membros de um clube seleto [354]. A configuração da composição e do volume de capital do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita tem sua origem em (9) nove engenheiros, (4) quatro médicos, (2) dois farmacêuticos, (1) um dentista, (2) dois funcionários públicos, (1) um contador, (1) um advogado, (2) dois gerentes de bancos, (1) um pecuarista, (2) dois superintendentes industriais, (6) seis comerciantes. Os associados, em sua maioria, estavam vinculados a cargos de mando (na Belgo, Acesita, Usiminas) e proprietário de estabelecimentos comerciais.

O prestígio acumulado, produto da coletividade, possibilitou a atuação do Rotary Club de Coronel Fabriciano na comunidade local em amplas esferas. A penetrabilidade do grupo na instância local, estadual e mesmo federal tem sua raízes na estratégia de investimento de relações de vizinhança que o Rotary Club faz por meio do reconhecimento mútuo (entre os sócios) e com os grupo com quem se associa [355].

---

[351] BOURDIEU, 2003, op. cit., p. 146.
[352] Veja no capítulo *Rotary Club: atuações na Terra Prometida* como essa instituição utilizava o poder simbólico na cidade local.
[353] BOURDIEU, 1999, op. cit., p. 20.
[354] Ibid., p. 15
[355] BOURDIEU. Pierre. Capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. Escritos de Educação. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 68.

5 ROTARY CLUB: NO AMBIENTE DA DIFUSÃO DO IMAGINÁRIO *VALE DO AÇO*

Seria de bom alvitre antecipar que não utilizaremos o termo *imaginário* no sentido de "algo que não exista". Muito menos como uma espécie de mundo oposto à realidade dura e concreta, nem tampouco como uma produção de devaneios de imagens fantásticas que permitem a evasão para longe das preocupações cotidianas [356].

Embora o vocábulo *imaginário* nas ciências sociais seja polissêmico, uma das definições seria um "sistema de idéias e imagens de representação coletiva" [357]. Afasto-me do conceito de "imaginário coletivo" como um grupo social possuindo imagens iguais, como se não houvesse diferenças na apropriação dos discursos de representação de mundo, embora eu acredite que possa existir em grupos sociais aproximação ou compartilhamento de um hábito mental coletivo ou um imaginário compartilhado. Tomamos parte também de que a idéia-imagem (imaginário) precisa ter um mínimo de verossimilhança com o mundo vivido para que tenham aceitação social, para que sejam críveis. Nesse sentido, quando se fala em imaginário coletivo de Vale do Aço, como um compartilhamento mental de pensar-se em três municípios de algum modo político-econômico interdependente, complementar, tal imaginário fundamenta-se numa estrutura social de economia política industrial (fabricação de aço). Logo, tal imaginário é crível e se baseia na realidade física. Vale dizer ainda, que o imaginário não somente se suporta na concretude do real, mas também comporta um elemento utópico, isto é, num imaginário de projeção, de uma sociedade outra, na idéia de um mundo melhor do que o mundo atual e real. A utopia de Vale do Aço, o projeto de uma sociedade, pelo menos mais interdependente, é uma idéia-imagem inventada e difundida o quanto possível por grupos sociais de classe com a finalidade de criar uma identidade coletiva peculiar para fortalecimento dessa mesma classe. Todavia, o imaginário não é só utopia, mas, vez por outra, também se comporta como ideologia – o controle do imaginário, a gestão da reprodução e da difusão de um compartilhamento mental, são relativamente manipuladas por grupos sociais. Estes canalizam energias,

---

[356] BARBIER, René. Sobre imaginário. *Em aberto,* Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994, p. 15

[357] PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9.

influenciam escolhas coletivas em nome da idéia-imagem Vale do Aço. Em síntese, o imaginário coletivo estrutura-se no real (verossimilhança com o local vivido), na utopia (projeto) e na ideologia (controle).

Fontes históricas nos induzem a afirmar que o topônimo "Vale do Aço"[358] não era utilizado na vida cotidiana, muito menos pela política e nem tampouco pela imprensa escrita até os meados dos anos sessenta. Seja dito de passagem, que o jornal semanário de 1954, *Folha do Vale,* ao trazer no frontispício o local de sua produção, é assim estampado: "Coronel Fabriciano (**Vale do Rio Doce**)" (359) (grifo nosso).

Em 1957, discutia-se, na Assembléia Legislativa, se a Usiminas seria instalada no Vale do Rio Paraopeba ou no Vale do Rio Doce. O resultado da discussão foi o seguinte:

> O **Vale do Rio Doce**, que já possui a Belgo Mineira, de Monlevade, padrão de nossas indústrias, que já possui a Acesita, o orgulho da capacidade dos brasileiros, terá com a Usiminas complementado o seu círculo siderúrgico, formando assim o vale siderúrgico mais importante do mundo – o que podemos chamar o **Vale da Redenção Nacional**. No **Vale do Rio Doce** duas localidades devem merecer a escolha da Usiminas – Ipatinga e Governador Valadares (360) (grifo nosso).

Tal como supramencionado, os municípios de Coronel Fabriciano, Governador Valadares e os distritos João Monlevade, Timóteo e Ipatinga eram referidos como pertencentes ao Vale do Rio Doce. Conforme se observa, chegaram até mesmo a denominar essa região de Vale da Redenção Nacional, mas não de "Vale do Aço". O jornal *Canaã* divulgou em agosto de 1959: "[...] fabuloso **Vale do Rio Doce**, onde desponta, como uma promessa de glórias fascinantes, a cidade de Coronel Fabriciano" (361). Em 1960, a revista *Silhueta* propagou um anúncio comercial: "Recapagem **Rio Doce** Ltda., pioneira da indústria de recauchutagem em Coronel Fabriciano" (362) (grifo nosso). Essa mesma revista referindo-se à farmácia de José Maria Rolim, em Coronel Fabriciano, informa: "Um grande empório de produtos

---

[358] Atualmente Vale do Aço é designação da Região Metropolitana do Vale do Aço, Minas Gerais, instituída em 1998, compondo quatro cidades limítrofes. Antes mesmo de ser elevado a categoria Região Metropolitana, a nomenclatura *Vale do Aço* já era corrente há três décadas.
[359] Jornal *Folha do Vale*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 8, 28 mar. 1954, p. 1.
[360] Indicação nº 1084 de 10 de maio de 1957, Minas Gerais, Belo Horizonte. 12 de maio 1957. Diário da Assembléia. In: *Usiminas conta sua história*. Belo Horizonte, 1990, p. 57.
[361] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 1, 1º ago. 1959, p. 1.
[362] Revista *Silhueta*. Belo Horizonte, n. 91, 1960, p. 17.

farmacêuticos, se desenvolve no **Vale do Rio Doce**, sob a acertada orientação do Sr. José Maria Rolim" (363) (grifo nosso). Ainda em agosto daquele mesmo ano, os sócios e dirigentes da Associação Comercial declararam: "tornamos uma entidade de classe poderosa, dentro do Município e do Estado, trabalhando para o bem comum dos seus adeptos e para a grandeza maior desta grande região do **Vale do Rio Doce**" (364) (grifo nosso). Ainda em 1962, no Clube Recreativo Sete de Setembro, com quase a totalidade dos associados da Associação Comercial de Coronel Fabriciano, e outros convidados, foi proferida uma palestra sobre os "Problemas Sociais de Coronel Fabriciano". E uma das questões pronunciadas foi a necessidade de se criar um "organismo capaz de planificar o desenvolvimento do Vale do Rio Doce, cujo organismo já recentemente criado por decreto, a 'Codevale' – Comissão de Desenvolvimento do **Vale do Rio Doce** [...]" (365) (grifo nosso). Mesmo um ano depois, ou seja, 1963, fora enunciado na primeira edição do jornal *O Ipatinga* a nomenclatura "A Capital do Aço" (366), mas de forma alguma se encontra registrada

363 Revista *Silhueta*, 1990, op. cit., p. 13.

364 *Ata da Associação Comercial de Coronel Fabriciano*. Coronel Fabriciano, 8 ago. 1962, p. 26, verso. O pano de fundo desse discurso de "tornar-se uma entidade poderosa" foi pelo fato da Associação Comercial de Coronel Fabriciano ter-se registrado na Federação de Associações Comerciais do Estado de Minas Gerais. Essa informação foi chamada de "notícia auspiciosa".

365 *Ata da Associação Comercial de Coronel Fabriciano*. Coronel Fabriciano, 3 set. 1962 , p. 46. Cinco meses antes, no Congresso das Associações Comerciais, realizado nos dias 15 a 17 de março de 1962, já se fazia pressão ao Governo do Estado, no sentido de se criar um "organismo capaz de coordenar as grandes iniciativas para o Vale do Rio Doce, já cognominado de 'SUDEVARD' e na qual inclui entre outras providências destinadas ao fortalecimento desta região notadamente no setor industrial [...]. Cf. *Ata da Associação Comercial de Coronel Fabriciano*. Coronel Fabriciano, 2 abril. 1962, p. 40, verso. Ao contrário do ano 1967, os associados de classes comerciais passaram a discutir o desenvolvimento de uma região geo-econômica chamada *Vale do Aço* e não necessariamente Vale do Rio Doce. Cf. *Ata de Reunião Preparatória do I Congresso dos Municípios do Médio Rio Doce*. Coronel Fabriciano: CDL. 2 abr. 1967. Convém ressaltar, que não há em página sequer, das atas da Associação Comercial, entre o período de agosto de 1958 e fevereiro de 1963, a designação *Vale do Aço*.

366 Jornal *O Ipatinga*. Ipatinga, ano 1, n. 1, 1º jul. 1963, p. 1.

nesse impresso a idéia-imagem "Vale do Aço" [367].

Em fins de julho de 1964, a diretoria do Clube de Diretores Lojistas de Coronel Fabriciano – CDL [368], discutiu a necessidade de se alterar o nome do clube, muito em razão do desmembramento dos distritos Timóteo e Ipatinga de Coronel Fabriciano, em abril daquele mesmo ano. Tal alteração justificava-se por facilitar um melhor entendimento dos novos municípios independentes em relação a Coronel Fabriciano. Para isso, modificou-se o nome do CDL: "Clube de Diretores Lojistas de Coronel Fabriciano", para "Clube de Diretores Lojistas de Coronel Fabriciano, Ipatinga e Timóteo" [369]. Suponho que se a idéia Vale do Aço estivesse já inventada e difundida nos meados do ano de 1964, talvez seria mais razoável modificar para Clube de Dirigentes Lojistas do Vale do Aço do que acrescentar os nomes Ipatinga e Timóteo. Diante dessas considerações, tudo leva a crer que o nome Vale do Aço não foi inventado antes do primeiro semestre de 1964. Todavia, mesmo sob essa hipótese, encontramos provas documentais que evidenciam o surgimento, no segundo semestre de 1964, de uma empresa com a razão social Vale do Aço em Coronel Fabriciano. Alcides Silva, Ruy Dias, Augusto Ribeiro Neto, José Augusto César assinaram entre si, em 11 de junho daquele ano, um contrato social de uma sociedade por cotas de responsabilidade limitada regida pelas cláusulas:

> 1- Fica constituída nesta data uma sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, que girará sob a denominação social de **"Distribuidora Vale do Aço Ltda"** que terá sede e foro nesta cidade de Coronel Fabriciano – Estado de Minas Gerais.
> 2- A sociedade terá por objeto o comércio de veículos, peças e acessórios, combustíveis e lubrificantes, com oficina mecânica para assistência técnica.

---

[367] Um jornal de Coronel Fabriciano, *O Progresso*, traz uma matéria chamada *O Despertar*, na qual se fala de Coronel Fabriciano como o "Grande Vale". Isso nos mostra que Coronel Fabriciano, no final dos anos quarenta, já era caracterizado como uma região pertencente a um *Vale* de grandes proporções: "Com efeito, o povo de Coronel Fabriciano está construindo as bases de uma grande cidade, com ânimo e coragem brilhantes. Aqui, o trabalho vivo e magnífico enfrenta a hostilidade quase selvagem do **'Grande Vale'**, escrevendo o capítulo mais importante de uma história que os nossos netos ouvirão com respeito e orgulho" (grifo nosso). Cf. Jornal *O Progresso*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 26, 4 jul. 1948, p. 1. A idéia de *Grande Vale* precede os anos sessenta, mas não temos ainda provas documentais (impressas e manuscritas) da imagem *Vale do Aço* antes do ano de 1964, senão o depoimento oral de Waldetaro Vitorino Dias, o qual diz ser o autor da idéia-imagem Vale do Aço em 1962/1963.

[368] A Ata de Constituição do Clube de Dirigentes Lojistas de Coronel Fabriciano se deu em 9 de novembro de 1963.

[369] *Ata de Reunião do Clube de Dirigentes Lojistas de Coronel Fabriciano*, 31 jul. 1964. CDL: Coronel Fabriciano.

> 6- A gerência da firma fica a cargo dos sócios Augusto Ribeiro Neto e Ruy Dias, que farão uso da **razão social** em conjunto ou separadamente cabendo a ambos a gestão dos negócios [370] (grifo nosso).

Decorridos três meses e meio, inauguram efetivamente a Concessionária da Volkswagem (Distribuidora Vale do Aço). Isso nos induz afirmar que a imagem Vale do Aço começou a ser utilizada no final de 1964, embora tenha havido ainda pouca circulação dessa idéia-imagem no ano subseqüente. Essa hipótese se fundamenta, por exemplo, em razão do não aparecimento do nome Vale do Aço no título do semanário nomeado *Folha do Aço*, no qual foram divulgados pelo CDL, na edição 10 a 16 de maio de 1965, os dizeres de um Memorial produzido por Waldetaro Vitorino Dias e Elio Rocha, endereçado ao Presidente da República Humberto de Alencar Castelo Branco [371].

Embora não tenhamos ainda encontrado provas documentais (impressos e manuscritos) que atestem a existência do topônimo Vale do Aço em período anterior ao primeiro semestre de 1964 [372], há o depoimento oral de Waldetaro Vitorino Dias que afirma ser em 1962/1963 a data em que ele concebeu e divulgou essa nomenclatura:

> Olha! Já em 1962, eu lecionei uns cinco meses gratuitamente para a Beneficência Popular em Timóteo [...]. Eu lecionei História e Geografia [...] porque eu havia sempre pensando nessas leituras em coisas pátrias. Então, uma pessoa que tem esse gosto é fácil de memorizar História e Geografia. E eu recebi uma reciclagem, do professor que iria se ausentar durante uns dez dias, sobre o que ele fazia, sobre os elementos que ele buscava e que dispunha. As ferramentas que ele tinha ali. Então, eu lecionei isso. Então quando chegou o fim do ano, a classe que era só mulher, as moças num

---

370 *Contrato Social*, 11 jul. 1964. Registrado na Junta Comercial do Estado de Minas Gerais. Contrato arquivado nº 147130. Belo Horizonte, 30 jul. 1964.

371 *Ata*, 2 mai. 1964. CDL: Coronel Fabriciano. Provavelmente possa haver nessa carta alguma menção ao termo Vale do Aço. Mas não tivemos acesso ainda a essa carta/memorial.

372 Encontramos no primeiro semestre de 1964 a expressão “região do aço”, mas não “Vale do Aço”, veja: “Recebemos do Sr. Raimundo Rodrigues de Oliveira, titular da Solancol, Sociedade Lançadoras de Condomínios Ltda., um original convite para o coquetel do lançamento Country Clube Caladinho, que será um magnífico de campo, que será dotado de todos os requisitos mais modernos e virá atender uma velha necessidade da **região do aço**: Usiminas, Ipatinga, Cel. Fabriciano e Acesita” (grifo nosso). Cf. *A Verdade Impressa*. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 41, 7 mar. 1964. Embora tenha surgido na página impressa a nomenclatura “região do aço” em março de 1964, a identidade de região do aço parece não se ter ainda sedimentado, conforme se pode observar no texto: “o Elite Club está realizando normalmente suas horas-dançantes aos sábados e domingos, com boa freqüência. Alías, sobre o Elite registramos com prazer a opinião de alguns visitantes de GV. Acharam eles que não existe no **Vale do Rio Doce** nenhum clube que dança mais alinhado que o magestoso (sic) Elite Clube” (grifo nosso). Cf. *A Verdade Impressa,* 1964, 7 mar. op. cit.

> entusiasmo medonho: “Sr Vavá, o senhor tem gráfica não?” Tenho sim, uai! Eu tenho a gráfica Tabajara. “O Sr. podia nos ajudar a fazer o convite de formatura? Só que nós estamos com um problema aqui desse negócio de nós estarmos formando em Timóteo que não é cidade? E eu falei assim: oh! Vamos fazer o seguinte: nós não vamos colocar Fabriciano também não. A maioria delas era de Coronel Fabriciano. Nós vamos colocar Vale do Aço. E eu já vinha falando aí em Vale do Aço. Vocês concordam? Elas disseram: ah! Que bom!
> Então já na Associação Comercial eu falava isso. Aí eu vi essa necessidade diante da explosão demográfica que a gente percebeu que estava ocorrendo aqui [...]. Então, eu achei que se nós criássemos um topônimo ficaria mais fácil para todos nós convivermos juntos e mais fácil para aquelas pessoas que vinham para cá e que não sabiam nem pelo mapa onde ficava a Acesita e onde ficava a Usiminas. A denominação Vale do Aço estava ligado a este complexo siderúrgico Acesita e Usiminas. E o governo do Estado não tinha uma infra-estrutura capaz de planejamento de um mapeamento, de uma divulgação, de uma comunicação que, assim, transpusesse os limites do estado para aquelas pessoas de outros estados ou mesmo dos extremos dos estados, soubessem onde geograficamente estavam localizados a Acesita e Usiminas. Eu achei, assim, por bem, que esse aglomerado urbano tivesse uma outra denominação. E que mesmo se viesse uma emancipação como ocorreu dois anos depois, essa divisão administrativa nada passaria, senão uma linha imaginária só do interesse do político. Que para quem trabalha aqui não quer saber onde está o limite de Acesita, de Timóteo e de Ipatinga e sim o Vale do Aço. Assim como existem os bairros, os municípios também foram absorvidos pela denominação Vale do Aço [(373)].

Se Waldetaro Vitorino Dias pronunciava nos idos de 1962 e 1963 a idéia imagem Vale do Aço na Associação Comercial e no Clube Dirigentes Lojistas de Coronel Fabriciano, não encontramos, pois, uma única menção ao topônimo Vale do Aço nas atas de registros de reuniões da Associação Comercial entre agosto de 1958 e fevereiro de 1963 [(374)]. E muito menos nos registros do Clube de Dirigentes Lojistas entre novembro de 1963 e abril de 1966. Até agora não há provas impressas e manuscritas, senão oral, de que o nome Vale do Aço tivesse sido utilizado, em período anterior a 1964, para se referir à região composta por Ipatinga, Coronel Fabriciano e Timóteo.

Essa questão da produção e circulação do imaginário Vale do Aço tem significado histórico importantíssimo para essa região, ainda mais ao detectar a idéia de que

[373] DIAS, Waldetaro Vitorino. 2005. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Timóteo, 13 abr. 2005.
[374] Não foram encontradas na ACICEL e CDL de Coronel Fabriciano as atas de reuniões da Associação Comercial entre março de 1963 e início dos anos 70.

"somos do Vale do Aço" e não do "Vale do Rio Doce" tal como outrora. Uma identidade foi construída como distinção do Vale do Rio Doce [375].

A expressão "Vale do Aço" tornou-se uma identidade em uma região eminentemente produtora de aço. O *shopping* instalado em Ipatinga [376] foi nomeado *"Shopping do Vale" e* recentemente [377] inseriram "*do Aço"* [378]. Muitos estabelecimentos comerciais e entidades foram implantados com essa nomenclatura em Ipatinga: *"Cerealista Vale do Aço"*, *"Rações Vale do Aço" "Jornal Vale do Aço" "Hotel Vale do Aço"*, *"Parafusos Vale do Aço"*. Em Coronel Fabriciano encontramos tantos: *"Marmoraria Vale do Aço" "Toldos Vale do Aço"*, *"Sacolão Vale do Aço"* e em Timóteo mais: *"Funerária Vale do Aço*", *"Hidráulica Vale do Aço", "Atacadão Vale do Aço"*.

Em que pese a relevância do topônimo *Vale do Aço*, quantificamos não menos de cento e setenta e dois estabelecimentos e entidades que portam essa importante

---

375 Atualmente, em Governador Valadares, há pelo menos 12 estabelecimentos, associações com razão social e/ou nome fantasia *Vale do Rio Doce*. E só para citar uns exemplos: "Faculdade de Direito Vale do Rio Doce Fadivale", "Cooperativa Agro Pecuária Vale do Rio Doce", "Instituto de Nefrologia Vale do Rio Doce", "Cresans Vale do Rio Doce". Com base na listagem da Telemar (www.via102.com.br) pudemos perceber que não há um só estabelecimento em Governador Valadares que tem razão social e/ou nome fantasia contendo a nomenclatura *Vale do Aço*. De igual modo não há na Região Metropolitana do Vale do Aço um só estabelecimento com razão social e/ou nome fantasia com o topônimo *Vale do Rio Doce*, salvo escritório "Companhia Vale do Rio Doce" em Ipatinga. Vimos anteriormente, que nos anos cinqüenta e sessenta, Coronel Fabriciano se figurava na idéia-imagem Vale do Rio Doce: "[...] fabuloso **Vale do Rio Doce**, onde desponta, como uma promessa de glórias fascinantes, a cidade de Coronel Fabriciano" (grifo nosso) jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 1, 1º ago. 1959, p. 1. Hoje parece haver poucos vestígios da idéia-imagem Vale do Rio Doce na Região Metropolitana do Vale do Aço. Isso significa dizer que uma identidade em relação ao Vale do Rio Doce foi se formando no decorrer das quatro últimas décadas. Ao que tudo indica, até mesmo há fortes rivalidades e disputas de Governador Valadares com a Região Metropolitana do Vale do Aço. Provavelmente, as raízes desse ressentimento coletivo estejam na implantação da Usiminas em Ipatinga quando se pensava que seria Governador Valadares o local de instalação dessa empresa industrial. Por uma diferença de vinte um pontos, Governador Valadares perdeu para Ipatinga. Cf. *Usiminas conta sua história*. Belo Horizonte: Assessoria de Comunicação Social, 1990, p. 56. Hoje se ouve de cidadãos valadarenses: "*O Vale do Aço é o primo rico e Governador Valadares o primo pobre"*.

376 O "Shopping do Vale" foi inaugurado em 24 de setembro de 1998. Cf. www.shoppingdovale.com.br.

377 Informações obtidas da administração do *Shopping Vale do Aço*, apontam ser, em fevereiro de 2001, a data da inserção "do aço" no nome fantasia/razão social do shopping. Talvez fossem, bem mais depois nos letreiros e placas, ocorrido as alterações.

378 Nesse caso específico, a inserção da nomenclatura "do Aço" ao nome "Shopping Vale" deveu-se ao fato de já existir, desde maio de 1995 o "Shopping do Vale" (em Bom Princípio – Rio Grande do Sul). Cf. www.shoppingdovalers.com.br. Quando em 1998, instalaram, em Ipatinga, o "Shopping do Vale" tiveram, provavelmente, por força de lei, alterar, acrescentar ou mudar o nome do shopping. A opção mais plausível foi incrementar "do Aço".

nomenclatura identitária da região metropolitana em seus nomes fantasia e/ou razão social.

Quadro 7 - Número de estabelecimentos comerciais, industriais e entidades associativas das três maiores cidades da Região Metropolitana do Vale do Aço que possuem o topônimo *Vale do Aço* no nome fantasia ou na razão social.

A Nomenclatura "Vale do Aço" na Razão Social e/ou Fantasia	
Municípios	**Estabelecimentos ou Entidades**
Coronel Fabriciano	59
Ipatinga	109
Timóteo	14
Total	**172**

Fonte: www.via102.com.br; Secretaria Municipal de Finanças da Prefeitura Municipal de Ipatinga; Secretaria Municipal de Administração e Finanças da Prefeitura Municipal de Coronel Fabriciano.

A expressão "Vale do Aço" parece possuir um poder tão impactante que não usá-la é não participar desse domínio imanente no imaginário coletivo, isto é, a idéia comum de que a independência política das cidades locais tendem a ser suplantada, num futuro próximo, por uma força política mais interdependente e por um mercado mais amplo e relativamente unificado. Indícios dessa assertiva podem ser percebidos ao se analisar o discurso do deputado federal Ivo José que se coloca como divulgador e defensor da Região Metropolitana do Vale do Aço [(379)]. Recentemente, esse deputado distribuiu um folder intitulado "Vale Lutar", no qual faz eco: "unificação da tarifa telefônica, mais uma conquista da Região Metropolitana do Vale do Aço" [(380)].

Se até os meados dos anos sessenta não havia ainda a idéia de Vale do Aço e hoje, ao contrário, é fortemente difundida, continuamos a questionar: como, quando e em que ambiente é que se começou a propagar o topônimo Vale do Aço? Com qual finalidade foi incubada essa nomenclatura?

[379] A Região Metropolitana foi criada em 30 de dezembro de 1998, através da lei complementar nº 51/98. Os projetos de discussões acerca da criação de uma região politicamente unificada sob a idéia de Vale do Aço já ocorriam em abril de 1967. Cf. *Ata de Registro das reuniões preparatórias do I Congresso dos Municípios do Médio Rio Doce*. CDL: Coronel Fabriciano, 2 abr. 1967.
[380] *Vale Lutar*. Publicação do Mandato do deputado federal Ivo José – PT/MG, fev. 2005.

Uma resposta a esta pergunta não é isenta de algumas contraversões. Há pelo menos mais de uma versão no que tange ao surgimento da nomenclatura Vale do Aço [(381)]. Todavia, muito mais do que a criação do topônimo Vale do Aço, enfoca-se aqui o *ambiente embrionário* da criação ou recriação dessa nomenclatura, bem como alguns setores sociais que tiveram sua participação na *difusão* do imaginário desse topônimo no segundo qüinqüênio dos anos sessenta e nos anos subseqüentes.

Para o jornalista José Rodrigues do Amaral, vulgo Carioca, a gênese da nomenclatura Vale do Aço deu-se em 1966 e esteve atrelada à candidatura de Carlos Alberto Cotta a deputado estadual:

> Tudo aconteceu com a candidatura de Carlos Alberto Cotta para deputado estadual em 1966. Eu era sabedor, já pela minha militância na imprensa, a existência de rivalidades entre os três municípios. Mesmo quando Ipatinga e Timóteo pertenciam a Coronel Fabriciano, essa rivalidade já existia. Isso se devia principalmente ao poder político. A administração política de Coronel Fabriciano dedicava pouca atenção aos distritos de Timóteo e de Ipatinga. Então se criou essa rivalidade. E, quando aconteceu a emancipação das duas cidades numa mesma 'canetada', aí é que essa rivalidade veio mais à tona. A emancipação de Timóteo e Ipatinga aflorou mesmo as rivalidades, quando Coronel Fabriciano passou a perder os impostos da Companhia Acesita e posteriormente da Usiminas [(382)].

É possível, pois, detectar indícios de disputas em alguns campos entre as três comunidades antes mesmo da emancipação de Timóteo e Ipatinga. A exemplo, o jornal intitulado *O Tarugo* [(383)], foi implantado aproximadamente em meados de janeiro de 1954, no distrito de Acesita. E não tardaram mais de quarenta dias para que se fundasse em Coronel Fabriciano o jornal *Folha do Vale* [(384)]. Em Acesita foi

---

[381] José Rodrigues do Amaral informa que, em 1966, ele teve a idéia de divulgar *Vale-do-Aço* (com hífen) para lançar a candidatura de Carlos Alberto Cotta a deputado estadual. Rubem Winter Maia Filho, por sua vez, aponta que antes de 1966 já ouvia na boca de Pedro Linhares Gomes a idéia *Vale do Aço* como importada de Volta Redonda. E como já vimos, Waldetaro Vitorino Dias se elege como o incubador e idealizador do topônimo *Vale do Aço* em 1962/1963.

[382] AMARAL, José Rodrigues. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 11 dez. 2003.

[383] A periodicidade do Jornal *O Tarugo* era quinzenal. Encontramos dois jornais, um lançado em 15 de abril de 1954 (nº 8) e o outro em 1º de maio de 1954 (nº 9). Deduzimos a partir deles que o jornal de número um (nº 1) foi editado em meados de janeiro de 1954.

[384] O jornal *Folha do Vale* também possuía periodicidade semanal. Detectamos o jornal 28 de março de 1954 de nº 8 o que indica a data do seu primeiro número, supostamente, em princípio de janeiro.

criado, em 24 de agosto de 1952, um clube denominado “Elite Clube” (385) e, em menos de um ano, isto é, em 29 de junho de 1953 foi implantado em Coronel Fabriciano o Clube Recreativo Sete de Setembro. (386) Em outubro de 1944, em Coronel Fabriciano, foi fundado o Social Futebol Clube. E o distrito de Timóteo, para não ficar atrás, instituiu o Acesita Futebol Clube, em dezembro de 1945.

A rivalidade se exprimia nas mais variáveis formas e uma delas era a *disputa esportiva intensa*. José Rodrigues do Amaral comenta que:

> O Social Esporte Clube era o arqui-rival do Acesita Futebol Clube. Jogavam pouco, no máximo duas vezes por ano, mas quando jogavam saía faísca. E não era porque o time de Acesita tinha recursos, que levava vantagem, não! Muitas vezes, o Social foi lá em Acesita e ganhou lá dentro. O social não tinha recursos, não tinha a companhia para empregar os jogadores. Ao passo que o Acesita tinha recursos. A companhia Acesita trazia craques, em princípio de decadência, mas com qualidade técnica, de grandes times de futebol. Artilheiros de campeonato mineiro jogaram no Acesita. O Acesita tinha muitos craques. Mas na hora em que ia enfrentar o Social, formado pelo pessoal da terra, a rivalidade era tão grande, que o Social ganhava desses craques todos, e isso não era raro (387).

Gil Caiado Barbosa, jogador de futebol nos anos quarenta e cinqüenta, se recorda das “fugidas” que realizava em pleno campeonato local por ocasião em que ele era jogador do Minas (Nova Era).

> Toda vez que o Claudiano Soares colocava o Social para jogar com o Acesita, a rivalidade era tanta que eu, o Anacleto, tinha que vir de Nova Era para jogar no Social. O Minas estava disputando campeonato. E muitas vezes eu pegava um taxi escondido da diretoria, porque eles ficavam me vigiando na Estação para me impedir de jogar no Social. Assim, quando o Social disputava com o Acesita, eu largava o Minas em pleno campeonato (388).

---

385 A *Ata de Eleição da Diretoria* do Elite Clube fornece dados de ter sido em primeiro de janeiro de 1952, no salão do Cine Acesita, a reunião de um grupo de indivíduos para a formação do Elite Clube. Dentre os sócios fundadores do Elite Clube encontravam-se Geraldo Perlingeiro Abreu, Pedro Sampaio Guerra e Virgílio Hélio Mosci os quais tornaram-se rotarianos sete anos mais tarde. Um envelope timbrado de correspondência do Elite Club contém estampada a data de fundação desse clube social: “Acesita Elite Clube – Social e Recreativo – fundado em 24 de agosto de 1952.”

386 Revista *Silhueta*. Belo Horizonte, n. 91, 1960, p. 15.

387 AMARAL, José Rodrigues. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 11 dez. 2003.

388 BARBOSA, Gil Caiado. 2005. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 24 fev. 2005.

Posteriormente, com o surgimento da Usiminas, no final dos anos cinqüenta, e com a fundação do time de futebol Usipa, a rivalidade deste não era também menor.

> Também um time de futebol foi criado pela Usiminas, o Usipa, que se revelou como um 'timaço'. Assim como o Social, o Usipa também ia lá dentro e ganhava do Acesita. O pessoal do Usipa retornava de Acesita gritando no ônibus: 'virei tico-tico, virei sabiá, virei o Acesita de perna pro ar!'. E isso dava um ódio! (389).

As *rivalidades políticas* entre Coronel Fabriciano e Ipatinga (distrito) já tinham suas origens nos meados dos anos cinqüenta:

> os prefeitos eleitos para administrarem a cidade de Coronel Fabriciano, não davam muita atenção ao distrito de Ipatinga, pelo contrário, alguns tratavam com certo desdém e até preferiam ignorar os problemas aqui vividos. [...], pois geralmente os prefeitos eleitos sempre perdiam a eleição por aqui [Ipatinga]" (390).

Raimundo Anício Alves descreve que, até 1953, Ipatinga era apenas um povoado (391), embora meses depois tenha se tornado distrito para reivindicar melhorias ao Prefeito de Coronel Fabriciano: "a gente nunca tinha êxito no pedido porque a prefeitura não atendia. Eles alegavam que também lá a renda era pouca" (392).

Nesse contexto de rivalidade política, social, desportiva e cultural, José Rodrigues do Amaral descreve que Carlos Alberto Cotta era um candidato reconhecidamente de Coronel Fabriciano e que os eleitores de Ipatinga e Timóteo começaram a "virar a cara".

> Como eu fui jornalista, o Carlos Cotta, que era um grande amigo meu, inclusive foi meu padrinho de casamento, me disse: 'Carioca! Como é que a gente vai romper...?' Aí, eu passei a noite toda bolando. Como do lado de lá do rio a Acesita produz Aço e lá na Usiminas, em Ipatinga, também se fabrica aço, então veio aquela frase na minha cabeça, aquela idéia: 'região Vale do Aço'. Então eu

---

389 AMARAL, José Rodrigues. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 11 dez. 2003.

390 EDÉLCIO, José Drumond Alves. Nossa cidade: curral do conselho. *Boletim Semanal do Rotary Club de Ipatinga*, Ipatinga, n. 8, ago. 2005.

391 Parece haver plausibilidade na fala de Raimundo Anício Alves, pois em 1950 Ipatinga possuía 2.552 habitantes, sendo **apenas 236** moradores na área urbana. Já o censo de 1960 indica uma modificação nesse quadro demográfico: 9.114 habitantes com 4.185 no perímetro urbano. Cf. *Diretrizes para o desenvolvimento micro-regional do Vale do Aço*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1974, p. 19.

392 ALVES, Raimundo Anício. *Raimundo Anício Alves*: a comunidade [Entrevistadores: Jussara Frizzera, Bernardo Mata Machado]. Usiminas 25 anos. Ipatinga, 1987, p. 7.

> fiz um artigo e publiquei no jornal *Flan*. No artigo divulgamos que Carlos Cotta, como candidato a deputado estadual, era um candidato do Vale do Aço superando aquela idéia de que seria um candidato de Coronel Fabriciano. No artigo coloquei as expressões "Vale-do-Aço" com hífen. Duas ou mais palavras com o hífen dá um sentido diferente, um outro valor, um outro significado. Sem o hífen elas ficam isoladas, sem sentido. Então eu falei no artigo que o candidato a deputado estadual, Carlos Cotta, estava no meio, isto é, em Coronel Fabriciano, ele seria o hífen, o traço de união para unir Ipatinga, Coronel Fabriciano e Timóteo. Ele, de Coronel Fabriciano, seria o hífen que ligaria os interesses das três cidades. Além do mais, a palavra "aço" estava muito mais ligada aos dois ex-distritos, Ipatinga e Acesita, do que em Coronel Fabriciano, porque eram nos ex-distritos que se fabricava aço. Carlos Cotta gostou muito da idéia e passou a usar esse argumento nos comícios: 'Eu quero ser o hífen, o traço de união das três cidades: Ipatinga, Coronel Fabriciano e Timóteo'. Certamente como Carlos Cotta era de Coronel Fabriciano, ele não estava tendo problemas de penetração eleitoral, porque estava sendo apoiado pela maioria da população fabricianense. Sua grande dificuldade era a penetrabilidade política nos dois ex-distritos recém emancipados com espírito carregado de rivalidades. Mas, como essa frase "Vale do Aço" caiu na boca do povo e tornou-se água com açúcar, Carlos Cotta se elegeu. O pessoal gostou da expressão "Vale do Aço". Porque ele, sendo candidato do "Vale do Aço" e não candidato de Coronel Fabriciano, acabou conquistando votos importantes em Ipatinga e principalmente em Acesita. A partir daí, todo mundo começou a abrir comércios assim: 'Barbearia Vale do Aço', 'Oficina Vale do Aço', Armazém 'Vale do Aço', etc. Inclusive a Distribuidora Vale do Aço – DIVAÇO que é uma revendedora autorizada da Volkswagen. Assim, passou a ser Vale do Aço por todo lado [(393)].

Encontra-se no Jornal *Flan* de setembro de 1966 uma reportagem de José Rodrigues do Amaral: "Carlos Cotta: candidato do Vale do Aço". Trata-se de quase uma página inteira dedicada a uma entrevista com Carlos Cotta. E uma das perguntas dirigidas ao candidato foi: "Por que aceitou a sua indicação para candidato à Assembléia do Estado?" Carlos Cotta respondeu: "Não tenho medo das urnas nem das manobras eleitoreiras. Serei um candidato local e espero ser o intérprete dos anseios deste povo trabalhador do **Vale do Aço**" [(394)] (grifo nosso). O candidato encerra a entrevista da seguinte forma:

> Desejava mesmo apresentar-me ao eleitorado de Cel. Fabriciano, Timóteo e Ipatinga com a mesma face, com a mesma honestidade de propósitos que há três anos venho fazendo em meu consultório. Prometo que, se eleito, procurarei honrar o nome, a vida e a tradição

[393] AMARAL, José Rodrigues. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 11 dez. 2003.
[394] Jornal *Flan*. Coronel Fabriciano, ano 3, 3 set. 1966, p. 9.

> deste valoroso povo do **Vale do Aço**. Aguardarei com serenidade o pronunciamento das urnas [(395)] (grifo nosso).

Conforme descreve José Rodrigues do Amaral, o surgimento da idéia de “Vale-do-Aço” (com hífen) veio como estratégia política de eleger o rotariano Carlos Alberto Cotta a deputado estadual em 1966. Todavia, devemos ressaltar que em 1964 já havia a expressão Vale do Aço estampada na empresa Distribuidora Vale do Aço sediado em Coronel Fabriciano [(396)], o que nos leva a acreditar que, em 1964, antes mesmo da candidatura de Carlos Cotta (1966), já circulava a idéia-imagem Vale do Aço.

Independentemente de quem tenha sido o autor da criação ou importação da idéia-imagem Vale do Aço, só foi possível difundir esse topônimo em razão das raízes peculiares da região do Médio Rio Doce. Parece-nos que a imagem *Vale do Aço* é um novo invólucro de uma prática que já se instaurava bem no final dos anos cinqüenta e início dos anos sessenta. Como já dissera Sandra Jatahy Pesavento, as idéias-imagem (imaginário) precisam ter um mínimo de verossimilhança com o mundo vivido para que tenham aceitação social, para que sejam críveis [(397)].

O jornal *Canaã*, por exemplo, se reportou à Canaã dos hebreus dos tempos bíblicos, isto é, a “Terra Prometida” apossada pelo povo de Israel. O nome do jornal, *Canaã,* fora escolhido pelos redatores da imprensa local, fazendo referência ao Município de Coronel Fabriciano como uma “Terra Prometida”, tal como nos tempos do Velho Testamento. Lutaremos pela grandeza do **Vale** e pelas glórias de Coronel Fabriciano [...] Canaã (jornal) ajudará a construir a ‘Terra Prometida’ (Coronel Fabriciano), da qual já nos apossamos, tal como fizeram os israelitas da Antigüidade, conquanto, não saibamos, ao certo, por onde anda Josué que aqui nos trouxe e nos entregou à própria sorte [(398)]. Como se não bastasse, também aludiam Coronel Fabriciano como uma “cidade predestinada do Vale do Rio Doce [...]” [(399)].

---

395 Jornal *Flan*. Coronel Fabriciano, ano 3, 3 set. 1966, p. 9.
396 *Contrato Social*, 11 jul. 1964. Registrado na Junta Comercial do Estado de Minas Gerais. Contrato arquivado nº 147130. Belo Horizonte, 30 jul. 1964.
397 PESAVENTO, op. cit., p. 9.
398 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 1, 1º ago. 1959, p. 1.
399 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 45 , 11 jun. 1961, p. 1.

Ainda em 1959, o padre Abdala Jorge, escrevendo o seu primeiro artigo ao jornal *Canaã*, utilizou a frase "Canaã do Estado de Minas": "Não poderíamos deixar de salientar [...] as Diretorias que dirigem os destinos econômicos e sociais deste grande núcleo siderúrgico, Canaã do Estado de Minas" [400]. Também em uma entrevista oral no mês de dezembro de 2004, o padre Abdala Jorge explica:

> Os primeiros engenheiros que vieram para construir a Usiminas tinham uma formação da igreja, ou seja, eram ligados à pastoral de Belo Horizonte. Três esposas desses engenheiros que vieram para cá estavam grávidas no início dos anos sessenta. E como as esposas estavam esperando crianças, eles, os esposos fizeram aquela igrejinha de tábuas no Horto em Ipatinga. Era uma obra de arte. Pena que depois essa igreja foi modificada. O lado de fora da igreja era rústico. E o lado de dentro era aquela raiz encimada com imagem de madeira de Nossa Senhora da Esperança. Essa explicação era feita pelos engenheiros dentre os quais estava Gil Guatimozim. Assim como as senhoras estavam esperando uma criança, a região também estava se engravidando de esperança da grande explosão industrial que seria criada aqui [401].

Começou-se a difundir, no final dos anos cinqüenta e início dos anos sessenta em Coronel Fabriciano, a idéia de "Terra Prometida", "Canaã da Indústria", "Canaã do Estado de Minas".

A implantação da Usiminas (1958) veio somar a essa idéia de concentração industrial. Tanto é que em 1960 a revista *Silhueta* publica: "Coronel Fabriciano o 'RHUR' de Minas Gerais, onde se erguem potenciais industriais como Belgo Mineira, Acesita e Usiminas" [402]. Além disso, em 1963, foram divulgadas, no Jornal *O Ipatinga*, as nomenclaturas: "Capital do Aço" e "Terra do Aço" [403].

Pode-se dizer que, antes do surgimento do topônimo "Vale do Aço" como estratégia política [404] de eleger o candidato Carlos Alberto Cotta a deputado estadual em 1966 e depois ainda eleito deputado federal, em 1970 e reeleito em 1974 e 1978, o terreno de recepção da Idéia de Vale do Aço já estava fertilizado por várias imagens

---

400 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 45 , 11 jun. 1961, p. 2.
401 JORGE, Abdala. 2004. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Timóteo, 16 dez. 2004.
402 Revista *Silhueta*. Belo Horizonte, n. 91, 1960, p. 6.
403 Jornal *O Ipatinga*. Ipatinga, ano 1, n. 1, jul. 1963, p. 1.
404 Podem-se extrair, das relações de rivalidade e de conflito, uma identidade e transformá-la em estratégia política consciente e organizada. Todavia, mesmo que a ênfase recaia na identidade, as rivalidades ficam latentes, isto é, socialmente em reserva, podendo sim ou não, ser ativada por atores sociais.

compartilhadas, tais como *Grande Vale*, *Canaã da Indústria*, *Canaã do Estado de Mina*s, *Capital do Aço*, *Terra do Aço,* os quais, não com raridade, foram difundidas pela imprensa escrita entre os anos 1948 e 1963 [(405)].

No que tange ao papel da imprensa na divulgação do imaginário Vale do Aço, foi fundado em 1967, pelos então rotarianos Rubem Winter Maia Filho e José Roque Pires, um jornal intitulado *O Vale do Aço*. Porém, uma pergunta poderia ser feita aqui: estaria a escolha do nome desse jornal ligada à propaganda do candidato Carlos Cotta do ano anterior (1966)? Ao contrário do que parece ser, Rubem Winter Maia Filho informa que, antes mesmo de Carlos Cotta colocar a público a sua candidatura a deputado estadual pela primeira vez, numa reunião de Rotary em 1966, já se havia pensado na expressão Vale do Aço como nome do jornal que ele e seu companheiro de Rotary pretendiam lançar. Apenas não havia sido divulgado. Segundo Rubem Winter Maia Filho, essa imagem de Vale do Aço não era uma idéia sua, e que a ouviu pela primeira vez na boca de Pedro Linhares Gomes:

> Antes de Carlos Cotta ser candidato, cuja candidatura nasceu dentro do Rotary. Foi dentro do Rotary Club. Ele era rotariano. Mas antes dele ser candidato, nós já tínhamos pensado nesse nome Vale do Aço. Só que nós não havíamos divulgado. Esse nome não nos veio por idéia própria, mas através de um pioneiro de Ipatinga que se chamou Pedro Linhares Gomes que foi um homem que mais fez loteamento em Ipatinga. Que vendeu aqueles bairros todos como Iguaçu, Vila Celeste, Canaã e outros. Ele que veio de Volta Redonda para fazer uma imobiliária aqui, falou-nos nesse nome: 'esse é o Vale do Aço dentro do Vale Rio Doce'. Nós tínhamos esse nome de Vale do Rio Doce que era uma coisa mais genérica. [...] Porém, Pedro Linhares falou assim: 'Volta Redonda e Barra Mansa ficou conhecido como Vale do Aço no Rio de Janeiro, no Estado do Rio, porque já sediava a Companhia Siderúrgica Nacional – CSN'. Então, quando ele veio para cá fazer o primeiro loteamento ele pronunciou esse

[405] O imaginário opera nas formas de paráfrase e na de polissemia. Este na criação de novos sentidos, de um deslocamento de perspectivas que permite a implantação de novas práticas. Aquele na repetição do mesmo sob outro invólucro. Assim, o imaginário, em suas duas vertentes, reforça os sistemas vigentes ou instituídos e ao mesmo tempo atua como poderosa corrente transformadora. Cf. SWAIN, Tânia Navarro. Você disse imaginário? In: SWAIN, Tânia Navarro (Org.). *História no plural*. Brasília: UNB, 1994, p. 52. Parece que a imagem *Vale do Aço* é um novo invólucro de uma prática que já se instaurava bem no início dos anos sessenta. Provavelmente uma paráfrase da *Canaã da Indústria*. Desse modo, V*ale do Aço* (construção dada em 1964) estaria como reforço de uma imagem já instituída (construção difundida nos anos 1961-1963). Por outro lado, *Vale do Aço* pode indicar também uma semântica, construção de um outro sentido com objetivo de novas práticas que conceitos anteriores eram insuficientes para propósitos específicos, tal como a eleição do deputado Carlos Cotta.

> nome: o Vale do Aço. Foi a partir da fala dele que denominamos o nome do nosso jornal de *O Vale do Aço* [406].

O depoimento de Rubem Winter Maia Filho, comparado com o de José Rodrigues do Amaral, expressa, pelo menos aparentemente, uma contraversão, na medida em que a idéia de Vale do Aço como nome do jornal precede à incubação de Vale do Aço para o lançamento da candidatura de Carlos Cotta a deputado estadual. Todavia, pode significar também não uma contraversão, mas duas versões igualmente válidas, ou seja, de um lado houve "importação" [407] de uma idéia por um migrante de Volta Redonda [408] e por outro lado, incubação de uma mesma idéia desconectada da "importação" (pois é possível duas pessoas terem - quer seja por apropriação, quer seja por incubação - uma mesma idéia embrionada de locais diferentes).

É importante aqui salientar que mais pesquisas e novos documentos seriam necessários para apurar os detalhes da incubação da idéia-imagem Vale do Aço, uma vez que as importantes fontes orais e escritas encontradas até o presente momento apontam indícios ainda não tão seguros para afirmar com certeza absoluta se a idéia-imagem Vale do Aço foi "importada" ou "inventada" localmente.

Já o ano de 1967 parece ter sido o período em que muitas forças políticas se aglomeraram para discutir o desenvolvimento do Vale do Aço, conforme apontado na *Ata de Reunião Preparatória ao I Congresso dos Municípios do Médio Rio Doce*, registrada em abril daquele ano, no qual por três vezes é citada a nomenclatura Vale

---

406 MAIA FILHO, Rubem Winter. 2005. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 23 mar. 2005.

407 O Município de Volta Redonda ficou conhecido como a "Cidade do Aço" por sediar a Companhia Siderúrgica Nacional – CSN, inaugurada oficialmente em outubro 1948. Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Volta_Redonda e www.csn.com.br (acesso 31 jan. 2006). Volta Redonda juntamente com os municípios Barra Mansa e de Pinheiral, constitui uma aglomeração urbana que ultrapassa os 450.000 habitantes conforme IBGE de 2004.

408 Pedro Linhares morou em Volta Redonda entre os anos 1943 e 1961. "Eu vim para Ipatinga em 1961 com a filial da imobiliária Sotil, que fundamos em Volta Redonda". LINHARES, Pedro: depoimento [entrevistado por Lenira Ruenda - 1989]. In: *Homens em série*: a história de Ipatinga contada por seus próprios personagens. Ipatinga: Prefeitura Municipal de Ipatinga, 1991.

do Aço [409]. Nessa reunião, foi lido um resumo de uma mensagem firmada por uma delegação [410] de Coronel Fabriciano, entregue ao Bispo da Diocese de Itabira. O discurso destacava as distorções sociais e urbanas que aumentaram em Coronel Fabriciano após a divisão administrativa, ou seja, com a emancipação de Ipatinga e Timóteo. O projeto de um Congresso dos Municípios do Médio Rio Doce tinha como meta principal aglutinar regiões geo-econômicas [411] sob a idéia de Vale do Aço [412].

Rubem Winter Maia Filho afirma que um dos principais mentores do projeto de se formar uma região geo-econômica sob a idéia Vale do Aço foi Waldetaro Vitorino Dias, o Vavá:

> O Vavá foi um grande mentor desse negócio de identidade e problemas comuns das três cidades (Coronel Fabriciano, Timóteo e Ipatinga). Ele era um grande questionador desse negócio, porque Coronel Fabriciano ficou privado da receita proveniente da Acesita e da Usiminas. [...] Ele tinha uma correspondência muito estreita com o Bispo de Itabira, Dom Marcos Noronha. Através desse Bispo, Vavá conseguia acesso aos políticos importantes da época e fazer reivindicações. Então ele reunia a Associação Comercial, discutia o negócio, elaborava dossiê e memorando e nós estudávamos aquilo tudo. E quando precisava viajava para defender os pontos de vistas. Era um trabalho feito pela Associação Comercial, Clube Dirigentes

---

[409] O topônimo *Vale do Aço* aparece três vezes no transcorrer da *Ata de Reunião Preparatória ao I Congresso dos Municípios do Médio Rio Doce* [2 abr. 1967]: 1ª - "Coronel Fabriciano, como centro geográfico, social e político do **'Vale do Aço'** (p. 2, verso); 2ª - "[...] o interesse comunitário do grande **Vale do Aço** é superior ao interesse de uma ou mais cidades e assim nos prepusemos a colaborar com o novo apoio às iniciativas de igual natureza, ainda que lideradas pelo nossos municípios vizinhos" (p. 3); 3ª – Destaca-se que a consideração de Dom Marcos a nossa solicitação, levou a pedir-nos a realização de um Congresso dos Municípios do Médio Rio Doce, principalmente aqueles compreendidos na jurisdição da Diocese de Itabira e assim constituída: Itabira, Santa Maria, Nova Era, São Domingos do Prata, Antônio Dias, Marlièria, Jaguaraçú, Dionísio, Goiabal, Timóteo, Coronel Fabriciano, Ipatinga, Mesquita, Joanésia, Ferros, Braúnas, tendo ainda, sido mencionado Bom Jesus do Galho, de outra diocese, mas geo-econômicamente ligado ao **'Vale do Aço'"** (p. 3, verso).

[410] Os subscreventes dessa carta endereçada ao Bispo Dom Marcos Noronha são: Mariano Pires Pontes, Nestor Cotta Figueiredo, Waldetaro Vitorino Dias e Antônio Souza Penna.

[411] Antônio Dias, Bom Jesus do Galho, Braúnas, Coronel Fabriciano, Dionísio, Ferros, Goiabal, Ipatinga, Itabira, Jaguaraçú, Joanésia, Marlièria, Nova Era, Santa Maria, Mesquita, São Domingos do Prata, Timóteo.

[412] O movimento em prol de uma micro-região concatenado por vários municípios vizinhos, ocorrido no ano de 1967, parece ter impactado no Estado mineiro. Pois, sobretudo, no dia 9 de abril de 1974, no Clube Casa de Campo, o Superintendente da SUPAM (Superintendência de Articulação com os Municípios – órgão criado pelo órgão mineiro para melhor estudar e atender as reivindicações de desenvolvimento tecnológico) Baldonedo Arthur Napoleão, distribuiu para os 14 prefeitos presentes a minuta de projeto-lei da criação da Associação dos Municípios do Vale do Aço, entidade mantenedora da Micro-Região, cujo projeto seria votado pelas Câmaras Municipais, autorizando seus respectivos municípios, a participarem do projeto micro-regional, com uma percentual de 1,5% de sua receita anual. Em 2 de julho de 1974, Açucena sediou a instalação da Associação dos Municípios do Vale do Aço – AMVA, formando assim a primeira diretoria e definição da sede dessa associação na cidade de Ipatinga. Cf. *O Vale em Revista*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 1, out. 1974. Segundo informa ainda *O Vale em Revista*, os planos para a criação da Micro-Região do Vale do Aço "teve apoio sistemático dos governantes municipais e **clubes de serviços**" (grifo nosso).

> Lojistas e, além disso, tinha respaldo do Rotary e outros clubes de serviços. Foi uma época muito interessante e de muita participação. [...] Então, o Vavá foi um batalhador nesse ponto. Talvez o mais aqui nessa região [413].

A construção do imaginário Vale do Aço não teria sido difundida sem apoio ou suporte de outras forças convergentes [414]. Há sinais também de que a instalação do Rotary de Coronel Fabriciano-Acesita, em 1959, a partir de lideranças das duas comunidades locais, foi *um dos meios*, entre tantos outros, de contribuição para a difusão do imaginário "Vale do Aço". Veja que na reunião preparatória para o já citado I Congresso do Médio Rio Doce, foram constituídas comissões, as quais foram bem representadas por rotarianos: comissão organizadora - José Riscala Albeny (rotariano), José Inácio Fernandes (rotariano), cônego Antônio Rocha, Wenceslau Martins Araújo (rotariano); comissão para assuntos do Município - Narciso Drummond Tôrres (rotariano), Antônio de Souza Penna, Rubem Winter Maia Filho (rotariano), Emílio Edstone Duarte Gallo, Elio Rocha Campos e Joel Moreira; comissão de trabalhos iniciais de secretaria ficou sob os auspícios de Waldetaro Vitorino Dias e Nyssio Dias da Luz [415].

Para Narciso Drummond Tôrres, a contribuição do Rotary Club no crescimento do imaginário compartilhado de Vale do Aço não se deu somente por meio de participação de rotarianos nos projetos políticos para o Médio Rio Doce, senão também via a configuração do Rotary Club Coronel Fabriciano-Acesita e expansão do Rotary Club no Município de Ipatinga:

> As três comunidades, Coronel Fabriciano, Ipatinga e Acesita viviam separadas, antagônicas. Com a fundação do Rotary Club (1959) as reuniões passaram a ser um mês em Acesita e um mês em Coronel Fabriciano. Isso criou condições de estabelecer convívio semanal, reuniões, visitas na casa de cada um, ora em Coronel Fabriciano, ora em Acesita. E já com a criação do Rotary Club de Ipatinga (1965) também permitiu essa socialização entre as três comunidades. Com isso, a gente foi diminuindo aquele antagonismo entre as

---

413 MAIA FILHO, Rubem Winter. 2006. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda. Coronel Fabriciano, 21 fev. 2006.

414 Há notícias, em 1967, de representantes do poder executivo municipal, legislativo estadual, Clube Dirigentes Lojistas – CDL e Igreja Católica, participando na difusão do ideal de Vale do Aço. Cf. *Ata de Reunião Preparatória do I Congresso dos Municípios do Médio Rio Doce*. Coronel Fabriciano: CDL. 2 abr. 1967.

415 *Ata de Reunião Preparatória do I Congresso dos Municípios do Médio Rio Doce*. Coronel Fabriciano: CDL. 2 abr. 1967, p. 5.

> comunidades. Considero que isso foi o primeiro serviço rotário na região: a aproximação das três comunidades [416].

Hermírio Gomes da Silva, rotariano de Governador Valadares, também relatou acerca do surgimento dos Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita.

> [...] E acho que o Rotary, naquela época, foi um fator muito importante de integração de Acesita e Coronel Fabriciano. Porque eram comunidades, um tanto assim, não digo distantes, mas, vou pôr assim, personalizadas em termos de Belgo e em termos de Acesita (companhia). E o Rotary ajudou integrar aquilo e, hoje as comunidades estão todas muito integradas: Acesita, Coronel Fabriciano e Ipatinga [417].

O sócio fundador do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita, Geraldo Perlingeiro Abreu, discorreu em um boletim de sua autoria: “A melhoria das relações entre as lideranças das três comunidades, até então muito difíceis (integração) foi uma das atividades de Rotary” [418]. Quando perguntado ao sócio fundador José Luiz Pessoa quais foram as principais ações de Rotary em Coronel Fabriciano, ele pronunciou como o mais relevante o entrosamento das três cidades: “Eu achei mais importante lá foi o congraçamento de Ipatinga, Timóteo e Coronel Fabriciano. Esse entrosamento todo foi fantástico” [419].

A partir de 1959, lideranças de Coronel Fabriciano e de Acesita se juntaram na instalação do Rotary Club e, em 10 de maio de 1963, outras lideranças das três localidades também se reuniram em torno da instalação de um clube de serviço

---

416 TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 1 ago. 2003.
417 SILVA, Hermírio Gomes da. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 3 out. 2003.
418 ABREU, Geraldo Perlingeiro. *As bodas de prata de Rotary local*. Acesita, mar. 1984, p. 7.
419 PESSOA, José Luiz. 2006. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Belo Horizonte, 27 mai. 2006.

denominado *Lions Club* [(420)].

> Em ambiente altamente sociável foi inaugurado o Lions Club em Acesita-Cel. Fabriciano, mais um clube de serviços que se dedicará à vida associativa. Para instalação desse importante clube, composto de destacadas personalidades de Ipatinga, Cel. Fabriciano e Acesita [...] o almoço festivo foi realizado no Elite Clube, em Acesita, no dia 10 de maio último, onde compareceu mais de uma centena de visitantes e todas as altas personalidades do nosso município [(421)].

Dessa forma, considerando que o Rotary Club e Lions Club foram constituídos por sócios de profissões diversificadas bem como formados por um quadro social de indivíduos das três comunidades, tudo leva crer que esses clubes de serviço estavam potencialmente possibilitados para participação na construção do imaginário coletivo de Vale do Aço. Como dizia Karl Marx: "É através das representações ideológicas de uma classe que se exprime as aspirações de classe e concebe o passado e imagina o futuro" [(422)]. O imaginário, projeto de pelos menos interdependência em alguma esfera, entre as três comunidades, poderia significar resultados vantajosos para um grupo de profissionais liberais instaurados numa região industrial. Não apenas vantagens comerciais como também participação na construção de uma identidade coletiva distinta da do Vale do Rio Doce, pois é através dos imaginários sociais de uma coletividade (Vale do Aço) que é designado uma identidade e elaborado uma representação do próprio grupo social [(423)].

---

[420] Na fundação do Lions Club de Coronel Fabriciano - Acesita, em 1963, informa a página impressa: "Cerca de duas centenas de pessoas tomaram parte no almoço servido aos convidados e aos associados locais, na sede do Acesita Elite Clube, comparecendo o Governador do Distrito, Luiz Gabeira, o Presidente da Divisão Jéferson Felipe, Diretores da Acesita e da Usiminas, representantes dos Clubes de Leões de João Monlevade, Belo Horizonte, Tiradentes e Vila Rica, representantes de Caratinga, Governador Valadares, Leopoldina, e a maioria dos associados do Clube de Nova Era, que foi clube padrinho". Os sócios fundadores do Lions Club de Coronel Fabriciano – Acesita foram: 1- Erix Melo de Oliveira, 2- Alfredo Schultais, 3- Oscar Sales, 4- Carlos Pereira Vieira, 5- Francisco Fábio P. Colares, 6- Dinomar de Magalhães, 7- Hilário Antônio da Silva, 8- Stanislaw Rzerzycha, 9- Hyde Augusto Anacleto, 10- José Maria Morais, 11- José Roque Pires, 12- Marcos Augusto Anacleto, 13- Emílio Edistone Duarte Galo, 14- Cyro Cotta Poggialli, 15- Jose Queiroga Pinto, 16- Almiro Fernandes de Paula, 17- Targino Lima Filho, 18- Osvaldo Gomide, 19- Raimundo Anício Alves, 20- Raul Von Sperling, 21- Maurício de Melo, 22- Manoel Macelio Mendes, 23- Hélcio G. Nogueira, 24- Jouve Camisassa. Cf. Jornal *A Verdade Impressa*, ano 1, n. 18, 18 mai. 1963, p. 6. A fundação do Lions Club de Coronel Fabriciano – Acesita composta por sócios da comunidade de Acesita, Coronel Fabriciano e de Ipatinga, supostamente possibilitou também uma aglutinação de homens de negócios em torno de algum ideal comum em termos regionais.

[421] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 4, n. 104, 1º jun. 1963, p. 1.

[422] BRAWSLAU, Baczko. Imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Casa da Moeda, 1985, p. 304.

[423] Ibid, p. 309.

Assim, tudo leva a acreditar que o Rotary Club, em razão de seu modelo de organização, foi nessa região, um dentre vários veículos de difusão do imaginário coletivo “Vale do Aço”, o que não elimina, em hipótese alguma, a existência de outros setores, organizações ou instituições sociais locais como fomentadoras desse imaginário. Assim, é possível afirmar que há pelos menos alguns indícios de participação, ainda que de maneira indireta, dos Rotary Clubs do Vale do Aço na difusão de uma identidade de interdependência de três comunidades mesmo sob rivalidades socialmente em reserva.

6 ROTARY CLUB: AMBIENTE EMBRIONÁRIO DA IMPRENSA ESCRITA

> ***Os rotarianos foram os criadores da idéia do jornal Canaã. E os sócios desse jornal foi um grupo de rotarianos*** [424]**.**

> ***CANAÃ será o porta-voz da 'Terra Prometida' e um instrumento de lutas em função do progresso. [...] CANAÃ ajudará a construir a 'Terra Prometida'.[...] CANAÃ é apenas a sua trombeta.[...] Lutaremos pela grandeza do Vale e pelas glórias de Coronel Fabriciano sob a bandeira de CANAÃ*** [425]**.**

> ***Posso dizer que o jornal O Vale do Aço surgiu dentro do Rotary do qual eu e o José Roque Pires fazíamos parte. [...] O Rotary assumiu a retaguarda. Assim, foi nos dito dentro do Rotary de que se precisássemos de alguma coisa, nós teríamos apoio dos rotarianos*** [426]**.**

A imprensa escrita como um recurso de poder na sociedade contemporânea é capaz de influir nos rumos da história de local e mesmo mundial, portanto, isso não é desconsiderada pela organização rotária. Especialmente, para o cumprimento dos objetivos do clube, a imprensa significa um aliado dos mais disputados [427] e qualquer esforço para atrair a imprensa parece válido para a direção do movimento. No Manual de Procedimentos faz a seguinte recomendação aos seus clubes:

> [...] o conselho diretor recomenda aos Rotary Clubs os seguintes meios a fim de assegurar uma publicidade favorável para o Rotary [...] como promover a admissão de proprietários, agentes e redatores de jornais, de estações de rádio e televisão e proprietários de publicações comerciais e profissionais para sócios do clube [428].

Foi justamente quatro meses após a fundação do Rotary Club, isto é, em agosto de 1959 que nasceu um jornal no município de Coronel Fabriciano intitulado *Canaã*.

---

424 REIS, José Petronilho dos. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 27 jul. 2003.
425 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 1, 1º ago. 1959, p. 2.
426 MAIA FILHO, Rubem Winter. 2005. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 23 mar. 2005.
427 UHLE, 1991, op. cit., p. 102.
428 Ibid., p. 103.

Foram publicados 104 títulos entre 1º de agosto de 1959 e 1º de junho de 1963. Esse jornal nasceu dentro do ambiente do Rotary Club.

As representações de mundo tornam-se inteligíveis e comunicáveis através dos discursos nos quais e pelos quais se efetua a reunião das representações de um grupo numa linguagem escrita. Tomamos aqui a imprensa como um instrumento que se utiliza para legitimar/invalidar, justificar/acusar, tranquilizar/perturbar, mobilizar/desencorajar e incluir/excluir [429] as visões de mundo. Como o Rotary difundia suas visões de mundo no jornal *Canaã*? Quais eram os discursos formulados por eles para legitimar, mobilizar seus propósitos? Como se deu a veiculação dos propósitos rotários na página impressa?

Como um canal institucional, a dizer, o Rotary Club - e mais precisamente o Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita - produzia e difundia um conjunto de representações e um projeto de sociedade relativo ao citado município - região do Vale do Aço em Minas Gerais - na passagem da década de cinqüenta para sessenta. Tais representações e projetos compartilhados, mesmo quando restritos ao nível do discurso, pareciam ajustar forçosamente ao presente uma certa concepção do passado da região e uma perspectiva para o futuro, conferindo um papel singular para a instituição no período estudado.

O Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita teria sido uma espécie de instituição local incrustada no espaço social, com uma conotação política aparentemente não evidente, mas que instaurava uma disciplina de gestos, comportamentos e discursos que concorriam com outros agentes ou grupos de agentes de um mesmo espaço social com finalidades de instaurar seu veículo de comunicação?

A produção intelectual no Brasil, nos anos cinqüenta e sessenta, foi marcada pelo debate de elaboração de projetos de desenvolvimento e pela ideologia nacional-desenvolvimenta. Esse período, sob o funcionamento do regime democrático [430],

---

[429] BACZKO, Browslau. Imaginação social. In: *enciclopedia Einaudi*. Lisboa: Casa da Moeda, 1985, p. 312.

[430] O período histórico brasileiro de 1945-1964 é chamado também de liberal. Cf. CARONE, Edgard. *A república Liberal - I*: instituições e classes sociais (1945-1964). São Paulo: Difel, 1985.

permitiu a livre expressão de idéias e o desabrochar da criatividade em todas as áreas do conhecimento, inclusive o da imprensa [(431)].

Nesse contexto nacional, passou a surgir na região de Coronel Fabriciano, que abrangia Timóteo e Ipatinga até 1964, produções e circulações de diversos jornais locais. Muitos foram os jornais que circularam no município de Coronel Fabriciano: *O Progresso* (1948), *O Tarug*o (1954), *O Programa* (1954), *Folha do Vale* (1954), *O Martelo* (1955), *Voz da Cidade* (1957), *Canaã* (1959), *A Verdade Impressa* (1962), *O Ipatinga* (1963), *Flan* (1964), e ainda após 1964 os jornais *La Cumbaca* (1965), *O Vale do Aço* (1967) e *Diário da Manhã* (1969), *O Metropolitano* (1969), *O Carapuça* (1972), *O Popular* (1973). A maioria desses jornais, todavia, teve durações curtas e, além disso, diversos indivíduos foram os seus produtores e colaboradores.

José Rodrigues do Amaral, vulgo Carioca, aprendeu jornalismo depois que veio do Rio de Janeiro para Coronel Fabriciano, em 1953, com dezoito anos de idade, para trabalhar na Companhia Aços Especiais Itabira. Trabalhou nessa companhia apenas onze meses, até que uma oferta de um melhor salário do empreiteiro João Alves Azevedo o fez desligar-se da empresa Acesita. José Rodrigues do Amaral (Carioca), além de trabalhar na empresa siderúrgica e na de construção civil, foi convidado a trabalhar nos jornais *Canaã* e *A Verdade Impressa*. Posteriormente tornou-se sócio do jornal *Flan* e, em seguida, proprietário do jornal *Diário da Manhã.* Sempre gostou que suas atividades jornalísticas fossem aos locais dos incidentes, acidentes e eventos, o que lhe permitiu um envolvimento direto com diversos segmentos da sociedade timotense, fabricianense e ipatinguense. Isso de certa maneira deu-lhe conhecimento acerca de muitas configurações sociais da região dos anos sessenta e setenta.

Explica, José Rodrigues do Amaral (Carioca), como nasceu a necessidade de se ter na cidade a página impressa. Segundo ele, tudo se iniciou quando se percebeu, ainda nos anos cinqüenta, que a Companhia Aços Especiais de Itabira - ACESITA

[431] ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: ABREU, Alzira Alves de (Org.). *A imprensa em transição*: o jornalismo brasileiro nos anos 50. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 13-14.

era o centro nervoso da região do Vale do Aço. A maioria dos médicos, engenheiros e técnicos estava residindo próximo à empresa Acesita, que ficava no distrito de Timóteo. Mas mesmo que a comunidade acesitana (comunidade em torno da empresa) pertencesse administrativamente a Coronel Fabriciano, esses locais apresentavam vidas sociais distintas.

> Coronel Fabriciano e Acesita eram vidas diferenciadas, locais com vidas diferentes. Fabriciano tinha uma vida muito comercial embora pequena. Acesita tinha uma vida mais dinâmica, tinha um clube social maior e melhor [...] Coronel Fabriciano tinha o Sete de Setembro, que era um clube mais acanhado, um ambiente menor, espaço físico menor, menos recursos, mas a sociedade de Coronel Fabriciano prestigiava muito o seu Clube 7 de Setembro. Então tinha muitos bailes, grandes orquestras do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, as quais vinham tocar em Acesita e também em Coronel Fabriciano [...] Então com esse movimento social começou-se a pensar em criar um jornal. Muita gente teve idéias e criaram o jornal *O Tarugo* que era de tamanho ofício impresso em mimeógrafo. E Coronel Fabriciano para não ficar para trás criou um bom jornal com formato maior que circulava de mês em mês [(432)].

O Tarugo era uma publicação quinzenal, fundado em 1954, na “cidade” de Acesita. Esse jornal, um instrumento de informação oficial do Elite Clube, era distribuído aos seus assinantes associados sem qualquer ônus e aos assinantes não associados com um valor monetário não identificado no próprio jornal.

Tomando emprestada a frase de José Rodrigues do Amaral: “[...] e Coronel Fabriciano para não ficar para trás, criou um bom jornal”, questiona-se aqui se foi concorrência ou coincidência o surgimento do jornal *Fôlha do Vale* no ano de 1954, na sede de Coronel Fabriciano. É interessante comparar o jornal *O Tarugo* de número oito que data de 15 de abril de 1954, com o jornal *Fôlha do Vale,* também de número oito, que data de 28 de março de 1954. Ambos jornais de mesmo número quase coincidem com o mesmo mês de publicação com uma diferença apenas de 18 dias. Como não conseguimos até o presente momento encontrar os últimos números dos jornais *O Tarugo* e *Fôlha do Vale* para saber quando foram finados, ou mesmo informação oral acerca de suas extinções, fica-se sem conhecimento se estes dois

---

[432] AMARAL, José Rodrigues do. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 7 jul. 2003.

jornais continuaram suas publicações além de 1954.

Em setembro de 1955, fundou-se o jornal *O Martelo*. Ao que tudo indica, esse jornal foi dirigido pelo mesmo diretor do *Fôlha do Vale,* Claudiano Soares. Há indícios de que os quatro primeiros números foram publicados semanalmente.

Já em 25 de Agosto de 1957, foi inaugurado o jornal *Voz da Cidade* numa tiragem de quatro mil exemplares. Esse jornalzinho parece que era vinculado à Igreja Católica de Coronel Fabriciano. Também não se tem até o momento ecos de sua trajetória e extinção.

Os jornais que antecederam a fundação do Rotary Club de Coronel Fabriciano (1959) de que se tem notícia até o presente momento, conforme visto acima, datam 1948, 1954, 1955 e 1957.

Em primeiro de agosto de 1959, nasceu o jornal *Canaã*. Foram publicados cento e quatro títulos entre 1º de agosto de 1959 e 1º de junho de 1963. Esse jornal nasceu dentro do ambiente do Rotary Club. José Rodrigues do Amaral, vulgo Carioca, confirma a relação do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita com o surgimento do Jornal *Canaã*:

> Em Coronel Fabriciano criou-se um bom jornal. Quem o criou foi o rotariano Wenceslau Martins Araújo, apoiado naturalmente pelo Rotary, por pessoas do Rotary como José Ignácio Fernandes, Narciso Drumond Tôrres, Nestor Cota Figueiredo e pelo Dr. Rubem Siqueira Maia. Esse pessoal criou um jornal com formato de um jornal mesmo, com um formato maior e impresso na própria cidade de Coronel Fabriciano numa máquina manual que era comandada pelo tipógrafo José Petronilho dos Reis [433].

José Petronilho dos Reis, tipógrafo do jornal *Canaã,* não se exime em dizer que os sete “sócios” [434] do *Canaã* pertenciam ao Rotary Club e que havia uma forte difusão

---

433 AMARAL, José Rodrigues do. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 7 jul. 2003.

434 Juridicamente a sociedade foi formada apenas entre dois rotarianos: Wenceslau Martins Araújo e José Ignácio Fernandes. Cf. *Livro de Registro de Pessoas Jurídicas* Livro B, n. 1 (27 out. 1959), no Cartório de Títulos e Documentos e Civil das Pessoas Jurídicas de Coronel Fabriciano. Todavia, o jornal *Canaã* foi seguramente apoiado pelos rotarianos Geraldo Perlingeiro Abreu, Narciso Drummond Tôrres, Nestor Cotta Figueiredo, Joaquim César Santos e Rubem Siqueira Maia (este último até possuía experiência com a fundação do jornal *O Progresso* em 1948 no município de Coronel Fabriciano).

dos ideais rotarianos nas colunas do jornal:

> Wenceslau Martins Araújo que se quedou mais pelo lado comercial, foi o fundador do *Canaã,* fazendo uma sociedade composta de sete elementos: Wenceslau Martins Araújo, Dr. Geraldo Perlingeiro Abreu, Nestor Cotta Figueiredo, Joaquim César Santos, Narciso Drummond Tôrres e José Ignácio Fernandes. Todos eram pertencentes ao Rotary Club, órgão de classe e de serviços sociais, de onde saiu o ideal de fundação do jornal *Canaã*. O Rotary Club difundia nas colunas do jornal suas ações e programas desenvolvidos no interior da comunidade [435].

Ao que tudo indica, não havia nenhum jornal circulando na região do Vale do Aço nos idos de 1959. O Rotary Club, que foi instalado nesse mesmo ano, tornou-se o ambiente embrionário de um novo jornal que estaria para circular em toda a região local. Wenceslau Martins Araújo pensou num periódico informativo. Comprou uma impressora tipográfica, de tipos soltos e montados manualmente, um a um, letra por letra, um trabalho artesanal [436]. Mas o jornal precisava de um tipógrafo. Tanto é que no segundo número do jornal *Canaã*, 2ª quinzena de agosto de 1959, é anunciado: "Precisa-se de um tipógrafo. Paga-se bem. Tratar na gráfica Santa Rita ou com a diretoria de *Canaã*" [437].

José Petronilho dos Reis havia aprendido o ofício de tipógrafo na cidade de Rio Pomba trabalhando no jornal *O Imparcial*. Foi para Raul Soares e de lá veio para Coronel Fabriciano encontrar um emprego melhor. Chegou em Acesita em 1959 e ficou sabendo que a Companhia Aços Especiais Itabira precisava de um tipógrafo para trabalhar na gráfica:

> Eu vim trabalhar em Coronel Fabriciano. Procurei na Companhia Acesita o serviço de tipógrafo que me foi informado. Fiz entrevista com o Dr. Geraldo Perlingeiro Abreu e, ele me disse que a Cia. Acesita não estava precisando mais. Naquele mesmo instante ele me solicitou que procurasse Wenceslau Martins Araújo, o qual estava precisando de um tipógrafo para trabalhar no jornal *Canaã* recém lançado na cidade de Coronel Fabriciano [438].

---

435 REIS, José Petronilho dos. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 31 jul. 2003.
436 ARAÚJO, Wenceslau Martins. *A história de uma Vida*. Coronel Fabriciano: Lajinhense, 1993, p. 139.
437 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 2, 2ª quinzena, ago. 1959, p. 2.
438 REIS, 2003, 31 jul. op. cit.

José Petronilho dos Reis agradeceu ao Geraldo Perlingeiro Abreu e foi ao Banco da Lavoura conversar com Wenceslau Martins Araújo. No banco mesmo dialogaram por alguns minutos. Wenceslau solicitou de Petronilho alguns dados pessoais e lhe apresentou a proposta salarial. Depois de acertado, Petronilho dos Reis retornou para a cidade de Raul Soares para dar término ao seu antigo contrato de serviço onde trabalhava. Somente em 12 de setembro, ele chegou novamente em Coronel Fabriciano. Nesse período, três números dos jornais já haviam sido circulados. Ao que tudo indica, Petronilho passou a ser o responsável pela tipografia do jornal a partir da quarta edição, que circulou no final do mês de setembro.

A designação *Canaã,* escolhida para intitular o jornal [(439)], foi posta de improviso e apropriada da Bíblia, conforme explica o primeiro número do jornal na primeira página. Segundo Petronilho dos Reis, os primeiros números dos jornais foram impressos em Governador Valadares e não em Coronel Fabriciano. Ao que parece, tudo foi muito corrido para o lançamento do jornal. O nome do jornal foi um empréstimo da literatura judaica.

> Na Bíblia, duas referências sôbre o sentido da palavra escolhida de improviso para dar nome ao jornal que estamos entregando ao povo de Coronel Fabriciano. Chan, filho de Noé, era um eleito de Deus. Certa vez procedeu com irreverência em relação a Noé que havia tomado vinho em demasia, ignorando certamente os efeitos da bebida. Por respeito a Deus, Noé amaldiçoou o filho de Chan e o castigo foi que se tornasse um escravo por toda vida. Seus descendentes, os chamitas, são considerados os precursores na raça negra. O inocente castigado pelo inflexível Noé chamava-se Chanaan. Também a Bíblia nos dá conta de que a Terra Prometida, da qual se apossaram os israelitas comandados por Josué, chama-se Canaan (ou Canaã). Do sentido dessa denominação, foi escolhido o nome dêste jornal, por se ajustar à grandeza deste fabuloso Vale do Rio Doce, onde desponta, como uma promessa de glórias fascinantes, a cidade de Coronel Fabriciano [(440)].

É interessante notar que os protagonistas do jornal *Canaã* afirmam que a finalidade de sua fundação era construir a cidade de Coronel Fabriciano, assim como fizeram os hebreus na “Terra Prometida”. Os fundadores do jornal se consideravam

---

[439] Em Ipatinga tem um bairro denominado *Canaã*. Mas esse bairro foi inaugurado somente em 5 de agosto de 1962. Logo, o nome do jornal (Canaã) precede ao nome do bairro, já que o jornal *Canaã* foi fundado em agosto de 1959 e o bairro só em agosto de 1962. Cf. Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 3, n. 87, jul. 1962, p. 5.

[440] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 1, 1ª quinzena, ago. 1959, p. 1.

estrangeiros que se apossaram de Coronel Fabriciano, tal como fizeram os israelitas do passado.

> Canaã ajudará a construir a “Terra Prometida”, da qual já nos apossamos, tal como fizeram os israelitas na antigüidade, conquanto não saibamos, ao certo, por onde anda Josué que aqui nos trouxe e nos deixou entregues à própria sorte. Temos a necessidade de encontrar o profeta bíblico, para nos ensinar o caminho da ventura e mostrar-nos a realidade da “Terra Prometida”. Que será de Josué? CANAÃ é apenas a sua trombeta [441].

José Petronilho dos Reis explica ainda que o vocábulo *Canaã* foi escolhido em consonância com a realidade do iminente progresso do Vale do Rio Doce. Com a instalação da Usiminas e Acesita, Coronel Fabriciano tornou-se o local de grandes afluências como se deu com a “Terra Prometida” ao atrair o povo de Israel para dentro de suas fronteiras.

O jornal *Canaã* teve cento e quatro edições e o centésimo quinto começou a ser preparado, mas não foi concluído. Os jornais de números um a quarenta eram quinzenais. Somente a partir de 14 de maio de 1961 que passou à publicação semanal, ou seja, do número quarenta e um a cento e quatro. Contudo, o jornal *Canaã* extinguiu-se em junho de 1963.

Vários foram os colaboradores do jornal. Segundo Petronilho dos Reis, os que muito contribuíram foram Euclides Diogo Sabará, José Ignácio Fernandes, Júlio Travassos, Geraldo Perlingeiro Abreu e outros [442].

Geraldo Perlingeiro Abreu geralmente escrevia sob o pseudônimo de Erasmo de Campanário. Narciso Drummond Tôrres, que era sócio do jornal, tinha uma função de crítico no jornal, diversas vezes corrigiu os textos de Geraldo Perlingeiro Abreu:

> Sempre tive a mania de corrigir. O primeiro secretário do Rotary Club, o Dr. Geraldo Perlingeiro Abreu gostava muito de escrever artigos para o jornal, mas ele era um pouco distraído. Ele vinha lá de Acesita e entregava-me o escrito e dizia-me: ‘faça sua leitura, você

---

441 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 1, 1ª quinzena, ago. 1959, p. 2.
442 REIS, José Petronilho dos. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 27 jul. 2003.

> pode até não gostar de escrever, mas corrigir você sabe! Você é crítico até a alma' [(443)].

Nas várias edições do jornal *Canaã* percebeu-se a presença dos escritos de Euclides Diogo Sabará. Encontra-se no texto desse colaborador um estilo crítico, combativo, atrativo e popular. O exemplo de sua forma literária pode ser vista no jornal *Canaã* de 14 de maio de 1961, na coluna *Dia a Dia*, onde encontra-se claramente representado seu estilo de escrever:

> O mês de maio começou com desfile. Os operários, banda de música, colegiais, missa, etc., tudo em comemoração ao dia do Trabalho. Trabalhão também deu assistir ao desfile promovido por senhoritas da cidade de Valadares, onde graciosas (algumas) moças mostraram velhas criações para uma platéia que esperava coisa melhor. Mas quem espera também é a população de Acesita; uma providência contra o tamanho do pão vendido pelas padarias, a cada dia diminui o tamanho e sobe o preço. Mas também os Americanos fizeram um homem subir ao espaço. A meta é a lua. Em nosso município há muito o prefeito vive no 'mundo da lua'. E foi sem foguete. E cansado da inoperância de alguns colegas, o Sr. Mário Aquino renunciou ao seu cargo de vereador. Também inoperante a invisível Comissão de Preços que só aumenta o preço da passagem de ônibus. Jabaculê municipal? Não sabemos. E por falar em ônibus, já é tempo da CAEI [Companhia Aços Especiais Itabira] [parar de] mandar caminhões imundos apanhar os seus empregados nos bairros, deixando parados ônibus novos e confortáveis. Mas falta de conforto também se nota no hospital da CAEI. Vamos esperar que os Srs. Ciro Poggiali e Newton de Almeida [recentemente eleitos pelos trabalhadores da CAEI como diretores da área social da empresa] consertem a coisa. Também a cadeia de Coronel Fabriciano necessita conserto. E por falar em cadeia: em C. Fabriciano uma cerveja está custando [Cr$] 50, 60 e 80 num total desrespeito a tal comissão de preços. E também por desrespeito às leis, a policia está permitindo a permanência de menores na zona boêmia de C. Fabriciano. E esta semana foi só. Na que vem tem mais [(444)].

José Petronilho dos Reis declara que Euclides Diogo Sabará ajudou a projetar o jornal *Canaã* porque seu modo de escrever agradava à massa popular, mas ao mesmo tempo o *Canaã* projetou o Sabará [(445)]. A vocação jornalística de Sabará pode ser percebida quando, em agosto de 1962, não mais trabalhando no *Canaã,* fundou o jornal *A Verdade Impressa,* tendo o seu primeiro número saído em 19 de

---

[443] TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 3 mai. 2003.
[444] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 41, 14 mai. 1969, p. 3.
[445] REIS, José Petronilho dos. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 27 jul. 2003.

agosto de 1962 [446]. Esse jornal durou até 1964 quando o diretor foi preso pelos militares da Ditadura.

O jornal *Canaã,* da Empresa Licury Publicidade, fundado pelos "sete sócios" rotarianos, tinha como diretor responsável o rotariano Wenceslau Martins Araújo. Os responsáveis pela redação do jornal eram o rotariano José Ignácio Fernandes e o professor Júlio Travassos. O rotariano Geraldo Perlingeiro Abreu assumiu o departamento de reportagem e Maurílio Moreira a publicidade [447].

O segundo número do jornal *Canaã,* de agosto de 1959, apresentou no frontispício deste uma fotografia (clicheria) de pequenos jornaleiros na distribuição do jornal. Os jornais também eram vendidos nas bancas de revistas e em alguns pontos comerciais estratégicos da cidade. A primeira tiragem foi de dois mil exemplares [448]. Os dois primeiros números do jornal tinham formato de tablóide e só na edição seguinte foi editado em tamanho de folha maior. O jornal era de boa aparência e atraente. Saía com variação de quatro ou seis páginas. Inicialmente o preço do exemplar era de Cr$ 3,00. Em maio de 1961, o *Canaã,* que então já custava Cr$ 5,00, fazia eco ao aumento de preço do papel provocado pela medida cambial tomada pelo governo. Os diretores do jornal assumiram a posição de diminuir o tamanho do jornal a partir da próxima edição, o que ocorreu com o número quarenta um, mas recebeu diversas críticas dos leitores [449].

Na edição seguinte (nº 42), o jornal retorna ao seu tamanho anterior. Em que pese a meteria prima do jornal, em novembro de 1961, o *Canaã* anuncia novamente o alto custo do papel de imprensa:

> Sobre o problema do alto custo do papel de imprensa, provocado por medidas econômicas tomadas pelo ex-presidente Jânio Quadros, o Sr. Tancredo Neves afirmou que o governo federal está empenhado em resolvê-lo. Disse que dos mais diversos pontos do interior brasileiro lhe chegam reclamações de que **a pequena imprensa está sendo sufocada pelo alto custo do papel**, com fechamento de jornais que vivem dentro de um mercado publicitário muito restrito. Isto, segundo o 'premier', é uma de suas preocupações, quando se

[446] Jornal *A Verdade Impressa*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 1, 19 ago. 1962, p. 1.
[447] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 2, 2ª quinzena, ago. 1959, p. 3
[448] Ibid., p. 1.
[449] Ibid., ano 2, n. 42, 21 mai. 1962, p. 1.

> sabe que a imprensa interiorana presta relevantes serviços a instrução do povo. O Sr. Tancredo Neves, para contornar o problema, já está tomando as primeiras providências junto aos órgãos competentes do governo federal. Pretende reduzir o preço do papel-imprensa, para que todos os jornais pequenos possam sobreviver [450] (grifo nosso).

O preço do *Canaã* nesse período continuava em Cr$ 5,00. O alto custo do papel propalado na imprensa nacional inevitavelmente fecharia diversos jornais pequenos de cidades menores espalhados em todo o Brasil. Mesmo sob interferências de deputados federais e senadores, a inflação no Brasil adquiria lentamente proporções gigantescas, até que, em 23 de julho de 1962, o jornal *Canaã* já custava Cr$ 10.00 [451].

Wenceslau Martins Araújo afirmou as dificuldades econômicas encontradas no *Canaã* pela falta de compreensão do comércio para propaganda. José Rodrigues do Amaral, vulgo Carioca, expressou mais enfaticamente que o jornal estava dando prejuízos financeiros e, além disso, o grupo de criadores do jornal passou a sentir pesada a tarefa de coletar as notícias e de pagar os custos do papel, tinta e mão-de-obra. Wenceslau Martins Araújo procurou o Carioca no sentido de "salvar" o *Canaã* por meio de um jornal mais comercial e com uma tiragem mais periódica e semanal. Carioca ajudou o jornal na busca de notícias comerciais:

> Eu ia à delegacia, no Rotary, na Associação Comercial, nos comércios, nas pessoas e nos eventos esportivos e comecei colher e fazer notícias. A sociedade estava ávida em participar, mas faltava o elo de contato do jornal com a sociedade, porque na medida que eu chegava e procurava tanto notícia cotidiana quanto notícia comercial, eu passava a ser entendido pelas pessoas. Daí para cá, o jornal *Canaã* passou a ser comercialmente mais noticioso [452].

O *Canaã* chegou à falência, exatamente quando a última edição estava sendo preparada para sair em 15 de junho de 1963. Essa edição estava sendo composta por seis páginas, faltando apenas a página seis e algumas colunas da página quatro para serem preenchidas com notícias. A primeira página estava anunciando a futura emancipação de Ipatinga e Timóteo. O jornal *Canaã* "faliu" quando quase pronto

---

[450] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 3, n. 66, 26 nov. 1961, p. 1.
[451] Ibid., ano 3, n. 87, 23 jul. 1962, p. 1.
[452] AMARAL, José Rodrigues do. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 7 jul. 2003.

para ser circulado na última edição, ou melhor, o centésimo quinto número, depois de quase quatro anos de circulação, ou melhor, precisamente quarenta e seis meses [453].

Esse jornal teve uma ligação muito forte com o Rotary Club de Coronel Fabriciano. Isso é facilmente evidenciado quando se vêem em quase todas as edições notícias vinculadas aos eventos festivos do Rotary Club ou aos empreendimentos sociais desencadeados pelos rotarianos. A exemplo disso, o jornal *Canaã* anuncia na primeira edição, na primeira página do jornal e com uma fotografia, o evento festivo do Rotary Club ocorrido em 4 de julho de 1959, ocasião do recebimento da Carta Constitutiva do Rotary Internacional [454].

Várias notícias acerca do Rotary Club fizeram ecos na comunidade: “O Rotary Club de Coronel Fabriciano comemora o seu primeiro aniversário” [455]. “Rotary Club tem nova diretoria” [456]. “Rotary Club dá boas vindas ao governador do distrito” [457]. “Homenagem do Rotary ao [rotariano] General José Augusto Joaquim Moreira” [458]. “Rotary Club homenageia a ONU” [459]. Várias outras notícias dessa natureza estão documentadas nos cento e quatro números do jornal *Canaã*.

O Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita e o jornal *Canaã* nasceram no mesmo ano, mas o jornal *Canaã* nasceu dentro do Rotary.

Como se não bastasse, o Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita não foi ambiente embrionário apenas do jornal *Canaã,* em 1959, mas também do jornal *O Vale do Aço,* fundado em 1967. Nesses termos afirma o co-fundador desse jornal, Rubem Winter Maia Filho:

> Posso dizer que o jornal *O Vale do Aço* surgiu dentro do Rotary do qual eu e o José Roque Pires fazíamos parte. [...] O Rotary assumiu a retaguarda. Assim, foi nos dito dentro do Rotary de que se

[453] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 4, n. 105, 15 jun. 1963, p. 1.
[454] *Boletim do Rotary Club de Coronel Fabriciano – Timóteo*, 21 mar. 1979.
[455] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 19, 2ª quinzena, mai. 1960, p. 1.
[456] Ibid, ano 3, n. 76, 24 fev. 1962, p. 1.
[457] Ibid, ano 2, n. 33, 2ª quinzena, dez. 1960, p. 1.
[458] Ibid, ano 3, n. 67, 3 dez. 1961, p. 1.
[459] Ibid, ano 2, n. 30, 1ª quinzena, nov. 1960, p. 1.

> precisássemos de alguma coisa, nós teríamos apoio dos rotarianos [460].

Quando se pensou fundar o jornal *O Vale do Aço* em 1967, já circulava na região, desde 1964, o *Flan*. Rubem Winter Maia Filho explicita uma das razões que o incitou ao surgimento do jornal *O Vale do Aço* no contexto do já existente jornal.

> Os donos do jornal *Flan* eram oriundos da classe trabalhadora e da Acesita. Na época era comum empregado criticar os patrões. E a Acesita era empresa estatal e pertencia ao Banco do Brasil e os diretores dela eram muito criticados pelos empregados. E eles acharam que o jornal *Flan* foi o eco das críticas dos empregados. O *Flan* traduzia a crítica dos empregados aos diretores da companhia e, por extensão, ele combatia todo mundo que era empresário. E nesse ponto posso dizer que o nosso jornal (*O Vale do Aço*) surgiu dentro do Rotary e também da Associação Comercial da qual fazíamos parte. Assim, o jornal *O Vale do Aço* surgiu como um órgão que representasse o lado que não tinha representação que era o lado do empregador. [...] Nós éramos do lado do empregador. Eu nunca fui empregado. O Dr. José Roque também nunca foi. Nós éramos além de empresários, profissionais liberais. Os empresários acreditavam na gente [461].

Os donos do jornal *Flan*, referido pelo Rubem Winter Maia Filho, são Euclides Diogo Sabará e José Rodrigues do Amaral. O jornal *Flan* nasceu num contexto histórico regional muito curioso. Sabe-se que Sabará fora preso pelos militares da Ditadura em 1964 em razão do seu jornal muito combativo: *A verdade Impressa*. Esse jornal foi lançado em 19 de agosto de 1962:

> Este despretensioso jornal está sendo feito com pouco dinheiro. Um pouquinho que nos sobrou da indenização que a CAEI nos deu quando atendendo a pedidos do deputado Vidigal, e também de alguns 'mineirinhos' e 'nenéns ruços' (sic) nos demitiu daquela Empresa. Estamos hoje na rua com um jornal que poderia ser melhor, que poderia vir com outro tamanho e cheio de clichês. Poderíamos fazer um jornal bem melhor, mas para isso teríamos que nos ligar a grupos econômicos do município. Poderíamos ter aceitado dinheiro de anunciantes que por meio de publicidade querem controlar o Jornal. Poderíamos fazer uma 'imprensa sadia' assim ao estilo de Chatô e Roberto Marinho e mesmo de alguns jornais do interior de Minas... [...] [462].

Euclides Diogo Sabará havia contribuído muito ao jornal *Canaã* entre os anos 1959 e 1962. Esse jornalista, todavia, quando lançou a primeira edição do *A Verdade*

---

460 MAIA FILHO, Rubem Winter. 2005. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 23 mar. 2005.
461 Idem.
462 Jornal *A Verdade Impressa*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 1, 19 ago. 1962, p. 1.

Impressa enuncia uma matéria: “Sabará conta em ‘VI’: minha saída do CANAÃ foi assim”:

> 1- Para a edição do dia 15 de julho na seção ‘Preto no Branco’ coloquei dois tópicos mais ou menos com estes textos: ‘Jeep nº 95 da Acesita fazendo propaganda eleitoral dos Srs. Pedro Vidigal e Geraldo Quintão nas cidades de S. Domingos do Prata, Raul Soares e Rio Casca’. E no outro: ‘Alderico pede ao presidente da CAEI a retirada do Dr. Renato Machado da direção do DMC, pois o mesmo, com sua costumeira honestidade, está sendo um entrave à transformação do DMC em birô eleitoral daqueles candidatos’.
> 2 – Os Srs. Geraldo Perlingeiro Abreu (Assistente Jurídico da CAEI e Diretor do Canaã) e Wenceslau Martins Araújo (Gerente da Agência do Banco da Lavoura em Fabriciano e Concessionário do ‘pulgueiro’ que atende pelo nome de cine Marabá e também diretor do ‘Canaã’) ao tomarem conhecimento da matéria que seria publicada, receiosos de perderem posições e interesses, também ficaram mal perante o deputado Vidigal, dono da CAEI (juntamente com os Srs. Paulo Pinheiro Chagas e Carlos Murilo). Correram ao Sr. Emílio J. Morais e solicitaram do mesmo uma carta que dirigida à Empresa Licury, ter a junto aos outros acionistas o poder de aliviar-me do jornal, como de fato aconteceu.
> 3- De posse da carta o Sr. Wenceslau correu às oficinas e mandou parar a impressão da edição, **pois toda a matéria assinada por mim, era daquele momento em diante proibida de ser publicada no jornal**, e avisou ao Sr. José Petronilho que somente aproveitasse a que fazia referência à inauguração da Casa Bragança (Matriz), pois a mesma não convinha nada contra o deputado Vidigal e traria dinheiro para a Empresa Licury, mas não se esquecesse de retirar o meu nome da matéria e lá acrescentar o da equipe do jornal como de fato foi feito.
> 4- Naquele mesmo dia fui à oficina a fim de ver como andava a impressão do jornal e **fui surpreendido pelo recado que o Sr. José Petronilho deu-me dizendo da resolução dos dois acionistas do ‘Canaã’, que como sempre não tiveram a necessária coragem para agir como homens, já que vestem calças compradas em lojas de artigos para homens...**
> 5- Esperei pela edição do Canaã, mas para minha surpresa a edição do dia 22 de julho, acreditando que na mesma seria feita qualquer referência à minha saída do jornal, mas para minha surpresa a edição do ‘Canaã’ nem uma linha publicava sobre minha saída, mas estava a matéria da Casa Bragança com assinatura da equipe do jornal... (grifo nosso) [(463)].

A saída de Euclides Diogo Sabará do jornal *Canaã,* no mês de julho de 1962, bem como da companhia Acesita mais ou menos nesse período, o levou a fundar no mês seguinte o jornal *A Verdade Impressa*. Em 1964, entretanto, Sabará foi preso pelos

[463] Jornal *A Verdade Impressa*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 1, 19 ago. 1962, p. 5.

militares [464] e acusado de subversivo à ordem local estabelecida. Foi levado para Ribeirão das Neves, local esse que ficou detido por alguns meses. Depois de liberado da prisão, retornou para Timóteo. Mesmo assim, Sabará teve a vontade de montar um outro jornal, explica José Rodrigues do Amaral:

> O Sabará quando saiu da prisão, depois da Revolução, naqueles primeiros meses quentes em que estava prendendo todo mundo sem *habeas corpus*, sem nada, de qualquer maneira e tal. Depois que Sabará ficou preso ele me procurou e me deu uma sugestão: "Carioca! Vamos montar um jornal? Eu respondi: Oh! Sabará, montar um jornal como? Você acabou de sair da cadeia por causa de um jornal! Como é que você vai montar um jornal? Aí ele falou uma frase que eu não esqueço até hoje. Ele disse assim: 'Não! Nós vamos fazer um jornal diferente. Nós vamos fazer um jornal em que todo mundo é rico, todo mundo é bonito e todo mundo é honesto. Essa é a frase que ele falou: nós vamos montar um jornal onde todo mundo é rico, todo mundo é bonito e todo mundo é honesto. [...] Aí topei fazer uma experiência. Nós fizemos o *Flan*, mas o nome eu escolhi, já que o Sabará queria um jornal onde todo mundo era bonito, rico e honesto escolhemos o nome do jornal *Flan* que em francês significa pudim. [...] Aí nós também colocamos as letras combinando: 'F' de fotos, 'L' de literatura, 'A' de anúncios e 'N' de notícias. Então ficou *Flan*: Fotos, Literatura, Anúncios e Notícias. [...] Foi uma época muito boa [465].

A proposta de uma imprensa não combativa no *Flan*, ou seja, diferente dos veios jornalísticos da *A Verdade Impressa*, não durou muito tempo:

> No princípio, como Sabará dissera, no jornal (*Flan*) todo mundo seria bonito, todo mundo rico e todo mundo honesto, [...] mas depois ele não agüentou e começou a voltar àquele estilo dele. [...] Sabará era muito combativo. Tinha um espírito jornalista desses bastante combativo mesmo. O holofote e o binóculo dele ficava mais em cima dos erros do que dos acertos. E ele não tinha dó de ninguém. Ele já morreu, mas ele sabe que isso é verdade. Aliás, o povo antigo daqui da região sabe que ele não tinha dó, noticiava mesmo. Errou ele carregava nas tintas [...] Sabará escrevia com piadas, sátiras, com gozação e tal. Sempre com pseudônimo: Fantenoso, Milquíades, Madame Abgaiu. Ele botava uns apelidos. Ele era sempre criativo e tinha veia jornalística mesmo, mas tinha esse negócio de repisar muito em cima dos erros das pessoas [466].

---

464 "Sabará ficou preso aproximadamente quarenta dias em Ribeirão das Neves. Ele foi preso entre maio e junho de 1964. No meio de maio à junho. Eu não me lembro exatamente da data [mês]. Porque na época foi tanta coisa. Foi tanto sofrimento. Eu tinha filho pequeno, tinha que dar aula e também dar apoio a minha sogra". SABARÁ, Ana Ângela Godoy. 2004. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Timóteo, 14 dez. 2004.

465 AMARAL, José Rodrigues do. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 7 jul. 2003.

466 Ibid.

Para Rubem Winter Maia Filho, o jornal *Flan* (o editor principal - Sabará) possuía algum atrito com as pessoas da comunidade inclusive com os rotarianos. Ainda sim, até mesmo havia rivalidade e rusga pessoal entre os donos do jornal *Flan* e os dirigentes do jornal *O Vale do Aço*, isso sem falar dos editores daquele serem oriundos da classe social operária e estes mais próximos da classe empregadora [(467)].

Dessa leitura, podemos ver, a partir de 1967, dois jornais em ampla concorrência disputando visões de mundo diferenciadas. Um traduzia as críticas operárias e o outro representava os interesses patronais. Enquanto um combatia personalidades, o outro as maximizava. Enfim, podemos inferir dois jornais para dois mundos, disputando classe numa sociedade de classes.

À parte das disputas de visões de mundo representadas na página imprensa concorrente, procuraremos focalizar agora a importância do Rotary Club na história da imprensa escrita na Região do Vale do Aço. O fato de o Rotary Club ser o ambiente embrionário do jornal *Canaã* (1959) e do jornal *O Vale do Aço* (1967) podemos assistir a instauração do surgimento de uma ordem de coisas locais que não foram planejadas, mas que teve origem nas ações isoladas e arquitetadas por um grupo de indivíduos da sociedade fabricianense, ou seja, um grupo de homens isolados planejou algo que deu origem a outro algo que os rotarianos realmente não haviam pretendido. Estamos aqui falando justamente da concepção teórica formulada pelo cientista social Norbert Elias:

> Planos e ações, impulsos emocionais e racionais de pessoas isoladas constantemente se entrelaçam de modo amistoso ou hostil. Esse tecido básico, resultante de muitos planos e ações isolados, pode dar origem a mudanças e modelos que nenhuma pessoa isolada planejou ou criou. Dessa interdependência de pessoas surge uma ordem *sui generis*, uma ordem mais irresistível e mais forte do que a vontade e a razão das pessoas isoladas que a compõem. É essa ordem de impulsos e anelos humanos entrelaçados, essa ordem social, que determina o curso da mudança histórica, [...] [(468)].

---

[467] MAIA FILHO, Rubem Winter. 2005. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 23 mar. 2005.

[468] ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 194.

Norbert Elias pronuncia-se acerca da ordem *sui generis* (sem gênero), isto é, da ordem nova, inesperada que se origina da combinação de várias ações isoladamente planejadas. Essa premissa teórica talvez explique a forte inserção do Rotary Club na história da imprensa no Vale do Aço nos anos sessenta. Entre os anos 1959 e 1969 podemos assistir um clube de serviço (rotarianos) planejando (racionalmente) a fundação de dois jornais que resultaram inesperadamente em outros jornais com seus editores que passaram pelos jornais de rotarianos, ou seja, os jornais fundados diretamente por rotarianos, *Canaã* (1959) e *O Vale do Aço* (1967) originaram indiretamente os jornais: *A verdade Impressa* (1962), *Flan* (1964), *O Metropolitano* (1969) *O Popular* (1973) e o periódico *O Vale em Revista* (1974). Destarte, uma nova ordem de imprensa *sui generis* derivava de uma ação que não fora planejada por rotarianos, mas que teve raízes nos jornais racionalmente e intencionalmente deliberados por rotarianos. É esse esquema que parece ter ocorrido na história da imprensa escrita em Coronel Fabriciano nos anos sessenta. Como já disséramos anteriormente, dois rotarianos, Wenceslau Martins Araújo e José Ignánio Fernandes, criaram em 1959, o jornal *Canaã*, apoiados também por rotarianos: Rubem Siqueira Maia, Geraldo Perlingeiro Abreu, Nestor Cota Figueiredo, Joaquim César Santos e Narciso Drummond Tôrres. Trabalharam nesse jornal Euclides Diogo Sabará e José Rodrigues do Amaral. Esses rotarianos jamais pensaram ou planejaram que Sabará, depois de vários meses como escritor de matérias nas colunas do jornal *Canaã* haveria de sair desse jornal em 1962, para fundar o jornal *A verdade Impressa*. Diga-se, a propósito, se Sabará já tivesse alguma experiência em jornal anterior ao *Canaã*, foi nesse último que sua veia jornalística se consolida: “Sabará ajudou a projetar o jornal *Canaã*, mas ao mesmo tempo o *Canaã* projetou o Sabará” [(469)] declara o tipógrafo desse jornal, José Petronilho dos Reis. Não podemos desconsiderar as experiências de Sabará adquiridas no *Canaã* como suporte para a criação da *A verdade Impressa*.

De igual modo, José Rodrigues do Amaral aprendeu o jornalismo no jornal *Canaã*, fato que também deve ser considerado, na medida em que sabemos, serem José Rodrigues do Amaral e Euclides Diogo Sabará os fundadores do jornal *Flan* (1964). Precisamente, esses dois indivíduos que criaram em Coronel Fabriciano os jornais *A*

[469] REIS, José Petronilho dos. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 27 jul. 2003.

Verdade Impressa e o *Flan* tiveram suas experiências de jornalismo enraizadas no *Canaã*. Não houvesse existido o jornal *Canaã* a configuração ou ordem *sui generis* da imprensa na região do Vale do Aço seria outra e não esta que encontramos na história da imprensa local.

Rubem Winter Maia Filho e José Roque Pires tiveram no Jornal *O Vale do Aço* a figura de Celso Magalhães:

> O Celso Magalhães espontaneamente nos procurou se prestando a fazer a cobertura policial para o jornal (*O Vale do Aço*). E nós aceitamos na mesma hora porque era um trabalho sujo que alguém tinha que fazer. E ir à delegacia para saber quem foi preso, quem fugiu, quem matou é uma coisa muito desagradável. Então dizer que todo repórter começa a fazer cobertura policial é uma verdade. E isso é tradição da imprensa. Parece-me que é mundial. Mandam repórter novo para a polícia, porque ali eles começam e tem logo o batismo de fogo ao conviver com aquela realidade. Então (Celso Magalhães) trazia aquilo para nós e colocava numa coluna dele que era quase meia página. E nós recebemos uma crítica muito pesada, porque o português dele era péssimo. Ele não tinha uma formação escolar que desse a ele condição de escrever uma reportagem. E no início desse trabalho dele, o que ele fazia nós colocávamos. Ele assinava. Então era publicado na íntegra, com todos os defeitos, mas a sua linguagem era extremamente acessível. Ele fazia página policial, depois ele passou a fazer a página de esporte. Ele comentava os jogos. Fazia o noticiário de todo o campeonato daqui. E ele era um trabalhador mesmo. Gostava, vestia a camisa do jornal mesmo sem ganhar nada [(470)].

Posteriormente Celso Magalhães e Carlos Alberto Cotta compraram a sociedade de José Roque Pires. Uns dois anos depois, Celso adquire a outra parte pertencente a Rubem Winter Maia Filho:

> A outra metade do jornal eu vendi para o Celso Magalhães. E ele desenvolveu bem o jornal, construiu uma sede para o jornal que é atrás do campo do Social. Construiu com recursos tirados do jornal. Fez também outro órgão paralelo, a Revista do Vale (*O Vale em Revista*). E ele tinha uma capacidade de persuasão muito grande de vender e descobriu que podia vender publicidade e ajuntou as duas coisas, continuou o jornal e chegou a ganhar dinheiro [(471)].

No periódico *O Vale em Revista* na matéria *A evolução da imprensa no Vale do Aço*,

---

[470] MAIA FILHO, Rubem Winter. 2005. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 23 mar. 2005.
[471] Ibid.

encontramos informações acerca da trajetória da imprensa escrita, principalmente do forte crescimento dado no final dos anos sessenta a partir do surgimento do jornal O *Vale do Aço* (1967):

> Em 1969, entre outros, Celso Magalhães dirigiu o jornal "O METROPOLITANO" que também teve breve circulação. [...] Em 1973, exatamente no mês de maio, Celso Magalhães fazia circular o jornal "O POPULAR" que ainda hoje circula sob a responsabilidade da Editora Vale do Aço, empresa que edita o Jornal "O VALE DO AÇO" bem como, "O VALE EM REVISTA", que surgiu em outubro de 1974, criada pelo citado jornalista [(472)].

O personagem Celso Magalhães também adquiriu sua experiência jornalística no jornal *O Vale do Aço* que, aos poucos, foi obtendo, com seu labor e diligência, a direção total do jornal. Em seguida, fundou outros jornais paralelos: *O Metropolitano*, *O Popular* e o periódico *O Vale em Revista*. Que rotariano imaginaria que com a fundação deliberada e intencional do jornal *O Vale do Aço* surgiria outros impressos paralelos?

Partimos da hipótese de que os planos e ações de pessoas isoladas (de rotarianos) em torno dos jornais *Canaã* e *O Vale do Aço* entrelaçados de modo amistoso ou hostil com as figuras que trabalharam no próprio jornal deles (dos rotarianos) fizeram surgir outros jornais não previstos pelos próprios rotarianos: O *Flan* indiretamente veio do *Canaã* (embrião rotariano) e *O Vale do Aço* (embrião rotariano) veio "concorrer" com o *Flan* e acabou por surgir um ambiente de nascimento dos impressos *O Metropolitano* e *O Popular*.

Como já dissera Norbert Elias, "As regularidades imanentes às configurações sociais não são idênticas às regularidades da mente, do raciocínio individual" [(473)]. Assim, dessa premissa, podemos dizer que os rotarianos ao implantarem a imprensa escrita planejadamente não implicou numa regularidade da imprensa local (só o deles) porque nem sempre o propósito de pessoas isoladas entrelaçadas de modo amistoso ou hostil com outros indivíduos que isoladamente também materializam seus anelos, são idênticos com a nova *ordem sui generis*, ou seja, com a nova configuração histórica em termos de imprensa escrita.

---

[472] A evolução da imprensa no Vale do Aço. *O Vale em Revista*, Coronel Fabriciano, ano 10, n. 19, out. 1983, p. 47.
[473] ELIAS, 1993, op. cit., p. 194.

7 ROTARY CLUB: VISÕES DE MUNDO DA ESCALA MACRO NA ESFERA MICRO

O Rotary Internacional possui suas matrizes ideológicas e, sob esse complexo de idéias, essa organização incide suas forças de atuação em nível mundial, nacional e regional. Antonio Gramsci fez um comentário sobre a difusão de ideologias que um país propaga sobre outro através de instituições religiosas, seculares, civis, públicas ou privadas.

> Uma ideologia, nascida em um país mais desenvolvido, difunde-se em países menos desenvolvidos, incidindo no jogo local das combinações. (A religião, por exemplo, sempre foi uma fonte dessas combinações ideológico-políticas nacionais e internacionais; e, com a religião, as outras formações internacionais, como maçonaria, o Rotary Club, os judeus, a diplomacia de carreira, que sugerem recursos políticos de origem histórica diversa e os fazem triunfar em determinados países, funcionando como partido político internacional que atua em cada nação com todas as suas forças internacionais concentradas [474] (grifo nosso).

É muito significativo quando se observa que o autor dos *Cadernos do Cárcere* cita um exemplo de um veículo institucional, a dizer, o Rotary Club, como uma organização proveniente de um país mais desenvolvido e que tende a propagar suas ideologias em países menos desenvolvidos. Na perspectiva de Gramsci, ideologia é a "unidade de fé entre *concepção de mundo* e uma *norma de conduta* adequada a essa concepção" [475]. E nesse sentido, interpreta, Carlos Nelson Coutinho, o conceito de ideologia em Antonio Gramsci: "[...] a ideologia – enquanto concepção de mundo articulada com uma ética correspondente – é algo que transcende o conhecimento e se liga diretamente com a ação voltada para influir no comportamento dos homens" [476]. Esse conceito "visão de mundo", em Gramsci, parece haver algum ponto de encontro com o conceito "visão de mundo" nos escritos de Pierre Bourdieu. No sentido dado por esse sociólogo francês, tudo indica haver

[474] GRAMSCI, 2004, op. cit., v. 1, p. 270. [caderno 17, miscelâneo, parágrafo 22, 1933-1935].
[475] GRAMSCI, apud COUTINHO, 2003, op. cit., p. 111.
[476] Ibid., p. 112.

aproximação entre concepção do mundo social e construção desse mundo, isto é, visão e ação:

> A teoria mais acentuadamente objectivista tem de integrar não só a representação que os agentes têm do mundo social, mas também, de modo mais preciso, a contribuição que eles dão para a construção da visão desse mundo e, assim, para a própria construção da visão desse mundo, por meio do trabalho de representação (em todos os sentidos do termo) que continuadamente realizam para imporem a sua visão de mundo ou a visão da sua própria posição nesse mundo, a visão da sua identidade social [(477)].

Na perspectiva de Pierre Bourdieu, a percepção do mundo social implica em ato de construção e não de uma mera teoria intelectualista do conhecimento. Pois, a visão de mundo social não se opera unicamente na expressão verbal, senão também na prática.

Se o Rotary Club é uma instituição eminentemente ideológica, ou seja, possui um conjunto de práticas correspondentes às suas concepções de mundo, então deveríamos identificar quais são algumas dessas visões de mundo que embasam o Rotary Internacional. Antônio Gramsci aponta algumas dessas visões: *saint-simonismo*, *pragmatismo* e *comunitarismo* (interesse pessoal com o interesse geral). Indiretamente, Aléxis de Tocqueville e Max Weber, nos indicam o *puritanismo*. Ao que tudo indica, esses conceitos formam um fragmento da matriz da concepção de mundo que sustentam a matriz ideológica da organização rotária Internacional. E na perspectiva gramsciniana esse corpus ideológico penetra-se em países menos desenvolvidos. Podemos inferir disso, que o Rotary Club seria um canal eminentemente institucional que difunde ideologias da nação norte-americana em países, como os da América Latina.

Parece que não há ainda pesquisas acadêmicas, [(478)] em torno do Rotary Club, que investigasse a hipótese gramsciniana dos pontos de contato entre o rotarianismo e o saint-simonismo:

---

[477] BOURDIEU, 1993, op. cit., p. 139.

[478] Agueda Bernardete Uhle dedicou, na sua tese de doutorado, duas laudas e meia à hipótese gramsciniana: os nexos ideológicos entre o rotarianismo e o saint-simonismo. Cf. UHLE, 1991, op. cit., p. 62-64.

> Seria interessante uma pesquisa sobre os seguintes nexos ideológicos: as doutrinas do americanismo e o saint-simonismo têm, indubitavelmente, muitos pontos de contato; mas, ao contrário, parece-me que o saint-simonismo influiu pouco sobre a maçonaria, pelo menos no que se refere ao núcleo mais importante de suas concepções: já que o positivismo deriva do saint-simonismo e o positivismo foi um momento do espírito maçônico, haveria um contato indireto. O rotarianismo seria um moderno saint-simonismo de direita [479] (grifo nosso).

Não é pouco expressiva a importância que Antônio Gramsci dá ao dever de pesquisar acerca dos nexos ideológicos entre o rotarianismo e o saint-simonismo de direita. Mas que ponto de contato poderia existir entre o saint-simonismo e rotarianismo?

O francês Saint-Simon (1760-1825) [480], que começou escrever somente aos quarenta e três anos de idade, fez largos *elogios ao trabalho produtivo* e, ao mesmo tempo, lançou duras *críticas aos ociosos ou parasitas* da nova organização da sociedade industrial iminente na aurora século XIX [481]. Essa nova sociedade industrial seria *dirigida pelos cientistas, pelos industriais e pelos homens da arte e de ofício* [482]. Além da idéia de *progresso*, eixo em torno da qual giram os vários elementos da filosofia social de Saint-Simon, a moral social saint-simonista fundamenta-se no preceito evangélico da *fraternidade universal*:

> Segundo este princípio que Deus deu aos homens como regra de sua conduta [...] eles devem organizar a própria sociedade de tal forma que ela possa ser mais vantajosa para o maior número de pessoas; em todos os trabalhos, em todas as ações, os homens devem propor-se o objetivo de melhorar o mais rápida e completamente possível a existência moral e física da classe mais numerosa. Afirmo que nisso, somente nisso, consiste a parte divina da religião cristã [483].

---

[479] GRAMSCI, 2001, op. cit., v. 4, p. 298. [caderno 5, miscelâneo, parágrafo 2, 1930-1932].

[480] "CLAUDE-HENRI DE ROUVROY, conde de SAINT-SIMON (1760-1825), teve uma vida de muitas aventuras: nascido em Paris de família nobre, combateu na América na guerra de independência; em seguida viveu algum tempo no México e visitou a Holanda e a Espanha. De regresso à França, simpatizou com a Revolução de 1789 e, em nome dos ideais revolucionários, renunciou ao título de conde. Em 1793, perseguido, conseguiu fugir, mas perdeu todos os seus bens e passou por graves dificuldades. Entre seus discípulos estão Augustin Thierry e Auguste Comte; este último rompeu posteriormente com o mestre em 1824, um ano antes da morte de Saint-Simon". Cf. ROVIGHI, Sofia Vanni. *História da filosofia contemporânea*: do século XIX à neoescolática. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001, p. 94, nota 2.

[481] ROVIGHI, 2001, op. cit., p. 94.

[482] REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia*: do romantismo até nossos dias. 3. ed. v. 3. São Paulo: Paulus, 1991, 175-177.

[483] SAINT-SIMON, apud ROVIGHI, 2001, op. cit., p. 95.

Para esse autor francês, a construção da nova sociedade deveria ser pautada sob um *cristianismo laicizado* e sob a *ética da fraternidade universal*, já que existe interesses comuns a todos os homens: a manutenção da vida e à *busca do bem-estar* [484].

De igual modo, o Rotary Club também aposta no conjunto de homens escolhidos como capazes de solucionar os mais diferentes problemas sociais do mundo [485]. O padre jesuíta, Felipe Alonso Bárcena, percebeu essa aspiração universal do Rotary Club, no final dos anos vinte do século passado:

> Não são estreitas as aspirações benéficas do Rotary, nem tampouco suas atividades se encerram em um aspecto particular da vida. É verdade que muitas vezes dizem os próprios rotarianos de maneira que parecem querer limitar-se ao melhoramento técnico, moral, econômico, do manejo daqueles negócios e do exercício daquelas de que depende o bem-estar material. Todavia quando se lêem e consideram mais de perto seus projetos, percebe-se imediatamente que as ambições rotárias vão além, e que sua influência quer estender-se à vida do indivíduo, da família e da sociedade, em tudo que significa bem-estar, melhoramento e perfeição [486].
>
> As mais elevadas aspirações de Rotary se limitam a procurar à paz, o bem-estar, a felicidade de que é capaz essa vida mortal que gozam os homens na terra. Para isso [o Rotary] fomenta a cultura, a educação de crianças, a moralidade nos negócios e profissões, reorganização da família, e a paz universal [487].

Na década de vinte, o presidente dos Estados Unidos da América, Calvin Coolidge, exprimiu um discurso não menos saint-simonista: “Se eu pudesse colocar um Rotary Club em cada cidade do mundo, poderia assegurar a paz mundial” [488]. Ainda assim, em 1928, o presidente do Rotary Internacional, I. B. Sutton, na conferência rotária em Cuba, declarou que “a instituição de Rotary alenta um amplo espírito de fraternidade moral e de progresso humanitário acima das barreiras que as nações criam entre si” [489].

---

484 ROVIGHI, 2001, op. cit., p. 95-96
485 UHLE, 1991, op. cit., p. 63.
486 BÁRCENA, 1929, op. cit., p. 43.
487 Ibid., p. 50.
488 *Rotary e seu perfil*. Evaston, EUA: Rotary Internacional, 1995, p. 55.
489 Apud BÁRCENA, op. cit. P. 76.

Já em 1959, o Rotary Internacional publicou a obra *Siete Sendas Hacia La Paz*. E um dos caminhos é o *progresso*: "Puede también contribuir-se a la marcha del progreso mediante la confraternidad mundial de Rotary" [(490)]. O Rotary aspira ao progresso mundial e, segundo essa instituição, será por meio da associação de homens de negócios de cada profissão que o mundo haverá de ser salvo [(491)]. Os rotarianos não estão alheios ao seu tempo e demonstram acreditar no progresso baseado na ciência e no conhecimento, tal com fez Saint-Simon.

Os símbolos do Rotary Club também podem dizer muito a respeito da sociedade industrial de que fala Saint-Simon: Roda dentada ou de engrenagem, com 24 dentes e o sino com o martelo, respectivamente símbolos da indústria, do valor do trabalho e símbolo de disciplina como condições para o êxito do trabalho [(492)].

Há ao que tudo indica, há fortes indícios de acepções saint-simonista no *corpus* ideológico do Rotary Internacional. Essa hipótese formulada por Antonio Gramsci deveria ser mais profundamente examinada sob uma perspectiva acadêmica, ou seja, investigar na literatura dessa associação internacional as matrizes ideológicas do saint-simonismo. Os principais escritos de Saint-Simon para verificabilidade da hipótese gramsciniana são: *Novo Cristianismo*, *Os Industriais*, *O Sistema Industrial*, *Catecismo dos Industriais*, *Da Organização Social*, *O Político* [(493)].

A questão que ainda se nos coloca é a possibilidade de encontrarmos, pelos menos alguns vestígios, da ideologia saint-simonista na formação e atuação do Rotary Club da região do Vale do Aço. A concepção de mundo de progresso e desenvolvimento humano é muito presente nos escritos de Saint-Simon. A imaginação desse intelectual utopista francês se pautava na idéia de que seriam as classes de cientistas, sábios, engenheiros, industriais que construiriam a sociedade do futuro.

---

[490] *Siete sendas hacia la paz*. Evaston: Rotary Internacional. 1959.
[491] As associações voluntárias como o Rotary Club "entram quase que num mecanismo de caráter religioso: precursores da 'boa nova', têm como meta atingir o "maior" número possível de pessoas para incutir a fé nos valores absolutos presentes em noções como pátria, família, segurança, trabalho etc." Cf. BONITO, 1994, op. cit., p. 35.
[492] UHLE, 1991, op. cit., pp. 51-52.
[493] IONESCU, Ghita. *El pensamiento político de Saint-Simon*. México: Fundo de Cultura Econômica, 1976.

Não menos assim, o Rotary Internacional se vê também como uma instituição moderna que guiará o destino do mundo [(494)].

Saint-Simom imaginou um Parlamento com um poder supremo formado por três casas. A primeira seria a "casa de invenção", composta de cientistas, inventores, e também poetas, pintores, arquitetos, romancistas e escultores. A segunda seria a "casa de exame" formada por físicos, matemáticos e pensadores em geral com capacidade crítica. A terceira casa se ocuparia da execução dos projetos propostos na primeira casa e examinados e aprovados pela segunda, sendo essencialmente composta de homens de negócios, banqueiros e industriais [(495)].

Em Saint-Simon parece que a classe de ofícios são os únicos capazes de dar um bom destino a nova sociedade industrial. Os projetos sociais e políticos seriam eminentemente eficazes se pensados, aprovados e executados pela classe de ofícios e profissionais de vários ramos e pelos homens de negócios.

A idéia de que o Rotary Club pode, em razão dos associados estarem ligados aos diversos ramos de negócios, oferecer solução aos diversos problemas sociais da nova sociedade moderna, industrializada e cosmopolita, é encontrada na instituição rotária.

O sistema de classificações [(496)], talvez a maior característica desse clube de serviço, seja o de permitir o sócio de um Rotary Club como um representante de cada negócio ou profissão, embora esse sistema de classificações já existisse há mais de dois séculos antes da concepção de Rotary:

> Dois séculos antes da concepção de Rotary, existia em Londres, uma sociedade com base na profissão dos seus sócios e Benjamin Franklin organizou o seu "Junto" em Filadélfia, **num plano de classificações**. Muitos anos antes, "A Societè de Philantropes", sediada em Strasburgo, na França, era quase idêntica ao Rotary nos seus propósitos idealísticos. Ocioso seria dizer que o conhecimento

[494] NISBET, Robert. *História da idéia de progresso*. Brasília: UNB, 1985, p. 258.
[495] Ibid., p. 255.
[496] No Rotary Club *Classificação* é uma palavra que descreve a atividade profissional principal e reconhecida por uma firma companhia ou instituição, ou a atividade de um negócio ou profissão independente. Cf. PORTES, José Silvano. Cartilha Rotária. 8. ed. Belo Horizonte: Cuatiara, 1999, p. 81.

> dessas instituições do passado só vieram aos fundadores do Rotary algum tempo depois de haverem eles concretizado a instituição [(497)] (grifo nosso).

No Rotary Club, o sistema de classificações *é uma das características fundamentais*, já que uma das razões desse modelo de recrutamento de sócios tem por fim evitar o predomínio de grupos de uma mesma profissão fazerem do Rotary Clube uma espécie de sindicato ou associação de classe [(498)]. Note que é pelo sistema de classificações que os rotarianos se consideram um clube de profissionais. É este quadro de classificações extenso que garante a diversidade na composição da agremiação, evitando que um clube passe a funcionar como um grupo de interesse, de uma profissão ou ramo de negócios [(499)].

O sistema de classificações, norma fundamental do Rotary, permite seus próprios adeptos pensarem o funcionamento do clube como uma oficina de diversas cabeças pensantes sobre as questões relativas ao próprio grupo e às da sociedade. Nesse sentido, muito há de saint-simonismo na formação do Rotary Club.

No plano local, também há indícios dos rotarianos estarem alimentados pelo discurso e prática saint-simonista de progresso e melhoramento da sociedade local. As lembranças dos sócios fundadores entrevistados do Rotary Club de Coronel Fabriciano fazem um corte temporal, assinalando-as diferenças entre “o antes e o depois” tendo os anos cinqüenta como o ponto de referência. O antes é visto como “capiau”, “precário”, “minguado” e “suburbano”. O depois é pintado como “civilizado”, “desenvolvido” e “urbanizado”. Veja como os depoimentos são elaborados: “Quando eu vim para Coronel Fabriciano em 1943, aqui era um lugarejo que não tinha nada, não tinha rua calçada, luz elétrica nem tampouco água. Tomávamos banho no rio e era de uma biquinha que bebíamos água” [(500)] (grifo nosso). Também declarou que: “Coronel Fabriciano não tinha telefone. Todos nós éramos capiau. Ninguém sabia

---

[497] HARRIS, 1990, op. cit., p. 101.
[498] PORTES, 1999, op. cit., p. 82.
[499] UHLE, 1991, op. cit., p. 99.
[500] TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 03 mai. 2003.

muito bem como era a telefonia, nem mesmo como funcionava" [501] (grifo nosso). Por outro lado, as lembranças do empenho do Rotary Club de Coronel Fabriciano na construção do Silvânia Palace Hotel são formatadas por uma linguagem que contrasta com a anterior: "Esse hotel foi muito bom para a cidade. Construção moderna quase que não existia em Coronel Fabriciano. E o hotel Silvânia foi uma construção moderna. Coronel Fabriciano se tornou o centro da hospedagem na região" [502] (grifo nosso). Em relação à luz elétrica, afirmou: "Sei que nós trabalhamos de casa em casa na venda de ações e conseguimos em tempo recorde vender mais ações do que a CEMIG exigia. Depois dessa parte, ficou tudo por conta da Prefeitura. Em seguida a CEMIG chegou trazendo vantagens e desenvolvimento para a nossa cidade" [503] (grifo nosso).

Ao que parece, o rotariano Narciso Drummond Tôrres, ao referir-se à cidade de Coronel Fabriciano traçando o antes e o depois da Fundação do Rotary Club (1959), faz uma pintura com o par antigo/moderno. O antes é precário, não tinha nada, o depois é novo, moderno, desenvolvido. Jacques Le Goff, ao falar do par antigo/moderno e de seus vários significados na história, afirma que o "moderno" pode rebaixar ou exaltar o "antigo", promovê-lo ou vilipendiá-lo [504]. Os vocábulos "moderno", "desenvolvimento", "progresso" e outros congêneres que teriam circulados no território nacional estariam preenchidos de valor por toda a sociedade fabricianense. Os rotarianos, ao utilizar esses termos ideológicos na página impressa, tentavam impor as categorias de percepção do mundo social que eram também um produto da incorporação das estruturas objetivas do espaço social. E utilizar terminologias circuladas no conjunto social, proporcionava aos rotarianos força no campo de convencimento: "Uma das estratégias mais universais dos

[501] TÔRRES, 2003, op. cit.
[502] TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 03 mai. 2003.
[503] TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 19 dez. 2003.
[504] LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1996, p. 170.

‘profissionais do poder simbólico’ consiste em apropriar de palavras que estão investidas de valor por todo um grupo [505].

Pierre Bourdieu levou-nos a pensar nas lutas simbólicas pela produção e imposição da visão de mundo legítima. E uma das formas das lutas simbólicas pela produção e imposição da visão de mundo por um agente ou grupo de agentes é através de “estratégias cognitivas de preenchimento”, seja através das formas práticas de *prospecção* ou *retrospecção*, ou melhor, seja por meio da reconstrução retrospectiva de um passado ajustado às exigências do presente, ou através da reconstrução prospectiva de um futuro, com a previsão criadora, continuamente invocada para determinar, delimitar e definir o sentido, sempre aberto, do presente [506].

Seria instigante aprofundar como o Rotary Club de Coronel Fabriciano construía, reproduzia e impunha sua visão de mundo legitimadora, através das práticas de *prospecção* e *retrospecção*, isto é, como ajustava o passado e o futuro às exigências do projeto de seu mundo, uma vez que Coronel Fabriciano (“Terra Prometida”) foi “apossada” [507] por esses rotarianos. Identificamos um exemplo desse fenômeno, quando os rotarianos lideraram um movimento pela construção de um hotel de luxo na cidade por meio de venda de ações, publicando no jornal, com um discurso altamente legitimador, a grande necessidade desse empreendimento.

Os sócios fundadores do Rotary, “donos” da imprensa local, divulgavam no jornal *Canaã* o nome de todos aqueles que compravam as quotas para a construção do Silvânia Palace Hotel: "Estes querem o bem de Coronel Fabriciano". Os contrários ao empreendimento foram denominados de derrotistas, no sentido de retrógrados ou inimigos da cidade [508]. Em função dessa oposição, o *slogan* tornou-se mais forte ainda, ou seja, os que se colocavam a favor do empreendimento foram

[505] BOURDIEU, 2003, op. cit., p. 143.
[506] Ibid., p.140.
[507] Dos trinta e dois sócios fundadores do Rotary Club de Coronel Fabriciano apenas um era natural da região.
[508] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 21, 2ª quinzena, jul. 1960, p. 1.

denominados de "os verdadeiros amigos da cidade". Além disso, publicava-se nas páginas do jornal a idéia de que a população residente não tinha passado: “O viajante ou o homem que chega em Coronel Fabriciano vê logo que está num lugar sem passado, com um presente que só é trabalho dentro da ordem, portanto com um futuro indiscutivelmente portentoso” [509]. O discurso de que os antigos residentes não tinham passado era uma forma de ajustar ou mesmo anular o passado em função do presente (atuação dos rotarianos no “desenvolvimento” da cidade). Tal atitude tentava construir e impor uma outra representação de mundo através de um discurso de progresso, de desenvolvimento e de melhoramentos urbanos.

Assim, os sócios fundadores do Rotary Club de Coronel Fabruiciano-Acesita concebem-se como um grupo que, unidos por representantes de cada profissão ou ramo de negócios, foram capazes de propiciar muitas soluções para o “desenvolvimento” e “progresso” da cidade.

* * *

Antônio Gramsci faz uma outra suposição da existência de mais uma visão de mundo presente no corpus ideológico do Rotary Club: *“Os pragmatistas, na melhor das hipóteses, contribuíram para criar o movimento do Rotary Club”* [510]. Pode-se aqui perguntar em que medida a filosofia do pragmatismo contribui para engendrar o movimento do Rotary Club? O que foi esse pragmatismo de que fala Antônio Gramsci?

Esse autor do partido comunista italiano oferece algumas pistas do que seria esse pragmatismo [511]: a)- “O pragmatismo (de James, etc.) nasceu e se difundiu no quadro histórico anglo-saxão; b)- “[...] O pragmatista constrói a filosofia ‘utilitariamente’; c)- O pragmatismo (como movimento) é inconcebível em países católicos - visto a religião católica, desde o Renascimento e Contra-Reforma, ser burocraticamente centralizada, intelectualmente dogmatizada e cindida da vida cultural - ao passo que o pragmatismo é concebível em países protestantes onde a

[509] Jornal *Canaã*, ano 1, n. 19, 2ª quinzena, mai. 1960, p. 1.
[510] GRAMSCI, 2004, op. cit., v.1, p. 271.
[511] Ibid., pp. 270-271.

religião é aderente à vida cultural; iv- o pragmatismo “tende a criar uma moral laica”; v- “tende a criar uma ‘filosofia popular’ superior ao senso comum; vi- o pragmatismo é mais um partido ideológico (imediato) do que um sistema de filosofia; vi- contribui para justificar todos os movimentos conservadores e reacionários.

Parece que a acepção mais comum do termo pragmatismo é a idéia de que “uma asserção se torna verdadeira quando se obtém resultados úteis ou agradáveis” [512], ou seja, “a verdade de uma proposição consiste, portanto, no fato de “ser útil”, de “ser bem sucedida”, de “dar satisfação” [513]. A hipótese de Antônio Gramsci de que houve influência do pragmatismo no Rotary Club parece ter plausibilidade na medida em que se sabe que esse clube de serviço nasceu e iniciou sua expansão nos Estados Unidos justamente no próprio país e período que o pragmatismo chegou ao seu ponto máximo, isto é, nos primeiros quinze anos do século passado” [514].

Durante muitas décadas, os Rotary Clubs em todo o mundo têm usado a Prova Quádrupla para avaliar a retidão de pensamentos, palavras e atos, logrando-se maior felicidade e êxito: a)- é a verdade?; b)- é justo para todos os interessados?; c)- criará boa vontade e melhores amizades; d)- será benéfico para todos os interessados? [515]

Essa *Prova Quádrupla* é no Rotary Club um parâmetro pragmático como referencial do pensar, falar e agir rotário.

Gramsci quer mostrar nos *Cardenos* o caráter predominante prático da instituição rotária, ou seja, até a honestidade transformou-se em utilidade nos negócios.

* * *

Levantamos a hipótese de que pelo menos alguns Rotary Clubs que surgiram no Brasil, nos anos cinqüenta e sessenta, acabaram por repercutir o comunitarismo (o

[512] ROVIGHI, 2001, op. cit., p. 460.
[513] LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 839.
[514] REALE, 1991, op. cit., p. 485.
[515] PORTES, 1999, op. cit., p. 216.

"interesse bem compreendido" no sentido Tocquevilliano), advinda do americanismo, ou seja, no seio da organização de alguns Rotary Clubs brasileiros, há indícios de comunitarismo oriundo das práticas associativas. Nesse aspecto, mais especificamente, parto da suposição de que o Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita, fundado em 1959, reproduziu a cultura cívica de vestígios republicanos.

John Pocock, no prefácio de sua obra, na edição italiana, demonstrou que "os humanistas cívicos florentinos retomaram e desenvolveram o pensamento republicano da antigüidade clássica, especialmente o de Aristóteles e de Políbio" (516). O humanismo florentino "foi um movimento original de idéias, construído a partir da recuperação, com auxílio dos textos da antigüidade clássica, da importância da vida ativa" (517). Todavia essa tradição republicana florentina fora "soterrada" e posteriormente desenterrada na Inglaterra nos meados do século XVII. Em seguida, caminhando mais ou menos subterrâneo, chegou à América do Norte aflorando-se no século XVIII no período da Independência (518). Esta é a "história túnel" de John Pocock: o republicanismo (cultura cívica) teve sua trajetória histórica de aparecimentos e de desaparecimentos, ou seja, de quando em quando ressuscitando em plena luz dos séculos XV e XVI em Florença, depois na Inglaterra nos séculos XVII e XVIII e finalmente no processo de Independência dos Estados Unidos, onde, acaba por enraizar e marcar fortemente a cultura política republicana nesse país (519).

Voltando a nossa questão. Não houve no Brasil algum vestígio de republicanismo? Será que houve, mesmo sob forma subterrânea, infiltração em território brasileiro elementos de tradição republicana? Será que o Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita, fundado em 1959, não possuía um comportamento de cultura cívica, vida ativa nos mesmos moldes do republicanismo clássico?

---

516 FLORENZANO, Modesto. República (na segunda metade do século XVIII – história) e republicanismo (na segunda metade do século XX – historiografia). In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; GOUVÊA, Maria de Fátima Silva. *Culturas políticas*: ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p. 60.

517 CARDOSO, Sérgio. Que república? Notas sobre a tradição do "governo misto". In: BIGNOTTO, Newton (Org.). *Pensar a república*. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 34.

518 FLORENZANO, 2005, op. cit., p. 61

519 FLORENZANO, Modesto. Apresentação. In: BAYLIN, Bernard. *As origens ideológicas da Revolução Americana*. Bauru, SP: Edusc, 2003, p. 3.

O Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita se instalou num período de mudança de economia política rural para uma economia política industrial-comercial na região do Vale do Aço. Antonio Gramsci afirma estar o Rotary Club baseado na difusão de um novo espírito capitalista, na idéia de que a indústria e o comércio, antes de serem um negócio, são *serviço social*. Dessa forma, o Rotary Club desejaria que o "capitalismo de rapina" fosse superado por um sistema mais propício ao desenvolvimento das forças econômicas. Isso só funcionaria por meio de uma nova ética baseada na honestidade e na capacidade de associar-se com todas as atividades profissionais, industriais e comerciais. Essa capacidade de associar-se não nasceria senão por vias amigáveis [(520)]. A interpretação de Gramsci sobre o Rotary Club lança uma luz sobre um dos espíritos dessa associação voluntária: "serviço social". Não estaria essa filosofia rotária de serviço social incrustada na tradição republicana? Não me atrevo a dizer que o Rotary representaria um republicanismo puro. Podemos supor, que no seio de uma nação encontram-se várias visões de mundo: republicanismo, socialismo, centrismo, cultura laica, catolicismo, dentre outras. Porém, na realidade histórica a pluralidade de concepções de mundo está em osmose entre si, embora uma possa predominar mais que outras. Ainda nessa perspectiva, podemos apontar que as visões de mundo em prática real combinam elementos das concepções de mundo.

O fato de partirmos da hipótese de que o Rotary Club possa ter elementos de tradição republicana, não significa dizer que não possam existir amalgamadas outras visões de mundo, tais como o liberalismo (individualismo possessivo) e o autoritarismo (minimização do consenso). Esteve Pincus, por exemplo, detectou que o republicanismo inglês do século XVII valorizava a riqueza, mas também o bem comum, ou seja, uma ideologia que não celebrava nem o individualismo possessivo nem o anti-comercialismo. Essa ideologia valorizava a escolha humana e sua capacidade para criar riqueza, e a mudança única na história humana. Assim não podia ser chamada de republicanismo clássico, mas melhor compreendida como liberalismo, porém um liberalismo não antagônico ao republicanismo. O compromisso republicano estava tanto para a produção do bem comum quanto para

[520] GRAMSCI, Antônio. *Maquiavel, a política e o estado moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 415.

a comercialização afirma Pincus: “o pensamento do republicanismo inglês, assim como dos republicanos holandeses do século XVII, misturava um compromisso para o bem comum com a defesa da sociedade comercial” [521].

Com base nesse republicanismo inglês (mistura do compromisso do bem comum com a defesa da sociedade comercial), estiveram os rotarianos de Coronel Fabriciano-Acesita, no início dos anos sessenta, via o americanismo, reproduzindo essa visão de mundo?

Verifica-se, por exemplo, no município de Coronel Fabriciano, nos meados dos anos cinqüenta, 57% de analfabetismo [522]. Esse sintoma era um dos terrenos que recepcionava as instalações de empresas na região. Não é sem razão que o rotariano Geraldo Perlingeiro Abreu passou a declarar que as empresas industriais deveriam investir no social. E passou a utilizar sua influência oratória em seus discursos públicos a ponto de provocar impacto no espírito de seus ouvintes.

> O potencial altamente qualificado, concentrado pelas grandes empresas, atuando numa determinada sociedade, como a de Ipatinga e de Acesita, tem obrigação cristã de devolver à comunidade parte de sua força, de conhecimento, de experiência, de liderança e de valores humanos. Estes valores não se justificam atuando exclusivamente no setor interno do trabalho, mas também na comunidade. Não se pode e nem se deve comparar a empresa como uma atividade pura de mineração, donde se tira sem nada devolver [523] (grifo nosso).

Devolver à sociedade o que dela recebeu, foi a nota tônica de Geraldo Perlingeiro Abreu no seu envolvimento com a comunidade local. Devolver, segundo ele, não seria um favor à comunidade e sim uma obrigação. Se na comunidade "saímos", para a sociedade devemos "retornar", não da forma tal como "saímos", mas da maneira tal como "voltamos", com o capital simbólico (prestígio, reputação), capital econômico, capital político em favor de uma nova configuração social. Uma

---

[521] PINCUS, Esteve. Neither Machiavellian Moment nor Possessive individualism: commercial society and the defenders of the english commonwealth. *American Historical Review*, jun. 1998, p. 708.
[522] *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros.* Rio de Janeiro: IBGE, 1958, Vol. 34, p. 548.
[523] Jornal *Diário da Manhã*. Coronel Fabriciano, 8 nov. 1978.

configuração que aproxime a distância entre riqueza e o fosso regional. Não somente do fosso econômico, mas também do cultural, educacional, político, simbólico e dos valores humanos. Se da sociedade se retira o capital econômico como produto da matéria prima e da mão-de-obra, para essa mesma sociedade se deve devolver. Se a empresa abstrai os recursos humanos e naturais da região onde se encontra inserida, nada é mais justo do que devolver a essa comunidade o que dela foi retirada.

Exatamente um mês depois que o vereador timotense Odilon Vilela Soares publicou no “Diário da Manhã” um fragmento do discurso proferido por Geraldo Perlingeiro Abreu, o mesmo jornal fez eco da carta do próprio Geraldo Perlingeiro Abreu endereçada à Câmara Municipal de Timóteo.

> Todos nós que de uma ou de outra forma auferimos vantagens e privilégios sociais de sermos benquistos, se o somos. Temos a obrigação indeclinável de vez por outra, darmos nossa retribuição à boa causa comunitária. Li no “Diário da Manhã”, com razoável satisfação, que o timotense amigo vereador Odilon Vilela Soares, teceu palavras elogiosas a propósito da palestra que tivemos oportunidade de proferir [...] no dia 30 de outubro último (aniversário da Acesita e da Usiminas), sobre participação comunitária [524] (grifo nosso).

O rotariano Geraldo Perlingeiro Abreu, também sob o pseudônimo de Percival D’Alencar Morais, na coluna “Comunidade: Recado Semanal”, do jornal “Diário da Manhã”, deixa claramente a fonte de inspiração de seus discursos de natureza comunitária:

> Quem lê notícias de palestras e conferência sobre problemas pecuários, agrícolas e florestais, há de ter topado, por diversas vezes, com idéias divulgadas pelo ensaísta e homem de empresa que é Marcelo Guimarães Melo. Nunca vimos o homem, embora muitos, como nós, estejam familiarizando com suas idéias, opiniões e tomando ciência de sua ação [...] Ora, nada mais grato a nós do que saber que um grande e responsável empresário diz em público e ante a força da divulgação que nenhuma autêntica ação empreendedora pode ser levada a termo correto se não se voltar para o bem das comunidades afetadas. Ação que começa a por em prática [525].

---

524 Jornal *Diário da Manhã*. Coronel Fabriciano, 8 dez. 1978.
525 Ibid., 9 mai. 1976.

Geraldo Perlingeiro Abreu ao mostrar sua fonte de inspiração do dever comunitário deixa nítido sua ação que vem realizando na coluna “Comunidade: Recado Semanal” do jornal “Diário da Manhã” através de suas oratórias:

> Estes recadinhos semanais nesta coluna, tiveram por escopo, deixar uma luzinha acesa a partir de palestra proferida [...] em outubro de 75, aniversário da Acesita e Usiminas, o orador (Geraldo Perlingeiro Abreu) enfatiza dois aspectos fundamentais de sua mensagem crítica: a) a necessidade que tem as empresas de, antes de pensar puramente no lucro, colocarem ao seu objetivo a essencialidade da prestação de serviço, quer seja empresa pública (estatal ou mista) ou privada (comercial ou industrial); b) a constante atitude de por força da inteligência de seus dirigentes e de suas equipes, não só a serviço do seu dinamismo próprio empresarial, mas também atuando na e para a comunidade. Mesmo e ainda quando os políticos tradicionais e mirins da baixada não aceitam bem a participação, inicialmente [526].

O rotariano Geraldo Perlingeiro Abreu professava e comungava o dever de uma empresa, bem com de seus funcionários altamente qualificados devolver à sociedade o que dela é retirada. As expressões “obrigação cristã” e “obrigação indeclinável” em relação à sociedade ou comunidade remetem ao conceito da obrigação dos detentores dos meios de produção e serviço distribuírem capital econômico, capital cultural e ainda utilizar o capital político a favor da comunidade, ainda que os “políticos tradicionais e mirins” inicialmente rechaçassem.

Pois bem, isso não era uma cultura cívica republicana? Maurizio Viroli expressa que a virtude cívica é o ato de viver com dignidade porque os homens e mulheres sabem que não podem viver com dignidade em comunidade desvirtuada do bem comum [527]. Nesse aspecto, é de se notar, também, os critérios de admissão de novos sócios no Rotary Club que são considerados componentes relevantes que o novo sócio deve possuir: “caráter ilibado, boa reputação comercial ou profissional, e que sejam proprietários, sócios, diretores ou gerentes de qualquer negócio ou profissão útil e idônea” [528] (grifo nosso).

---

[526] Jornal *Diário da Manhã*. Coronel Fabriciano, 9 mai. 1976.
[527] BOBBIO, Norberto; VIROLI, Maurizio. *Diálogo sobre a república*: os grandes temas da política e da cidadania/ Norberto Bobbio, Maurizio Viroli. Rio de Janeiro: Campus, 2002, p. 17.
[528] Estatutos do Rotary Internacional. In: *Manual de Procedimento*. São Paulo, Brasil: Rotary Internacional, 1986, 163.

Maurizio Viroli também elenca outras virtudes civis de homens e mulheres republicanos: mobilização e pressão sobre quem governa no sentido de realizar pelo interesse do bem comum [529]. Nesse sentido, O jornalista de Coronel Fabriciano, José Rodrigues do Amaral, o Carioca, descreveu em depoimento a forma como os rotarianos de Coronel Fabriciano pressionavam os políticos da época para alcançar os seus propósitos, isto é, por meio da pressão branca [530].

Ainda, segundo Maurizio Viroli, os sujeitos de cultura cívica são ativos em associações de vários tipos (profissionais, esportivas, culturais, políticas, religiosas) e a motivação predominante para essa virtude cívica pode ser: senso moral (desprezo às prevaricações, às discriminações, à corrupção, à arrogância, à vulgaridade); desejo estético (decência e decoro); interesses legítimos (estradas seguras, parques agradáveis, praças bem conservadas, monumentos respeitados, escolas sérias, hospitais de verdade**);** obtenção de estima (honras públicas). Ressalta-se, que em muitos casos, estes motivos trabalham juntos e um reforça o outro [531].

Assim, partimos da hipótese de que os sócios fundadores do Rotary Club Coronel Fabriciano-Acesita, desenvolveram, em alguma medida, a concepção de mundo da cultura cívica republicana.

Não visão de mundo do rotariano o dever social não é incompatível com a defesa da sociedade comercial. Pelo contrário a economia política comercial deve receber apoio das instituições rotárias. O fundador do Rotary, Paul Harris, declarou que os rotarianos deveriam ser membros ativos das Câmaras de Comércio. No município de Coronel Fabriciano, a Associação Comercial foi criada em 1958, um ano antes da fundação do Rotary Club, e Clube de Dirigentes Lojistas, em 1963. As atas dessas duas entidades atestam um bom número de rotarianos como membros ativos dessas associações.

---

[529] BOBBIO, Norberto; VIROLI, Maurizio, 2002, op. cit., p. 17.
[530] AMARAL, José Rodrigues. 2004. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 23 fev. 2004.
[531] BOBBIO, 2002, op. cit., p. 17.

Talvez a suposição de que a prática associativa do Rotary Club Coronel Fabriciano-Acesita instaurava-se, ainda que só em termos fragmentários, a visão de mundo republicana nos moldes anglo-saxão - nem individualismo possessivo, nem apatia à economia política comercial. Todavia, reconhecemos que mais investigações empíricas necessitam ser realizadas para testar a suposição gramsciniana.

* * *

Tanto Max Weber [(532)] quanto Aléxis de Tocqueville dão ao puritanismo um papel de grande influência na sociedade norte americana. Para o aristocrata francês o puritanismo "não foi meramente uma doutrina religiosa, mas correspondia, em muitos pontos, às teorias democráticas e republicanas mais absolutas" [(533)].

Quando investigamos o método de admissão de novos sócios em Rotary, é possível identificar os valores puritanos, pois no processo de agremiação de novos associados são consideradas basicamente duas componentes relevantes que cada sócio indicado deva possuir: a)- "[...] **caráter ilibado** e **boa reputação** comercial ou profissional, e que sejam proprietários, sócios, diretores ou gerentes de qualquer negócio ou profissão **útil** e **idônea**" [(534)]. b)- O nome de um sócio em perspectiva [...] deverá ser apresentado, por escrito, ao conselho diretor [...]. A proposta deverá ser, então, guardada em **caráter confidencial** [...]. O conselho diretor pedirá à comissão de admissão que investigue e apresente um relatório sobre a elegibilidade do sócio proposto, com relação ao **caráter**, **conceito social-profissional** e condição geral de elegibilidade. Se a decisão do conselho diretor for **favorável** [...] o sócio em perspectiva deverá preencher e apresentar o formulário de pedido de admissão ao quadro social e conceder permissão para que se anuncie ao clube o seu nome e classificação. Se dentro de dez (10) dias após a publicação do nome do sócio em perspectiva, nenhum sócio apresentar ao conselho **objeção** por escrito contra essa

---

[532] WEBER, Max, 1982, op. cit., pp.347-370.
[533] TOCQUEVILLE, 1969, op. cit., p. 53.
[534] Estatutos do Rotary Internacional. In: *Manual de Procedimento*. São Paulo, Brasil: Rotary Internacional, 1986, p. 163.

proposta, expondo os motivos sobre quais se baseia, o sócio em perspectiva será [...] considerado **eleito** como sócio do clube [535].

Há quem observe o processo elitista de admissão de sócios no Rotary Club. Todavia, tal observação se faz, geralmente, sem levar em conta as tradições que engendraram tal procedimento. Levando-se em conta os valores culturais, pergunta-se: quais foram as raízes dessa concepção de elegibilidade de sócios? Não estaria o ambiente social estadunidense por detrás da forma de admitir sócios no Rotary Club?

Max Weber, viajando aos Estados Unidos da América, em 1904 percebeu um princípio decisivo na maioria das seitas norte-americanas: a admissão de um membro se dava através de "votação" depois de um *exame* e uma comprovação ética, ou seja, o ingresso era obtido por *votação* depois de uma *investigação* moral. Isso significava no plano social, cidadãos de pleno direito e *crédito* comercial. O membro da seita precisava ter qualidades para ingressar no círculo da comunidade. As seitas uniam homens através da **seleção** e criação de *companheiros crentes* eticamente qualificados. Foi desse modo que se deu as observações de Max Weber: a sociedade protestante norte americana no geral configurava-se sob o princípio de conduta ética baseada na *qualificação moral* dos membros das seitas religiosas [536]. Pode-se notar daí que as observações de Max Weber, quanto ao código moral de uma sociedade protestante do século XX, lança luzes sobre mais um contexto originário do Rotary Club, principalmente no que tange ao processo de elegibilidade de sócios somente depois de **comprovado** o caráter ilibado do proponente e **aprovado** pelos membros da comunidade associativa. Os procedimentos e exigências para admissão de sócios ao Rotary Club têm raízes sociais norte americana. A conduta moral era exigência talvez inevitável numa configuração social baseada fortemente em associações, ou melhor, numa nação gregária.

Na região do Vale do Aço essa prática de admissão também foi fortemente considerada. Nesse sentido informa Pedro Sampaio Guerra, sócio fundador do

---

[535] Regimento Interno Recomendado para o Clube. In: *Manual de Procedimento*. São Paulo, Brasil: Rotary Internacional, 1986, p. 231.
[536] WEBER, 1982, op. cit., pp. 347-370.

Rotary Club de Coronel Fabriciano: “O Rotary Club tem um certo elitismo. É uma seleção. Não é qualquer um que entra no Rotary. Só entram mais ou menos os expoentes de cada profissão. Na época [1959] parece que o critério era esse, mas sempre tem um critério político” [537].

[537] GUERRA, Pedro Sampaio. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 10 dez. 2003.

8 ROTARY CLUB: ATUAÇÕES NA *CANAÃ DO ESTADO DE MINAS*

Neste capítulo abordaremos as atuações mais expressivas dos sócios fundadores na região do Vale do Aço. Focalizaremos os empreendimentos comunitários, urbanos e econômicos nos primeiros anos da existência de Rotary Club na região local “a partir de remontes de ações individuais elementares que o compuseram” (538), sem, contudo, tomar uma ação individual como heróica, ou enquadrar uma única pessoa no mito popular de “sujeito forte”, ou de “grande herói”. Aliás, advogamos que a força de qualquer pessoa encontra-se latente no grupo do qual se faz parte.

Os sócios fundadores atuaram em diversos setores da sociedade fabricianense: educação, saúde, infra-estrutura urbana, telefonia, energia, hotelaria, clube recreativo, comunicação impressa e outros. Não significa, todavia, que os rotarianos sócios fundadores foram os únicos envolvidos nos empreendimentos em prol da cidade local. Mesmo assim, é possível que se tenha a impressão de que somente o Rotary Club participou ativamente do desenvolvimento urbano do município de Coronel Fabriciano, o que não é verdade. Não intencionamos mostrar que os rotarianos sócios fundadores foram os protagonistas na comunidade regional e sim destacar *os principais campos* em que os primeiros rotarianos do “Vale do Aço” estiveram atuando. Em outras palavras, buscou-se fazer aqui um levantamento do *território de ação rotariana* na cidade local e não um mapeamento do *território de ação de todos os agentes* sociais no município de Coronel Fabriciano. Esse procedimento de colocar uma lupa quase que exclusivamente sobre o *território de ação* do Rotary Club regional pode induzir o leitor à falsa idéia de que somente os rotarianos participaram da mudança na configuração urbana e econômica de Coronel Fabriciano. Não buscamos aqui fazer um cruzamento de relações e conflitos dos vários grupos de agentes sociais organizados do município em questão, pois fazer isto demanda outras pesquisas para conseguir-se materializar uma proposta dessa natureza, ou seja, são necessárias outras pesquisas mais específicas para

538 BOUDON, Raymond; BOURRICAUD, François. *Dicionário crítico de sociologia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001, p. 1.

realização de uma aglutinação das ações sociais dos vários grupos sociais (formais e informais) na sociedade fabricianense.

Entretanto, é possível detectar, na *Terra Prometida*, especificamente nos anos sessenta, uma característica comum em muitas cidades contemporâneas, ou seja, um relativo declínio na importância do governo local, não apenas em relação aos governos estaduais e federais, mas também em relação às associações voluntárias locais [(539)]. Os anos sessenta parece ser a idade de ouro do "projeto de comunidade". Empreendimentos comunitários significativos são freqüentemente iniciados fora da estrutura do governo local, encetadas por associações voluntárias que proliferam nesse meio [(540)].

A pesquisa doutoral de Agueda Bernardete Uhle aponta que o período de maior intervenção dos Rotary Clubs no Brasil nas questões políticas só foi ocorrer nas décadas de cinqüenta e sessenta. Sob essa mesma conclusão, a dissertação de mestrado, de Maria Antonieta Bonito, explicita que o Lions Club, Rotary Club e outras instituições congêneres, reforçaram, essencialmente, nos anos sessenta, suas atuações políticas-sociais. Embora não existisse Rotary em Coronel Fabriciano anteriormente aos anos dourados, não é pouco expressivo a atuação desse clube de serviço na *Terra Prometida* no período compreendido entre 1959 a 1967.

Há fortes evidências de participação do Rotary Club de Coronel Fabriciano em relações políticas na comunidade local. Essa associação voluntária recebia constantemente, nas reuniões ordinárias e festivas do clube, diversos políticos locais, estaduais e federais, os quais discursavam acerca de seus projetos e programas: "Falando no jantar do Rotary Club, o deputado federal Padre Pedro

[539] ROSSI, Peter. A estrutura da organização de uma comunidade americana. In: ETZIONI, Amitai. *Organizações complexas*: um estudo das organizações em face dos problemas sociais. São Paulo, Atlas, 1981, p. 293.
[540] Idem.

Vidigal entregou ao presidente do Rotary, Dr. Rubem Siqueira Maia [541], as plantas da maternidade que será erguida em Coronel Fabriciano" [542].

Um dos rotarianos mais expoentes [543] de Minas Gerais, Archimedes Theodoro, buscou matizar essa relação entre o Rotary e a política. Segundo esse autor, seria um contra-senso o Rotary servir ao ambiente social sem estar vinculado à vida política [544]. E ainda no que tange ao pretenso apoliticismo estampado no estatuto do Rotary Internacional informa Archimedes Theodoro:

> Se o Rotary é apolítico na excepção ética do termo, não poderia sê-lo no entanto na concepção elevada de suas finalidades. Porque reunir os profissionais de todo o mundo em torno de um ideal nobre, estimulá-los permanentemente na prática de ações positivas em favor do bem comum, incutir-lhes o senso da utilidade de sua atuação para evitar que insignificantes questões separem os homens, é obra eminentemente política [545] (grifo nosso).

Em localidades onde fundaram clubes de serviço, tal como o Rotary Club, fez surgir um poder paralelo, ainda que secundário, ao governo local. Cidadãos "proeminentes" da classe industrial, classe comercial e classe profissional se articulam com a elite política local e exortam a comunidade a promover o progresso. Empreendem tarefas de instauração de promoções de reconfiguração urbana por meio de mobilização da opinião pública, já que o Rotary Club de Coronel Fabriciano eram os protagonistas da imprensa local.

A forma com o Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita atuava pode ser explicado a partir da filologia do verbo "agir" que o grego e o latim, ao contrário das línguas modernas, possuem duas palavras totalmente diferentes, mas correlatas. No grego há os verbos: *archein* ("começar", "ser o primeiro", "governar") e *prattein* ("atravessar", "realizar", "acabar"). No latim os dois verbos complementares são: *agere* (pôr em movimento, guiar) e *gerere* (conduzir). O par de verbos nas duas

---

[541] Rubem Siqueira Maia, primeiro presidente do Rotary Club (1959/1960) e também foi o primeiro prefeito do município de Coronel Fabriciano em 1949.
[542] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano. Nov. 1959, n. 7, p.1.
[543] Rotariano respeitadíssimo pela organização rotária, tanto no Brasil, quanto no estrangeiro.
[544] THEODORO, Archimedes. *De Rotary*: com o coração – o que ando dizendo por aí. Belo Horizonte: Cuatiara, 1995, p. 179.
[545] Idem, p. 180.

línguas remete à idéia de que toda ação está dividida em duas partes: o começo, feito por uma só pessoa; e a realização, à qual muitos aderem para “conduzir”, “acabar”, levar a cabo o empreendimento. Hannah Arendt afirma que na história da evolução dos conceitos, os termos *prattein* e *gerere* passaram a ser aceitos para designar a ação geral. Na linguagem política, os vocábulos *archein* e *agere* ganharam o significado especial de “liderar”, ao invés de apenas expressar o sentido de “pôr em movimento”. Esses dois âmbitos de ação tornaram-se interdependentes: a liderança necessitaria de seguidores para realizar e completar uma ação, e os seguidores precisariam de uma liderança para engendrar e organizar o sentido da ação [546].

Ao que tudo indica, os sócios fundadores do Rotary Club Coronel Fabriciano-Acesita encontravam-se nesses dois campos de ação: ação geral (*prattein* e *gerere*) e ação de liderança (*archein* e *agere*). Não somente participaram dos movimentos de empreendimentos, como também lideraram esses movimentos. Não agiam sozinhos, mas tiveram “seguidores” que fizeram “atravessar” determinado tipo de ação.

Em 1984, o sócio fundador Geraldo Perlingeiro Abreu registrou um balanço que ele mesmo chama de “algumas atividades rotárias nas comunidades”. Essas atividades, denominadas por ele de “campanhas, criação e estímulo”, foram efetuadas pelos rotarianos nas três comunidades locais:

> CAMPANHAS: construção das ligações rodoviárias Caratinga/Ipatinga (via Iapú); de Governador Valadares a Ipatinga; construção e posterior asfaltamento da MG-4 (BR-381) ligando nossa região a Belo Horizonte. CRIAÇÂO: da Sociedade dos Amigos de Coronel Fabriciano, que possibilitou o funcionamento do Colégio Comercial Ferreira da Costa (a primeira de grau médio, então), bem como da Cia. Telefônica, que abriu portas para a Telemig nesta região. E ainda a criação do Colégio Técnico de Metalurgia em Acesita. Também o ICBEU nasceu da inspiração de rotarianos e que é gerido por gente do Rotary. Colaboração com o pessoal do Rotary Clube de Ipatinga para a instalação do Colégio Municipal de Ipatinga. Colaboração efetiva para a fundação e obras da Casa de Campo. ESTIMULO: para o primeiro Hotel; primeira gráfica; associação de homens para criarem a rede de cinemas. Nasceu no seio do nosso Rotary o debate da sugestão que gerou a aprovação da lei de Bolsas de Estudos da Companhia Vale do Rio Doce e da Caixa Econômica Federal. Também o texto integral da lei nº 6.858/80 – que dispensa

[546] THEODORO, 1995, op. cit.

> pequenos arrolamentos e inventários, tornando desnecessário a expedição de alvarás para levantamentos de saldos bancários, do Pis e do FGTS, por parte de viúvas e sucessores pobres [547].

Nas atuações do Rotary Club local, percebemos, empiricamente, um *fluxo de favores* que serviu de lubrificante na rede de sociabilidades do que se tudo tivesse que passar por canais oficiais e submeter-se ao escrutínio da burocracia.

As páginas que seguem é uma narrativa das atuações do Rotary Club em alguns campos: educação, cinema, estradas, banda de música, hotelaria, clube recreativo, maternidade, telefonia e energia elétrica.

8.1 EDUCAÇÃO

> *A Escola Estadual Rotildino Avelino foi inteiramente construída pelo Rotary Club. Depois de terminada, ela foi entregue ao Estado. O Rotary promoveu reuniões, festas e atividades sociais para angariar recursos. Além dessas promoções, cada rotariano ficou incumbido de fazer doações de uma certa importância para a construção dessa escola* [548].

Através do jornal *Canaã*, foram propalados os problemas da educação no município. A exemplo disso, o Grupo Escolar Professor “Pedro Calmon”, de Coronel Fabriciano, já não tinha mais como atender à crescente demanda de matrículas na cidade. As salas de aula estavam superlotadas, com um número superior a oitocentos alunos, quando deveriam comportar apenas seiscentos e quarenta. Esses são alguns dos quadros do ensino divulgados pela imprensa:

> O prédio do Grupo Escolar Prof. Pedro Calmon, de Cel. Fabriciano, não comporta o número crescente de alunos, dada a evolução extraordinária que vem passando a cidade, principalmente após a instalação da Usiminas, no Município. [...] não existe a menor dúvida de que outro Grupo Escolar se faz necessário, pois, além do grande crescimento da população, numa extraordinária afluência, o nosso Grupo Escolar já está superlotado [...] [549].

---

547 ABREU, Geraldo Perlingeiro. *O que conhece você de Rotary*? Acesita, MG, mar. 1984, p. 7.
548 TÔRRES, Narciso Drummond. 2004. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 19 fev. 2004.
549 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 3, 1ª quinzena, set. 1959, p. 1.

O ensino primário no distrito de Ipatinga também estava sob condições precárias, ou melhor, em condições não tão favoráveis quanto o grupo escolar primário “Pedro Calmon”. Essa escola primária de Ipatinga funcionava no mesmo prédio da Delegacia Distrital de Polícia. Cerca de setenta alunos freqüentavam-na e havia uma demanda de trezentos alunos para o ano letivo seguinte.

> Ipatinga tornou-se uma localidade conhecida no Brasil inteiro, pelo privilégio de abrigar a Usiminas. Seu nome é constantemente falado, repetido e comentado pela Imprensa e pelo Rádio, com ampla repercussão mesmo fora das fronteiras do país. [...] por esse motivo, vamos divulgar um fato bastante grave ali verificado, solicitando providências das autoridades municipais. A escola primária de Ipatinga vem funcionando no mesmo prédio onde se acha instalado provisoriamente, uma Delegacia Distrital de Polícia, ficando os alunos a vista dos presos. [...] Uma escola funcionar dentro de uma cadeia, é exatamente o que estava nos faltando [(550)].

O Grupo Escolar do distrito de Melo Viana também enfrentava problemas quanto às instalações físicas, pois, nos dias de chuva, as inúmeras goteiras em sala de aula dificultavam os trabalhos dos professores.

> É um absurdo o que vem acontecendo no Grupo Escolar de Melo Viana: uma professora dar aula de guarda-chuva aberto. Quer dizer, tanto chove fora como dentro do Grupo. A professora que nos contou tal absurdo tem mais queixas a fazer, o que, oportunamente em outro local, divulgaremos em reportagem [(551)].

A demanda educação-ensino se fazia necessária num contexto de mais de 57% de analfabetismo na região fabricianense. Estatísticas por mais que fossem otimistas apontavam um índice de alfabetização muito baixa. Apenas 43% do total da população rural e urbana sabiam ler e escrever.

---

[550] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 7, 2ª quinzena, nov. 1959, p. 1-2.
[551] Ibid., ano 1, n. 7, 2ª quinzena, nov. 1959, p. 3.

Instrução Pública		PESSOAS PRESENTES, DE 5 ANOS E MAIS				
			Números absolutos		% sobre o total	
DISCRIMINAÇÃO		Total	Sabem ler e escrever	Não sabem ler e escrever (*)	Sabem ler e escrever	Não sabem ler e escrever
Quadro urbano	Homens	1850	1280	570	69,18	30,82
	Mulheres	1872	1067	805	56,99	43,01
	Total	3722	2347	1375	63,05	35,95
Quadro rural	Homens	7839	3468	4371	44,24	55,76
	Mulheres	6858	2028	4830	29,57	70,43
	Total	14697	5496	9201	37,39	62,61
Em geral	Mulheres	9689	4748	4941	49,00	51,00
	Homens	8730	3095	5635	35,45	64,55
	Total	18.419	7.843	10.576	42,58	57,42

(*) Inclusive pessoas de instrução não declarada
Quadro 8 - Instrução pública em Coronel Fabriciano (1954-1956)
Fonte: *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, v. 34, p. 548.

A fragilidade da estrutura de educação em Coronel Fabriciano num contexto de analfabetismo e forte crescimento da demanda por espaço escolar, levou professores e diretores de escola recorrerem até mesmo às instituições de prestação de serviço recentemente fundadas na cidade. Em outubro de 1959, por exemplo, o Grupo Escolar Professor “Pedro Calmon” comemorou festivamente o dia da árvore. Estiveram presentes na ocasião, além dos professores, alunos e a direção da escola, o prefeito Raimundo Alves Carvalho, José Anatoleo e os representantes do Rotary Club: Rubem Siqueira Maia, Luiz Gonzaga Bueno, José Avelino Barbosa, Wenceslau Martins Araújo. O evento iniciou-se com um hino entoado pelos alunos, seguindo-se do plantio de árvores, ação que foi acompanhada por todos os presentes. Ao findar o programa de plantio de árvores, a jovem diretora da escola, Dinoráh Pereira, apresentou uma peça oratória que chamou a atenção dos convidados. Em seguida, em seu discurso, comparou a juventude com as árvores que, se não forem cuidadas, não produzirão frutos dignos da sociedade. Depois disso, expôs os problemas do Grupo Escolar Professor “Pedro Calmon”: não possuir uma cantina, muros e não comportar a metade dos alunos já matriculados. Acrescentou ainda:

> O próximo ano aí está! Onde colocar os novos matriculados?! É preciso que pensemos e meditemos! A maioria dessas crianças que nem bem começa a desabrochar para a vida já sente na alma o rigor tenebroso do inverno. Precisamos de auxílio para que, como

> jardineiras do ensino, possamos cultivar nossas flores que também são vossas, de maneira que possamos repetir o que Isabel de Castela disse no céu: são Rosas Senhor! São Rosas! [552].

Concluído o discurso da diretora, o prefeito Raimundo Alves Carvalho contou a história do Grupo Escolar Professor “Pedro Calmon” e seguiu afirmando que, embora o Grupo fosse patrimônio do Estado, ele fora construído pelo Município e que, até aquele dia, nunca havia recebido do Estado qualquer verba para tal fim. Ao terminar sua oratória, o prefeito incumbiu-se de construir a cantina, para a qual os rotarianos efetuaram suas doações: Rubem Siqueira Maia se dispôs a fornecer um fogão a gás, José Avelino Barbosa ofertou dois botijões e Wenceslau Martins Araújo encarregou-se de organizar duas sessões de cinema no Cine Marabá para a compra dos pratos [553].

Os problemas quanto ao excesso de alunos matriculados e a grande demanda de alunos não inseridos na escola fizeram mover um grupo de cidadãos civis rumo ao Governador do Estado. Foram eles, o padre Francisco Stroomer, o rotariano Rubem Siqueira Maia, o prefeito Raimundo Alves Carvalho e o escriturário da Companhia Aços Especiais Itabira – ACESITA, Waldetário Vitorino Dias. Chegando em Belo Horizonte, conversaram com Deputados, Secretários e com o Governador do Estado. Contudo, o resultado da solicitação de uma nova escola não foi favorável:

> Conseguimos muito pouco. Esperávamos que o Governador Bias Fortes entendesse o que seja o impacto sofrido pela cidade de Fabriciano, com o surto de povo que veio a esta cidade após a chegada da USIMINAS, e a expansão da ACESITA. A verdade é que ele não compreende muito bem estas coisas. Lamentou a debilidade dos cofres do Estado. Falou que o problema do ensino que enfrentamos é o mesmo que se sente em todo o Estado e terminou que não poderia criar um novo grupo escolar para a cidade [554].

Esses cidadãos não se deram por vencidos e prosseguiram, sugerindo a criação de dez classes anexas ao Grupo Escolar “Pedro Calmom” para funcionar no Salão Paroquial. Em razão dessa sugestão, Bias Fortes os encaminhou ao Secretário de

---

552 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 3, 1ª quinzena, out. 1959, p. 2.
553 Idem.
554 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 13, 2ª quinzena, fev. 1960, p. 1-2.

Educação, Ciro Maciel. Depois desse encontro, não tardou a chegada de um telegrama da Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais ao Grupo Escolar "Pedro Calmon", constando a aprovação do Governo para o arrendamento de salas e compra de novas cadeiras. Esse telegrama foi comentado na reunião do Rotary Club pelo rotariano Rubem Siqueira Maia, demonstrando com isso a atuação desse clube de serviço em prol da educação (555).

***

Os rotarianos também participaram do projeto de uma escola de metalurgia em Acesita. Foi em 27 de julho de 1962, que houve uma reunião festiva no Rotary Club de Coronel Fabriciano com presença do Governador do distrito de Rotary, Washington Morais de Andrade, ficando sintetizada a frase de Virgílio Mosci: "Vitalização do Ensino". A partir desse encontro nasceu a idéia de construir um grupo escolar para o Município e também o Curso de Metalurgia em Acesita. Isso foi rapidamente possível porque, desde de 31 de outubro de 1954, já havia sido criada pela Companhia Acesita, a Escola de Formação Profissional e, ampliada justamente a partir do projeto concebido dentro do Rotary Club, o Colégio Técnico de Metalurgia e, implantada pela empresa no programa de Formação Profissional, em agosto de 1962. A página impressa fez eco ao curso: "Instalado um curso de formação de Técnicos Metalúrgicos em Acesita".

> Foi instalado na Escola de Formação Profissional, no dia 6 um curso para Formação de Inspetores e controle de Qualidade que, de início já conta com 52 alunos-operários, orientado pelos engenheiros Euler Apolinário (coordenador) e Waldir Antunes Carvalho [rotariano]. Os alunos na primeira fase contarão também com aulas de noções gerais, inclusive, Português, Higiene Industrial e Relações Humanas no Trabalho (556).

***

Ainda no que tange à educação-ensino formal, os rotarianos contavam também com a promessa do novo Governador do Estado de Minas Gerais, Magalhães Pinto, que havia prometido em 1961 construir quatrocentos grupos escolares no território mineiro. Dentro desse programa havia a promessa de levantar dois grupos escolares

555 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 13, 2ª quinzena, fev. 1960, p. 1-2.
556 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 4, n. 90, 18 ago. 1962, p. 1.

em Coronel Fabriciano. Ao findar o ano, só havia edificado no Estado cem grupos escolares. A página impressa fez crítica ao governo do Estado:

> Conforme promessa do Sr. Magalhães Pinto, Fabriciano teria dois novos grupos escolares no plano de construção de 400 grupos escolares pelo governo mineiro. Cidade arrasada por maus governos municipais, sentia como pouca a necessidade de mais grupos escolares, já que é enorme de ano para ano o número de crianças em idade escolar que não conseguiam vagas no único grupo escolar da cidade. Agora que mais de 100 grupos escolares já foram construídos no Estado, dentro do plano traçado pelo governo, vemos com tristeza que Fabriciano mais uma vez foi postergado em seus direitos [557].

O crescimento da Companhia Aços Especiais Itabira - Acesita e o início de produção da Usiminas em 1962, conforme fora mencionado, influiu fortemente no aumento demográfico que constantemente era anunciado pela página imprensa. O Colégio São Francisco Xavier, por exemplo, foi criado pela Usiminas com o objetivo de garantir ensino e educação aos filhos de seus empregados e à nova comunidade que nascia ao redor da empresa. Foi solenemente inaugurado em 15 de junho de 1962 [558]. A Usiminas, instalada no distrito de Ipatinga, ainda pertencente a Coronel Fabriciano, era isenta de impostos, concessão essa dada pela prefeitura de Fabriciano. O depoimento do proprietário da Imobiliária “Pedro Linhares Imóveis de Ipatinga”, cedido em 1989, destacou o problema de vagas no ensino nesse período:

> Na época, em Ipatinga faltava tudo. Meus filhos, por exemplo, não tinham onde estudar. Filhos de empregados da Usiminas estudavam no Colégio São Francisco e os outros que não tinham acesso à Usiminas, não poderiam matricular-se. Não havia vaga. Ipatinga precisava ter um outro colégio.[...] Fui um dos membros da comissão escolhida pelo Rotary para conversar com a Usiminas, porque havia uma campanha para a construção do Colégio João XXIII [559].

Conforme acima citado, o projeto da Usiminas de construir uma escola, essencialmente para seus funcionários, significava uma tarefa que não atendia à demanda. O que era ainda, na verdade, uma demanda crescente. “Ipatinga nasceu de oito mil operários” [560].

---

[557] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 3, n. 68, 24 dez.. 1961, p. 1.
[558] Ibid., ano 3, n. 84, 17 jun. 1962, p. 1.
[559] LINHARES, Pedro. In: *Homens em série*: a história de Ipatinga contada por seus próprios personagens. Ipatinga: Prefeitura Municipal de Ipatinga, 1991, p. 48.
[560] Ibid., p. 47.

O Rotary Club de Coronel Fabriciano foi o padrinho do Rotary Club de Ipatinga em 1965. O primeiro presidente desse novo clube incluiu em seu Plano de Atividades a construção de um colégio. A inclusão no Plano de Atividades de construção de um colégio reforça o problema de ausência de instalações físicas para a educação na região. A atuação e o prestígio de rotarianos de Ipatinga tornaram possível viabilizar para a cidade mais um colégio de ensino fundamental em 1966, o atual Colégio Estadual João XXIII [561].

Os sócios fundadores do Rotary Club de Coronel Fabriciano, ao perceberem uma crescente população que se formava para além do bairro Melo Viana, em Coronel Fabriciano, propuseram a construção de um colégio para aquela comunidade. Isso tornou possível uma vez que um terreno de 2.000 m^2 (dois mil metros quadrados), localizado no bairro hoje denominado Santa Cruz, fora doado, pela Mitra Arquidiocesana de Mariana, por intermédio do Padre Antônio Rocha, para construção de um grupo escolar [562]. Para a construção desse colégio, os rotarianos fizeram campanhas, festas e outras atividades sociais. Além disso, cada rotariano ficou incumbido de fazer doações de uma certa importância [563]. Assim, em 29 de

561 "A E. E. "João XXIII" – R035C4, foi construída graças ao esforço da comunidade local, através do Rotary Club de Ipatinga, que assumiu todas as providências e responsabilidades acionando recursos da Usiminas e conseguindo a participação de seus funcionários que autorizaram fosse descontado um percentual em seus vencimentos, o que tornou possível a construção do prédio denominado "Paul Harris", e doado ao Estado em primeiro de fevereiro de 1966, conforme a escritura registrada no Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Coronel Fabriciano, livro 3-D, sob número 3846, folha 155". Cf. *E. E. João XXIII: 35 anos educando no Vale do Aço*. Ipatinga: Escola Estadual "João XXIII", 2001, p. 9.

562 O jornal *Canaã* anunciou em maio de 1961: "Área de 2.000 m^2 doada pela Mitra para construção de um Grupo Escolar". A reportagem do jornal acompanhou a Sessão na Câmara Municipal: "Por fim foi apresentado e aprovado o projeto apresentado pelo executivo, para a aceitação de área de 2.000 metros quadrados, doada pela Mitra, por intermédio do Revmo. Padre Antônio Rocha, para a construção de um grupo Escolar, entre a Sede e Melo Viana. O que nos pareceu estranho ser esse projeto mais discutido na sessão. Só mesmo após muita dificuldade causadas por injustificadas objeções foi aprovado pelo plenário. Talvez assim tenha sido por não estarem alguns representantes daquela Câmara, a altura de analisar a relevância da obra que ali será edificada". Cf. Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 43, 28 mai. 1961, p. 4. Há uma declaração nos arquivos do Rotary Club de Coronel Fabriciano, assinado pelo presidente José Maria Rolim e pelo secretário Virgílio Hélio Mosci, em que diz: "Declaramos haver recebido da Mitra Arquidiocesana de Mariana, através do Revd^{o} Cônego Antônio Rocha, uma área de terras de 2.000 m^2. (dois mil metros quadrados), situada no 'bairro Santa Cruz' e que se destinou à construção do 'Grupo Escolar Rotildino Avelino', posteriormente doado ao Govêrno Estadual". Cf. *Declaração*, 23 jun. 1967. Coronel Fabriciano: Rotary Club de Coronel Fabriciano.

563 "O prédio construído contava no início com quatro salas de aula, sala de diretoria, sala de professores, cantina e pátio". Cf. *Histórico da Escola Estadual "Rotildino Avelino"*. Coronel Fabriciano: Escola Estadual "Rotildino Avelino" 30 mai. 2003.

junho de 1966 foi inaugurado solenemente o Colégio Rotildino Avelino (564), sendo este entregue ao Estado (565).

***

A participação do Rotary Club de Coronel Fabriciano não se deu somente no campo do ensino primário, mas também no ensino secundário. Nesta questão, o Rotary Club teve uma incisiva atuação na vinda de uma escola secundária e técnica ao Município.

À vista disso, em setembro de 1959, reuniram-se na casa do Padre Abdala Jorge um grupo de pessoas: Gentil Savernini, José Mendes e os rotarianos José Inácio Fernandes, Wenceslau Martins Araújo, Nestor Cotta Figueiredo. Todos eles estavam trabalhando ativamente para a criação de uma escola técnica no município de Coronel Fabriciano. A pretensão era de trazer uma escola técnica de comércio. Para isso não bastava apresentar documentos e requerimentos ao Ministério da Educação como haviam feito no mês anterior (566). Era também exigida a criação de uma entidade com personalidade jurídica. O engenheiro da Usiminas, José Mendes, sugeriu o nome para essa entidade: Sociedade Cultural Amigos de Coronel Fabriciano – SCAF (567). No mês seguinte, já estava constituída a diretoria provisória:

---

564 Rotildino Avelino foi pai do sócio fundador do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita, José Avelino Barbosa. Vindo a falecer Rotildino Avelino em 16 de dezembro de 1965, dias antes da inauguração da escola, foi homenageado tomando seu nome emprestado para denominar o estabelecimento de ensino: Grupo Escolar "Rotildino Avelino". Cf. *Histórico da Escola Estadual "Rotildino Avelino"*. Coronel Fabriciano: Escola Estadual "Rotildino Avelino" 30 mai. 2003.

565 Parece que a inauguração oficial da escola se deu em 29 de junho de 1966. Cf. *Discurso* proferido pelo Joel Rotildino Avelino em meio a autoridades civis e militares: "Hoje é a data mais feliz de minha jovem existência. Quis o destino, que eu, em nome da família Avelino, aqui viesse agradecer as homenagens que são tributadas ao recém falecido chefe 'Rotildino Avelino'. Ao ser doado pelo Rotary Club Coronel Fabriciano-Timóteo para o Estado de Minas Gerais, esse esplêndido estabelecimento de ensino, que a partir de hoje virá servir esta laboriosa população de São Geraldo e adjacências, por unanimidade de seus membros do Rotary Club Fabriciano –Timóteo, do qual meu estimado pai é filiado, quis homenagear a um vulto do passado desta região, doando a esse grupo escolar, deu-se o nome do meu falecido avô 'Rotildino Avelino'". Entretanto temos informação de que foi em "25 de janeiro de 1966, (que) o então Governador do Estado, José Magalhães Pinto, através do Secretário de Educação, Bonifácio José Tamm de Andrada, criou o Grupo Escolar 'Rotildino Avelino', através do Decreto nº 9494, conforme publicação no jornal Oficial Minas Gerais de 26 de janeiro de 1966, coluna 02, página 04. A instalação da escola aconteceu dia 07 de março de 1966. Cf. *Histórico da Escola Estadual "Rotildino Avelino"*. Coronel Fabriciano: Escola Estadual "Rotildino Avelino" 30 mai. 2003.

566 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 3, 1ª quinzena, set. 1959, p. 1.

567 Idem.

os cargos de presidente, vice-presidente, secretário, tesoureiro foram respectivamente preenchidos por Geraldo Perlingeiro Abreu, Narciso Drummond Tôrres, Júlio Travassos e José Ignácio Fernandes. O conselho fiscal ficou sob a responsabilidade dos rotarianos Nestor Cotta Figueiredo, Luiz Gonzaga Bueno e Joaquim César Santos. Noventa dias após o registro do estatuto, seria então eleita uma nova diretoria. O nome da sociedade civil foi registrado como Sociedade dos Amigos de Coronel Fabriciano – SOAMCOFA [568].

Representantes da Prefeitura Municipal (Pedro Queiroga e Angelina Alves Carvalho) e da SOAMCOFA (Geraldo Perlingeiro Abreu) estiveram presentes em uma reunião promovida pelo coordenador do Ensino Médio, da Secretaria de Educação de Minas Gerais, quando foi deferido o requerimento da SOAMCOFA, pedindo a criação da Escola Técnica de Comércio de Coronel Fabriciano. No deferimento daquela autoridade, ficou constatada a autorização para o curso de admissão a iniciar-se no dia primeiro de novembro de 1959 [569].

Já em 5 de novembro já estavam sendo ministradas aulas para que os alunos interessados se certificassem sobre o que de fato era o curso. Essas aulas de amostra eram lecionadas pelos professores Júlio Travassos, Pedro Rolim e pelas professoras Angelina de Carvalho e Dinorah Pereira. Em razão dessas aulas, vários foram os alunos que se inscreveram para admissão no curso [570].

Em janeiro de 1960, o jornal *Canaã* anunciava: “Estudante, eis a sua oportunidade”. Essa notícia fazia eco da Escola Técnica de Comércio de Coronel Fabriciano, que provisoriamente funcionaria no prédio do Grupo Escolar Pedro Calmon no período noturno. O curso oferecido era o de Contabilidade. Assim, o estudante com o Curso Técnico de Contabilidade poderia, se quisesse, prestar vestibular para qualquer Curso Superior [571].

---

[568] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 6, 1ª quinzena, nov. 1959, p. 1.
[569] Idem.
[570] Idem, ano 1, n . 8, 1ª quinzena, dez. 1959, p. 1.
[571] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 10, 1ª quinzena, jan. 1960, p. 1.

Com a presença de autoridades e muitos convidados, em 14 de março de 1960, realizou-se a solenidade de inauguração da Escola Técnica de Comércio Ferreira da Costa:

> Com eloqüência, falaram na ocasião, o Sr. Gentil Savernini, Valdetário Vitorino Dias, Pe. Abdala Jorge, Pref. Raimundo Alves Carvalho e Coronel José Joaquim Moreira, presidente do Rotary Club de Coronel Fabriciano, que destacou a cooperação do Rotary em prol da criação e organização da Escola [572].

A Escola de Comércio Ferreira da Costa era mantida pela entidade jurídica Sociedade dos Amigos de Coronel Fabriciano:

> A Sociedade dos Amigos de Coronel Fabriciano foi a mantenedora da Escola Ferreira da Costa. Essa sociedade foi fundada exatamente por rotarianos. Geraldo Perlingeiro Abreu estava à frente. Era uma sociedade que pretendia apenas fundar coisas interessantes na região de Coronel Fabriciano [573].

A primeira ata de formação desta sociedade data 30 de junho de 1959 [574]. Desse período em diante, a Sociedade Amigos de Coronel Fabriciano esteve constantemente ligada à educação. Há indícios, por exemplo, do jornal *Canaã* de abril de 1960, divulgando que a SOAMCOFA, junto com os poderes públicos, estava articulando uma iniciativa no sentido de criar uma grande biblioteca pública na cidade [575].

O estatuto que estava em livro próprio de ata era divulgado no jornal *Canaã* como estando com o rotariano Hércio de Figueiredo Mello. Tal documento estava à disposição de todo aquele que se interessasse a participar da SOAMCOFA. Os sócios inscritos até 15 de março de 1960 eram os seguintes: Raimundo Alves Carvalho, Dr. Massillon de Resende Teixeira, Júlio Travassos Carvalho, Ramiro Camargo, Augusto A. Morais, José Wilson Camargo, Manoel Joaquim Pires, Lambert Coessens, Airton Carvalho, Dalva D. Lima, José H. Gonçalves, Alberto Giovanini, Acyr Antunes, Aloisio O. Morais, D. Lima Pinto Coelho, Ary Barros, José

572 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 15, 2ª quinzena, mar. 1960, p. 1.
573 TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 21 out. 2003.
574 *Livro de Atas das Assembléias Gerais e de Reunião da SOAMCOFA*, 30 jul. 1959, p. 1. Coronel Fabriciano, 1959-1985.
575 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 16, 1ª quinzena, abr. 1960, p. 1.

Gomide, Francisco Assis Angelo R. Sousa, Maria A. Pereira, Antônio D. Horta, Angelina A. Carvalho, Francisca A. Carvalho, Dário Zuloto, Pedro Rolim Filho, José Queiroga Pinto e os sócios fundadores do Rotary Club Dr. Rubem Siqueira Maia, Narciso Drummond Tôrres, José Ignácio Fernandes, Nestor Cotta Figueiredo, Luiz Gonzaga Bueno, Joaquim César Santos, José Luiz Pessoa. Já os sócios inscritos residentes em "Acesita" são: Osvaldo Gomide, Paulo Cardoso Nunes, Joel G. Assis Lana, Hélio Fernandes, Nivalma B. Silva, Maria Auxiliadora, Galvani P. Torres, Sandoval Miranda, José Castro Moraes, Jurandyr M. Araújo, Sebastião Matias de Souza Neto, Raimundo J. Gomes, Norival Leite, Vicente de Paula Leite, Expedito Marcolino, Antônio C. Filho, Padre Abdala Jorge, José Miguel Magri, Antônio F. Melo, Alberto Batista Galo, Jaime Gaspar, Vicente Pereiras Borges, José Queiroga Pinto, Wasington Miranda, Cloves Batista Melo, Ary Duarte, Geraldo G. Leal, José de Brito, Gonzaga Batista Lemos, Paulo Vallone, Ernesto J. Faustino, João Batista Silva, Antônio Ruiz Fernando, Joaquim Araújo Pereira, José Lopes Faria, Washington Almeida, Jacinto P. Oliveira, Edson Lima Drumond, Edgar A. Bitencourt, Waldetário Vitorino Dias e os rotarianos Geraldo Perlingeiro Abreu, Wenceslau Martins Araújo (576).

Esses nomes fizeram parte da sociedade civil que possibilitava receber verbas de deputados para manutenção e melhoria de escolas.

> A Sociedade Amigos de Coronel Fabriciano teve outras atividades entre as quais uma delas, eu me lembro muito bem, era distribuir verbas doadas por deputados para o ensino da região. Essa sociedade jurídica era responsável pela distribuição dessas verbas. Várias cidades onde existiam deputados recebiam esse tipo de verba. Os deputados eleitos da nossa região de Coronel Fabriciano como Carlos Alberto Cotta resultava em verbas destinadas para o ensino. Essas verbas foram distribuídas pela Sociedade dos Amigos de Coronel Fabriciano (577).

O jornal *Canaã* de 2 de dezembro de 1962 anuncia: "Escola de Comércio recebe mais uma doação de Cr$ 200.000,00 (duzentos mil cruzeiros)" (578):

---

576 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, p. 2.
577 TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 21 out. 2003
578 Idem, ano 4, n. 101, 2 dez. 1962, p. 1.

O Deputado Demerval Pimenta Filho vem oficiar aos representantes da SOAMCOFA e da União dos estudantes, informando que acaba de consignar uma doação estadual de duzentos mil cruzeiros para a Escola de Comércio. Transcrevemos abaixo a carta recebida daquele deputado:

> 'Belo Horizonte, 21 de novembro de 1962
>
> Exmo. Sr. Geraldo Perlingeiro de Abreu
> Presidente da Escola Técnica de Comércio Ferreira da Costa – Cel. Fabriciano – Minas Gerais.
>
> Prezado Amigo Presidente: Recebi seu radiograma de 14-11-62, também assinado pelo Sr. Heyder P. Campos, Presidente da União Estudantil dessa cidade, em que me pedem a inclusão de uma verba de Cr$ 200.000,00 no Orçamento do Estado, em benefício da Escola Técnica de Comércio Ferreira da Costa. Em resposta, comunico-lhe, e ao Sr. Heyder, que destinarei à Escola, de minha verba pessoal de subvenções, a importância pedida, para inclusão no Orçamento de 1963. Formulando votos pela sua felicidade, subscrevo-me, sempre às suas ordens.
>
> Dermeval J. Pimenta Filho
> Deputado Estadual'

Narciso Drummond Torres informa que essa verba era repartida para várias instituições de ensino na região, ou seja, a verba estadual não se direcionava somente para a Escola Ferreira da Costa, pois havia uma distribuição entre os vários educandários [(579)].

Finalmente, em 15 de dezembro de 1962, ocorreu a primeira colação de grau com a formatura de trinta e dois contabilistas da Escola Técnica de Comércio Ferreira da Costa. A solenidade ocorreu no Cine Marrocos e tornou-se palco de um importante acontecimento na história do ensino secundário do município de Coronel Fabriciano [(580)].

***

A atuação rotária a favor do ensino não se limitou ao ensino primário e secundário, mas também ao Ensino Superior. O rotariano Geraldo Perlingeiro Abreu foi quem teve iniciativas nesse âmbito do ensino. Ele escrevia alguns artigos defendendo que

---

[579] TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 21 out. 2003

[580] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 4, n. 102, 25 dez. 1962, p. 1.

o Governo Federal deveria financiar Ensino Superior para alunos que prestam vestibular em universidades particulares e que não tinham meios para custeá-la [581].

Em 2 de setembro de 1975, o jornal *Flan* divulgou na página manchete: “Bolsas de Estudos Financiadas: Estudos de Geraldo Perlingeiro Abreu transformado em Decreto Federal”.

> O rotariano Geraldo Perlingeiro Abreu, preparou para a Companhia Vale do Rio Doce um estudo para concessão de bolsas de estudo financiadas e agora, depois de exatamente 10 anos, de aprovada pela experiência, acaba de ser adotado pelo Governo Federal, através de Decreto. A partir de 1976, estudantes pobres poderão freqüentar cursos superiores contando com financiamento oficial, juros de 1,5 ao mês, sem correção monetária, pagáveis dois anos após a formatura do beneficiário. O sistema fora experimentado pela CVRD, com ótimos resultados, sendo, dois anos após, seguido por diversas empresas produtoras e distribuidoras de energia elétrica, a começar pela de Furnas. [...] Diversos jovens de Acesita, Cel. Fabriciano, Nova Era e Itabira vêm se beneficiando do empréstimo concedido pela CVRD, que ajudou a formar mais de 200 candidatos em cursos superiores. Através de disciplinamento por Decreto Federal serão milhares de jovens a se valerem do benefício [582].

Esse programa de Crédito Educativo foi criado pela presidência da República, em 23 de agosto de 1975, com base na Exposição de Motivos nº 393 de 18/8 do mesmo ano. Foi implantado no primeiro semestre de 1976. Nos primeiros anos, o programa foi operacionalizado com recursos do Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e bancos comerciais. O programa financiava mensalidades e gastos de manutenção de alunos de instituições públicas e privadas [583].

Geraldo Perlingeiro Abreu informa que foi nas reuniões do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita que se engendrou as idéias de financiamento estudantil para estudantes do Ensino Superior: “Nasceu no seio do nosso Rotary o debate da sugestão que gerou a aprovação de Bolsas de Estudos da Companhia Vale do Rio Doce e da Caixa Econômica Federal” [584].

---

581 ABREU, Humberto de Sousa. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Timóteo, 23 ago. 2003.
582 Jornal *Diário da Manhã*. Ipatinga, ano 6, 2 fev. 1975, p. 1.
583 SCHWARTZMAN, Jacques. O crédito educativo no Brasil. *Revista Educação Brasileira*. Brasília, 17 (34), 1º sem. 1995, p. 75.
584 ABREU, Geraldo Perlingeiro. *O que conhece você de Rotary?* Acesita, MG, mar. 1984, p. 7.

Assim, pudemos mostrar que há fortes indícios de participação de rotarianos sócios fundadores na área de ensino e educação da região do Vale do Aço. Também, mais do que isso há sinais de ser dentro do Rotary Club Coronel Fabriciano-Acesita o ambiente de incubação de propostas de financiamento estudantil para o Ensino Superior. Essa postura dos rotarianos não se explica unicamente pela demanda de ensino-escola na região do Vale do Aço, fortemente sentida nos anos sessenta, senão também pelo foco que o Rotary Internacional dá à educação, ainda mais quando se observa o fato do espaço institucional de educação serem locais privilegiados de reprodução social [585].

8.2 CINEMA

> *No período em que o Rotary Club de Coronel Fabriciano recebia a Carta Constitutiva do Rotary Internacional (1959), o nosso Clube já estava mais ou menos estruturado e já haviam metas previstas para atuação no campo social de carência da cidade de Coronel Fabriciano: ensino, saúde, hospedagem e* ***diversão*** [586] (grifo nosso).
>
> *Logo depois da fundação do Rotary Clube de Coronel Fabriciano, o rotariano Wenceslau Martins Araújo ficou pensando o que poderia fazer na cidade no âmbito da* ***diversão****. Então foi constituído um grupo de sócios de rotarianos para fundar uma empresa e construir um cinema. Feito isso, a empresa foi dando lucro e possibilitou ampliar o número de cinemas. O crescimento foi em virtude do êxito da região, mas a empresa de cinema nasceu no ambiente do Rotary Club* (grifo nosso) [587].
>
> *Todos os rotarianos tinham suas atividades profissionais. Ninguém, dos sócios da [empresa de cinema], dependia do cinema para viver. Uma cadeia de cinema nasceu no Rotary, dentro daquele espírito de progresso que o Rotary deslanchou e inspirou na cidade* [588]*.*

Em virtude das empresas Acesita e Usiminas e do alto crescimento demográfico dos distritos de Ipatinga e Acesita, bem como da cidade de Coronel Fabriciano,

---

585 BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. *A reprodução*: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves Editora, 1982.

586 ANACLETO, Maurício Antônio. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 27 set. 2003.

587 TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 19 dez. 2003.

588 MAIA FILHO, Rubem Winter. 2005. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 29 mar. 2005.

Wenceslau Martins Araújo percebeu o interesse das grandes firmas de cinemas de Belo Horizonte e de Governador Valadares em penetrar com suas firmas na região do Vale do Aço. Wenceslau era apenas um pequeno empresário de dois cinemas, cujos imóveis eram arrendados. Em razão disso, temeu ser "engolido" pelas grandes empresas de cinema, que potencialmente estavam se evidenciando [589].

O temor de Wenceslau foi dilacerado quando se tornou sócio fundador do Rotary Club de Coronel Fabriciano em 1959. Dentro do ambiente do Rotary Club, encontrou confiança em rotarianos para montar uma empresa em sociedade. É interessante notar, que o projeto de diversões para as famílias na cidade de Coronel Fabriciano teve início em outubro ou novembro de 1959 e registrado o contrato social [590] da 'Empresa Diversões Piracicaba Ltda.' em 1º de dezembro do mesmo ano, justamente depois da instalação do Rotary Club de Coronel Fabriciano em março de 1959:

> Foi Wenceslau Martins Araújo quem encabeçou tudo. A empresa foi constituída de sócios. E eram os rotarianos Wenceslau Martins Araújo, Joaquim César Santos, Evandro Caetano de Lima, Dr. Rubem Siqueira Maia, Dr. Maurício Antônio Anacleto e um não rotariano, Ponciano Barbosa, que formaram a empresa Diversões Piracicaba. Então eles foram sócios dessa empresa. Foi o primeiro cinema de classe da região. Na época em que foi instalada essa empresa, o cinema foi muito bom. Foi um sucesso total [591].

Wenceslau afirma que, com essa empresa, foi possível ter um capital suficiente para construir em poucos anos um grupo de cinemas em Acesita, Ipatinga e Coronel Fabriciano, do qual fora o superintendente dessa empresa. Com o capital suficiente, foi possível a 'Empresa Diversões Piracicaba Ltda' [592] inaugurar sete cinemas: Marrocos (Coronel Fabriciano - Centro) 1962, Ipanema (Ipatinga) 1964, Alvorada (Melo Viana – Coronel Fabriciano) 1965, São José (Nova Era) 1966, Horto (Bairro Areal - Ipatinga) 1972, Marabá (Timóteo – "Acesita") 1975, Cariru (Ipatinga) 1977 [593].

---

589 ARAÚJO, Wenceslau Martins. *A história de uma vida*. Coronel Fabriciano: Lajinhense, 1993, p. 156.
590 *Contrato Social*, 1º dez. 1959. Registrado na Junta Comercial do Estado de Minas Gerais. Contrato arquivado nº 100389. Belo Horizonte, 1º dez. 1959.
591 TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 19 dez. 2003.T.
592 Posteriormente, o nome "Empresa Diversões Piracicaba Ltda." foi alterado para "Empresa Empreendimentos Piracicaba".
593 ARAÚJO, 1993, op. cit., p. 118.

Wenceslau Martins Araújo, em seu álbum de fotografia, reconhece a importância do Rotary Club de Coronel Fabriciano como o ambiente embrionário para o nascimento dessa empresa em sociedade. Assim ele escreveu em uma foto tirada do Cine Marrocos: “Empresa Diversões Piracicaba Ltda nasceu no Rotary”.

O rotariano Narciso Drummond Tôrres afirmou que o ambiente do Rotary Club foi de relevância para a constituição de uma empresa que deu certo na região do Vale do Aço:

> Logo depois da fundação do Rotary Clube de Coronel Fabriciano, o rotariano Wenceslau Martins Araújo ficou pensando o que poderia fazer na cidade no âmbito da diversão. Então foi constituído um grupo de sócios de rotarianos para fundar uma empresa e construir um cinema. Feito isso, a empresa foi dando lucro e possibilitou ampliar o número de cinemas. O crescimento foi em virtude do êxito da região, mas a empresa de cinema nasceu no ambiente do Rotary Club [(594)].

Nas instalações dos cinemas, não somente eram exibidos filmes como também eram apresentados *shows* ao vivo, com cantores famosos, peças teatrais ou alugavam-se os salões da empresa para grupos de teatro. O contrato social firmado entre um grupo de rotarianos (salvo um) previa outras atividades além da exploração da atividade de exibição de cinema:

> Por este instrumento particular, Rubem Siqueira Maia, Maurício Antônio Anacleto, Wenceslau Martins Araújo, Ricardo Moreira Xavier, Joaquim César Santos, Ponciano Barbosa de Magalhães, Evandro Caetano de Lima, brasileiros, casados, os dois primeiros médicos, o 3º bancário, o 4º comerciante, o 5º industriário, o 6º fazendeiro e o 7º engenheiro, todos residentes e domiciliados nesta cidade e comarca de Coronel Fabriciano, constituem sociedade por cotas, de responsabilidade limitada, para exploração da atividade de uma empresa **exibidora de cinema** e o que lhes convier, podendo inclusive adquirir imóveis, construir por conta própria o prédio para a instalação do cinema ou **salão de espetáculos** [...] [(595)] (grifo nosso).

José Petronilho dos Reis observou que embora a Empresa Diversões Piracicaba se beneficiasse com o desenvolvimento urbano do Vale do Aço, por outro lado, houve desenvolvimento urbano em razão do desenvolvimento dessa ‘Empresa Diversões

---

[594] TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 19 dez. 2003. Ficou omisso no bojo das lembranças de Narciso Drummond Tôrres, como um dos sócios da Empresa Diversões Piracicaba Ltda., a figura de Ricardo Moreira Xavier.

[595] *Contrato Social*, 1º dez. 1959. Registrado na Junta Comercial do Estado de Minas Gerais. Contrato arquivado nº 100389. Belo Horizonte, 1º dez. 1959.

Piracicaba Ltda.'. A leitura social de Petronilho dos Reis mostra que houve uma troca.

> Nós não tínhamos um bom cinema, mas com o surgimento da Empresa Empreendimentos Piracicaba Ltda. isso foi solucionado. Isso também trouxe emprego para pessoas que trabalharam como operador de cinema, arrumadeiras, lavadeiras, bilheteiros e etc. Além disso, contribuiu para que a empresa de ônibus pusesse mais ônibus no horário de domingo para as pessoas poderem ir ao cinema [596].

Os rotarianos conseguiram implantar, em quinze anos, seis cinemas em toda região do Vale do Aço. A página impressa sempre referia-se ao cinema como um ganho da cidade e criticava o poder público pela insuficiência política nos transportes.

> O povo pediu um grande cinema para a cidade. Alguns fabricianenses de tutano e progressistas construíram um cinema além do pedido. Vai daí... vai daí que precisamos contar melhor transporte entre Fabriciano e Ipatinga, bem como entre Fabriciano e Acesita. Com estes poucos ônibus das duas empresas que tem exclusividade do transporte interurbano; com apenas estes não será possível, para o atendimento da demanda às escolas e ao cinema. [...] O risco do capital empregado no empreendimento (cinema) em benefício do público, em benefício da recreação social está a justificar a nossa exigência. Ora como o povo de Acesita e da Usiminas tem justo desejo de ir ao novo cinema da cidade, e quer recreação boa e com mais conforto não é justo que procure sofrer nos transportes até alcançar o cinema [597].

O cinema nos anos sessenta e setenta na região do Vale do Aço agregava diariamente um expressivo público [598]. Filas de setecentos metros se formavam para entrar no cinema [599]. Podemos inferir com esses dados que o fenômeno

---

[596] REIS, José Petronilho. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 31 jul. 2003.

[597] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 3, n. 73, 3 fev. 1962, p. 1.

[598] "Os nossos cinemas tinham sido construídos numa época áurea. Aqui, por exemplo, na inauguração do cine Marrocos [1962], nós tivemos, pouco depois da inauguração, o filme épico: Benhur, que teve fila de três quarteirões. Uma sessão às 14:00, 16:00, 18:00, 20:00, 22:00 horas. As pessoas ficam quatro horas na fila para entrar no cinema. Isso é uma coisa impensável no mundo de hoje, mas houve isso naquela época. Então, procurou-se fazer casas [cinemas] grandes. O cine Marrocos tinha 1200 lugares. O cine de Acesita tinha 900 lugares. O de Ipatinga, na rua vinte oito de abril, tinha 1000 lugares. No Areal tínhamos um cinema de 800 lugares. O Melo Viana tinha 500 lugares. O menor que nós construímos, depois de 15 anos, foi o cine Cariru que tinha 230 lugares". MAIA FILHO, Rubem Winter. 2005. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 29 mar. 2005.

[599] TELES, Raimundo Bernardo. 2004. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 29 mar. 2004.

cinematográfico alcançou o Vale do Aço, ou seja, a cultura de massa. O lazer moderno não é apenas o acesso democrático a um tempo livre, que era privilégio das classes dominantes, mas tornou-se aberto à classe popular. O lazer saiu da própria organização do trabalho burocrático e industrial. Essencialmente é esse lazer que diz respeito à cultura de massa interessado no bem-estar do lar, dirigindo-se às necessidades da vida privada. As trocas afetivas se efetuavam nas conversações onde se falava dos filmes, das estrelas do cinema, dos programas e dos fatos variados [(600)].

O fenômeno cinema não é apenas um gerador de expectativas e usurpador do mundo real através de feitiços, levando o expectador a se tornar um sonhador. O filme, como nenhum outro artefato cultural, tem o poder de armazenar e transmitir grande quantidade de informações que, numa só tomada, apresenta uma cena de paisagem com figuras que exigiriam diversas páginas para ser descrita [(601)].

Nesse sentido, o cinema tornou-se um divulgador da cultura de massa que, ao circular informação e entretenimento, transmite valores e padrões de conduta diversificados através da tela imagética. Outras culturas são divulgadas e os universos mentais ampliados. Considerar o caráter educativo da cultura de massa é salientar que a ampla circularidade dos bens culturais contribui para o surgimento de novas formas de interação educativa. É possível pensar os sujeitos sociais da família podendo refletir sobre a realidade, construí-la e experimentá-la a partir de outros parâmetros que não sejam mais exclusivamente locais, presentes na escola e na família. Através do cinema e de contatos com modelos e referências produzidos em contextos fisicamente distantes e dispersos, os sujeitos não mais percorreriam trajetos individuais e coletivos definidos e traçados a partir de experiências apenas próximas no tempo e espaço [(602)].

---

[600] MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX*: neurose. 9 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p. 67.
[601] MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969, p. 323.
[602] SETTON, Maria da Graça Jacinto. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. In: *Educação e Pesquisa,* v. 28, n. 1, São Paulo, jan./jun. 2002.

Além disso, o cinema é um espaço de sociabilidade, o local onde ocorrem trocas afetivas e comunicações para além do círculo familiar. É também o local da afirmação dos valores, certos tipos de relações e construção de identidades no grupo social.

O cinema faz parte da cultura de massa responsável pela circularidade de uma gama variada de imagens, códigos e conteúdos que se organizam coerentemente na forma de um sistema integrado de símbolos interdependentes com valores escolares e familiares [(603)].

Nesse sentido, o exame do processo de socialização requer a focalização do olhar sobre a família. A família não é o único canal pelo qual se pode tratar da questão da socialização, mas é, sem dúvida, um âmbito privilegiado, uma vez que este tende a ser o primeiro grupo responsável pela tarefa socializadora. A família constitui uma das mediações entre o homem e a sociedade [(604)].

Em razão do que expusemos, a iniciativa do Rotary Club de Coronel Fabriciano nos idos de 1959, com o projeto de cinema, *Empresa Diversões Piracicaba Ltda.,* teve impactos não somente no aspecto urbano, mas também nos círculos familiares.

Embora os anos sessenta e setenta tivessem sido um período dourado do cinema no Brasil, o progresso das novas tecnologias dos anos oitenta e noventa foi-se sobrepondo à antiga configuração cinematográfica. A nova configuração do cinema, a partir dos anos oitenta, como “o cinema em casa” fez com que de setenta mil cinemas em todo o Brasil passasse a ter somente mil e setecentos [(605)].

---

603 SETTON, 2002, op. cit.
604 VITALE, Maria Amália Faller. Socialização e família: uma análise intergeracional. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (Org.). *A família contemporânea em debate*. 2ed. São Paulo: EDUC/Cortez, 1995, p. 90.
605 ARAÚJO, 1993, op. cit., p. 157.

Os anos dourados do cinema talvez possam ser explicados a partir dos dados estatísticos referente aos anos sessenta em que apenas 4,6 % de domicílios no Brasil possuíam televisão. Nos anos setenta, eram 22,8 %. Ao passo que nos anos oitenta, já havia televisão em 56,1 % dos lares brasileiros [606], o que pode explicar em parte a crise do cinema.

Rubem Winter Maia Filho, explica em detalhes, as razões da queda de exibição de cinema no Brasil, nos anos 80. Visto haver "o cinema perder os espectadores, buscaram-se os motivos fundamentais":

> No Brasil tivemos várias razões. E uma delas foi a televisão que surgiu levando para casa os filmes que as pessoas podiam ver na própria residência e que não precisava ir ao cinema para assistir. E levando filmes estrangeiros com dublagem, ao passo que o cinema tradicional era proibido por lei fazer dublagem de filme estrangeiro. Só podia fazer legenda. E a gente sabe que a maioria do povo até hoje, imagina vinte anos atrás, não consegue acompanhar a legenda de um filme. Ele consegue acompanhar o filme se ele escutar os diálogos, as falas, mas o filme com legenda ele não consegue compreender. Isso é sobejamente comprovado pela fraqueza da alfabetização da população brasileira, do povo em geral, da dificuldade que tem de leitura. A televisão ao passar a ter filmes dublados, foi para mim, um dos fatos principais da crise do cinema. Depois veio a questão da segurança publica. Vinte anos para cá, pelo menos nas capitais, o medo de sair de casa contribuiu também para as pessoas deixarem o cinema [607].

Todavia, ainda questiona Rubem Winter Maia Filho:

> Se a crise do cinema deveu-se ao fato da permissão de filmes dublados nas emissoras de televisão, bem como o medo de sair de casa, por que também no resto do mundo, inclusive em países em que havia dublagem na televisão e segurança pública, diminuiu-se muito a quantidade de cinemas?
>
> O cinema frustrou o espectador com o fracasso da quarta revolução dele. Porque ele quando era preto/branco e mudo começou a ganhar público. Aí ele veio para o cinema falado. Foi a **primeira** revolução que ele teve. Do cinema falado ele veio para o cinema a cores, que foi a **segunda** revolução. Do cinema a cores e tela pequena ele

606 HAMBURGER, Esther. Diluindo fronteiras: A televisão e as novelas do cotidiano In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da vida privada no Brasil*: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, v. 4, p. 453.

607 MAIA FILHO, Rubem Winter. 2005. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 29 mar. 2005.

> partiu para o cinema *scope*, tela grande e som estereofônico que foi maravilhoso quando foi implantado [**terceira** revolução]. Mas na **quarta** revolução a tentativa ficou nela que foi o cinema em três dimensões. Houve tentativa e, eu cheguei a assistir. Eram máquinas especiais que lançavam sobre a tela dois focos, duas imagens justapostas. E tinha que usar óculos de papelão com uma lente vermelha e outra verde. Então, por efeito ótico você conseguia à justaposição daqueles dois focos, daquelas duas imagens, criar uma falsa sensação de três dimensões. Houve alguns filmes voltados exatamente para enfatizar esse efeito. Então, era um índio atirando uma flecha assim contra o espectador e, quando ele soltava a flecha, todo mundo, os espectadores ali, davam um pulo para trás. Porque tinha a sensação que a flecha saiu da tela e vinha atingi-lo. Quando uma pessoa pulava dentro da água, parecia que espirrava, as pessoas da frente se protegiam pensando, quer dizer, por extinto, porque tinham a sensação de que a água cairia sobre ele. Uma água caindo que existia só em efeito ótico, visual. E houve ainda um outro tipo de cinema, que também foi tentado, que era o cinema com tela circular. A tela era 360 ^{0}. Ficava no centro e havia a exposição de imagem em volta de você. Esse já foi mais em circos e em parques de diversão. Tinha uma sensação de estar dentro do ambiente. Então, uma imagem de um helicóptero em cima de uma montanha tinha-se uma perfeita sensação de que você estava dentro do helicóptero vendo a montanha ao seu redor e embaixo de você. Isso foi uma coisa maravilhosa. Foi uma coisa maravilhosa mesmo, mas que não teve aceitação pública comercial. Ou a montagem era muita cara ou exigia uma readaptação total dos cinemas. Ainda houve uma outra tentativa de três câmeras focalizando três telas diferentes, telas transparentes, teriam produzido efeito de três dimensões, mas no Brasil não chegou, a não ser experimentalmente em Rio de Janeiro e São Paulo, mas não foi para frente. Então, essas são as razões pelas quais eu considero que o cinema foi acabando. Todavia, nada impediu que o cinema fosse revitalizado mais tarde, como hoje está sendo. Mas, de que forma? Localizando as salas nos lugares adequados, por exemplo, shopping. Que por si só já tem gente lá. Aí eles fazem aquele cinema multiplex, que são três ou quatro casas com uma só bilheteria. Três ou quatro salões com a tela, separadas, com uma só bilheteria, um só operador e, que passa quatro filmes ao mesmo tempo. Você entra assiste um, se quiser assiste o outro, se não quiser assiste só um. E o custo diminui demais da conta [608] (grifo nosso).

Não se pode também esquecer, conforme atesta Rubem Winter Maia Filho, que a indústria de cinema, nos anos oitenta e noventa, limitou à distribuição de filmes para os cinemas localizados no interior do país [609].

---

608 MAIA FILHO, Rubem Winter. 2005. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 29 mar. 2005.

609 Idem.

Assim, explica-se a crise do cinema na região do Vale do Aço pela inserção da televisão exibindo filmes dublados em detrimento dos legendados no cinema; frustração do espectador frente à revolução cinematográfica e os novos rumos da política de distribuição cinematográfica priorizando os filmes de ponta às emissoras de televisão.

8.3 ESTRADAS

> *Nós participávamos de tudo. Participávamos de todos os movimentos: abertura e asfaltamento de estradas. Fizemos várias viagens para Belo Horizonte para tratar de questões de estradas. A nossa participação nesses movimentos se dava através do prestígio e influência política e regional, isto é, através de pessoas proeminentes do Rotary Club* [(610)].
>
> *Havia um movimento muito grande em prol do asfaltamento das estradas entre as cidades Governador Valadares e Belo Horizonte. Essas estradas eram de terra, estreitas e atingia até 20 centímetros de poeira* [(611)].

Em 14 de maio de 1961, foi notificado que as estradas de rodagem que ligavam o município de Coronel Fabriciano a Caratinga, Governador Valadares e Nova Era, foram patroladas [(612)].

No interior do município de Coronel Fabriciano, as empresas de ônibus Viação Açofino e Viação Silvânia faziam a linha “Acesita” - Fabriciano. Essas duas empresas haviam recentemente comprado ônibus novos e confortáveis para melhor servir ao público, mas os concessionários dessas duas linhas alegavam insatisfação com os buracos nas ruas e nas estradas. As excessivas trepidações acarretavam as constantes insatisfações por parte das empresas e dos passageiros.

O jornal *Canaã* também fez eco da natureza dos caminhões que transportavam os trabalhadores da Usiminas “nas piores condições imagináveis. Em nosso município até parece que se tem a oficialização do Pau de Arara” [(613)].

---

610 TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 3 mai. 2003.
611 Idem [22 jan. 2003], Coronel Fabriciano.
612 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 41, 14 mai. 1961, p. 2.
613 Idem, ano 2, n. 45, 11 jun. 1961, p. 1.

Em junho de 1961, foi realizado um estudo de como poderiam ser transportados os trabalhadores da Usiminas. Aventou-se a idéia de colocar trens suburbanos entre Coronel Fabriciano e Intendente Câmara (Horto), quatro vezes ao dia. Para isso, foi solicitado à direção das empresas, Usiminas e Companhia Vale do Rio Doce, que estudassem a possibilidade de executar as idéias propostas. Dois funcionários com cargos importantes na companhia Vale do Rio Doce e que eram da região de Coronel Fabriciano, Eliezer Batista (Presidente) e Mário Carvalho (Diretor) foram favoráveis ao projeto. As solicitações foram encaminhadas a esses dirigentes da CVRD e da Usiminas com os endossos do prefeito da cidade, Associação Comercial, Rotary Club, Sindicato e da SOAMCOFA (Sociedade Amigos de Coronel Fabriciano). E, para ajudar nesse propósito, o jornal *Canaã* anunciou: "é indispensável que os trabalhadores não fiquem à mercê de viagens de caminhões conduzidos como gado. A Lei de Trânsito não permite esse meio de transporte" (614). Não se materializou, todavia, o projeto do trem suburbano que críticas se fizeram ao tema em pauta: "será que 'forças ocultas' já fizeram descarrilar o trem subúrbio que corria entre Fabriciano e Ipatinga?" (615).

Em julho de 1960, o deputado Padre Pedro Maciel Vidigal prestou depoimento ao jornal *Canaã* revelando as discussões no Senado Federal sobre o plano rodoviário Nacional (616). Dizia-se que o plano era revolucionário e incluía como estrada federal as que ligavam Monlevade a Governador Valadares: "Quanto à federalização da MG-4, que será uma realidade, virá sem dúvida acelerar o asfaltamento da nossa almejada rodovia, ligando nossa *Iterland* à capital Mineira" (617).

A estrada de chão que ligava Coronel Fabriciano a João Monlevade era via Dionísio e distava em torno de 100 Km. Não tardou muito para que se efetivasse uma estrada que passava perto da Sá Carvalho (ao lado de Antônio Dias) o que chegou a diminuir mais de 34 Km (618).

---

614 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 44, 4 jun. 1961, p. 1
615 Idem, ano 3, n. 84, 17 jun. 1962, p. 1.
616 A política brasileira em relação à indústria automobilística nacional provavelmente seria um, dentre vários, o motivo da federalização das estradas. No primeiro semestre do ano de 1961, já estava computada uma produção mensal de 9.300 veículos automotores nacionais em detrimento de 2.558 em 1957. Cf. Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 35, 2ª quinzena, jan. 1960, p. 2.
617 Idem, ano 1, n. 23, 2ª quinzena, jul. 1960, p. 1.
618 Idem, ano 2, n. 25, 2ª quinzena, ago. 1960, p. 1.

> Para chegar em João Monlevade era através de Dionísio, São Domingos do Prata. Nesse tempo já existia a ligação feita pela Acesita através de Antônio Dias passando dentro da cidade, mas uma ligação de terra precária [(619)].

As empresas Acesita e Belgo Mineira faziam a manutenção das estradas de chão para garantir o escoamento de seus produtos. Tanto a Usiminas quanto a Acesita, que eram praticamente estatais, interessavam-se pelo asfaltamento dessas estradas. Certamente havia pressão política por parte dessas empresas, uma vez que os seus presidentes e diretores industriais, escolhidos pelo governo, articulavam-se politicamente para pressionar o Estado e a União na aceleração do asfaltamento da MG-4. Os poderes públicos municipais, o Rotary Club, Associação Comercial também contribuíram com uma parcela de “pressão branca”, ou melhor “pressão invisível”, em prol da melhoria das estradas.

> As entidades daqui que já existiam na ocasião, como o Rotary Club tinha muito prestígio através dos diretores de empresas da região os quais tinham influência política e não politicagem, organizaram um movimento muito grande. Na verdade, não houve uma participação direta do Rotary Club. O que fazíamos é cobrar de algum deputado que exercia influência na região para que este levasse ao Governo do Estado as reivindicações das estradas. Mas eu acredito que a maior influência partiu das empresas como da Usiminas, da Acesita, e da Belgo Mineira, porque não tinha jeito de escoar parte de seus produtos pela estrada de ferro. De fato, acredito que a parcela maior de influência foi das empresas. Foi uma confluência de forças, mas a força maior foi das empresas. A Usiminas, por exemplo, era uma empresa política que pertencia ao Estado [(620)].

Um outro movimento intenso em prol de estradas no qual o Rotary Club teve participação efetiva foi o projeto da construção da estrada de Acesita a Caratinga atravessando o Parque do Rio Doce, no local denominado de Revés do Belém, atingindo o distrito de Vargem Alegre (hoje cidade) do Município de Caratinga. O movimento envolveu as cidades de Caratinga e Coronel Fabriciano, liderado pelas Câmaras municipais e acompanhadas pela imprensa dos respectivos municípios: o jornal *Caratinga* e o jornal *Canaã*.

---

[619] TÔRRES, Narciso Drummond. 2004. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 22 jan. 2004.

[620] TÔRRES, Narciso Drummond. 2004. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 22 jan. 2004.

O fato de “cortar” o Parque do Rio Doce causou paralisação das obras, mesmo depois de já construída uma ponte sobre o Rio Doce. O IEF (Instituto Estadual de Florestas) não autorizou a construção e paralisou as atividades.

> Nós tivemos um encontro em Juiz de Fora, que, na ocasião, também estava o Governador do Estado Magalhães Pinto. Nesse encontro pedimos uma audiência com o Governador e solicitamos a ele que continuasse as obras de ligação entre Coronel Fabriciano e Caratinga através do Parque do Rio Doce num trajeto de 14 a 15 Km. Então ele falou: ‘eu estou tendo dificuldade com o Instituto Estadual de Floresta – IEF, porque precisa da aprovação da Assembléia, mas isso vai sair. Mas ficou só na promessa e não saiu [621].

Em 17 de junho de 1962, o jornal *Canaã* divulgou a presença do governador Magalhães Pinto em Ipatinga no dia 15 daquele mês. Sua visita a esse distrito de Coronel Fabriciano deveu-se à inauguração do Grupo Escolar Almirante Toiota, do Ginásio São Francisco, no bairro Cariru, e também da Coqueria da Usiminas. Depois da solenidade no dia 16, a equipe do jornal *Canaã* foi ao hotel da Usiminas com a finalidade de entrevistar o Governador:

> O Governador se colocou à nossa disposição para as perguntas dizendo inclusive já conhecer o *Canaã*, pois tem recebido com regularidade o nosso jornal. Demonstrando não estar alheio aos nossos problemas, o Sr. Magalhães Pinto solicitou ao Eng. Ney Torres os estudos urgentes sobre o viaduto de Melo Viana, obra que considera de vital importância para o sucesso da MG-4. Mandará apressar as construções dos grupos escolares de Fabriciano e Melo Viana. Solicitará ainda da comissão do Rotary Club de Fabriciano ao Palácio para tratar do assunto da estrada Fabriciano-Caratinga, estando o Sr. Ney O. Bernes autorizado com os Sr. Narciso Tôrres, presidente do Rotary, para marcar a ida da comissão [622].

Conforme se vê, há indícios da participação do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita nas reivindicações de transporte suburbano na região e pressão política no que se refere às estradas da região do Vale do Rio Doce.

No entanto, mesmo atuando sobre determinada ação social desejada, nem sempre se chegou a alcançar resultados eficazes. O poder de pressão possui limites. E as limitações estão determinadas pelo nível de acumulação do capital social e simbólico

---

621 TÔRRES, Narciso Drummond. 2004. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 22 jan. 2004.

622 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 3, n. 84, 17 jun. 1962, p. 1.

do clube rotário. Nem por isso podemos considerar o movimento rotário local como algo que não implicasse em algum efeito, mesmo porque a pressão branca do Rotary exercida na esfera política foi apenas uma força entre os vários setores sociais (empresários industriais e comerciais, igreja, associações de classe, políticos locais), que somados, impactaram de alguma forma naquela época alcançando alguns resultados.

8.4 BANDA DE MÚSICA [(623)]

Esta é a história de nossa banda
Contada em prosa e verso
Mostrando como ela anda
Prá não entrar em recesso

Por ironia do destino
Com o passar do tempo
Pelo Rotary conseguimos
Os antigos instrumentos

O Sr. José Inácio Fernandes
Quando do Rotary o presidente
Fez uma doação a Banda
Dos seus antigos instrumentos

(Clodomiro de Jesus, 1997) [(624)]

Em Coronel Fabriciano, surgiu por volta de 1943, através da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, uma banda de música [(625)], denominada Lira Nossa Senhora

623 A banda de música a que se refere aqui é a Corporação Musical Nossa Senhora Auxiliadora, a qual é uma Sociedade Civil sem fins lucrativos que tem por finalidade incrementar e promover solenidades cívicas, religiosas e recreativas. Essa Sociedade Civil constitui-se de uma banda musical; uma escola de aprendizes para renovação de seu quadro de músicos; uma orquestra de concerto; e de um coro musical. Esta entidade foi reconhecida de Utilidade Pública conforme Lei Municipal nº 1.169 de 22 de julho de 1969 e também reconhecida de Utilidade Pública pela Lei Estadual nº 9.659, de 25 de julho de 1988.

624 JESUS, Clodomiro de. *Pingos e Respingos* Coronel Fabriciano 1997, p. 1, 16 e 20.

625 JESUS, Clodomiro de. Corporação Musical Nossa Senhora Auxiliadora: legado cultural da Belgo-Mineira no Vale do Aço comemora 60 anos. In: CARVALHO, Mário (ed.). Revista *Caminhos Gerais*. Ano 3, n. 5, 2003, p. 25.

Auxiliadora (626). Apenas no início dos anos setenta, essa banda veio denominar-se Corporação Musical Nossa Senhora Auxiliadora (627), mantendo essa mesma designação até os dias de hoje.

A Companhia Siderúrgica Belgo Mineira foi a mantenedora da Banda de Música "Lira Nossa Senhora Auxiliadora" desde a sua criação (628). Mas a história da banda atravessou um período de paralisação, não muito depois, quando a superintendência da Belgo Mineira foi assumida por Rubem Siqueira Maia em 1951 (629).

A paralisação da Banda foi discutida em 27 de fevereiro de 1957, ocasião em que se realizou, em uma das salas da Prefeitura Municipal, na avenida Marechal Deodoro (atual Pedro Nolasco) da cidade de Coronel Fabriciano, uma reunião com a presença de José Inácio Fernandes (Coletor Federal), Rufino da Silva Neto (Prefeito Municipal) Luiz Gonzaga Bueno (Coletor Estadual), Oscar Silva (Presidente da Câmara), e outros (630). José Inácio Fernandes fez uma exposição a respeito dos motivos da presente reunião, cuja finalidade foi tratar da reestruturação da banda de música local [...] incentivando o seu prosseguimento (631). Em seguida, depois de expostos outros pontos de vistas, ficaram acertadas algumas medidas a serem tomadas: a) reestruturação da banda de música; b) passar uma esponja nos episódios passados e reunir todos os velhos e novos músicos na reorganização da banda; c) eleger-se imediatamente uma

---

626 As atas de encontro das diretorias da banda de música de 26 de abril de 1955; 13 de maio de 1955; 17 de junho de 1955; 16 de agosto de 1955; 27 de fevereiro de 1957; 7 de março de 1957; 10 de janeiro de 1960; 12 de março de 1960; 17 de abril de 1961; 18 de fevereiro de 1962; 29 de maio de 1964; 10 de junho de 1964; 22 de julho de 1964; 19 de outubro de 1964; 12 fevereiro de 1967 e 17 dezembro de 1970, trazem a denominação "Lira Nossa Senhora Auxiliadora".

627 Já as atas das diretorias a partir de 23 de maio de 1971; 28 de junho de 1971; 5 de julho de 1971; 12 de agosto de 1971; 27 de setembro de 1971 e 4 de outubro de 1971 e assim sucessivamente, trazem a intitulação "Corporação Musical Nossa Senhora Auxiliadora". Houve a mudança da nomenclatura "Lira" para "Corporação Musical".

628 Parece que parte dos músicos eram funcionários ou filhos de funcionários da Belgo Mineira.

629 "Meu pai assumiu a Belgo Mineira em 1951. Eu me recordo disso muito bem como se fosse hoje. Uma das coisas maravilhosas que ele recebeu da Belgo Mineira, em função do cargo que ele ocupou aqui, foi um automóvel americano (0 Km) para uso pessoal dele. Ele recebeu um carro adquirido na Mesbla Ford 1951. Eu não tenho a menor dúvida disso. Eu lembro direitinho desse fato. MAIA FILHO, Rubem Winter; depoimento: [29 mar. 205], Coronel Fabriciano.

630 Padre José Brandão de Castro (vereador), Raimundo Alves de Carvalho, Silvino Pereira, Lauro Pereira, José Martins de Barros, Leandro Pacífico, Afrânio Alves, Geraldo Rodrigues Soares, Sérvulo Roque, João Sotero Bragança, João Rodrigues da Silveira, José Florentino dos Reis, Dionysio Garcia, Benedito Rodrigues de Assunção, Manoel Joaquim Pires, Ary Malta e Francisco de Assis Campos. Cf. *Ata de Reunião de Reorganização da Diretoria da Lira Nossa Senhora Auxiliadora*, 27 fev. 1957, p. 9, verso

631 *Ata de Reunião de Reorganização da Diretoria da Lira Nossa Senhora Auxiliadora*, 27 fev. 1957, p. 9, verso.

Diretoria da banda de música; d) designar uma comissão para falar ao Dr. Rubem Siqueira Maia a respeito do instrumental; e) designar uma nova comissão para elaborar um novo estatuto [(632)].

Qual episódio do passado se pedia na reunião para se passar uma esponja? Que fato ocorreu na história da Banda de Música Lira Nossa Senhora Auxiliadora que levou à sua desestruturação? Qual a razão de se formar uma comissão para falar com Rubem Siqueira Maia acerca dos instrumentos de música?

O jornal *Canaã* de julho de 1960 fez eco na página manchete: "Coronel Fabriciano terá sua Banda de Música". Nessa matéria, são lançados alguns indícios relativos a um incidente ocorrido com a Lira Nossa Senhora Auxiliadora nos anos que precederam a década de sessenta:

> Acontece, porém, que o instrumentário, que é de primeira ordem, pertencia a Cia. Siderúrgica Belgo Mineira [...]. Como era natural, o serviço próprio daquela Cia. mantinha fiscalização no trato do seu patrimônio, vindo, de qualquer maneira empanar a independência da Lira, embora o superintendente, Dr. Rubem Siqueira Maia, sem favor, um dos propulsores do nosso progresso, desse inteira liberdade aos Diretores da Banda, mas diga-se de passagem, que essa liberdade era muito relativa porque os diretores de então, sabiam que os instrumentos não lhes pertenciam e como é óbvio e por questão de ética, qualquer tocada fora da sede, nunca era feita sem que fosse dada satisfação à Superintendência [(633)] (grifo nosso).

Essa matéria, reportando a fiscalização e impedimento (empanar) da independência da Lira Nossa Senhora Auxiliadora ou da liberdade relativa da diretoria, fornece algumas pistas de algum evento ocorrido entre 1955 e 1957 [(634)].

---

632 *Idem*.

633 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 23, 2ª quinzena, jul. 1960, p. 1.

634 Suponho que os instrumentos da Banda Lira Nossa Senhora Auxiliadora não foram tomados antes de 17 de junho de 1955, considerando-se que em uma reunião nesse período ficou assim definido: "Em seguida o Diretor deu alguns avisos e falou sobre as **tocadas que tínhamos que fazer**, que são as seguintes: ida em Ipatinga dia 31/05/55; em Rio Doce dia 19/06/55; Jaguarassu dia 28/06/55 e do dia 1º a 10 em Coronel Fabriciano na festa de São Sebastião. O presidente Sr. Leandro Pacífico deu alguns avisos e mandou que **executássemos o belíssimo número "Jardinópolis"** para apreciação dos mesmos" (grifo nosso). Cf*. Ata de Reunião da Diretoria da Banda Lira Nossa Senhora Auxiliadora*. Coronel Fabriciano, 17 jun. 1955. Por outro lado, com toda certeza, os instrumentos foram retirados da Banda até fevereiro de 1957, ocasião que houve uma reunião na Prefeitura Municipal para discutir: "[...] a) **reestruturação** da banda de música; b) **passar uma esponja nos episódios passados e reunir todos os velhos e novos músicos na reorganização da banda**; c) eleger-se imediatamente uma Diretoria da banda de música; d) **designar uma comissão para falar ao Dr. Rubem Siqueira Maia a respeito do instrumental"** (grifo nosso)**.** Cf**.** *Ata de Reunião para Reestruturação da Banda de Música Nossa Senhora Auxiliadora*. Coronel Fabriciano, 27 fev. 1957.

É bem verdade que na ata de 16 de agosto de 1955 ficou estabelecido que nenhum integrante da Lira Nossa Senhora Auxiliadora poderia, de algum modo, usar fora da sede, os instrumentos, salvo sob a responsabilidade do ensaiador ou conforme os estatutos [635].

A inferência feita pelo jornal Canaã de que os instrumentos da Banda de Música foram recolhidos por motivos de uma indisciplina (tocar fora da sede), parece não haver plausibilidade, embora é satisfatória a explicação de que houve uma tocada sem que fosse dada satisfação ao Superintendente da Belgo Mineira. Os instrumentos foram tomados porque os músicos foram tocar fora da sede? Para Clodomiro de Jesus, os motivos do recolhimento dos instrumentos são outros:

> É aí que está o problema. Na verdade esta explicação é a que eles tentaram explicar, mas não conseguiram. Os instrumentos não foram recolhidos porque foram tocados fora da sede. O que de fato aconteceu foi o seguinte: a Banda foi recepcionar o deputado Sinval Siqueira que estava chegando de Belo Horizonte. Foi muita festa. Foi por isso que os instrumentos foram recolhidos [636].

Trocando em miúdos, o Superintendente da Belgo Mineira, Rubem Siqueira Maia, era inimigo político de Sinval Siqueira [637] ou vice versa. Ambos tiveram atritos no cenário político fabricianense. As tensões chegavam até mesmo nos espaços da Assembléia

---

635 *Ata de Sessão Extraordinária da Banda Lira Nossa Senhora Auxiliadora*. Coronel Fabriciano, 16 ago. 1955.

636 JESUS, Clodomiro de. 2005. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 24 mar. 2005.

637 Também em 24 de setembro de 1955 o jornal *O Martelo,* pela voz de Claudiano Soares, lançou duras críticas ao petebista Sinval Siqueira de lesar vários operários com a criação de uma Cooperativa às vésperas das eleições de 1954. Cf. Jornal *O Martelo*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 4, 24 set. 1955.

Legislativa do Estado de Minas Gerais [638]. Assim, a Banda de Música "Lira Nossa Senhora Auxiliadora" ao recepcionar o arqui-rival político causou embaraços à pessoa de Rubem Siqueira Maia, o qual sem pensar duas vezes mandou recolher os instrumentos da Banda de Música [639]. Por isso que, numa reunião de fevereiro de 1957, na Prefeitura Municipal, ficou designada uma comissão para falar com Rubem Siqueira Maia a respeito do instrumental, bem como para passar uma esponja nesse episódio e reunir os velhos e novos músicos na reorganização da banda.

Dois dos indivíduos que estiveram naquela reunião, em fevereiro de 1957, para discutir a reestruturação da Banda de Música, José Inácio Fernandes (foi o expoente dos motivos da reunião) e Luiz Gonzaga Bueno, bem como o mandante do recolhimento dos instrumentos musicais, Rubem Siqueira Maia, constituíram em março de 1959, o grupo do primeiro Rotary Club da região.

Detectamos uma cópia de uma carta, datada 15 de dezembro de 1960, endereçada à Direção Geral da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, em Sabará, abordando a "velha" questão dos instrumentos de música. Pode-se assegurar, com isso, que a tópica "instrumentos de música" fazia parte de uma das pautas das reuniões de Rotary. A carta, assinada pelo secretário do Rotary, Geraldo Perlingeiro de Abreu e também pelo presidente, José Augusto Joaquim Moreira, continha o seguinte teor:

---

638 Segundo Rubem Winter Maia Filho, a razão da rivalidade entre Rubem Siqueira Maia (PSD) e Sinval Siqueira (PTB) se devia muito ao fato de Rubem Siqueira Maia possuir uma posição de preposto de empregador de uma empresa, cuja atividade em Coronel Fabriciano, era exploração de carvão. Para alguns indícios das rivalidades veja: o "Sinval Siqueira resolveu nomear [escolher] essa região que estava se formando ainda. Uma região industrial e operária. Ele de origem do PTB, partido operário, escolheu essa região que não tinha ainda nenhuma representação na Assembléia para fazer seu curral eleitoral. E realmente havia uns elementos sindicalistas que deram apoio a ele. Sinval Siqueira vinha aqui fazer comícios e até possivelmente tinha arranjado dinheiro para construção de uma sede de sindicato. [...] Uma das coisas que Sinval Siqueira fez foi combater a Belgo Mineira dos serviços de carvão que ela tinha aqui. [...] Ele chegou a ponto de ir à tribuna da Assembléia e falou que Rubem Siqueira Maia era uma espécie de lampião do Vale do Rio Doce que matava e, ainda tinha o prazer de enterrar os mortos no quintal da sua própria casa. Isto está nos anais da Assembléia Legislativa de Minas Gerais. [...] Meu pai numa época, 1950, resolveu fazer uma piscina [...] e ao cavar o chão para fazer o buraco da piscina achou uma ossada. Daí que Sinval Siqueira concluiu que aquela ossada era de um empregado morto vítima de meu pai, o qual o enterrou no próprio quintal. Sinval Siqueira falou isso na tribuna da Assembléia Legislativa e dentre outras coisas. Como meu pai não tinha acesso à tribuna, então ele se valeu do deputado Hernelindo Paixão, seu amigo, para fazer a defesa dele". MAIA FILHO, Rubem Winter. 2005. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 29 mar. 2005.

639 "Eu sem saber dessa história [recolhimento dos instrumentos da Lira Nossa Senhora Auxiliadora, isto é, uma retaliação feita por meu pai] eu confirmo [isso], porque se eu conheci meu pai ele teria feito isso mesmo!" (risos). MAIA FILHO, Rubem Winter. 2005. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 29 mar. 2005.

> Vimos de receber, por intermédio do superintendente do Departamento de Coronel Fabriciano, Dr. Rubem Siqueira Maia, todo o instrumental de música, da tradicional Lira Santa Cecília de Coronel Fabriciano, até então de propriedade dessa conceituada empresa, que recebemos como magnífica doação. Após as consultas protocolares internas aos órgãos competentes do nosso Clube, por unanimidade, o Conselho Diretor aceitou jubilosamente a doação, ao mesmo tempo que pedindo mais um voto de agradecimento e louvor à Direção da Belgo Mineira, a quem já tanto deve o povo desta comunidade. Muito embora também nosso prezado companheiro de Rotary, gostaríamos de traduzir ainda os agradecimentos ao Dr. Rubem Siqueira Maia. Com os nossos mais sinceros agradecimentos, formulamos votos de prosperidades crescentes a essa Empresa e aos seus mui dignos Dirigentes [(640)].

Informações sobre o período em que a Banda de Música "Lira Nossa Senhora Auxiliadora" buscou reobter os instrumentos, outrora tomados pela Direção da Belgo Mineira, parece ter ocorrido somente em 1960 [(641)]. Mas, ao que tudo indica, posteriormente, os instrumentos musicais foram emprestados, em 1963, à outra Lira, em Ipatinga [(642)]. Quatro anos depois, os instrumentos musicais são novamente solicitados pela Lira Nossa Senhora Auxiliadora [(643)]. Em resposta á solicitação, houve intervenção do Rotary Club Coronel Fabriciano-Timóteo no sentido de reaver os instrumentos para a Banda [(644)], o que Clodomiro de Jesus chama, sob forma de prosa,

---

640 Cópia da carta de Geraldo Perlingeiro Abreu e de José Augusto Joaquim Moreira à Direção Geral da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira. Acesita, 15 dez. 1960.

641 É estranho quando se compara a cópia da carta de Geraldo Perlingeiro de Abreu e de José Augusto Joaquim Moreira à Direção Geral da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, de 15 dezembro de 1960, o qual explicita que os antigos instrumentos estavam sob a guarda da Lira Santa Cecília, porém uma outra carta indica um empréstimo, que o Rotary Club fez, dos instrumentos musicais à Lira em Usiminas/Ipatinga em 1963.

642 "Sr. Nelson Sena, nesta fica V. S. autorizado a procurar os responsáveis pelos instrumentos musicais que o Rotary Club de Coronel Fabriciano emprestou em 28 de março de 1963, os quais foram entregues ao Dr. Maurício Barros para uma Lira em Usiminas ou Ipatinga. Recolher os instrumentos pela relação recibo anexo os quais serão entregues à Diretoria da Lira em Coronel Fabriciano". *Cópia da Carta*, 21 de fevereiro de 1967.

643 Uma carta do Rotary à Lira N. S. Auxiliadora contém o seguinte teor: "Nesta, apraz-nos comunicar a VV. SS. de que, em nossa reunião ordinária do dia 15 do corrente, depois de lido e apreciado por todos os membros deste clube, o ofício a nós dirigido, por esta dígna entidade solicitando doação de instrumentos musicais, assim se decidiu por unanimidade; como não nos é permitido doar os instrumentos (musicais) os mesmos serão emprestados sem prazo determinado. Assim sendo, em breve lhes faremos a entrega dos mesmos. Sendo o que nos apresenta para o momento, enviamos nossos parabéns e votos de futuros sucessos. *Cópia da Carta do Rotary Club Coronel Fabriciano à Diretoria da Lira Nossa Senhora Auxiliadora*, Coronel Fabriciano, 21 fev. 1967.

644 "Recebemos do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Timóteo, por empréstimo, os instrumentos musicais acima discriminados". *Declaração de Recebimento de Instrumentos Musicais*. Sérvulo Roque; Clodomiro de Jesus. Coronel Fabriciano, 27 mar. 1969. Segundo consta ainda na *Declaração,* foram mais ou menos 21 instrumentos, sendo que seis deles, estavam estragados.

de “ironia do destino” [645] conseguir, por meio do Rotary, os antigos instrumentos”.

8.5 HOTEL [646]

> *Uma das maiores iniciativas do Rotary Club de Coronel Fabriciano é o grande Hotel e o clube que serão construídos na cidade, preenchendo, de uma só vez a lacuna existente* [647].
> *A construção do Silvânia Palace Hotel foi uma iniciativa do Rotary Club. Eu achei essa parte do Hotel muito boa. Isso veio suprir uma lacuna na nossa cidade* [648].

Em fevereiro de 1960, a imprensa escrita de Coronel Fabriciano divulgava o projeto de construção de um “majestoso hotel” [649]. Difundia-se nesse mesmo veículo impresso do município o estado de espírito mergulhado em um dos atores envolvidos nesse empreendimento: “O Presidente do Rotary Club, Rubem Siqueira Maia, é um dos grandes entusiastas dessa iniciativa” [650]. Esse entusiasmo, divulgado aproximadamente em dois mil exemplares, não ficou apenas estampado no jornal *Canaã*, mas também na memória viva de Narciso Drummond Tôrres, mesmo quarenta anos depois: “O primeiro presidente do Rotary Club estava muito entusiasmado” [651]. Ao que tudo indica, essa flama contagiou significativamente esses rotarianos no início dos anos sessenta.

---

645 Suponho que a “ironia do destino”, descrito por Clodomiro de Jesus, refere-se aos desencontros e encontros na História: Rubem Siqueira Maia, Superintendente da Belgo Mineira, mandou recolher os instrumentos na segunda metade dos anos cinqüenta. Entretanto, em 1960, o mesmo Superintendente, agora como sócio do Rotary Club, é elogiado pelos companheiros do clube, por intervir junto a Belgo Mineira, na re-obtenção dos instrumentos musicais para a banda de música Lira Nossa Senhora Auxiliadora. Vale ressaltar que Rubem Siqueira Maia até foi convidado para ser **presidente de honra** da nova Diretoria da Lira Nossa Senhora Auxiliadora em fevereiro de 1960: “Realizou-se no dia 10 passado a eleição para a escolha dos novos membros da Diretoria da Lira Nossa Senhora Auxiliadora. Após uma movimentada reunião, assim ficou constituída a nova Diretoria: **Presidentes de Honra** Srs. Raimundo Alves de Carvalho, Prefeito Municipal e **Dr. Rubem Siqueira Maia** [...]” (grifo nosso). Cf. Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 12, 1ª quinzena, nov. 1960, p. 1. Pois bem, mesmo sob uma movimentada reunião em 10 de fevereiro de 1960, talvez Rubem Siqueira Maia e a Banda Nossa Senhora Auxiliadora estivessem a partir dali pondo uma esponja nos episódios passados.

646 Hoje se denomina Edifício Silvana, já que não funciona mais hotel. Está localizado na Rua José Cornélio, no centro da cidade de Coronel Fabriciano-MG.

647 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 12, 1ª quinzena, fev. 1960, p. 1.

648 ANACLETO, Maurício Antônio. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 27 set. 2003.

649 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 12, 1ª quinzena, fev. 1960, p. 1.

650 Idem.

651 TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 3 mai. 2003.

Maurício Antônio Anacleto afirma que após o Rotary Club de Coronel Fabriciano ter recebido a Carta Constitutiva do Rotary Internacional, o clube começou a se estruturar e traçar metas de trabalho para atuar na esfera social de carência da cidade: ensino, saúde, diversão e hospedagem [652].

Em Coronel Fabriciano havia poucas hospedagens para uma cidade que teve um aumento populacional de 585% entre os anos 1940 e 1950 [653] num contexto de implantação de duas empresas industriais às margens do rio Piracicaba [654]. Ainda segundo Maurício Anacleto, a Casa de Campo hospedava apenas funcionários ou visitas da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira. Ele mesmo, quando funcionário (médico) dessa Companhia, morou nessa Casa de hospedagem durante dois anos, e, nesse período, a Casa de Campo ficava praticamente vazia [655]. Quem não fosse visita ou funcionário da Belgo-Mineira teria que se hospedar em uma das pequenas pensões: Dona Raquel, Dona Baiana, Dona Júlia [656]. Caso não quisesse hospedar-se nessas pequenas pensões, havia a alternativa no pequeno hotel da Dona Iracema, no distrito de Timóteo. Hotel de luxo e aberto ao público não havia na sede de Coronel Fabriciano.

Segundo afirmou Narciso Drummond Tôrres, “Havia necessidade na nossa comunidade de um Hotel e de um Clube” [657]. Hotel e clube passaram a ser classificados como construções de necessidade premente sentida pelos rotarianos. Inevitavelmente, os discursos acerca da prioridade de um bom hotel, foram propalados insistentemente na página impressa:

> [...] o viajante ou o homem que chega em Coronel Fabriciano vê logo que está num lugar sem passado, com um presente que é só

652 ANACLETO, Maurício Antônio. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 27 set. 2003.
653 *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1958, v. 34, p. 544-545.
654 Companhia Aços Especiais Itabira – Acesita e Belgo Mineira (A Belgo Mineira criou um escritório em Coronel Fabriciano para exploração de carvão).
655 ANACLETO, Maurício Antônio. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 27 set. 2003.
656 Embora as pensões são citadas como pequenas, é dito por Celso Magalhães que ofereciam bons serviços: “No ramo de hospedagem, e com bons serviços da época, tínhamos o hotel de Dona Raquel e o esposo José Cornélio (falecidos), que dava hospedagem para alguns dos funcionários da Belgo Mineira e viajantes. A pensão da Dona Pulcedia (Baiana) e o turco Armando Marmud e ainda a pensão da considerada ‘tia’ Júlia e o Sr. Brito (ambos falecidos”. Cf. *O Vale em Revista*, ano 17, n. 33, out. 1994.
657 TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 3 mai. 2003.

> trabalho dentro da ordem, portanto com um futuro indiscutivelmente portentoso. E poucas horas depois de haver o cidadão percorrido a cidade, suas construções, as estradas em preparo, as obras da Acesita com o que ali já existe, e com as monumentais atividades da Usiminas, chega à conclusão de que está em meio ao mais futuroso parque industrial centro-brasileiro. E se o mesmo cidadão, todavia, tiver necessidade de pernoitar em Fabriciano e não gozar do privilégio de poder ficar em casa de um amigo da terra ou ser hóspede de uma das empresas, Belgo Mineira, Acesita ou Usiminas, concluirá que a sua desdita foi mesmo muito grande. No dia seguinte o cidadão entusiasmado, o homem que só olhava a cidade como a Canaã da Indústria, esquecerá seus arroubos da véspera e deixará Coronel Fabriciano quase que desesperado.[...] O nosso viajante embarcou: de avião, de trem ou de ônibus. Fêz um balanço do seu descontentamento, [...] Do bom raciocínio nasceu uma conclusão. Para voltar a Coronel Fabriciano o homem só exigia uma condição: Hotel. [...] Ao viajante, mandamos-lhe um recado: volte aqui antes do fim do ano. Verá não só o Hotel, para uma noite bem sonhada, mas também um CLUBE com piscina, que ofereceremos de lambugem [(658)].

Esse mesmo jornal noticiou “que os homens desta terra resolveram unir-se e aceitar a responsabilidade de fazer o Hotel” [(659)]. Como seria viabilizado esse grande projeto? A idéia da realização desse empreendimento nasceu a partir da propagação de uma maneira de investimentos através de uma firma especializada nesse ramo de negócios.

Em Minas Gerais foi criada a firma Campos Paulino S.A., que era uma distribuidora de investimentos. Sua atividade era exclusivamente colocar quotas de fundo. O objetivo apresentado por essa firma era o desenvolvimento comercial, industrial e social. Além dessa firma, foi fundada também a Santa Paula S.A., uma Construtora e Imobiliária, que estava construindo inúmeras obras de vulto em todo estado de Minas Gerais [(660)].

Em maio de 1960, representantes da Campos Paulino S.A. começaram a divulgar no jornal *Canaã*, que o Brasil passara a ter uma nova mentalidade no setor de investimentos, ou melhor, uma nova maneira de aplicação de Capital. Eram fundos em quotas de participação. Esses fundos se assemelhavam aos *Moutual Founds* dos Estados Unidos da América. E uma das principais vantagens dessa forma de

---

658 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 19, 2ª quinzena, mai. 1960, p. 1.
659 Idem
660 Idem

investir capital, era a democratização e a ampla possibilidade de participação direta dos acionistas e também a transparência nos negócios [661].

A firma Campos Paulino S.A. estava aproveitando o prestígio dos Rotary Clubs, que vinham sendo progressivamente fundados em Minas Gerais, para vender seus serviços. Para se ter uma idéia, no ano de 1960, contabilizaram-se trinta e seis Rotary Clubs instalados em todo o Estado de Minas Gerais [662]. Visto esses clubes de serviço serem compostos por homens de prestígio da sociedade, a firma Campos Paulina S.A. observou neles um confiável e potencial campo de negócios.

> Então a firma de Belo Horizonte, Campos Paulino S.A. aproveitou o prestígio das pessoas iniciadas em Rotary Club para vender produtos deles que eram chamados de Fundo de Melhoramentos. Eles instalaram em nossa comunidade esse Fundo de Melhoramentos que era, logicamente, caro. Esse Fundo usava o prestígio das pessoas que estavam no Rotary Club para trabalhar na comunidade e era composto de quotas para serem vendidas [663].

As negociações com a firma Campos Paulino S.A. tomaram rumos a partir de fevereiro de 1960. O projeto do Hotel consistia na construção de um prédio de três andares de estilo moderno e elegante e, também, de um clube social. As ações seriam vendidas com facilidade de pagamento que até mesmo “um modesto operário teria condições de comprar ações” [664].

Foi em 25 de março de 1960, sob a orientação Campos Paulino S.A., que foi criado por rotarianos e amigos associados, o Fundo de Melhoramentos, o qual foi registrado na forma de escritura pública [665].

Mas o que era e quais os objetivos desse Fundo de Melhoramentos? A Escritura Pública de constituição desse Fundo esclarece:

> O Fundo de Melhoramentos de Coronel Fabriciano tem por objetivo reunir capitais para a formação de fundo que, sob a administração do senhor Rubem Siqueira Maia, torne possível a sua aplicação ou

---

661 Idem, ano 1, n. 19, 2ª quinzena, mai. 1960, p. 1.
662 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 33, 2ª quinzena, dez. 1960, p. 1.
663 TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 3 mai. 2003.
664 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 20, 1ª quinzena, abr. 1960, p. 2.
665 *Escritura Pública de Constituição de Fundo de Melhoramentos*. Livro n. 6, folhas 1-4. Cartório Jacarandá (1º ofício de notas), Coronel Fabriciano, 25 mar. 1960.

> melhoramentos para a cidade de Coronel Fabriciano, entre outros a construção do edifício que constará do hotel, restaurante, lojas e uma sede para clube social o que servirá para incrementação do turismo na cidade, mediante a ofertas de serviços de alta qualidade, sob a supervisão e direção do administrador [(666)].

Esse Fundo, conforme supramencionado, tinha a finalidade comercial. Assim, o que estava se estabelecendo era um contrato para formação de uma sociedade para fins sociais e comerciais (hotel, lojas, restaurante e clube recreativo e desportivo). Todavia, não era uma sociedade comercial qualquer. Os fundamentos jurídicos da instituição desse Fundo de Melhoramentos se davam a partir Código Comercial Brasileiro. E esse código estabelece as várias formas de sociedade comercial: 1- sociedade em nome coletivo; 2- sociedade anônima; 3- sociedade em comandita; 4- sociedade de capital indústria; 5- sociedade cooperativa; 6- sociedade em conta de participação [(667)].

Os fundamentos jurídicos da constituição do Fundo de Melhoramentos de Coronel Fabriciano se deram à luz do Código Comercial Brasileiro, e mais especificamente sob as normas de criação da **sociedade em conta de participação**. O advogado José Xavier Carvalho de Mendonça explica, com pormenores, os princípios que regulamentam essa forma de sociedade [(668)]:

> 1- A sociedade em conta de participação se forma entre pessoas, das quais **uma pelo menos** deve ser comerciante, para a prática de uma ou mais operações de comércio determinadas, trabalhando um, alguns ou todos os associados em seu nome individual para o lucro comum.
> 2- Há nessa sociedade duas categorias de sócios: sócios *gerentes ou ostensivos* e sócios *ocultos ou participantes*. Os sócios *gerentes ou ostensivos* são aqueles que se comunicam com terceiros, isto é, praticam atos de comércio, adquirindo direitos e assumindo obrigações em nome próprio, conquanto no interesse de todos. Os sócios *gerentes ou ostensivos* são os únicos responsáveis para com terceiros com quem tratam e tem em seu poder fundos da sociedade. Já os sócios *ocultos ou participantes* não faz negócios com terceiros, senão assume os resultados das negociações feitas pelos sócio(s) *gerente(s) ou ostensivo(s)* pelos resultados das transações e das obrigações sociais, realizadas ou empreendidas nos termos precisos do contrato. Assim, quem exerce o ato de comércio é só o sócio *gerente ou ostensivo* em seu nome individual e por conta própria.

---

666 Idem.
667 MENDONÇA, José Xavier Carvalho de. *Tratado de direito comercial brasileiro*. 5. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Livraria Freitas Bastos S/A, 1959, v. 4, livro 2, parte 3, p. 223-237.
668 Ibid., 1958, v. 3, livro 2, parte 3, p. 56-60.

> 3- Se os participantes da sociedade em conta de participação entram com alguma coisa para o fundo, este passa para o sócio *gerente ou ostensivo*, o qual age em seu próprio nome, porém as operações são feitas para o interesse comum.
> 4- A sociedade em conta de participação não é pessoa jurídica. Não tem autonomia patrimonial e não aparece juridicamente aos olhos do público. Não tem representação judicial ativa ou passiva. São os sócios *gerentes ou ostensivos* que vão pessoalmente a juízo em seu nome próprio individual e são pessoalmente credores e devedores de terceiros. Não tem firma ou razão social. É o sócio *gerentes ou ostensivos* que usa da sua firma individual. A sociedade em conta de participação não tem sede ou domicílio especial, salvo se os sócios convencionarem uma sede para servir de centro das operações financeiras ou para competência dos juízes e tribunais em caso de demanda ou ações judiciais. Não tem capital, embora entre os sócios possa haver um fundo social.
> 5- As quotas de fundo de cada sócio *oculto ou participante* são entregues ao sócio *gerente ou ostensivo*.
> 6- A sociedade em conta de participação não pode ser declarada falida. Somente os sócios gerentes ou ostensivos podem incorrer em falência, porque somente eles são os contratantes.
> 7- Os sócios *ocultos ou participantes* ficam obrigados para com os sócios *gerentes ou ostensivos* por todos os resultados nas transações e obrigações sociais empreendidas nos termos precisos do contrato e, por sua vez, o sócio ostensivo tem a obrigação de repartir entre os participantes os resultados das operações na forma ajustada e o direito de exigir-lhes a contribuição nas perdas.
> 8- As sociedades em conta de participação dissolvem-se pelos mesmos motivos que as outras sociedades e especialmente quando se termina o negócio para que foi ela instituída.
> 9- Ainda pelo mesmo motivo, a dissolução dessa sociedade não é seguida da liquidação e partilha, como nas outras sociedades. Nas relações entre os sócios dá-se somente um ajuste de contas sobre os lucros ou prejuízos do negócio empreendido. Estas contas devem ser prestadas pelo sócio ostensivo aos participantes.
> 10- Os negócios realizados pelo sócio ostensivo são negócios deste. Somente ele é o competente para liquidá-los como seus e prestar contas aos demais sócios dos resultados obtidos ou dos prejuízos verificados.

A constituição preliminar do Fundo de Melhoramentos deu-se com o valor de Cr$ 1.000.000.00, por meio de uma escritura pública, no Cartório de 1º Ofício Jacarandá, sendo o montante total formado pelos seguintes participantes [(669)]:

N.	Nome	Sócio	Valor (Cr$)
1	Rubem Siqueira Maia (rotariano)	Ostensivo	50.000,00
2	Cecy Federici	Oculto	50.000,00
3	Evandro Caetano de Lima (rotariano)	Oculto	50.000,00

669 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 16, 1ª quinzena, abr. 1960, p. 1.

4	Joaquim Alves Júnior	Oculto	50.000,00
5	José Riscala Albeny (rotariano)	Oculto	50.000,00
6	Júlio Travassos Carvalho	Oculto	50.000,00
7	Maurício Antônio Anacleto (rotariano)	Oculto	50.000,00
8	Moacyr de Avila	Oculto	50.000,00
9	Narciso Drummond Tôrres (rotariano)	Oculto	50.000,00
10	Pedro Sampaio Guerra (roatriano)	Oculto	50.000,00
11	Wenceslau Martins Araújo (rotariano)	Oculto	50.000,00
12	Jose penha Cysne	Oculto	25.000,00
13	Alberto Giovanoni	Oculto	25.000,00
14	Orlando Milanez	Oculto	25.000,00
15	Marco Túlio Viana (rotariano)	Oculto	25.000,00
16	José de Araújo Morais (rotariano)	Oculto	25.000,00
17	Virgílio Hélio Mosci (rotariano)	Oculto	25.000,00
18	José Maria Rolim (rotariano)	Oculto	25.000,00
19	Franscisco de Paula e Silva Júnior (rotariano)	Oculto	25.000,00
20	José Augusto Joaquim Moreira (rotariano)	Oculto	25.000,00
21	Ricardo Moreira Xavier (rotariano)	Oculto	25.000,00
22	Geraldo Perlingeiro Abreu (rotariano)	Oculto	25.000,00
23	Nestor Cotta Figueiredo (rotariano)	Oculto	25.000,00
24	José Inácio Fernandes (rotariano)	Oculto	25.000,00
25	Antônio Procópio Torres (rotariano)	Oculto	25.000,00
26	Ivan de Campos Belo	Oculto	25.000,00
27	Luiz Gonzaga Bueno (rotariano)	Oculto	25.000,00
28	João Sotero Bragança	Oculto	25.000,00
29	Joaquim César Santos (rotariano)	Oculto	25.000,00
Total			1.000.000,00

Quadro 9 – Integrantes de formação do capital de constituição do fundo de melhoramentos, 1960.

Rubem Siqueira Maia tornou-se o sócio *gerente* do Fundo de Melhoramentos, conforme informa a Escritura Pública: “resolveram [os sócios participantes], por conveniência recíproca, reunir e conjugar bens em moeda do país, sob forma jurídica de condomínio aberto **a ser gerido** pelo Dr. Rubem Siqueira Maia” [(670)] (grifo nosso). Como se não bastasse é reiterado: “Neste ato entregam como de fato têm **entregue** ao Dr. Rubem Siqueira Maia, os bens que constituirão o acervo inicial do Fundo de Melhoramentos e que são representados pela importância de Cr.

[670] *Escritura Pública de Constituição de Fundo de Melhoramentos*. Livro n. 6, folhas 1-4. Cartório Jacarandá (1º Ofício de Notas), Coronel Fabriciano, 25 mar. 1960.

1.000,000,00 [...]" [(671)] (grifo nosso). E ainda mais é informado: "Pelo Dr. Rubem Siqueira Maia, me foi dito [ao tabelião] que aceitava, em todos os termos e condições, o encargo de Administrador do Fundo de Melhoramentos [...] [(672)].

Os custos para execução do edifício e do clube de lazer estavam previstos em Cr$ 50.000.000,00. Todavia, o capital levantado pelo sócio ostensivo em conjunto com os sócios participantes representava apenas 1 % (um porcento) do montante estimado para concretização do projeto. Mas o regimento da escritura pública permitia admissão de novos quotistas: "autorizam ao Dr. Rubem Siqueira Maia a **admitir novos titulares** de frações ideais ou quotas de investimentos [...] [(673)]. Foi por meio desta cláusula que novos sócios foram admitidos e com isso incrementado mais capital. O administrador do fundo, Rubem Siqueira Maia, poderia contratar uma firma especializada em venda de quotas: "é facultado ao Administrador contratar pessoa ou firma especializada para colocação das quotas do fundo, orientação técnica, organização, consultoria administrativa, jurídica e contábil e administração de negócios levando as despesas decorrentes, à débito da conta de resultados do fundo" [(674)]. Foi baseada nessa cláusula, que Rubem Siqueira Maia, como sócio ostensivo do Fundo de Melhoramentos, que contratou a Campos Paulino Sociedade Anônima para lançar quotas na em Coronel Fabriciano [(675)]. Em junho de 1960, já haviam auferido, através da vendas de quotas, Cr$10.000.000,00 somente no município de Coronel Fabriciano [(676)].

---

671 Idem.
672 Idem.
673 Idem.
674 *Escritura Pública de Constituição de Fundo de Melhoramentos*. Livro n. 6, folhas 1-4. Cartório Jacarandá (1º ofício de notas), Coronel Fabriciano, 25 mar. 1960.
675 Embora fosse, Coronel Fabriciano (sede e distritos: Ipatinga, Melo Viana e Timóteo), o mercado principal para o lançamento da venda de quotas, houve compradores de outros lugares tais como: Bom Jesus do Galho (2), Antônio Dias (2), Mesquita (22), Monlevade (14), Nova Era (9), Caratinga (11), São Domingos do Prata (11), Teixeiras (1), Rio de Janeiro (1), Belo Horizonte (14), Iapú (7) Sabará (4), Ipaba (3), Cachoeira Escura (4), São Pedro dos Ferros (4), São José do Goiabal (9), Vitória (13) , Governador Valadares (12), Açucena (6), Marliéria (1), Jaguaraçú (2) Braúnas (2), Raul Soares (1), Nova Lima (10), Itabira (3), Três Marias (1), Barra do Cuieté (1), Paraíso (1), Resplendor (2), Mantena (1), Naque (1), Joanésia (6), Itabira (3). O número de quotistas fora de Coronel Fabriciano não é menos que 186 (cento e oitenta e três), já que esses números representam apenas uma lista de quotistas inadimplentes divulgada no jornal *Flan* no ano de 1966. Essa lista de inadimplentes com o Fundo de Melhoramentos contém os nomes de 568 devedores, sendo 382 residentes em Coronel Fabriciano (incluso Ipatinga e Timóteo) e 186 de outras localidades citados acima. Cf. Jornal *Flan*, 3 set. 1966, p. 10.
676 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 21, 2ª quinzena, jun. 1960, p. 1.

O terreno onde seria construído o hotel pertencia à Belgo-Mineira. Esse terreno de 2.560 metros quadrados foi vendido pelo preço de Cr$ 2.048.000,00 (677). Não foi possível iniciar as obras nele imediatamente, porque justamente naquele local funcionava a antiga e tradicional pensão da Dona Raquel. Por isso, o início das construções se deu com atraso. Haveria primeiro de deslocar a pensão de Dona Raquel para outro lugar.

Em junho de 1961, o terreno já estava liberado e a construção da pequena pensão já havia sido demolida. Começaram a bater estacas para dar início às construções. A pedra fundamental foi lançada com a presença de representantes das empresas industriais e do poder público. A Igreja também esteve presente, através do padre Francisco Stroomer. Na ocasião de seu discurso, o padre expressou o seu sentimento:

> Prezados amigos, foi com imenso prazer que aceitei o convite de assistir ao lançamento da primeira pedra e de presidir a bênção desta obra gigantesca na sua fase inicial. Feliz esta construção que com Deus começa e de Deus espera seu prosseguimento normal. Este prédio é de responsabilidade tremenda. Inúmeras pessoas sacrificaram as economias pra dignificarem a nossa Cidade, que precisava dum Hotel à altura. Não foram levadas pela ganância de lucros fabulosos e sim pela convicção da necessidade duma hospedagem sadia, confortável e digna dos nossos visitantes. Vários quotistas confidencialmente me confessaram esta sua atitude. Poucos são os moradores da nossa cidade que aqui nasceram; muitos, porém vieram aqui em caracter permanente, já viram seus filhos nascer aqui e juntos com estes já estão sentindo em seu coração esse amor à cidade, amor tão indispensável para o verdadeiro progresso. Eis o significado sublime e o valor inegável deste empreendimento. Termino com as palavras da benção da Igreja, pedindo que a Sabedoria de Deus acompanhe e complete a obra com Êle e por Êle começada (678).

A construção do clube seria feita no fundo do lote, com uma varanda grande para o lado do rio Piracicaba. A piscina seria construída na frente do prédio, com jardins e outros atrativos próprios para sócios e seus familiares.

Ao mesmo tempo, era anunciada na página impressa, a necessidade de os quotistas pagarem as prestações atrasadas para não ocasionar interrupção das obras (679). Ao

677 Idem, ano 2, n. 35, 2ª quinzena, jan. 1961, p. 1.
678 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 45, 11 jun. 1961, p. 1.
679 Idem, ano 2, n. 44, 4 jun. 1961, p. 1.

que tudo indica, isso surtiu efeito devido ao fato de que, em setembro de 1961, a primeira laje já estava concretada. Em dezembro do mesmo ano, foi informado aos leitores do jornal o lançamento da segunda série de quotas.

É interessante notar que, em setembro de 1962, foi anunciado pelo jornal *Canaã* que o Silvânia Palace Hotel seria um dos locais em que funcionaria a Secção Eleitoral. Os títulos de eleitores com o número de 1 a 1400 votariam no Grupo Escolar "Pedro Calmon"; os de 1401 a 2200 no Salão Paroquial; 2201 a 2200 na Coletoria Federal; 2401 a 2600 no Fórum e, finalmente, os números 2601 a 4601 no Silvânia Palace Hotel. Mais de dois mil eleitores foram selecionados para votarem no prédio (hotel) somente com alvenaria já pronta.

Foram construídos um edifício com três pavimentos: o pavimento térreo onde se localizava o restaurante. E vinte salas com área de 23,10 m² (vinte e três metros e dez centímetros) no segundo e terceiro pavimento [(680)]. No que tange ao restaurante, informa Narciso Drummond Tôrres:

> Para este hotel veio um português carimbado de Sr. Silva para gerenciar o restaurante. Esse hotel foi muito bom para a cidade. Construção moderna quase que não existia em Coronel Fabriciano e o Silvânia foi uma construção moderna. Coronel Fabriciano se tornou o centro da hospedagem na região. Mas isso durou apenas alguns anos. Com o crescimento das cidades de Acesita e de Ipatinga, o hotel já não conseguiu mais sobreexistir [(681)].

Narciso Drummond Tôrres afirma que a inflação dos anos sessenta desvalorizou significativamente o capital auferido pela venda das quotas: "naquele tempo já havia uma boa inflação. A inflação já estava começando feroz. Um pacote de vinte cinco mil cruzeiros num tempo de dois a três anos tinha o seu valor real bem menor. A inflação fez com que a construção do hotel entrasse em dificuldade" [(682)].

---

680 *Laudo de Avaliação de Bens para Cotação de Mercado*. AGB – Avaliadora Geral de Bens Ltda. Belo Horizonte, 30 de junho de 1989, p. 4.
681 TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 3 mai. 2003.
682 Idem

O certo é que, diante da inflação dos anos sessenta e de uma relativa inadimplência por parte de alguns quotistas, o clube recreativo que fazia parte do projeto não foi construído. Somente o hotel teve sua execução concluída.

Há quem diga que esse fundo entrou em falência. Todavia, ao checarmos uma parte da documentação relativos ao Fundo de Melhoramentos no escritório do Edifício Silvânia, percebemos que existe um patrimônio não menos que R$ 1.000,000,00 (hum milhão de reais) [(683)]. Inevitavelmente, conforme reza os contratos, ao ser vendido o patrimônio serão distribuídos, entre os quotistas do fundo, os valores proporcional ao capital investido. A rigor, podemos afirmar que o capital que cada quotista aplicou ao Fundo de Melhoramentos (na maneira de *sociedade em conta de participação*) encontra-se disponível em forma de patrimônio, que uma vez dissolvida a sociedade em conta de participação, o capital retornará a cada investidor ou descendente (s) do mesmo.

Ao que tudo indica, não se pode em momento algum falar de falência do Fundo de Melhoramentos de Coronel Fabriciano, visto haver patrimônio para distribuição entre os sócios *ocultos ou participantes*. Além disso, o *Tratado de Direito Comercial Brasileiro* esclarece perfeitamente que os quotistas da *Sociedade em Conta de Participação* deve arcar, se exigido pelo sócio oculto ou ostensivo, os prejuízos incorridos nos empreendimentos.

> A sociedade em conta de participação não pode ser declarada falida. Somente os sócios *gerentes* ou *ostensivos* podem incorrer em falência, porque somente eles são os contratantes. **Os sócios *ocultos* ou *participantes* ficam obrigados para com os *sócios gerentes* ou *ostensivos* por todos os resultados nas transações e obrigações sociais** empreendidas nos termos precisos do contrato e, por sua vez, o sócio ostensivo tem a obrigação de repartir entre os participantes os resultados das operações na forma de

[683] O patrimônio do Fundo de Melhoramentos foi avaliado em 30 junho de 1989 pela AGB (Avaliadora Geral de Bens Ltda. O patrimônio total (dois terrenos e o edifício Silvana) foram avaliados em NCz$ 1.950.740,00 (hum milhão e novecentos e cinqüenta mil, setecentos e quarenta cruzados novos). Segundo a AGB a avaliação foi feita com minusiosidade e com base no mercado local e com apuração dos valores médios, unitários e básicos. Nesse período, esse valor avaliado foi correspondido em dólares: US$ 1.300,493 (hum milhão, trezentos mil, quatrocentos e noventa e três dólares). Cf. *Laudo de Avaliação de Bens para Cotação de Mercado*. AGB – Avaliadora Geral de Bens Ltda. Belo Horizonte, 30 de junho de 1989, p. 6.

> ajustada e o **direito de exigir-lhes a contribuição nas perdas** [684] (grifo nosso)**.**

Não temos notícias dos sócios *ocultos* ou *participantes* (os quotistas) terem sidos conclamados para contribuírem com as perdas do Fundo de Melhoramentos. Se o Fundo de Melhoramentos tem um saldo positivo em conta bancária [685] além do patrimônio avaliado acima de R$ 1.000.000,00 (hum milhões de reais) não podemos falar em falência desse fundo. O que se pode afirmar corretamente diz respeito ao projeto de construção do clube social com piscinas e quadras, que fazia parte do projeto, mas que não chegou a ser materializado em razão dos motivos elencados acima.

8.6 CLUBE RECREATIVO

> *A Casa de Campo, antes de ser esse clube recreativo, era uma casa de hospedagem da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, na qual recebia seus ilustres visitantes* [686].

> *Por volta de fevereiro de 1966, houve uma reunião composta de sócios do Lions Club e do Rotary Club e aventou-se a hipótese da compra da Casa de Campo da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira para construir um clube recreativo* [687].

> *De fato, o clube recreativo Casa de Campo foi fundado sob os auspícios do Rotary Club e do Lions Club* [688].

Em 1952, foram criados, em Acesita, dois clubes que marcaram muito a sociedade do distrito de Timóteo: o *Elite Clube* e o *Clube Operário*. No ano seguinte, o centro de Coronel Fabriciano também passou a ter o seu próprio clube, denominado de *Clube Sete de Setembro*.

---

684 MENDONÇA, José Xavier Carvalho de. *Tratado de direito comercial brasileiro*. 5. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Livraria Freitas Bastos S/A, 1959, v. 4, livro 2, parte 3, p. 237.
685 Os valores dos alugueis das lojas e salas do edifício Silvânia são depositados em conta bancária própria do Fundo de Melhoramentos.
686 TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 3 mai. 2003.
687 Idem, [22 jan. 2003], Coronel Fabriciano.
688 Idem, [03 mai. 2003], Coronel Fabriciano.

O jornalista José Rodrigues do Amaral, cognominado Carioca, observou na época que a comunidade em torno da Companhia Acesita e a comunidade de Coronel Fabriciano tinham vidas sociais diferentes, marcadas pelos seus clubes de *shows*, danças e festas.

> Acesita tinha uma vida dinâmica, um clube social maior e melhor chamado de Elite Club que servia aos funcionários graduados da Companhia Aços Especiais de Itabira. E também foi fundado o Clube dos Operários. Assim era caracterizado a divisão social: Elite Clube e Clube dos Operários. Em Coronel Fabriciano tinha o 7 de Setembro, que era um clube mais acanhado, com um espaço físico bem menor e com menos recursos. Mas a sociedade daqui de Coronel Fabriciano prestigiava muito o seu clube. Havia muitos bailes e grandes orquestras (689).

Embora existisse em Coronel Fabriciano o clube *Sete de Setembro*, não havia, até meados dos anos sessenta, um clube recreativo que tivesse quadras de esporte e piscinas, embora o projeto de construção do Silvânia Pálace Hotel, no início dos anos sessenta, incluísse a construção de um clube recreativo.

Ao que parece, foi o rotariano Geraldo Perlingeiro Abreu quem escreveu um artigo não assinado no jornal *Canãa* de maio de 1960, legitimando a importância de um hotel bom e aberto ao público na cidade de Coronel Fabriciano, uma vez que os melhores locais de hospedagem eram privados às empresas industriais. O viajante que não fosse um convidado dessas empresas ou que não tivesse um amigo que o hospedasse em sua própria casa, dever-se-ia hospedar em uma das pequenas pensões existentes na época. Ao final do texto, de quase 2.000 exemplares, Geraldo Perlingeiro Abreu inicia o seu recado: “Ao viajante, madamos-lhes um recado: volte aqui antes do fim do ano. Verá não só um Hotel, para uma noite bem sonhada, mas também um CLUBE com piscina, que ofereceremos de lambugem” (690) (grifo nosso).

De fato, estava prevista a construção do clube recreativo junto ao Hotel Silvânia, mas a inadimplência de muitos cotistas e a inflação dos anos sessenta, inviabilizou a materialização da totalidade do projeto, deixando na página da história desse programa apenas um ideal não materializado.

---

689 AMARAL, José Rodrigues do. 2003. entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 7 jul. 2003.

690 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 19, 2ª quinzena, mai. 1960, p. 1.

Supondo que o projeto do clube do Silvânia Palace Hotel não haveria mais de se concretizar, conforme se previa e difundia-se na imprensa local, surgiram outros movimentos em prol de construção de um clube em Coronel Fabriciano entre os anos 1964 e 1965. Divulgava-se, por exemplo, no jornal *Flan* o projeto de um clube denominado Country Clube Caladinho:

> Em conversa com nossa reportagem o Sr. Raimundo Rodrigues de Oliveira, um dos incorporadores do Country Clube Caladinho nos informou que já foi elaborado o plano de obras do clube, e a diretoria da Solancol ordenou o início imediato das obras de piscinas, que se não houver nenhum contratempo deverão ser inauguradas até novembro próximo. Disse ainda o Sr. Raimundo Rodrigues Alves de Oliveira que tem havido inúmeros obstáculos, mas todos estão sendo paulatinamente removidos e o Country será uma realidade [(691)].

Temos também em 1965, notícias do nascimento jurídico do *Caiçara Tênis Clube de Coronel Fabriciano*. Com finalidade de promover "reuniões e diversões de caráter social, cultural, cívico, artístico e desportivo" associaram a esse projeto os cidadãos Adalberto Coelho, Adolfo Martins da Costa Quintão, Altair de Souza Barros, Antônio Pessôa de Magalhães, Arthur Eugênio de Araújo, Bento Coelho de Albuquerque, Caetano de Ávila Castro, Carlos Alberto Cotta, Cecí Federici, Celma Deuse Franco, Dinorá Pereira, Élio Rocha Campos, Elloy Valli, Helvécio Bragança, Joaquim Almeida Soares, Joaquim Alvarenga Bretas, Joel Moreira, José Sérgio Henriques, Miguel Ishy, Natércia Bragança, Odail da Silva Resende, Paulo Almir Antunes, Raimundo Martins da Costa Quintão, Raimundo Nogueira, Rubem Maia Filho, Sebastião Barroso Mendonça Costa e Waldetaro Vitorino Dias [(692)]. Embora fossem constituídos os estatutos desse clube, a sede do clube, ao que tudo indica, nem chegou a se concretizar.

Um ano depois, um outro grupo de cidadãos uniu esforços para criar um clube na cidade. Mas em qual lugar seria construída a infra-estrutura de um bom clube? Entre esse grupo de empresários, rotarianos, leoninos, maçônicos e representantes da Associação Comercial, encontrava-se o sócio fundador do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita, Maurício Antônio Anacleto, que afirmava ser a casa de hóspede

---

[691] Jornal *Flan*, Timóteo, ano 1, n. 3, 29 ago. 1964, p. 5.
[692] *Estatutos do Caiçara Tênis Clube de Coronel Fabriciano*, 5 mai. 1965. Coronel Fabriciano: Gráfica Tabajara, 1965, p. 17.

da Belgo Mineira (Casa de Campo) um lugar ideal para se fazer um clube recreativo e desportivo:

> Quando solteiro, eu morei nessa Casa de Campo por dois anos. Eu era praticamente o único habitante no período em que fiquei nessa casa. Eu sempre via naquela construção um local ideal para um clube que quase não existia na nossa região. Existia naquele tempo um clube (Sete de Setembro) no centro da cidade, mas era muito carente. Também sempre via na Casa de Campo um clube recreativo onde os jovens pudessem ter uma piscina para nadar, ficar exposto, porque isso não existia [693].

Antes mesmo da idéia de comprar a Casa de Campo, foram realizados estudos para a compra de um terreno localizado fora do centro de Coronel Fabriciano. O negócio chegou quase a ser fechado, mas não houve aceitação total por parte dos principais interessados na compra das ações. Esse projeto inicial foi abortado.

Começaram a visualizar a Casa de Campo um local de hospedagem da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, na qual se recebiam apenas visitantes convidados: “ali recebia políticos, altos representantes do Estado e da República e ainda funcionários graduados que para aqui vinham [...]. Assim, ali se hospedavam ou residiam governadores do Estado, secretários, ministros, além de médicos, engenheiros e advogados da própria empresa” [694].

Aventou-se, então, a hipótese de se comprar a Casa de Campo da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira. O discurso legitimado para a compra desse terreno ocorreu porque se tinha percebido que o *Clube 7de Setembro* não atendia à demanda populacional crescente da cidade. A idéia era construir um clube maior e melhor. Em razão desse ideal, uniram-se os clubes de serviço, representantes de associações de classe, empresários e comerciantes.

Exatamente em fevereiro de 1966, houve aceitação unânime por parte de leões (Lions Club) e rotarianos na compra da Casa de Campo. A partir disso, deu-se o passo seguinte, que era conversar com o superintendente da Belgo-Mineira, o rotariano Rubem Siqueira Maia, que, na ocasião, encontrava-se na praia de

693 ANACLETO, Maurício Antônio. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 1 ago. 2003.
694 MAIA FILHO, Rubem Winter. Clube casa de campo: uma breve história (manuscrito), sd.

Guarapari. Através de contatos por telefone, Rubem Maia percebendo o desejo de leoninos (Lions Club) e rotarianos de comprar a Casa de Campo, contatou a Belgo-Mineira e conseguiu que a empresa vendesse a primeira parte do terreno de 11.200 m^2, juntamente com a casa de hospedagem.

Com a “bandeira branca” da Belgo-Mineira, os líderes do movimento em prol do clube recreativo colocaram duzentas quotas à venda, das quais cento e setenta e nove foram vendidas. Depois de levantados os fundos, foi dado o veredicto final nos entendimentos com a empresa. A maior parte do custo do terreno foi pago, faltando apenas uma parcela. A Belgo-Mineira, para fechar a negociação, exigiu dois avalistas para garantia dos negócios. O rotariano Narciso Drummond Tôrres e o leonino Mariano Pires Pontes foram os avalistas aceitos sem reservas pela Companhia na negociação. O débito restante foi saldado em pouco tempo, uma vez que não houve atraso no pagamento das quotas.

Com a compra do terreno, foi estabelecida a primeira diretoria do Clube Casa de Campo. O rotariano Pedro Sampaio Guerra foi o indicado para presidente; Rubem Maia Filho, nomeado vice-presidente; Narciso Drummond Tôrres, secretário; Joel Moreira, primeiro tesoureiro e Antônio Souza Penna, segundo tesoureiro.

A construção do clube foi projetada para ter somente duzentos e cinqüenta sócios, mas teve inicialmente somente cento e setenta e nove quotistas. Começaram a construir o clube. Desmancharam as características de hospedagem da antiga sede e começaram a dar ao terreno os contornos próprios de um clube. Na época, era muito usado o sapê para construções de galpões e de chalés. Foi construído no clube um grande galpão redondo de madeira e coberto de sapê. Para isso, conseguiram com a Usiminas a doação da madeira e com a Belgo-Mineira a doação dos sapês. Com a construção do galpão, o clube iniciou seu funcionamento. Concomitantemente, começou-se a construção das piscinas e das quadras de esportes e demais instalações.

A nova feição que se dava ao clube não partiu unicamente dos fundos levantados pelas vendas das quotas. Foram necessários outros recursos para dar continuidade

às construções. Narciso Drummond Tôrres recorda-se de quando a diretoria do clube idealizou uma festa de carnaval para levantar fundos:

> Nós fazíamos cada festa de carnaval para um público de 3000 a 3500 pessoas. Com o dinheiro da festa, demos continuidade às obras do clube, porque só o dinheiro dos quotista não daria para fazer. Nós trabalhávamos muito. No último baile do carnaval, fiquei até às 5 horas da manhã, com muito cansaço [(695)].

Houve de fato muito envolvimento das diretorias e dos interessados no empreendimento de um clube em Coronel Fabriciano. A participação do Rotary Club e Lions Club foi de significativa importância na história do clube Casa de Campo.

> Foi na quarta e quinta diretoria que começou a construção do que hoje é a sede do clube. Adotou-se o mesmo nome da antiga hospedagem da Belgo-Mineira. E foi mudando a feição, embora a sede do clube continuasse nos mesmos moldes da casa que existia lá. Embora fôssemos acrescentando quase tudo, mas sempre com a participação das primeiras diretorias que eram compostas só de rotarianos e leões [696] (Narciso Drummond Tôrres, 21 jan. 2004).

Depois que as diretorias começaram a perder a presença exclusiva de rotarianos e leões, o clube recreativo passou a ter uma nova configuração administrativa e foi se abrindo para novos sócios. De cento e setenta e nove quotistas passou para duzentos e cinqüenta com o transcorrer dos anos, abriram-se mais quotas, chegando hoje a possuir cerca de mil quotistas.

A intenção de se criar um clube recreativo nasceu numa reunião entre os rotarianos e leoninos (associados do Lions Club), nos idos de 1966, na qual se aventou a hipótese de se comprar a Casa de Campo da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira. O discurso legitimado para a compra desse terreno ocorreu porque se tinha percebido que o *Clube 7de Setembro* não atendia à demanda populacional crescente da cidade. A idéia era construir um clube maior e melhor. Em razão desse ideal, uniram-se os clubes de serviço: Lions Club e Rotary Club.

---

[695] TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 3 mai. 200.
[696] Idem [21 jan. 2004], Coronel Fabriciano.

8.7 MATERNIDADE

> *Falando no jantar do Rotary Club, O Deputado Federal Padre Pedro M. Vidigal, entregou ao presidente do Rotary, Dr. Rubem Siqueira Maia, as plantas da maternidade que será construída em Coronel Fabriciano [...]* [(697)].

> *A participação do Rotary Club foi a liderança da construção de toda a base de concreto da Maternidade. Deixamos todas as fundações completas com quarenta pilastras construídas para nivelar o terreno* [(698)].

Em novembro de 1959, o Deputado Federal Padre Pedro Maciel Vidigal encontrava-se na reunião do Rotary Club para entregar ao presidente desse clube de serviço o projeto de construção de uma maternidade com quarenta leitos, que possibilitaria um atendimento a uma população de cento e cinqüenta mil habitantes. Na época, esse parlamentar parecia devidamente engajado quando disse que Cr$ 500.000,00 (quinhentos mil cruzeiros) já estavam depositados numa conta bancária para dar início às obras [(699)]. O discurso do Deputado Pedro Maciel Vidigal foi de que a construção da maternidade teria apoio do Ministro da Educação e Saúde. Ainda assim, fez um apelo aos dirigentes das companhias siderúrgicas Acesita e Belgo Mineira para que colaborassem no empreendimento [(700)].

O local para construção da maternidade fora doado pela Mitra Arquidiocesana de Mariana através do Pe. Pedro Maciel Vidigal. A área escolhida estava localizada ao lado da MG-4 (estrada Belo Horizonte a Ipatinga), depois da ponte sobre o ribeirão Melo Viana (ribeirão do Caladão), sendo o terreno localizado em um plano elevado, com uma bela vista panorâmica [(701)].

---

[697] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 7, 1ª quinzena nov. 1959, p. 1.
[698] TÔRRES, Narciso Drummond. 2004. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 22 jan. 2004.
[699] Jornal *Canaã*. op cit., p. 1.
[700] Idem.
[701] Atualmente, o local onde lançaram os fundamentos ou bases da Maternidade funciona a Secretaria de Saúde da Prefeitura Municipal de Coronel Fabriciano e Superintendência Regional de Ensino.

Para dar início e legalidade à construção dessa maternidade e lactário, instituiu-se uma entidade jurídica denominada de Associação de Proteção à Infância e Maternidade de Coronel Fabriciano – APIMCELFA. Ao que parece, esta entidade tinha sua conta bancária no Banco da Lavoura na "cidade" de Acesita [702].

Em fevereiro de 1960, o jornal *Canaã* anuncia que o terreno havia sido recebido pelo rotariano José Ignácio Fernandes, Coletor Federal do município de Coronel Fabriciano. Foi feita a escritura pública e o registro no Cartório de Registro de Imóveis [703].

O serviço de terraplanagem fora doado pela Belgo Mineira, empreitando a firma Melo & Azevedo [704]. Em março desse mesmo ano, as máquinas começaram o serviço de terraplanagem. A equipe de reportagem do jornal Canaã visitou o local e constatou-se que era um terreno de 10.000 m^2 [705].

O presidente do Rotary Club, Rubem Siqueira Maia, nomeou uma comissão de rotarianos para presidir a construção da Maternidade e foram indicados: Narciso Drummond Torres, Ricardo Moreira Xavier e Nestor Cotta de Figueiredo [706]. Essa comissão ficou responsável por acompanhar e operacionalizar os trabalhos:

> Visitamos e encontramos em franco andamento as obras de continuação da Maternidade e Lactário. Trabalhadores em fundações, pedra, areia, etc., amontoados, comprovavam a atuação positiva dos administradores comissionados, Srs. Narciso Drummond Tôrres, Nestor Cota Figueiredo e Ricardo Moreira Xavier. Até o momento colaboram com a grande obra, além do seu criador, Deputado Padre Vidigal, que depositou em banco, à disposição, a importância de Cr$ 500.000,00, o Sr. Marinho Pires fornecendo pedras gratuitamente; Mitra Arquidiocesana de Mariana, com a doação do terreno; Cia. Siderúrgica Belgo Mineira com o serviço de terraplanagem. Espera-se que as demais companhias sediadas no município também dêem a sua colaboração uma vez que a

[702] TÔRRES, Narciso Drummond. 2004. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 22 jan. 2004.
[703] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 12, 1ª quinzena fev. 1960, p. 1.
[704] Idem,
[705] Idem, ano 1, n. 14, 1ª quinzena, mar. 1960, p. 1.
[706] Idem, ano 1, n. 20, 1ª quinzena, jun. 1960, p. 2-3.

> maternidade irá servir, não somente à cidade, mas todo o município e a elas próprias [707].

Todavia, para a imprensa, a construção da maternidade já começava a desacelerar-se em junho de 1960, embora nesse período os alicerces já estivessem quase prontos. O rotariano José Riscala Albeny havia recebido nesse período um telegrama do deputado Pe. Pedro Vidigal, comunicando-lhe que todo mês seria depositado no Banco Itaú, agência de Nova Era, a quantia de Cr$ 300.000,00 para pagamento de mão-de-obra [708].

A Companhia Aços Especiais Itabira também ofereceu para esse empreendimento cem metros quadrados de brita, e a Belgo Mineira ofereceu os serviços de transporte gratuitos. Em agosto de 1960, nesse terreno começou a serem colocados os tijolos, areia, pedra e água encanada. A Acesita não se eximiu de fornecer administração técnica para cálculo de vigas e fundações, através do engenheiro Carlos Pereira Vieira [709].

Também houve doação de um caminhão de cimento por parte da Usiminas e duas toneladas de ferragem da Acesita [710].

Toda a compra de materiais e pagamento de mão-de-obra era efetuada com cheque. A comissão formada por rotarianos fazia questão de fazer os pagamentos desse modo para evitar quaisquer transtornos na prestação de contas [711].

Era uma enorme construção, e todos pensavam que a manutenção da maternidade seria financiada pelo Governo Federal [712].

---

707 Idem, ano 1, n. 22, 1ª quinzena, jul. 1960, p. 1.
708 Idem, ano 1, n. 23, 2ª quinzena, jul. 1960, p. 1.
709 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 25, 2ª quinzena, ago. 1960, p. 1.
710 Idem, ano 2, n. 26, 2ª quinzena, set. 1960, p. 6.
711 TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 3 mai. 2003.
712 Idem.

Houve um momento em que as verbas pararam de vir. A comissão de rotarianos responsável pelo levantamento da obra resolveu prestar relatório à Secretaria do Governo Federal, ao Ministério da Educação e Cultura - MEC e ao ministro Mário Pinoti. O Governo Federal declarou que não estava informado sobre a construção de maternidade em Coronel Fabriciano. Narciso Drummond Tôrres concluiu disso que as verbas que vieram do Pe. Pedro Maciel Vidigal eram meras subvenções que aos Deputados Federais eram disponibilizados para os locais que eles desejassem (713).

Como não vieram mais verbas, a Associação de Proteção a Infância e Maternidade de Coronel Fabriciano – APIMCELFA, anos depois, cedeu a área do terreno e as bases com quarenta colunas prontas à Prefeitura Municipal de Coronel Fabriciano (714).

Ao que parece, esse projeto da maternidade foi formulado sem planejamento econômico, embora estivesse submetido a um jogo político (intenção de ganhar prestígio eleitoral) por parte do Pe. Pedro Maciel Vidigal.

Porque os sócios fundadores entraram nesse projeto? Algumas respostas podem ser aqui elencadas: a)- o deputado havia ido ao Rotary Club solicitar ajuda para realização desse empreendimento; b)- o terreno seria uma doação da Mitra Arquidiocesana; c)- disponibilização de um capital inicial depositado na conta bancária. Desse modo todos acreditaram na solidez do projeto. Infelizmente, esse grande empreendimento não teve sua concretização.

---

713 TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 3 mai. 2003.
714 Idem.

8.8 TELEFONIA

> *Coronel Fabriciano não tinha telefone. Todos nós éramos capiau. Ninguém sabia muito bem como era a telefonia, nem mesmo como funcionava. Só havia telefone em Belo Horizonte. A gente não tinha nenhuma noção de telefonia* [(715)].

Em 5 de agosto de 1959, em uma reunião do Rotary Club de Coronel Fabriciano, discutiu-se a criação de uma empresa para explorar o serviço telefônico automático na cidade de Coronel Fabriciano. A convite do Rotary, Laercio Byrro, diretor técnico da telefônica de Governador Valadares, proferiu uma palestra, ressaltando que instalar uma telefônica requeria recursos financeiros, boa vontade, organização, planejamento e amor à causa. Como não se bastasse, expressou: “se os realizadores desse assunto esperarem recompensas financeiras ou reconhecimento do público, desistam da idéia de uma vez”. Seria o discurso de Laércio Byrro tão pessimista ou era nada mais que uma fala realista? O palestrante, ao entrar no âmbito financeiro, ressaltou: “o empreendimento não será inferior a Cr$ 8.000.000,00”. E ainda acrescentou, “não há mais nenhum grupo financeiro hoje em dia que suporte o encargo”. Laércio Byrro queria dizer com isso que, se os rotarianos desejassem implantar uma Companhia Telefônica em Coronel Fabriciano com extensão à Acesita e Ipatinga, teriam que levantar recursos próprios, ou melhor, engendrar autofinanciamento [(716)].

Para se ter uma idéia do valor desse empreendimento, o jornal *Canaã* de primeiro de agosto de 1959, em sua última página, informa que o valor do salário mínimo na região era de Cr$ 4.300,00 [(717)]. Logo, o autofinanciamento significava cerca de 1.860 salários mínimos. O preço do jornal *Canaã* nesse período era de Cr$ 3,00 [(718)]. Quem detivesse um salário mínimo poderia comprar 1.433 exemplares desse jornal. Com esses dados da época, pode-se concluir que o custo mínimo para implantar a Telefônica daria para comprar não menos que 2,6 milhões exemplares do jornal

---

715 TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 3 mai. 2003.
716 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 2, 2ª quinzena, ago. 1959, p. 1.
717 Idem, ano 1, n. 1, 1º ago. 1959, p. 6.
718 Idem, ano 1, n. 2, 2ª quinzena, ago. 1959, p. 1.

Canaã [719].

O palestrante valadarense declarou ao então prefeito, Rufino da Silva Neto, também presente nessa reunião do Rotary, que os postes existentes na cidade deveriam ser relocados, porque o alto custo da Telefônica era devido à grande extensão da rede no espaço entre os distritos de Acesita e Ipatinga [720].

Ao que tudo indica, a nota tônica do palestrante foi a dos percalços a serem vencidos. Entretanto, um dos ouvintes da palestra, o secretário do Rotary, Geraldo Perlingeiro Abreu, declarou poucos dias depois no jornal *Canaã*, sob o pseudônimo de Erasmo de Campanário, que os rotarianos estavam animados para enfrentar o problema, [721] mesmo porque estavam informados de que a Acesita estaria para implantar uma linha até a Usiminas, o que significava diminuição dos custos [722].

Em várias reuniões debatia-se a possibilidade de implantar a Telefônica. Estudaram o assunto e conclamaram a vinda de técnicos para levantar o real custo do empreendimento. Em outubro de 1960, os técnicos da Ericson chegaram a Coronel Fabriciano para fazer o orçamento da instalação da Telefônica completa. Levantaram de início sessenta reservas de telefones residenciais e comerciais [723].

Na reunião do Rotary Clube, um dos técnicos da Ericson explanou com minúcias os dados técnicos e forneceu as orientações da criação da Telefônica. Como era de se esperar, enfatizou também a qualidade de suas aparelhagens como uma das melhores. Diante desse discurso do técnico, o rotariano e presidente da Associação Comercial de Coronel Fabriciano, Wenceslau Martins Araújo, não se conteve em externar aos presentes nessa reunião do Rotary seu apoio e colaboração com o projeto [724].

---

719 Já em novembro de 1960 o jornal *Canaã* era vendido a Cr$ 4,00 e um pão com peso de 90 gramas Cr$ 0,55. Podemos concluir com esses dados que Cr$ 4,00 comprava-se cerca 7 pães e, ao passo que o capital mínimo para criação da telefônica automática significava o poder de compra de 14,5 milhões de pães de 90g. Cf. Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 31, 2ª quinzena, nov. 1960, p. 3-4.
720 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 2, 2ª quinzena, ago. 1959, p. 1.
721 Idem, ano 1, n. 4, 2ª quinzena, set. 1959, p. 3.
722 Idem, ano 1, n. 2, 2ª quinzena, ago. 1959, p. 1-2
723 Idem, ano 2, n. 29, 2ª quinzena, out. 1960, p. 1.
724 Idem.

Um mês depois esteve também na reunião do Rotary o diretor da Siemens, Wolfang Georg Buhler, fazendo uma exposição dos equipamentos de sua firma [725].

Ficou estabelecido entre os rotarianos que os equipamentos e as instalações seriam postos em concorrência pública. E que, naturalmente, ganharia a concorrência a firma que melhor material, preço e serviço fornecessem [726].

A implantação de uma Companhia Telefônica para a época era, sem dúvida, uma iniciativa arrojada. Contudo, a página impressa anunciou que a proposta de instalação de telefones na cidade de Coronel Fabriciano obteve adesão espontânea da população e dos poderes públicos. Em pouco tempo, já estavam garantidos cento e cinqüenta aparelhos através da venda de ações [727].

Garantida a venda das ações, restava a convocação de todos os quotistas para eleição da primeira diretoria, criando, assim, juridicamente uma sociedade com o seu devido estatuto. Em 27 de novembro de 1960, já estava fundada definitivamente a Companhia Telefônica, faltando apenas o registro em Cartório e na Junta Comercial de Minas Gerais. Em Assembléia Geral no Cine Glória, foi aprovado o estatuto e constituída primeira diretoria. Os quotistas elegeram o rotariano Narciso Drummond Tôrres como diretor presidente, o rotariano Nestor Cota de Figueiredo como tesoureiro e, como parte do conselho fiscal, foram eleitos ainda Manoel Joaquim Pires, Oscar Sales e Pedro Rolim Filho. Na solenidade, todos os eleitos foram empossados nos respectivos cargos. Narciso Drummond Tôrres, eleito como presidente da Companhia Telefônica, declarou publicamente que tomaria as providências para registrar a Companhia o mais depressa possível, embora contasse no decorrer da organização da nova empresa, com a colaboração profícua de Raimundo Nonato Pessoa que era um representante da Ericson do Brasil [728].

Depois disso, ficou marcada para 11 de janeiro do ano seguinte a abertura das

---

725 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 31, 2ª quinzena, nov. 1960, p. 1.
726 Idem.
727 Idem.
728 Idem, ano 2, n. 32, 1ª quinzena, dez. 1960, p. 1.

propostas para a instalação da Central Telefônica. Todas as firmas especializadas no ramo poderiam se manifestar na concorrência. A comissão julgadora convidada pela diretoria da Companhia Telefônica fora composta por pessoas com idoneidade técnica [729].

Às 20 horas do dia 11 de janeiro, no *Clube Sete de Setembro*, participaram da concorrência as companhias Standar Elétrica, Ericson do Brasil e a Siemens do Brasil [730]. Vale dizer que a representação da Standar só chegou no dia da concorrência.

> Quando chegou o dia da concorrência, apareceu um senhor que me procurou e me disse: 'eu sou um funcionário da Standar Elétrica e quero participar da concorrência, apesar de chegar na última hora' e eu disse para ele: 'perfeitamente. Os representantes das outras firmas não queriam que ele participasse da concorrência, mas nós permitimos que assim se fizesse [731].

A sessão para o recebimento e a abertura das propostas foi dirigida pelo rotariano Narciso Drummond Tôrres e, a Comissão Julgadora era composta por Renato Machado, José Mauro Fonseca, José Wood, José Eulálio Pinto e Laercio Byrro, este último presidente da Cia. Telefônica de Governador Valadares, além do rotariano Rubem Siqueira Maia. Tomaram parte da mesa da presidência o presidente do Rotary, José Augusto Joaquim Moreira, e os vereadores Rafael da Cunha, Mário Aquino e Ramiro Camargo. Narciso Drummond Tôrres, ao abrir a sessão, convidou os representantes das companhias para que apresentassem as propostas da sua empresa.

> O interessante é que o representante da Standar Elétrica trouxe a proposta de um equipamento que seria o primeiro a ser instalado no Brasil que chamava Pentaconta, para trezentas linhas com condições de ser ampliada para quatrocentas linhas e, além disso, era automático, ao passo que dos outros concorrentes eram semi-automático e não ultrapassava duzentos telefones. E foi "aquela água" nos representantes da Siemens e no da Ericson. Os representantes dessas duas últimas empresas não queriam que o sujeito da Standar participasse da concorrência alegando que ele não tinha sido convidado. Houve muita briga e discussão. Mas a Comissão Julgadora era muito independente e permitiu que a Standar Elétrica participasse também da concorrência [732].

---

729 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 34, 1ª quinzena, jan. 1961, p. 1 e 3.
730 Idem, ano 2, n. 35, 2ª quinzena, jan 1961, p. 1 e 4.
731 TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 3 mai. 2003.
732 TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 3 mai. 2003.

O resultado da Comissão Julgadora ficou para ser divulgado posteriormente. Em razão das vantagens tecnológicas, a firma anunciada como ganhadora para a execução das obras na cidade foi a Standar Elétrica do Brasil [733].

Em abril de 1961, o presidente da Companhia Telefônica Narciso Drummond Tôrres concedeu uma entrevista ao jornal *Canaã*, informando o acordo assinado com a Prefeitura Municipal, concedendo à referida Companhia Telefônica um prazo de vinte e cinco anos de exclusividade na prestação de serviços telefônicos em Coronel Fabriciano. Anunciou também o local da futura Central Telefônica, que seria em um espaço privilegiado em razão da rede de cabos. O terreno foi cedido pela Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira por um preço acessível. Nas palavras finais, Narciso Drummond Tôrres informa que a firma ganhadora da concorrência, Standar Elétrica, iniciaria os serviços na segunda quinzena de abril [734].

Ainda no mês de outubro, o prédio da Companhia Telefônica teve a sua laje concretada [735]. E, precisamente, no dia 22, os montadores da Standar Elétrica do Brasil chegaram a Coronel Fabriciano, trazendo equipamentos e materiais para a montagem da primeira fase da rede local. Os técnicos estudaram a execução da rede e do equipamento automático, visualizando uma sincronização com os serviços da telefônica de Minas Gerais [736] para, posteriormente, interligar a rede local de Coronel Fabriciano com a rede de Belo Horizonte [737]. Isso seria possível porque de Belo horizonte estaria brevemente ligada uma rede telefônica à cidade de Ipatinga, tão logo a Usiminas começasse a operar, em 1962 [738]. Tanto é que o rotariano Narciso Drummond Tôrres, em 2 de agosto de 1962, foi convidado por Emílio Jacques de Morais a comparecer em Belo Horizonte para tratar da efetiva ligação do serviço telefônico interurbano com a capital mineira. O encontro se deu no escritório da Usiminas, onde o assunto foi discutido [739].

733 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 38, 1ª quinzena, abr. 1961, p. 1.
734 Idem.
735 Idem, ano 3, n. 60, 8 out. 1961, p. 1.
736 Idem, ano 3, n. 62, 22 out. 1961, p. 1.
737 Idem, ano 3, n. 69, 6 jan. 1962, p. 1.
738 Idem.
739 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 3, n. 89, 8 ago. 1962, p. 1.

Conforme a página impressa, os relatórios da Companhia Telefônica eram elaborados com muita transparência. Em abril de 1962, a Diretoria convidou os quotistas para apreciarem e deliberarem acerca do balanço e da demonstração de contas, de lucros e perdas, relativas ao exercício de 1961 (740). Além disso, ficavam à disposição os documentos referentes aos dados financeiros da Companhia. Além da reunião com os quotistas, o relatório do balanço foi publicado no jornal *Canaã*, no dia 6 de maio de 1962 (741).

Embora no decorrer dos meses a Telefônica de Coronel Fabriciano estivesse sempre em processo de construção, a sua concretização era constantemente adiada. Afirma Narciso Drummond Tôrres que a instalação da Companhia Telefônica teve seu atraso devido ao fato de os equipamentos serem importados e de haver pouco incentivo do Governo Federal (742). Várias datas foram previstas e anunciadas na página impressa no que se refere à chegada dos restantes dos equipamentos necessários para o término do serviço, mas elas foram postergadas por várias vezes (743). Essas dificuldades são mais bem entendidas quando contextualizadas com as condições políticas dos anos sessenta. Sob esse aspecto, explica Narciso Drummond Tôrres:

---

740 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 3, n. 79, 12 abr. 1962, p. 1.

741 Idem, ano 3, n. 80, 6 mai. 1962, p. 6.

742 TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 1 ago. 2003.

743 Por força contratual, a data de entrega da telefônica deveria ser em **outubro de 1962**. Cf. Jornal *Canaã*, 16 set. 1962 (n. 93), p. 1. Tanto é que foi noticiado na imprensa que os trabalhos de instalação já estariam prontos com dois meses de antecedência: "Plenamente vitorioso o empreendimento que a telefônica de Cel. Fabriciano [...]. Em **junho** (1962) esta cidade terá os automáticos em pleno funcionamento" (grifo nosso). Cf. Jornal *Canaã*, 8 out. 1961 (n. 60), p. 1. Chegou junho, julho e agosto de 1962 e nada de encerramento das obras. Em setembro o jornal C*anaã* notifica na página manchete: "Telefone só em janeiro de 1963" – "Muito embora venha a nossa empresa cumprindo religiosamente todas as cláusulas do contrato firmado com a Standar Electra S. A. não será possível a esta entregar o serviço telefônico local, funcionando, dentro do prazo contratado, ou seja, **outubro** próximo" (grifo nosso). Cf. Jornal *Canaã*, 16 set. 1962 (n. 93), p. 1. Embora fosse adiado para janeiro de 1963, somente em março de 1963 divulgou-se na imprensa: "A Standar Elétrica do Brasil, responsável pelo moderno equipamento assentado em Coronel fabriciano, acaba de telegrafar ao Sr. Narciso Tôrres, presidente da nossa telefônica, que o restante (do) equipamento importado já está sendo desembarcado na alfândega, devendo estar aqui nos próximos 10 dias. Como o serviço da telefônica está praticamente instalado, **dentro de pouco mais de 20 dias** a cidade passará a contar com o automático em funcionamento" (grifo nosso). Cf. Jornal *Canaã*, 10 mar. 1963 (n.103), p. 1. Se em março de 1963 os equipamentos importados já estavam na alfândega, ainda em junho deste mesmo ano os equipamentos se encontravam em processo de instalação: "Já se encontram na cidade, **desde a semana passada**, (fins de maio de 1963) os técnicos da Standar Elétrica, encarregados da montagem da central telefônica. Segundo palavras do Sr. Moura, chefe da equipe, Cel. Fabriciano dentro de poucos meses poderá se orgulhar de contar com um serviço telefônico modelar equiparado aos mais modernos do mundo" (grifo nosso). Cf. Jornal *Canaã*, 1º jun. 1963 (n. 104), p. 2.

> Montar Companhia Telefônica no início dos anos 60 era muito difícil. As leis para isso eram muito rígidas. As Companhias Telefônicas não tinham muita concessão do governo. Era muito difícil mesmo montar uma Telefônica. Havia muita restrição na importação de equipamentos. Quando a Ericson e outras empresas começaram a construir Telefônicas no Brasil, inevitavelmente foi com muita parcimônia. Nós podíamos ter aumentado a nossa Companhia Telefônica para mais de 15 vezes. Podíamos ter assumido a Telefônica de Ipatinga, porque todos vieram nos pedir que assumíssemos o serviço telefônico de lá, porém isso não nos pareceu possível porque havia muitas restrições para importações de equipamentos [(744)].

A Companhia Telefônica de Coronel Fabriciano cumprira rigorosamente com todas as cláusulas do contrato com a Standar Elétrica. Essa empresa francesa rescindiu vários contratos com as cidades que atrasaram os pagamentos, embora essa companhia já tivesse adiado por diversas vezes a data da finalização do serviço [(745)]. Narciso Drummond Tôrres teve de ir ao Rio de Janeiro para tratar das questões relativas à demora. Os atrasos ocorriam devido ao fato de os 25% restantes dos materiais, que faziam parte da montagem da Central Automática, não terem chegado ao Brasil. As partes de fabricação nacional já se encontravam montadas e encaixotadas e a rede local estava em processo adiantado [(746)].

Os equipamentos importados ainda estavam na alfândega em março de 1963 [(747)]. Em fins de maio, foi iniciada a montagem da Central Telefônica [(748)]. Dias depois, finalmente, foi possível dizer “alô!” em Coronel Fabriciano [(749)]. Narciso Drummond Tôrres comenta que os equipamentos dessa Telefônica nunca deram problema, exceto no caso de um acidente ocorrido com um rapaz da Aeronáutica que, pilotando um avião, arrebentou o cabo da Telefônica resultando em um curto-circuito na mesa eletrônica.

---

744 TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 1 ago. 2003.
745 Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 4, n. 103, 10 mar. 1963, p. 1.
746 Idem, ano 4, n. 93, 16 set. 1962, p. 1.
747 Idem, ano 4, n. 103, 10 mar. 1963, p. 1.
748 Idem, ano 4, n. 104, 1º jun. 1963, p. 1 e 2.
749 Parece que os telefones em Coronel Fabriciano entraram em funcionamento entre os meses setembro e outubro de 1963. Deduzimos isso a partir da propaganda da casa comercial Bragança que não informava no jornal *A Verdade Impressa*, em 1º de setembro de 1963 (nº 27), nenhum número de telefone do estabelecimento comercial, ao passo que no mês seguinte encontramos já presente na página jornal o número do telefone na propaganda: 263 e 264. Cf. *Jornal A Verdade Impressa*. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 31, 16 out. 1963, p. 2.

> Aqui em Coronel Fabriciano havia um rapaz que era muito amigo de meu filho. Os dois foram para Barbacena fazer teste para entrar na Aeronáutica. Meu filho não passou no teste, mas o rapaz teve sucesso e entrou na Aeronáutica. Ainda quando estagiário já era piloto. Ele, quando estava no Norte do Brasil, recebeu autorização e incumbência para trazer um avião para o aeroporto de Confins. Era um avião militar, dos antigos. Ele saiu de lá e, em vez de ir direto para Confins, passou primeiro em Coronel Fabriciano porque tinha uma namorada aqui em Melo Viana e deu um vôo arrasante e cortou a copa de um mamoeiro e ainda a frente cortou o cabo telefônico e deu curto lá dentro da Telefônica paralisando todo o sistema. O rapaz desceu no aeroporto de Ipatinga chegando lá molhado de suor. Como eu não estava sabendo quem era ele, comuniquei com a polícia de Ipatinga. O capitão Xavier, que era muito rigoroso, foi atrás do rapaz do avião e depois me procuraram. Comuniquei também com a Aeronáutica em Belo Horizonte. E sei que no outro dia desceu aqui um avião cheio de militares para saber o que aconteceu. Eu sei que quase estraguei a vida do rapaz. O rapaz veio expressar comigo para que eu não falasse mais nada não e que o prejuízo ele iria assumir, porque ele tinha um estágio de dois anos na Inglaterra e se houvesse qualquer mancha na ficha dele, perderia o estágio. Acabou que resolvemos o problema [(750)].

Ainda nesse mesmo ano, a Papelaria e Gráfica Tabajara elabora e produz o *Guia dos Telefones*, contando na sua lista duzentos e trinta assinantes e duzentos e oitenta e dois telefones. O catálogo apresentava os procedimentos sobre como usar o telefone:

> 1)- Certifique-se do número a chamar. Se não tiver certeza do número desejado não faça tentativas inúteis. 2)- Espere o ruído de discar. Em seguida disque os algarismos do número desejado, um por um, sem acelerar ou retardar a volta do disco à posição normal. 3)- Se cometer um erro ao discar, coloque o fone no gancho durante alguns segundos, espere o ruído de discar, fazendo em seguida outra chamada. 4)- Se a linha do telefone chamado estiver ocupada, o aparelho dará um ruído compassado. Nesse caso, reponha o fone no gancho e proceda conforme o item três. 5)- O esquecimento do fone fora do gancho, prejudica o funcionamento do aparelho. 6)- Atenda o seu telefone dizendo o número deste ou o seu nome. Não use expressões como “Alô!”, “Pronto!”, “Quem fala!” etc., que não identificam o telefone e só retardam a conversação. 7)- Responda prontamente às chamadas. A demora em atender poderá ser julgada um “não responde” do seu telefone. 8)- Reduza o tempo de ocupação do telefone. Não prolongue inutilmente as conversações, nem deixe que outros o façam de seu telefone [(751)].

---

[750] TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 21 out. 2003.
[751] *Guia dos telefones*. Coronel Fabriciano: Papelaria e Gráfica Tabajara Ltda, 1963.

Naquele período o número do telefone era de três dígitos. Os sócios fundadores do Rotary Club de Coronel Fabriciano agora estavam conectados entre si, podendo estar ao mesmo tempo perto e distantes. Bastava discar três dígitos e falar com os companheiros: Antônio Procópio Torres, 216; Ery Aranda Pires, 245; Joaquim César Santos, 274 ou 465; José Avelino Barbosa, 279 ou 280; José Ignácio Fernandes, 290, 293 ou 291; José Maria Rolim, 299 ou 297; José Riscala Albeny, 309 ou 310; Luiz Gonzaga Bueno, 315; Maurício Antônio Anacleto, 322 ou 323; Narciso Drummond Torres, 333 e 444; Nestor Cota Figueiredo, 200; Pedro Sampaio Guerra, 491; Ricardo Moreira Xavier, 351ou 350 e 352; Rubem Siqueira Maia, 353 ou 490; Wenceslau Martins Araújo, 406 ou 456.

Na última página do primeiro *Guia dos Telefones* da Companhia Telefônica de Coronel Fabriciano imprimiu-se: “A idéia da criação da nossa Telefônica nasceu no Rotary”.

8.9 ENERGIA ELÉTRICA [752]

> *Foi criado um movimento para trazer a CEMIG para o município de Coronel Fabriciano. A CEMIG exigia a venda de um certo número de ações. Então o prefeito recorreu ao Rotary e ao Lions para ajudá-lo nisso. Foram constituídas diversas comissões para colocação das ações da CEMIG dentro da cidade... Sei que nós trabalhamos de casa em casa na venda de ações e conseguimos em tempo recorde vender mais ações do que a CEMIG exigia. Depois dessa parte, ficou tudo por conta da Prefeitura. Em seguida a CEMIG chegou trazendo vantagens e desenvolvimento para a nossa cidade* [753].

Em 4 de julho de 1969, o jornal *Flan* anunciou a inauguração da rede da CEMIG no município de Coronel Fabriciano. A comemoração retumbava, não somente em função da inauguração da rede de Força e Luz, mas também dos vintes anos da cidade completados naquele ano. “Bem cedo, logo ao raiar do dia, a Corporação

---

752 Há pesquisa acadêmica referencial sobre a temática energia elétrica, nos anos cinqüenta e sessenta. Consultar RIBEIRO, Luiz Cláudio Moisés. *Casamento das elétricas capixabas*: um estudo da história Escelsa - Espírito Santo Centrais Elétricas S\A 1951-1968. 2003. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense, RJ. 2003.

753 TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 19 dez. 2003.

Musical Nossa Senhora Auxiliadora desfilava pelas ruas da cidade externando seus hinos e dobrados e anunciando a chegada de uma nova aurora" [754]. Talvez houvesse alguém que relembrasse as discussões suscitadas no interior da comunidade fabricianense em torno da demora do advento da rede elétrica proveniente da Centrais Elétricas de Minas Gerais, discussões essas divulgadas na página impressa nos anos anteriores. Embora a rede da CEMIG tenha se tornado presente em Coronel Fabriciano somente a partir de 1969, a história da luz elétrica nesse município antecede a esse período.

Há notícias de energia elétrica em Coronel Fabriciano no final dos anos vinte. O aparecimento de luz nesse município se dá num contexto da chegada da estrada de ferro. Tudo leva a crer que a formação urbana nas margens do rio Piracicaba foi instilada pela via de comunicação férrea. Na medida em que a Estrada de Ferro Vitória a Minas inaugurava as estações de parada de trens, uma relativa aglomeração de pessoas formava-se em torno desses pontos de paradas ferroviárias. Não faltam argumentações de que as estradas de ferro têm papel importante no que se refere às facilidades de exploração de riquezas agrícolas, pecuárias e mesmo extrativas, bem como no crescimento demográfico em torno da via férrea, gerando mobilidade, circulação de pessoas e expansão do comércio [755].

> Em 1918, a ponta de trilho da EFVM ainda estava entre Escura e Valadares. Ainda não havia chegado aqui, onde só passou em 1923 e 1924, em direção a Antônio Dias. A estação da estrada de ferro de Cel. Fabriciano, antigamente chamava Calado, foi inaugurada em 24 de abril de 1924. Eu assisti à inauguração. Lembro-me perfeitamente como foi: **a alegria dos roceiros, dos matutos, do povo, inclusive dos próprios trabalhadores da EFVM**. [...] Eu sinto na pele, eu sinto o desenvolvimento que aconteceu com a vinda e com a passagem da EFVM por aqui. Eu tenho certeza absoluta que não fosse a EFVM ter passado por aqui no Vale do Rio Piracicaba, Valer do Rio Doce, não teria o desenvolvimento que tem [...] (grifo nosso) [756].

Decorridos dez anos, ou seja, no raiar de 1933, um dos distritos de Antônio Dias, Mello Vianna, já possuía 1.813 habitantes, o que nos permite a supor que os anos

---

[754] Jornal *Flan*. Coronel Fabriciano, ano 6, n. 254, 4 jul. 1969, p. 4.
[755] ARARIPE, Delecarliense de Alencar. *História da Estrada de Ferro Vitória a Minas*. Vitória: Vale do Rio Doce, 1954, p. 81-82.
[756] BOWEN, Manoel [depoimento]. In: *Acesita Timóteo*: a história de uma cidade. Belo Horizonte: Empresa Jornalística revisão Ltda. 1992, p. 43.

precedentes à estação do Callado, inaugurado em 1924 [757], aglomerava uma população pequena e esparsa [758]. Ao que tudo indica, o crescimento demográfico na região foi incitado com as instalações das estações Ipatinga, Raul Soares (Callado):

IMPLANTAÇÃO DE ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS NO "VALE DO AÇO"				
Estação	***Inauguração***	***Km***	***Município***	***Ano de Criação***
Ipatinga	1922	475	Ipatinga	1964
Raul Soares (Callado)	1924	491	Cel. Fabriciano	1948

Quadro 10 - Inauguração de estações ferroviárias em "Coronel Fabriciano/Ipatinga", (1922-1924).
Fonte: ARARIPE, 1954, op. cit., p. 68-69.

Diga-se, a propósito, que alguns trabalhadores da Estrada de Ferro Vitória a Minas acabaram por residir na região. Para um exemplo, conta-nos Marcionília Pereira acerca de Silvino Pereira:

> Eu residia na cidade de Macambira (SE), e aos 13 anos de idade me desposei de Silvino, que tinha 17 anos; sou filha de família abastada e aos 3 anos após o nosso casamento, ele deixou a cidade por motivos políticos, partindo para a Bahia, tendo estado nas cidades de Ilhéus, Itabuna, e outras, época em que a Vitória-Minas (hoje Cia. Vale do Rio Doce) contratava homens naquele estado para abertura da estrada de ferro. Meu marido foi contratado como apontador, e quando já se encontrava aqui em Ipatinga, morando em barracos cobertos de Zinco, 3 anos depois, mandou buscar-me deixando lá nossas filhas: Anália e Marinete, vindo comigo a terceira filha, Elza, e para chegar aqui no Calado viemos por terra com machadeiros a frente abrindo picadas, enquanto que as filhas, por serem menores, vinham de canoa. O Rio Piracicaba era muito caudaloso. **Meu marido aqui chegou em 1920 e eu em 1923**. [...] Meu marido foi ganhando a confiança dos engenheiros da Vitória-Minas e em pouco tempo se tornou empreiteiro. A empreitada consistia em abertura de trechos e para desenvolver esta tarefa Silvino mandava buscar

[757] Em 1924 a estação chamava-se Raul Soares. Cf. ARARIPE, op cit., p. 68. Mas em 1933 já era denominada Callado. Cf. *O Valle do Rio Doce*: Estrada de Ferro Victória a Minas, 1933.

[758] Antes mesmo de se formar uma comunidade entorno da estação do Calado (às margens do Rio Piracicaba - sul), havia um povoamento na topografia mais plana da região, Melo Viana (norte). Cf. LODI, Fernando, *Workshop cidade*: intervenções urbanas no labirinto de Coronel Fabriciano. 2003. 64f. Monografia (especialização em Arquitetura Contemporânea) Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. Coronel Fabriciano, p. 6 e 9. Diga-se passagem, que anterior à inauguração da Estação (1924), Melo Viana já era distrito (1923) de Antônio Dias. Podemos deduzir que a categoria de distrito pressupõe um avanço populacional maior que povoação. Dessa premissa podemos supor que já havia comércio, ainda que pequeno, em Coronel Fabriciano, pelo menos, desde o nascedouro do século XX.

> muitos homens no Norte, tendo uma das vezes, mandado buscar 300 braçais. [...] Montamos um maquinário de beneficiar arroz, canjiquinha e de limpar algodão. Lembro-me que Silvino mandou buscar do Norte [...] um maquinário. E através deste maquinário, com o emprego de **um motor gerador**, **fornecíamos luz elétrica para algumas residências** e para a rua que hoje tem o nome de meu marido, rua que fora aberta por ele e por Dr. Keroubino; mais tarde este abastecimento foi substituído pela energia que era gerada pela serraria que foi montada pelo Sr. Joaquim César Santos [(759)] (grifo nosso).

Silvino Pereira com a compra da máquina de beneficiamento de arroz, café, canjiquinha e algodão divulgou na Cartilha *O Valle do Rio Doce*, publicado em 1933, uma propaganda comercial:

> Importadores e exportadores, Snrs. Fazendeiros e Agricultores! OS AMIGOS, já conhecem a firma SILVINO E CIA., em Callado, na Estrada de Ferro Victória à Minas? DIGA QUE NÃO CONHECEM. Procurem conhecer, pois encontrarão naquela Empreza grandes installações de importantes machinismos para o beneficiamento de **Café, Arroz e Algodão**, com imunizador para os demais cereaes.

A máquina de beneficiamento de produtos agrícolas de Silvino Pereira parece que era de grande porte, uma vez que era anunciada a capacidade de sua empresa de prestar serviços até mesmo para clientes importadores e exportadores de grão. Em razão desse tipo de demanda, justificava-se a compra do gerador de energia, o que provavelmente necessitava um alto investimento para obter um equipamento desse porte. Levando-se em conta que durante o dia o gerador era utilizado para realização de serviços, não havia porque não tirar proveito para distribuir energia para iluminar, durante a noite, umas casas em torno do sobrado de Silvino Pereira.

Com a chegada da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira em 1936, ano em que essa siderúrgica instalou o seu escritório em Coronel Fabriciano com o objetivo de explorar carvão vegetal na zona do Vale do Rio Doce, parece ter sido instalado, aproveitando a queda de água do córrego do Caladão, um gerador para atender as necessidades do escritório da empresa e para fornecer iluminação e energia elétrica ao Hospital Siderúrgica, inaugurado por volta de 1940 [(760)].

---

[759] PEREIRA, Marcionília [depoimento]. Um coronel e sua história. In: *O Vale em Revista*. Coronel Fabriciano, ano 4, n. 8, abr. 1978.

[760] MAGALHÃES, Celso Maria Ribeiro (Ed.). Memórias de um Calado distante: da lamparina à energia elétrica. In: *O Vale em Revista*. Coronel Fabriciano, ano 15, n. 29, jul. 1991, p. 34.

O rotariano Narciso Drummond Tôrres, que chegou em Coronel Fabriciano em 1943, comenta a chegada da Companhia Belgo-Mineira:

> Quando eu cheguei em Coronel Fabriciano, estava começando o serviço de carvão da companhia Belgo-Mineira, a qual já estava implantada aqui há mais de 6 anos. Nessa região tudo era mato. E quando a Belgo-Mineira instalou-se aqui, ela aproveitou primeiramente a mata natural que já existia e só depois é que começou o serviço de carvão ao longo da faixa do Rio Doce [761].

A revista *Silhueta*, de Belo Horizonte, publicou em 1960, uma matéria sobre o município de Coronel Fabriciano. Um dos entrevistados, Joaquim César Santos, relatou sua chegada no distrito no ano de 1936.

> Cheguei a Calado precisamente em 8 de fevereiro de 1936. Nessa época, existiam na localidade poucas casas habitáveis, razão pela qual hospedei-me, com minha família, na Pensão de dona Raquel.
> A localidade se chamava Calado, hoje Coronel Fabriciano, e vim para a mesma contratada pela Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, quando o Diretor-Geral, o saudoso Dr. Louis Ensch, a fim de realizar a preparação necessária para o início dos serviços de matérias extrativas, logo após instalado, tais como madeiras, carvão, etc.
> Assim, a Companhia Belgo Mineira iniciou os seus serviços, nesta região, em 11 de fevereiro de 1936, por meu intermédio, em Ipatinga e, posteriormente, em Pedra Corrida, Baratinha, Cachoeira Escura, Tamanduá e muitos outros.
> Mais tarde, foram iniciados novos serviços, até atingirmos as margens do Rio Suassuí, abaixo de Governador Valadares, onde a Companhia Siderúrgica Belgo Mineira possui extensas propriedades destinadas a fins extrativos [762].

Depois de onze anos de atividades exploratórias na região do Rio Doce, Joaquim César Santos saiu da companhia Belgo-Mineira e construiu a Serraria Santa Helena próximo à estação ferroviária.

> Em 1944, deixei de ser funcionário da Companhia (Belgo Mineira), para ingressar como empreiteiro nos seus serviços de carvão vegetal. Em 1945, depois de longos planejamentos, com o pequeno amealhado durante muitos anos de trabalhos e lutas constantes, instalei aqui uma modesta Serraria, a que dei o nome de Santa Helena, e que hoje é, sem favor, uma das maiores da região, com a capacidade de beneficiar 1.000 metros cúbicos por mês de serragem bruta [763].

---

761 TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 19 dez. 2003.
762 Revista *Silhueta*. Belo Horizonte, n. 91, 1960, p. 10.
763 Revista *Silhueta*, op, cit.

Essa serraria, inaugurada em 19 de julho de 1946 [764], tinha como principal atividade produtiva a preparação de tábuas, madeiras de engradamento e fabricação de tacos. Segundo Narciso Drummond Tôrres, “saíam da Serraria por semana, destinados à Belo Horizonte, uns dez vagões de madeiras para construções” [765].

As máquinas, para cortar e aplainar madeiras, precisavam de energia elétrica para que funcionassem:

> A Serraria tinha um motor. Era um motor estacionário muito grande. Parece-me que ele era de 300 HPs. Esse motor fornecia energia para todas as máquinas. As máquinas eram grandes, e tinham toras muito grandes que eram abertas no engenho de serra. O nome desse motor que fornecia energia elétrica era Locomove [766].

A Serraria produzia energia elétrica para suas máquinas, que funcionavam durante o dia, mas suas atividades de produção cessavam durante a noite. Em razão disso, transferia sua luz elétrica produzida pelo Locomove para a cidade durante o período noturno:

> A Serraria como não funcionava à noite, a energia era transferida para a cidade. A cidade era muito pequena. Era só o Centro mesmo. Não havia luz em Melo Viana. Melo Viana era um distrito que estava crescendo e não dispunha de luz elétrica. A Serraria Santa Helena fornecia luz à Coronel Fabriciano no período das 6 horas da tarde até às 4 horas da madrugada [767].

A festa da emancipação da cidade, em janeiro de 1949, foi acompanhada por duzentos sacos de cerveja. Cada saco continha sessenta garrafas, totalizando doze mil cervejas. Mas, ao que tudo indica, embora tivesse energia elétrica proveniente da Serraria Santa Helena, não havia geladeira em Coronel Fabriciano para congelá-las. Mesmo que tivessem duas ou três geladeiras à querosene, essas não seriam suficientes para congelar os doze milheiros de cerveja. Conseqüentemente, “todos”

---

764 Dados encontrados em MAGALHÃES, Celso Maria Ribeiro (Ed.). Memórias de um Calado distante: da lamparina à energia elétrica. In: *O Vale em Revista*. Coronel Fabriciano, ano 15, n. 29, jul 1991, p. 34.

765 TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 19 dez. 2003.

766 Idem.

767 Idem.

tomaram cerveja quente no evento festivo em comemoração a independência política de Coronel Fabriciano do município de Antônio Dias [768].

Com a chegada da Companhia Aços Especiais de Itabira (Acesita), em 1944, tornou-se necessária a construção de uma usina elétrica que abastecesse essa planta industrial. Como a 3 km da cidade de Antônio Dias havia a Cachoeira do Salto com uma queda primitiva de sessenta metros, a Companhia Acesita não relutou em utilizá-la para construção de uma hidrelétrica [769].

> Eu conheci a Cachoeira do Salto. Essa Cachoeira é quase junto de Antônio Dias. E não era utilizada para nada. Então a Companhia Acesita construiu a usina de Sá Carvalho exclusivamente às dispensas da Acesita. A energia elétrica dessa usina não era assim divulgada. Após a construção da usina Sá Carvalho, a Acesita começou a usar a eletricidade. Sem essa usina a Acesita não tinha como funcionar [770].

No ano de 1944, a Companhia Acesita comprou a fazenda do Sr. Raimundo Alves Carvalho para construir a Indústria, coincidindo com o período em que Wenceslau Martins Araújo trabalhava na Secretaria do Governo de Minas Gerais em Belo Horizonte. Nessa época, ele foi convidado pelo engenheiro Alderico Rodrigues de Paula para fazer o levantamento topográfico da margem direita à esquerda do Rio Piracicaba na região da cachoeira do Salto até quatro quilômetros a jusante. Em menos de quinze dias, o desenho estava pronto e realmente havia potencial de gerar energia na queda d'água.

> Era o primeiro estudo para a construção de uma usina hidrelétrica na região do Rio Doce, para abastecer um complexo siderúrgico, inclusive uma cidade, que seriam implantados no vale. Finalmente o local escolhido foi o desnível do Rio Piracicaba em Antônio Dias, com todo o líquido conduzido até às turbinas, em Sá Carvalho, através de dois túneis de 2600 e 1400 metros respectivamente. Eram 28000 KW de potência [771].

No domingo de 27 de março de 1949, com a posse dos eleitos do primeiro corpo político de Coronel Fabriciano, o primeiro prefeito, Rubem Siqueira Maia, juntamente

---

768 TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 19 dez. 2003.
769 GUIMARÃES, Humberto. Antônio Dias – MG. In: *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1958, vol. XXXIV p. 58.
770 TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 19 dez. 2003.
771 ARAÚJO, 1993, op. cit. p. 97.

com o seu coro político, conseguiram com a Acesita uma rede de energia proveniente da usina Sá Carvalho para abastecer a cidade de Coronel Fabriciano.

Wenceslau Martins Araújo, que fez parte do primeiro corpo de vereadores, aborda o incidente do recém prefeito eleito, Rubem Siqueira Maia, que fizera uma viagem sem comunicação prévia ao Legislativo. Os vereadores e principalmente Wenceslau sentiram-se desrespeitados e solicitaram, via requerimento, uma explicação e justificativa do Prefeito pela sua ausência do município sem prévia comunicação. No dia em que o prefeito chegou ao gabinete, o presidente da câmara, Nicanor Ataíde, mandou avisá-lo que os vereadores estavam reunidos.

> Passados alguns minutos, três ou cinco, entrou o Dr. Rubem Maia portando uma pasta de couro preta [...] estava calmo, sorridente, cumprimentou a todos e tomou acento na cadeira indicada pelo presidente. Em seguida o secretário, vereador Sebastião Mendes passou a ler meu pedido uma justificativa do prefeito pelo afastamento, por tempo superior ao permitido pelo regimento sem o conhecimento do legislativo. Terminada a leitura do requerimento e ata anterior, aconteceu um silêncio total. Foram mais ou menos uns dois minutos. Por fim o prefeito Dr. Rubem Maia pediu a palavra. Abriu a bolsa de couro preta, retirou alguns papeis e disse o seguinte: senhor presidente Nicanor Ataíde, senhores vereadores [...] aqui está o resultado do meu afastamento. Fui a Belo Horizonte tentar **energia elétrica** para a nossa cidade carente. Esperava resolver em cinco ou seis dias, contudo, outros interesses da comunidade levou-me ao Rio de Janeiro, inesperadamente, onde me avistei com diversas autoridades. Aqui estão para aprovação da egrégia câmara, projetos já negociados antecipadamente, como já disse, pendentes de aprovação pelos ilustres vereadores, como: empréstimos para calçamentos das principais ruas da cidade, **cessão da energia elétrica pela Acesita**, projeto da **linha de transmissão que poderá ser construída também pela Acesita** e projeto viável, exeqüível imediato para captação de água. O silêncio foi geral. Não havia o que perguntar [(772)].

Wenceslau Martins Araújo justificou o Requerimento, dizendo que, embora a ausência do prefeito além do tempo permitido e sem o conhecimento do Legislativo fosse por motivos de interesses da cidade, isso não poderia ficar impune, pois a lei municipal havia sido infrigida.

Essa época, segundo afirma Wenceslau Martins Araújo, foi inegavelmente um período de ouro para o município de Coronel Fabriciano no que se refere à infra-

[772] Idem, p. 131.

estrutura urbana: calçamento, luz elétrica, água e esgoto. Os vereadores aprovaram a cessão de energia elétrica da Companhia Acesita.

Com a utilização da energia elétrica proveniente da usina Sá Carvalho [773], o abastecimento tornou-se permanente, ao contrário do que ocorria com a energia advinda da Serraria Santa Helena, que apenas era fornecida no período da noite. Os comerciantes, com o fornecimento de força e luz de maneira constante, iniciaram as vendas de geladeiras.

> Com a vinda da energia da Sá Carvalho, a luz passou a ser permanente. Até me lembro bem, foi na época que começamos a vender geladeiras. As geladeiras eram importadas. A Serraria Santa Helena passou a utilizar também a energia da usina e aposentou o Locomove. Mas a luz ainda não era muito boa, porque tinha que servir prioritariamente às necessidades da empresa e, além disso, atender a cidade de Coronel Fabriciano e a cidade de Acesita [774].

O jornal *Folha do Vale* do dia 23 de maio de 1954 anuncia numa mesma página duas notícias comerciais de duas distribuidoras concorrentes em Coronel Fabriciano na venda de geladeiras, Casas Guerra e Casa Avelino. A Casas Guerra anunciava "Refrigeradores CLIMAX: vendas a dinheiro e a longo prazo" [775]. A Casa Avelino por sua vez sublinhava "Geladeiras GELOMATIC: vendas à vista e a prestações suavíssimas" [776]. É interessante notar que os proprietários dessas duas lojas concorrentes na venda de geladeiras seriam, anos depois, sócios fundadores do terceiro Rotary Club entre Vitória e Belo Horizonte.

À medida que a cidade de Coronel Fabriciano crescia, mais se ampliavam os usuários de energia.

Os dados relativos a 1950 informam que foram registrados sessenta e nove números de ligações consumindo 48.000 kWh no uso de Luz e uma ligação num consumo de

---

773 A Usina Sá Carvalho está localizada no Município de Antônio Dias à margem esquerda do Rio Piracicaba. Indica-se 1951 a data de inauguração da Usina Sá Carvalho.

774 TÔRRES, Narciso Drummond: depoimento [19 dez. 2003], Coronel Fabriciano.

775 Jornal *Folha do Vale*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 16, p. 4. Também nos números anteriores divulgou-se com insistência as propagandas de geladeiras. Cf. Jornal *Folha do Vale*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 8, p. 3 e o ano 1, n. 15, p. 3.

776 Jornal *Folha do Vale*. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 16, p. 4. De igual modo, nos números precedentes publicou-se com menor insistência, em relação às da Casa Guerra, as propagandas de geladeiras. Cf. *Jornal Folha do Vale*, ano 1, n. 8, p. 2. Não há, por exemplo, publicação de propaganda da Casas Avelino no jornal de número 15.

24.000 KWh no uso de Força [777]. Mas o jornal Canaã de dezembro de 1959 anuncia que nem todos os consumidores de energia elétrica possuíam o relógio medidor e que até mesmo a Serraria Santa Helena pagava taxa mínima por não ter o relógio. Ao que tudo indica, a estatística relativa ao uso de energia estaria bem aquém do real número de consumo de eletricidade.

A expansão da cidade e o crescimento populacional impulsionaram o surgimento de comissões formadas por vereadores. Uma boa parte comunidade local pressionava o poder público a resolver o problema da luz na cidade. Diante disso, o prefeito se deslocou à diretoria da companhia Acesita, com o fim de ampliar a rede de luz ao Bairro Cachoeirinha e de outros bairros.

Em 1960, o jornal *Canaã* fazia eco das preocupações da população com os problemas surgidos em decorrência do crescimento vertiginoso da cidade. Dentre os problemas citados, destaca-se a crise de energia no município, ou seja, a energia que vinha da Companhia Acesita, que, por sua vez era abastecida pela usina Sá Carvalho, estava se tornando insuficiente para atender às necessidades de consumo do município.

O jornal fazia críticas aos problemas da luz elétrica na cidade. Os profissionais liberais, estudantes noturnos e os residentes são mencionados como os diretamente prejudicados.

> A noite mal se pode ver o rosto do semelhante, não se consegue ouvir o rádio e estudar. Mesmo durante o dia as oficinas, os gabinetes dentários, as salas de operações, não contam com suprimento mínimo para ter funcionamento condigno. Geladeiras nessa terra não funcionam há muito tempo. As casas comerciais estão abastecidas de material elétrico não encontrando, porém compradores senão para a Acesita e Usiminas [778].

Massillon de Resende Teixeira, então Juiz de Direito da comarca da cidade, realizou uma reunião em sua residência com três rotarianos: Rubem Siqueira Maia, Joaquim César Santos e Wenceslau Martins de Araújo. No diálogo entre eles, foi constituída uma comissão que deveria expor ao presidente da Companhia Aços Especiais

[777] GETÚLIO, Wilson. Coronel Fabriciano – MG. In: *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1958, vol. XXXIV, p. 547.
[778] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 39, 2ª quinzena, abr. 1961, p. 1.

Itabira (Acesita), Paulo Bohomeletz, o problema da insuficiência de energia da cidade. No dia 17 julho, às onze horas, a comissão formada pelo juiz Massillon de Resende Teixeira e o prefeito Municipal Raimundo Alves Carvalho e pelos rotarianos José Ignácio Fernandes (Coletor Federal), Luiz Gonzaga Bueno (Coletor Estadual), Rubem Siqueira Maia (superintendente da Belgo-Mineira), José Augusto Joaquim Moreira (então presidente do Rotary) foram à Acesita e solucionaram o problema. O presidente da Acesita assegurou aos membros da comissão que, na sua gestão, garantiria energia elétrica para o município, mas a questão ressaltada dizia respeito à transmissão de energia e não à sua geração.

A Usiminas, ao "chegar" em Ipatinga, em 1958, construiu uma linha de transmissão entre a Acesita e suas obras em Ipatinga, o que nos leva a dizer que a Usiminas utilizou no início das suas obras a energia elétrica proveniente de Sá Carvalho e não a de Salto Grande. Posteriormente construiu uma outra rede conectada à primeira. Essa segunda rede ainda não estava ligada, quando um membro da comissão supracitada levantou a idéia de que no momento em que a Usiminas ligasse a segunda rede junto à Acesita, a primeira rede ficaria vaga. A sugestão foi a de que a Usiminas cedesse um trecho da antiga para a prefeitura municipal de Coronel Fabriciano, porque essa antiga rede era bem feita e de grande capacidade para mais carga.

O diretor da Acesita achou boa a idéia levantada e sugeriu aos presentes que procurassem o presidente da Usiminas, Amaro Lanari Jr. No dia seguinte, a comissão foi à Usiminas tentar uma negociação da rede. Não se encontraram com Amaro Lanari Jr., pois o mesmo estava viajando. Entretanto, a comissão conversou com Luiz Verano e Gil Guatimozim Jr., os quais, em princípio, admitiram a possibilidade de a Usiminas ceder a sua antiga rede à Prefeitura Municipal. Contudo, a Usiminas não chegou a fornecer um veredicto final sobre o assunto [(779)].

Embora os rotarianos estivessem empolgados com o processo de debelar a crise de energia no município, os problemas, ao que tudo indica, estavam apenas sendo

[779] Idem, n. 25, 2ª quinzena, abr. 1960, p. 1.

remediados, sem uma solução definitiva prevista para um curto prazo. Em razão disso, começaram a se movimentar para a vinda da CEMIG.

Vale dizer que a Centrais Elétricas de Minas Gerais (CEMIG) foi criada pelo governo mineiro em 1952. O período que decorre até 1961 foi marcado pela construção de usinas. De 1961 em diante foi o momento em que a CEMIG se empenha no âmbito da distribuição da energia gerada [780].

O movimento interessado em que a CEMIG encampasse o serviço de energia elétrica do Município foi destacado pela página impressa de “Classes Conservadoras de Coronel Fabriciano”. Essa denominação parece referir-se ao Rotary Club Coronel Fabriciano-Acesita. Os rotarianos propuseram-se a dialogar com os comerciantes e com a Associação Comercial, visando estudar as possibilidades de buscar a intervenção da CEMIG no âmbito da Força e Luz na Cidade [781].

O Jornal *Canaã*, de 4 julho de 1961, anunciou que a CEMIG propôs que a Usiminas construísse uma rede de alta tensão da futura distribuidora elétrica de Ipatinga até Coronel Fabriciano, mas os pagamentos por estes serviços seriam feitos com ações. No mês de agosto, Raimundo Alves Carvalho (prefeito) e Luiz Verano (representante da Usiminas) juntamente com os rotarianos Rubem Siqueira Maia (superintendente da Belgo-Mineira), Narciso Drummond Tôrres (presidente do Rotary 1961/1962), Wenceslau Martins Araújo (Presidente da Associação Comercial), Joaquim César Santos (Diretor da Serraria Santa Helena) foram a Belo Horizonte dialogar com, Celso Azevedo, presidente da CEMIG, com a finalidade de conseguir a solução para o problema de eletricidade em Coronel Fabriciano. Contudo, tal encontro não trouxe uma solução satisfatória. Mesmo diante desse desencontro, os rotarianos continuaram insistindo junto à Prefeitura e às empresas siderúrgicas e também junto à CEMIG no sentido de conseguirem melhor abastecimento de energia elétrica para a cidade.

Em outubro do mesmo ano, a CEMIG endereça uma carta à Prefeitura atendendo à solicitação feita pelo prefeito Raimundo Alves Carvalho:

---

[780] *CEMIG 35 Anos*. Belo Horizonte: Cemig, 1987, p. 89.
[781] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 39, 2º quinzena, abr. 1961, p. 3.

> Senhor Prefeito:
>
> Atendendo a solicitação que nos foi feita por V. Exª. no sentido de informarmos sobre as possibilidades de fornecimento de energia elétrica à cidade de Coronel Fabriciano, vimos confirmar o seguinte: é do programa da CEMIG incluir a cidade de Coronel Fabriciano entre as localidades que serão beneficiadas brevemente com seu serviço. A concretização desse plano, entretanto, está na dependência da instalação de uma subestação de distribuição regional, a qual deverá ser montada em Ipatinga, tão logo tenhamos concluído satisfatoriamente as negociações em curso com a Usiminas. Com a entrada em operação da subestação de distribuição de Ipatinga, poderemos iniciar imediatamente com V. Exª. os entendimentos relativos à construção de uma nova rede de distribuição em Coronel Fabriciano e a forma mais econômica de alimentar essa rede, seja através de uma linha de 13,8 KV entre Ipatinga e Coronel Fabriciano, seja através de uma subestação que seria instalada na linha de 69 KV, Acesita-Ipatinga, junto à Coronel Fabriciano, desde que houvesse acordo com a Usiminas para adoção dessa solução. Para podermos executar os serviços referidos no item anterior, precisaremos contar com a cooperação financeira do Município, a qual poderá ser obtida através de aquisição de ações da CEMIG pela Prefeitura e pela população. Os orçamentos correspondentes serão apresentados a V. Exª oportunamente. Para elaboração deste orçamento, necessitaremos receber dessa prefeitura uma planta cadastral atualizada, pelo que, solicitamos de V. Exª providenciar a entrega da mesma à CEMIG o mais breve possível.
>
> Com os protestos de nossa estima e consideração, subscrevemos-nos. Atenciosamente Centrais Elétricas de Minas Gerais, S/A
>
> Celso Mello de Azevedo – Presidente [782].

O prefeito encaminhou o assunto ao conhecimento da Acesita e da Usiminas. A CEMIG, porém, precisaria da cooperação financeira do Município através de aquisição de ações pela Prefeitura e pela população. João Camilo Penna, que nesse período fazia parte da diretoria dessa empresa, sublinha que a Centrais Elétricas de Minas Gerais "buscou auto-capitalização nas cidades que ia servir, com o lançamento de ações ao público. Quem queria o serviço participava com ações" [783]. O presidente da CEMIG, Celso Azevedo, mostra que o critério que a empresa adotou como prioridade no atendimento de uma cidade não era propriamente a sua necessidade, mas a ordem de inscrição da cidade para suas ações. "O município

[782] Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 3, n. 61, 15 out. 1961, p. 1.
[783] *CEMIG 35 Anos*. Belo Horizonte: CEMIG, 1987, p. 89.

que se inscrevesse primeiro e vendesse as ações era o primeiro a ser atendido" [784]. Era a questão financeira que definia a ordem de atendimento da cidade. Em razão disso, Narciso Drummond Tôrres ressalta a importância do Rotary na vinda da CEMIG para Coronel Fabriciano:

> Foi criado um movimento para trazer a CEMIG para o município de Coronel Fabriciano. A CEMIG exigia a venda de um certo número de ações. O prefeito então recorreu ao Rotary para ajudá-lo nisso. Foram constituídas diversas comissões para colocação das ações da CEMIG dentro da cidade [785].

O rotariano Rubem Siqueira Maia foi nomeado presidente da comissão para a venda de ações, para o qual foram constituídas diversas comissões. Narciso Drummond Tôrres lembra de uma reunião no escritório da Companhia Belgo Mineira, presidida pelo Prefeito Mariano Pires Pontes, que pediu ajuda ao Rotary para venda de ações. A organização da comissão foi feita pelo Rotary, mas não foi somente o Rotary que participou dessa comissão, coube também ao Lions Club *e outras forças comunitárias* na colaboração do projeto da vinda da CEMIG. No caso da venda de ações, houve também a participação do Lions:

> A colaboração na venda das ações não teve somente a colaboração do Rotary. O Rotary se uniu ao Lions para aumentar o número de participantes, principalmente a qualidade do número, porque o Rotary não tinha um determinado número de sócios suficientes. Na época, não podia ser aumentado o número de sócios devido à exigência da regra das classificações. As classificações existentes em nosso clube estavam todas ocupadas. Então entrou o Lions Club, que tinha um sistema de admissão mais amplo do que o Rotary. Quer dizer, o Lions também contribuiu na questão da CEMIG. O Rotary estava administrando, mas com a participação de rotarianos e leões [786].

Cada grupo era encarregado de colocar as ações em um determinado ponto da cidade. Muitas reuniões foram feitas no escritório da Belgo-Mineira para tratar desses assuntos. A população, inicialmente, ficou receosa, mas depois manifestou interesse ao perceber as "vantagens" da compra das ações. Narciso Drummond Tôrres lembra que ele e mais dois ou três ficaram encarregados de colocar as ações no bairro Melo Viana:

---

[784] Idem.
[785] TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 19 dez. 2003.
[786] Idem.

> Sei que nós trabalhamos de casa em casa na venda de ações e conseguimos em tempo recorde vender mais ações do que a CEMIG exigia. Depois dessa parte, ficou tudo por conta da Prefeitura. Em seguida, a CEMIG chegou trazendo vantagens e desenvolvimento para a nossa cidade [(787)].

Depois desse movimento, cabia à Prefeitura terminar as negociações com a CEMIG e iniciar as obras. O que era potencial tornou-se real em 1969, quando da inauguração da rede da CEMIG na cidade. Na inauguração, o prefeito, Mariano Pires Pontes, discursou diante do Governador do Estado, do Vice-Presidente da CEMIG e da população em festa declarando que:

> Verdade seja declarada, Senhor Governador, Senhores convidados, nada disto seria realizado, não fôra a conjugação de esforços. O prefeito talvez tenha sido o coordenador de todas estas realizações, mas o mérito pertence a todos: executivo, em seu sentido amplo, os vereadores, os operários, o Governo do Estado, os líderes da comunidade, **os Clubes de Serviços**, as Associações de Classe, o próprio povo e seus representantes [(788)] (grifo nosso).

O prefeito Mariano Pires Pontes pertencia ao Lions Club e nesse seu discurso teceu a idéia da conjugação de esforços em prol do advento da CEMIG, incluindo os Clubes de Serviço como participantes nesse movimento. Os clubes de serviço de Coronel Fabriciano, Rotary Club e Lions Club, também deixaram suas marcas nesse empreendimento da vinda da CEMIG.

---

[787] TÔRRES, Narciso Drummond. 2003. Entrevista cedida a Renato Santos Lacerda, Coronel Fabriciano, 19 dez. 2003.
[788] Jornal *Flan*. Coronel Fabriciano, 4 jul. 1969, p. 2.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atuações do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita embasavam-se, no sentido tocqueviliano, na doutrina do interesse bem compreendido. As ações sociais dos sócios fundadores não eram destituídas de interesse ou movida pelo altruísmo. Pelo contrário, os projetos comunitários, através da mutua colaboração, foram calculados conforme os interesses privados. Sob o discurso da modernidade, embora pelo bem comum restrito, atuaram na construção da telefonia automática, jornal impresso, luz elétrica regular, hotelaria de luxo, clube recreativo, estradas asfaltadas, cinema, escola comercial privado, escola técnica profissionalizante. No sentido gramisciniano, os rotarianos do Vale do Aço estavam impregnados da racionalização americana na medida em que a atuação pelo bem comum serviu de utilidade para o fortalecimento local das forças econômicas.

Na fundação do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita havia um norte americano que atuou como pivô do processo de instalação, organização e doutrinamento dos sócios proponentes. O processo de aglutinação dos sócios foi rigorosamente levado em conta.

Identificamos a percepção de ganhos que o Rotary Club de Coronel Fabriciano teria ao difundir o imaginário *Vale do Aço,* pois, como isso, ampliaria o mercado de negócios num espaço de crescente circulação de mercadorias. Além disso, identificar-se com a imagem-força *Vale do Aço* fortaleceria o Rotary Club face ao controle, não apenas de cidades fragmentadas, mas de uma região global de cidades interdependentes e complementares que se encontrava em distinção no cenário estadual, nacional e internacional.

A Imprensa escrita regional, o jornal *Canaã* (1959-1963) e o jornal *O Vale do Aço* (1967), em seu contexto midiático local, foram os instrumentos do Rotary Club, para legitimar e invalidar; justificar e acusar; tranqüilizar e perturbar, mobilizar e

desencorajar e incluir e excluir as visões de mundo de que os sócios fundadores eram portadores ou reprodutores.

Algumas visões de mundo que embasam o Rotary Internacional foram reproduzidas pelos rotarianos do Vale do Aço: o saint-simonismo pragmatismo, comunitarismo e puritanismo. Essas concepções de mundo, que estruturam parte dessa organização internacional, foram apropriadas pelo Rotary Club local e difundidas na região do Vale do Aço.

A atuação do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Acesita se traduziu na forma invisível, nos “bastidores” da reconfiguração da sociedade fabricianense em mutação. O Rotary Club agregou indivíduos negociantes, industriais, comerciantes, pecuarista, profissionais liberais, donos, gerentes e sócios de negócios e empreendimentos com vistas a potencializar um poder coletivamente possuído que se materializou em diversas atuações na região do aço.

REFERÊNCIAS

A Verdade Impressa. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 41, 7 mar. 1964.

ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: ABREU, Alzira Alves de (Org.). ***A imprensa em transição***: o jornalismo brasileiro nos anos 50. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

ABREU, Geraldo Perlingeiro. ***As bodas de prata de Rotary local***. Acesita, mar. 1984.

ABREU, Geraldo Perlingeiro. ***Boletim Rotary Club de Coronel Fabriciano/ Rotary Club de Ipatinga***. Ipatinga, 8 jul. 1965.

ABREU, Geraldo Perlingeiro. In: TORRES, Narciso Drummond. ***Boletim Rotary Club Coronel Fabriciano***, mar. 1986.

ABREU, Geraldo Perlingeiro. ***O que conhece você de Rotary?*** Acesita, MG, mar. 1984.

Acesita, uma história feita de aço. Belo Horizonte: Assessoria de Comunicação Social, 1989.

ALBERTI, Verena. ***O manual de história Oral***. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

Álbum da primeira formatura do Colégio de Comércio Ferreira da Costa.

ALVES, Raimundo Anício. ***Raimundo Anício Alves***: a comunidade [Entrevistadores: Jussara Frizzera, Bernardo Mata Machado]. Usiminas 25 anos. Ipatinga, 1987.

AMARAL, José Rodrigues do. “Fundado Rotary Club de Ipatinga com jantar festivo”. Jornal ***Flan***. Coronel Fabriciano, 17 jul. 1965.

AMARANTE, Alberto Pires. ***Contribuição à história do Rotary Club no Brasil***. Rio de Janeiro: Cooperativa Brasil Rotário, 1973.
ARARIPE, Delecarliense de Alencar. ***História da Estrada de Ferro Vitória a Minas***. Vitória: Vale do Rio Doce, 1954.

ARAÚJO, Wenceslau Martins. ***A história de uma Vida***. Coronel Fabriciano: Lajinhense, 1993.

ARENDT, Hannah. ***A condição humana***. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

ARON, Raymond. ***As etapas do pensamento sociológico***. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ARON, Raymond. ***Etapas do pensamento sociológico***. 6. ed. Martins Fontes, 2003.

Ata da 101ª ***Reunião da Casa da Amizade de Coronel Fabriciano – Timóteo***. 3 set. 1974. Casa da Amizade: Coronel Fabriciano.

Ata da Associação Comercial de Coronel Fabriciano. Coronel Fabriciano, 8 ago. 1962.

Ata da Associação Comercial de Coronel Fabriciano. Coronel Fabriciano, 3 set. 1962.

Ata da Associação Comercial de Coronel Fabriciano. Coronel Fabriciano, 2 abril. 1962.

Ata da primeira reunião ordinária (1º de abril de 1959). In: ***Boletim do Rotary Club de Coronel Fabriciano-Timóteo***. 21 mar. 1979.

Ata de Registro das reuniões preparatórias do I Congresso dos Municípios do Médio Rio Doce. CDL: Coronel Fabriciano, 2 abr. 1967.

Ata de Reunião da Diretoria da Banda Lira Nossa Senhora Auxiliadora. Coronel Fabriciano, 17 jun. 1955.

Ata de Reunião de Reorganização da Diretoria da Lira Nossa Senhora Auxiliadora, 27 fev. 1957.

Ata de Reunião do Clube de Dirigentes Lojistas de Coronel Fabriciano, 31 jul. 1964. CDL: Coronel Fabriciano.

Ata de Reunião para Reestruturação da Banda de Música Nossa Senhora Auxiliadora. Coronel Fabriciano, 27 fev. 1957.

Ata de Reunião Preparatória ao I Congresso dos Municípios do Médio Rio Doce [2 abr. 1967].

Ata de Sessão Extraordinária da Banda Lira Nossa Senhora Auxiliadora. Coronel Fabriciano, 16 ago. 1955.

AVELINO, José Barbosa. Como surgiu o nosso Rotary clube de Coronel Fabriciano. ***Manuscrito*****.** Coronel Fabriciano, 21 mar. 1995.

BACZKO, Browslau. Imaginação social. In: ***enciclopedia Einaudi***. Lisboa: Casa da Moeda, 1985.

BAHLKE, Howard Bahlke, ***Rotary and american culture: a historical study of ideology***. University of Minnesota, 1956. [Tese de doutorado].

BALANDIER, Georges. ***O poder em cena***. Brasília, UNB, 1982.

BARATA, Alexandre Mansur. ***Maçonaria, sociabilidade ilustrada e independência (Brasil, 1790-1822)***. 2002. 373 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002

BARBIER, René. Sobre imaginário. ***Em aberto,*** Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994.

BÁRCENA, Felipe Alonso. ***Los Rotarios***: sus tendencias en el orden social, moral y religioso. Madrid: Razón y Fe, 1929.

BEKER. Howard S. Quatro tipos de organizações religiosas. In: ETZIONI, Amitai. ***Organizações complexas***: estudo das organizações em face dos problemas sociais. São Paulo: Atlas, 1981.

BOBBIO, Norberto. ***O conceito de sociedade civil***. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

Boletim Bimestral do Rotary Club de Governador Valadares, jul. /ago. 1971, n. 63.

Boletim do Rotary Club de Coronel Fabriciano – Timóteo, 21 mar. 1979.

Boletim Rotary Club de Coronel Fabriciano, ago. 1984, n. 2.

BONITO, Maria Antonieta. ***Lions Club***: serviço e poder. 1994. 116f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade da Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 1994.

BOSI, Ecléa. ***Memória e sociedade***: lembrança de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOUDON, Raymond; BOURRICAUD, François. ***Dicionário crítico de sociologia***. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001.

BOURDIEU, Pierre. ***Las formas de capital.*** Lima, Peru: Piedra Azul, 1999.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. ***A reprodução***: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves Editora, 1982.

BOURDIEU. Pierre. ***O poder simbólico***. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2003.

BOURDIEU. Pierre. Capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. ***Escritos de Educação***. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 65-69.

BOWEN, Manoel [depoimento]. In: ***Acesita Timóteo***: a história de uma cidade. Belo Horizonte: Empresa Jornalística revisão Ltda. 1992.

Brasil Rotário Quantos Somos? Rio de Janeiro: ***Brasil Rotário***, ano 79, n. 979, jan. 2004.

BRAWSLAU, Baczko. Imaginação social. In: ***Enciclopédia Einaudi***. Lisboa: Casa da Moeda, 1985.

BURKE, Peter. ***Veneza e Amsterdã***: um estudo das elites do século XVII. São Paulo: Brasiliense, 1990.

Carta de Admissão do Rotary Internacional. 12 mai. 1959.

CARONE, Edgard. *A república Liberal* **- *I*: instituições e classes sociais (1945-1964). São Paulo: Difel, 1985.**

CEMIG 35 Anos. Belo Horizonte: CEMIG, 1987.

CHARLES, Jeffrey A. ***Service clubs in American society***: Rotary, Kiwanis and Lions. Urbana; Chicago: University Illinois Press, 1993 [defendida em 1987].

CHARTIER, Roger. ***A história cultural***: entre prática e representações. São Paulo: Difel. 1989.

CHINOY, Ely. ***Sociedade***: uma introdução à sociologia. São Paulo: Cultrix, 2002.

COCHRAN, Thomas C. A industrialização. In: WOODWARD, C. Vann (Org.). ***Ensaios comparativos sobre a história da américa***. São Paulo: Cultrix, 1972.

Contrato Social, 11 jul. 1964. Registrado na Junta Comercial do Estado de Minas Gerais. Contrato arquivado nº 147130. Belo Horizonte, 30 jul. 1964.

Contrato Social, 1º dez. 1959. Registrado na Junta Comercial do Estado de Minas Gerais. Contrato arquivado nº 100389. Belo Horizonte, 1º dez. 1959.

COSTA, Heloisa Soares de Moura. ***Vale do Aço***: da produção da cidade moderna sob a grande indústria à diversificação do meio ambiente urbano. 1995. 324 f. tese (Tese em demografia) – Programa de Pós-graduação em Demografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995, p. 54.

Cópia da carta de Geraldo Perlingeiro Abreu e de José Augusto Joaquim Moreira à Direção Geral da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira. Acesita, 15 dez. 1960.

Cópia da Carta do Rotary Club Coronel Fabriciano à Diretoria da Lira Nossa Senhora Auxiliadora, Coronel Fabriciano, 21 fev. 1967.

Cópia da Carta, 21 de fevereiro de 1967.

COHEN, Percy S. ***Teoria social moderna***. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

COUTINHO, Carlos Nelson. ***Gramsci***: um estudo sobre seu pensamento político. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COUTINHO, Carlos Nelson. ***Marxismo e política***: a dualidade de poderes e outros ensaios. São Paulo: Cortez, 1996.

DEBRUN, Michel. ***A conciliação e outras estratégias***. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Declaração de Recebimento de Instrumentos Musicais. Sérvulo Roque; Clodomiro de Jesus. Coronel Fabriciano, 27 mar. 1969.

Declaração, 23 jun. 1967. Coronel Fabriciano: Rotary Club de Coronel Fabriciano. Diário da Assembléia. In: ***Usiminas conta sua história***. Belo Horizonte, 1990.

Diretrizes para o desenvolvimento micro-regional do Vale do Aço. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1974.

DIVINE, Robert A. et al. *América passado e presente*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1972.
E. E. João XXIII: 35 anos educando no Vale do Aço. Ipatinga: Escola Estadual "João XXIII", 2001.

EDÉLCIO, José Drumond Alves. Nossa cidade: curral do conselho. ***Boletim Semanal do Rotary Club de Ipatinga***, Ipatinga, n. 8, ago. 2005.

ELIAS, Norbert. ***O processo civilizador***. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958, v. 34.

***Enciclopédia Mirador Internacional*.** Clubes de serviço. São Paulo: Encyclopedia Britânica do Brasil, v. 6, 1987.

Escritura Pública de Constituição de Fundo de Melhoramentos. Livro n. 6, folhas 1-4. Cartório Jacarandá (1º ofício de notas), Coronel Fabriciano, 25 mar. 1960.

Estatutos do Caiçara Tênis Clube de Coronel Fabriciano, 5 mai. 1965. Coronel Fabriciano: Gráfica Tabajara, 1965.

Estatutos do Rotary Internacional. In: ***Manual de Procedimento***. São Paulo: Rotary Internacional, 1986.

FAVREAU, Donna M. ***The relationship between motivation to volunteer and intention to continue volunteering in five Rotary clubs in Fairfield Country, Connecticut***. [Tese de doutorado, 2005].

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. ***Usos e abusos da história oral***. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

FOHLEN, Claude. ***América anglo-saxônica***: de 1815 à atualidade. São Paulo: Pioneira; USP, 1981.

FURET, François. Prefácio, biografia e bibliografia. In: TOCQUEVILLE, Alexis. ***A democracia na américa***: leis e costumes. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GETÚLIO, Wilson. Coronel Fabriciano – MG. In: ***Enciclopédia dos municípios brasileiros***. Rio de Janeiro: IBGE, 1958, vol. XXXIV.

GINZBURG, Carlo. ***Relações de força***: história, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GOFF, Brendan. ***The Heartland abroad: the civic internationalism of main street in the 20th century***. [Tese de doutorado, 2006]. Resumo.

GRAMSCI, Antonio*.* ***Cadernos do Cárcere***. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. [volume 1]

GRAMSCI, Antonio. ***Cadernos do Cárcere***. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. [volume 2]

GRAMSCI, Antonio*.* ***Cadernos do Cárcere***. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. [volume 3].

GRAMSCI, Antonio*.* ***Cadernos do Cárcere***. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. [volume 4].

GRAMSCI, Antônio. ***Maquiavel, a política e o estado moderno***. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GUELL, José Ros; JAMES, Norman J. Cinnamond. ***Rotary, rotarismo e rotarianos***: replica ao Pe. Felipe Alonso Bárcena. São Paulo: Gráfhica Paulista, São Paulo, 1936.

Guia dos telefones. Coronel Fabriciano: Papelaria e Gráfica Tabajara Ltda, 1963.
GUIMARÃES, Humberto. Antônio Dias – MG. In: ***Enciclopédia dos municípios brasileiros***. Rio de Janeiro: IBGE, 1958, vol. XXXIV.

HARRIS, Paul Percy. ***Meu caminho para rotary***. Santos, SP: 1990. Disponível em: <http://www.rotary4310. org.br/Caminho/caminho.htm >. Acesso em: 01abril 2003, p. 120.

HARRIS, Paul Percy. ***My road to rotary*****.** Illinois, EUA: Rotary Internacional, 1945.
HARRIS, Paul Percy. ***O fundador de Rotary***. São Paulo: Rotary Club de São Paulo, 1954.

HARRIS, Paul. ***De rumo ao Rotary***. Recife: Rotary Club de Recife, 1953.

HEINZ, HEINZ, Flávio M. (Org.). ***Por outra história das elites*****.** Rio de Janeiro: FGV, 2006.

Histórico da Escola Estadual "Rotildino Avelino". Coronel Fabriciano: Escola Estadual "Rotildino Avelino" 30 mai. 2003.

HOUAISS, Antônio**.** ***Dicionário inglês-português***. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

HUGON, Paul. ***Demografia brasileira***: ensaio de demoeconomia brasileira. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1977.

JASMIN, Marcelo Gantus. Interesse bem compreendido e virtude em a democracia na América. In: BIGNOTTO, Newton (Org.). ***Pensar a república***. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

JESUS, Antônio Tavares de. ***Educação e hegemonia no pensamento de Antonio Gramsci***. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Unicamp, 1989.

JESUS, Clodomiro de. Corporação Musical Nossa Senhora Auxiliadora: legado cultural da Belgo-Mineira no Vale do Aço comemora 60 anos. In: CARVALHO, Mário (ed.). Revista ***Caminhos Gerais***. Ano 3, n. 5, 2003.

JESUS, Clodomiro de. ***Pingos e Respingos*** Coronel Fabriciano 1997.

Jornal ***A Verdade Impressa***, ano 1, n. 18, 18 mai. 1963.

Jornal ***A Verdade Impressa***. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 1, 19 ago. 1962.

Jornal A Verdade Impressa. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 31, 16 out. 1963.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano. 10 mar. 1963 (n.103).

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabricinao16 set. 1962 (n. 93).

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano. 1º jun. 1963 (n. 104).

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 43, 28 mai. 1961.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 1, 1º ago. 1959.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 1, 1ª quinzena, ago. 1959.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 12, 1ª quinzena fev. 1960.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 12, 1ª quinzena, nov. 1960.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 13, 2ª quinzena, fev. 1960.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 16, 1ª quinzena, abr. 1960.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 19, 2ª quinzena, mai. 1960.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 2, 2ª quinzena, ago. 1959.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 20, 1ª quinzena, abr. 1960.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 21, 2ª quinzena, jun. 1960.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 23, 2ª quinzena, jul. 1960.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 3, 1ª quinzena, set. 1959.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 7, 1ª quinzena nov. 1959.

Jornal ***Canaã.*** Coronel Fabriciano, ano 1, n.1, 1º ago. 1959.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 31, 2ª quinzena, nov. 1960.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 38, 1ª quinzena, abr. 1961.

Jornal ***Canaã.*** Coronel Fabriciano, ano 2, n. 39, 2ª quinzena, abr. 1961.

Jornal ***Canaã.*** Coronel Fabriciano, ano 2, n. 41, 14 mai. 1961.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 41, 14 mai. 1969.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 44, 4 jun. 1961.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 2, n. 45 , 11 jun. 1961.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 3, n. 61, 15 out. 1961.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 3, n. 66, 26 nov. 1961.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 3, n. 73, 3 fev. 1962.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 3, n. 84, 17 jun. 1962.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 3, n. 87, jul. 1962.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 4, n. 102, 25 dez. 1962.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 4, n. 103, 10 mar. 1963.

Jornal ***Canaã.*** Coronel Fabriciano, ano 4, n. 104, 1º jun. 1963.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano, ano 4, n. 105, 15 jun. 1963.

Jornal *Canaã*. Coronel Fabriciano, ano 4, n. 90, 18 ago. 1962.

Jornal ***Canaã***. Coronel Fabriciano. Nov. 1959, n. 7.

Jornal ***Diário da Manhã.*** Ipatinga, ano 6, 2 fev. 1975.

Jornal ***Flan***, 3 set. 1966.

Jornal ***Flan***. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 3, 29 ago. 1964.

Jornal ***Flan***. Coronel Fabriciano, 4 jul. 1969.

Jornal ***Flan***. Coronel Fabriciano, ano 3, 3 set. 1966.

Jornal ***Flan***. Coronel Fabriciano, ano 6, n. 254, 4 jul. 1969.

Jornal ***Folha do Comércio***. Coronel Fabriciano, 28 mar. 1983.

Jornal ***Folha do Vale***, ano 1, n. 8.

Jornal ***Folha do Vale***. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 16.

Jornal ***Folha do Vale***. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 8, 28 mar. 1954.

Jornal ***Folha do Vale***. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 8, p. 3 e o ano 1, n. 15.

Jornal ***O Ipatinga***. Ipatinga, ano 1, n. 1, jul. 1963.

Jornal ***O Martelo***. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 4, 24 set. 1955.

Jornal ***O Progresso***. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 26, 4 jul. 1948.

JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao sul do rio grande imaginando a América Latina em seleções***: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970). Bragança Paulista: EDUSP, 2000.**

KELLER, Suzanne. ***O destino das elites***. Rio de Janeiro: Forense, 1967.

LACERDA, Renato Santos. ***Rotary Club de Coronel Fabriciano***: sociabilidade e ação social dos sócios fundadores na região do Vale do Aço nos anos 60 e 70. 2004. 132 f. Monografia (graduação em História) – Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, Coronel Fabriciano, 2004.

LACERDA, Renato Santos; LOPES, José de Sousa Miguel. Rotary Club de Coronel Fabriciano. ***Cadernos UnilesteMG***. Coronel Fabriciano, ano 4, n.6, 2004.

Laudo de Avaliação de Bens para Cotação de Mercado. AGB – Avaliadora Geral de Bens Ltda. Belo Horizonte, 30 de junho de 1989.

LICHAUCO, Marianito F. ***1001 questions and answers on Rotary***. Rotary Internacional.

LIMA, Alceu Amoroso. ***A realidade americana***: ensaio de interpretação dos Estados Unidos. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1955.

LINHARES, Pedro: depoimento [entrevistado por Lenira Ruenda - 1989]. In: ***Homens em série***: a história de Ipatinga contada por seus próprios personagens. Ipatinga: Prefeitura Municipal de Ipatinga, 1991.

Livro de Atas das Assembléias Gerais e de Reunião da SOAMCOFA, 30 jul. 1959, p. 1. Coronel Fabriciano, 1959-1985.

Livro de Registro de Pessoas Jurídicas Livro B, n. 1 (27 out. 1959).

LODI, Fernando, ***Workshop cidade***: intervenções urbanas no labirinto de Coronel Fabriciano. 2003. 64f. Monografia (especialização em Arquitetura Contemporânea) Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. Coronel Fabriciano, 2003.

Los Rotarios: sus tendencias en el orden social, moral y religioso. Madrid: Razón y Fe, 1929.

MAGALHÃES, Celso Maria Ribeiro (Ed.). Memórias de um Calado distante: da lamparina à energia elétrica. In: ***O Vale em Revista***. Coronel Fabriciano, ano 15, n. 29, jul. 1991.

MAIA FILHO, Rubem Winter. Clube casa de campo: uma breve história ***(manuscrito)***. Sd.

Maquiavel, a Política e o Estado Moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MARANHÃO, Ricardo. O estado e a política "populista" no Brasil 1954-1964. In: FAUSTO, Boris (Dir.). ***O Brasil Republicano***: sociedade e política (1930-1964). 6. ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1996.

MARDEN, Charles, ***Rotary and its brothers: an analysis and interpretation of the men's service clubs***. Princenton, NJ.: Princeton University Press, 1935.

MCLUHAN, Marshall. ***Os meios de comunicação como extensões do homem***. São Paulo: Cultrix, 1969.

MELO, Amir José. ***Padres Subversivos***: as representações da igreja progressista do Vale do Aço na mira do aparelho repressor 1968-1972. 2006. 104 f. (Dissertação em História) – Programa de Pós-graduação em História Social. Universidade Severino Sombra, Vassouras, RJ.

MENDONÇA, Carlos Vinícius Costa de. ***O êxtase autoritário***: a política educacional de segurança nacional no período vargas e sua repercussão no Espírito Santo. 2002. Tese (Doutorado em História). Faculdade de História, Universidade de São Paulo, 2002.

MENDONÇA, José Xavier Carvalho de. ***Tratado de direito comercial brasileiro***. 5. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Livraria Freitas Bastos S/A, 1959, v. 4, livro 2, parte 3.

MERQUIOR, José Guilherme. ***O liberalismo***: antigo e moderno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

MORIN, Edgar. ***Cultura de massas no século XX***: neurose. 9 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

NARO, Nancy Priscilla S. ***A formação dos Estados Unidos***. 9. ed. São Paulo: Atual, 1994.

O Vale em Revista. Coronel Fabriciano, ano 17, n. 33, out. 1994.

O Vale em Revista. Coronel Fabriciano, ano 10, n. 19, out. 1983.

O Vale em Revista. Coronel Fabriciano, ano 1, n. 1, out. 1974.

O Valle do Rio Doce: Estrada de Ferro Victória a Minas, 1933.

Official Directory. Evaston, Illinois, U.S.A: Rotary Internacional, 1985, C 152.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Relatos orais em ciências sociais: limites e potencial. In: ***Análise e Conjuntura***, Belo Horizonte, v. 6, n. 3, set./dez. 1991.

PEREIRA, Marcionília [depoimento]. Um coronel e sua história. In: ***O Vale em Revista***. Coronel Fabriciano, ano 4, n. 8, abr. 1978.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. ***Revista Brasileira de História***, São Paulo, v. 15, n. 29.
POCOCK, J. G. ***Virtue, commerce, and history***: essays on political thought and history, chiefly in the eighteenth century. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

PORTES, José Silvano. ***Instruções rotárias***. Belo Horizonte: Cuatiara, 1997.

PORTES, José Silvano. ***Cartilha Rotária***. 8. ed. Belo Horizonte: Cuatiara, 1999.

QUIRINO, Célia Galvão. Tocqueville: a realidade da democracia e a liberdade ideal. In: QUIRINO, Célia Galvão; VOUGA, Cláudio; BRANDÃO, Gildo Marçal (Orgs.). ***Clássicos do pensamento político***. São Paulo: Edusp, 1998.

WEFFORT, Francisco C. (Org.). ***Os clássicos da política***: Burke, Kant, Hegel, Tocqueville, Stuart Mill, Max. Vol. 2. 10 ed. São Paulo: Ática, 2001.
Revista ***Guia***, ano 2, n. 11, abr. 1984.

Revista ***Silhueta***. Belo Horizonte, n. 91, 1960.

RIBEIRO, Luiz Cláudio Moisés. ***Casamento das elétricas capixabas:*** um estudo da história Escelsa - Espírito Santo Centrais Elétricas S\A 1951-1968. 2003. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense, RJ. 2003.

ROSSI, Peter. A estrutura da organização de uma comunidade americana. In: ETZIONI, Amitai. ***Organizações complexas***: um estudo das organizações em face dos problemas sociais. São Paulo, Atlas, 1981.

***Rotary e seu Perfil*.** Evaston, Illinois U.S.A: Rotary Internacional, 1995.

SANTOS, Wanderley Guilherme. ***Sessenta e quatro***: anatomia da crise. São Paulo: Vértice, 1986.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). ***História da vida privada no Brasil***: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. vol iv.

SCHWARTZMAN, Jacques. O crédito educativo no Brasil. ***Revista Educação Brasileira***. Brasília, 17 (34), 1º sem. 1995.

SELLERS, Charles; MAY, Henry; MCMILLEN, Neil R. ***Uma reavaliação da História dos Estados Unidos***: de colônia a potência imperial. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

SEMERARO, Giovanni. ***Gramsci e a sociedade civil***: cultura e educação para a democracia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Clubes de serviço ou clubes de capital simbólico. ***Cadernos CERU****,* São Paulo, v. 2, n. 7, p. 134-148, 1996.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. ***Rotary Club***: Clubes de serviço ou “clubes de capital social e capital simbólico?” 1996. 261f. Tese (Doutorado em Sociologia) Faculdade de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SETTON, Maria da Graça Jacinto. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. In: ***Educação e Pesquisa****,* v. 28, n. 1, São Paulo, jan./jun. 2002.

SETTON, Maria da Graça. ***Rotary Club***: Clubes de serviço ou “clubes de capital social e capital simbólico?” 1996. 261f. Tese (Doutorado em Sociologia) Faculdade de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILLS, David L. Asociaciones voluntárias: aspectos sociológicos. ***Enciclopédia Internacional de Las Ciências Sociales***. Espanha: Aguilar, 1974.

SILVA, Sidneiva Paiva de Oliveira. ***Plebiscito – Acesita x Timóteo*** *– 1979 a 1981*: disputa pela identidade através da preservação do nome. 2004, 42f. Monografia (graduação em História). Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, Coronel Fabriciano, 2004.

SILVA, Zander Campos da. ***Lions Clube***: a grande idéia de Melvin Jones. Goiânia: Quatro, 1984.

SIMIONATTO, Ivete. ***Gramsci***: sua teoria, incidência no Brasil, influência no serviço social. 2. ed. Florianópolis: UFSC; São Paulo: Cortez, 1999.

SOWELL, Thomas. ***Etnias da América***: a história dos nove principais grupos étnicos – irlandeses, alemães, judeus, italianos, chineses, japoneses, negros, porto-riquenhos, e mexicanos – e suas variadas experiências da adaptação a sociedade norte-americana. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988.

SOWELL, Thomas. ***Etnias da América***: a história dos nove principais grupos étnicos – irlandeses, alemães, judeus, italianos, chineses, japoneses, negros, porto-riquenhos e mexicanos – e suas variadas experiências na adaptação a sociedade norte-americana. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988.

SWAIN, Tânia Navarro. Você disse imaginário? In: SWAIN, Tânia Navarro (Org.). ***História no plural***. Brasília: UNB, 1994.

THEODORO, Archimedes. ***De Rotary***: com o coração – o que ando dizendo por aí. Belo Horizonte: Cuatiara, 1995.

TOCQUEVILLE, Alexis de. ***A democracia na América***: sentimentos e opiniões. São Paulo: Martins Fontes, 2000. vol. 1.

TOCQUEVILLE, Alexis de. ***A democracia na América***: leis e costumes. São Paulo: Martins Fontes, 2001. vol. 2.

TOCQUEVILLE, Aléxis de. ***Democracia na América***. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

TUCÍDIDES. ***História da Guerra do Peloponeso***. 3. ed. Brasília: UNB, 1999.

UHLE, Agueda Bernardete. ***Comunhão Leiga***: o Rotary Club no Brasil. 1991, 353f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

UHLE, Agueda Bernardete. Democracia e ordem: a política de interesses do Rotary Club no Brasil nos anos 60. ***Espacios em Blanco***, Argentina, n. 9, p. 59-125, jun. 1999.

UHLE, Agueda Bernardete. Internacional dos empresários: política de interesses do Rotary Club no Brasil dos anos 1960. In: ALMEIDA, Ana Maria F. Almeida. et al. ***Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras***. Campinas, SP: Unicamp, 2004.

Usiminas conta sua história. Belo Horizonte: Assessoria de Comunicação Social, 1990.

Vale Lutar. Publicação do Mandato do deputado federal Ivo José – PT/MG, fev. 2005.

VIDIGAL, VIDIGAL, Luis. ***Os testemunhos orais na escola*:** história oral e projetos pedagógicos. Portugal: Asa, 1996.

VITALE, Maria Amália Faller. Socialização e família: uma análise intergeracional. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (Org.). ***A família contemporânea em debate***. 2ed. São Paulo: EDUC/Cortez, 1995.

WADE, Richard C. A Urbanização. In: WOODWARD, C. Vann (Org.). ***Ensaios comparativos sobre a história da américa***. São Paulo: Cultrix, 1972.

WALDENFELS, Hans (Org.). ***Léxico das religiões***. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

WEBER, Max. ***Ensaios de sociologia***. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 1982.

WIKLE, Thomas A. International expansion of the american-style service club. In: ***Journal of American Culture***, v. 22, n. 2, p. 45-52, 1999.

WOODWARD, C. Vann (Org.). ***Ensaios comparativos sobre a história da América***. São Paulo: Cultrix, 1972.

Apëndice
LISTA DE DEPOENTES E DATAS DOS DEPOIMENTOS ORAIS

	Nome	Dep. 1	Dep. 2	Dep. 3	Dep. 4	Dep. 5	Dep. 6	Dep. 7	Dep. 8	Dep. 9	Dep. 10	Dep. 11	Dep. 12
1	Abdala Jorge	16/12/04											
2	Agueda B. Bernardete Uhle	05/10/06											
3	Ana Ângela Godoy	14/12/04											
4	Antônio Luiz Almeida	12/01/04											
5	Antônio Procópio Torres	25/02/06											
6	Archimedes Theodoro	27/05/06											
7	Carlos Alberto Cotta	13/07/06											
8	Chames Salles Rolim	23/12/03	12/08/05										
9	Clodomiro de Jesus	24/03/05											
10	Edelves Moraes Albeny	15/07/03											
11	Evandro Caetano de Lima	27/05/06											
12	Gil Caiado Barbosa	24/02/05											
13	Hermírio Gomes da Silva	03/10/03	05/07/05										
14	Humberto Souza Abreu	23/08/03											
15	Ione Anacleto	27/09/03											
16	José Avelino Barbosa	21/05/03	12/05/03	19/12/04									
17	José de Sousa Miguel Lopes	06/05/03											
18	José Luiz Pessoa	27/05/06											
19	José Petronilho dos Reis	27/07/03	31/07/03										
20	José Rodrigues do Amaral	07/07/03	11/12/03	23/02/04	28/03/05								
21	Maurício Antônio Anacleto	27/09/03	22/03/04	15/02/06									
22	Narciso Drummond Tôrres	03/05/03	01/08/03	21/10/03	19/12/03	22/01/04	28/01/04	01/03/04	19/02/04	29/09/04	13/07/05	08/02/06	11/08/05
23	Paulo Procópio S. M. Neto	05/07/03	02/08/06										
24	Pedro Sampaio Guerra	10/12/03	20/03/04	07/10/05									
25	Raimundo Bernardo Teles	29/03/04											
26	Rubem Winter Maia Filho	23/03/05	29/03/05	22/11/05	21/02/06								
27	Waldetaro Vitorino Dias	08/11/03	13/04/05										

Quadro 11- lista geral dos depoimentos

QUADRO DE DADOS GERAIS DOS SÓCIOS FUNDADORES DO ROTARY CLUB DE CORONEL FABRICIANO

(Atualizado em abril de 2005)

Qt.	SÓCIO FUNDADOR	ORÍGEM	PROFISSÃO – ATUAÇÃO PROFISSIONAL[789]	LOCAL DE TRABALHO	OBSERVAÇÃO
01	Albim Schuls	Alemanha	Engº Mecânico	Cia. Acesita	Sem notícia
02	Antônio Procópio Torres	Santa Maria de Itabira	Farmacêutico	Acesita / Quitandinha	Vivo
03	Cândido de Assis Pinto	Itabira	Comerciante (padaria)	Cel. Frabriciano / Melo Viana	*in memorian*
04	Ery Aranda Pires	Santa Maria de Itabira	Dentista	Acesita	*in memorian*
05	Evandro Caetano de Lima	Carmo do Paranaíba	Engº Metalúrgico/Civil/Minas	Cia. Acesita	Vivo
06	Francisco de Paula e Silva Jr.	Itajubá	Encarregado	Belgo-Mineira	*in memorian*
07	Geraldo Perlingeiro Abreu	Santo Antônio de Pádua (RJ)	Advogado	Cia. Acesita	*in memorian*
08	Gil Guatimosin Jr.	Belo Horizonte	Engº Civil	Usiminas	*in memorian*
09	Hércio de Figueiredo Mello	Raul Soares	Gerente Banco do Brasil	Acesita	Sem notícia
10	Joaquim César Santos	Bahia	Diretor de Serraria Santa Helena	Stª Helena / Belgo-Mineira	*in memorian*
11	José Augusto Joaquim Moreira	Rio de Janeiro	Engº Metalúrgico (Diretor)	Cia. Acesita	*in memorian*
12	José Avelino Barbosa	Santana do Paraíso	Comerciante (eletrodomésticos)	Cel. Fabriciano	Vivo
13	José Araújo Moraes	Jaguaraçu	Comerciante (casa de carne)	Acesita	*in memorian*
14	José Ignácio Fernandes	Brasopolis	Coletor Federal	Cel. Fabriciano	*in memorian*
15	José Luiz Pessoa	Santa Barbara	Contador	Belgo-Mineira	Vivo
16	José Maria Rolim	Vermelho Velho (Caratinga)	Farmacêutico	Cel. Fabriciano	*in memorian*
17	José Penha Cysne	Fortaleza (Ceará)	Engº Metalúrgico	Cia. Acesita	Sem notícia
18	José Pereira Guerra	Itabira	Engº Civil	Usiminas	*in memorian*
19	José Riscala Albeny	Dionisio	Médico	Hospital Siderúrgica (Cel. Fab.)	*in memorian*
20	Luiz Gonzaga Bueno	Belo Horizonte	Coletor Estadual	Cel. Fabriciano	*in memorian*
21	Marco Túlio Viana	Pedro Leopoldo	Engº Metalúrgico	Cia. Acesita	*in memorian*
22	Maurício Antônio Anacleto	Nova Lima	Médico	Hospital Siderúrgica (Cel. Fab.)	Vivo
23	Narciso Drummond Torres	Itabira	Comerciante (móveis e eletrodomésticos)	Cel. Fabriciano/ Casas Guerra	Vivo
24	Nestor Cotta Figueiredo	Dom Silverio	Comerciante (posto de gasolina)	Cel. Fabriciano	*in memorian*
25	Ney Araújo de Oliveira Cruz	Rio de Janeiro	Eng. Metalúrgico	Cia. Acesita	*in memorian*
26	Pedro Sampaio Guerra	Itabira	Médico (chefe)	Hospital Acesita	Vivo
27	Ricardo Moreira Xavier	Belo Horizonte	Comerciante (posto de gasolina)	Cel. Fabriciano	*in memorian*
28	Rubem Siqueira Maia	Curvelo	Superintendente	Belgo-Mineira	*in memorian*
29	Takêo Aibê	São Paulo	Engº Mecânico	Usiminas	*in memorian*
30	Virgílio Hélio Mosci	Belo Horizonte	Médico	Cia Acesita	*in memorian*
31	Wellington Martins Ferreira	Timóteo	Pecuarista	Timóteo	*in memorian*
32	Wenceslau Martins Araújo	Nova Era	Gerente Banco da Lavoura	Acesita	*in memorian*

Quadro 12 – Dados gerais dos sócios fundadores do RC Coronel Fabriciano-Acesita

[789] Não significa necessariamente que os rotarianos sócios fundadores não tivessem outras atividades profissionais paralelas ou que as atividades profissionais citadas no quadro acima não fossem posteriormente trocadas ou abandonadas.

JORNAL *CANAÃ* (FUNDADO EM 1º DE AGOSTO DE 1959)

ANO	NÚMERO	DIA	MÊS	ANO	PÁGINAS	OUTROS
01	01	01	Agosto	1959	06	
01	02	2ª (quinzena)	Agosto	1959	04	
01	03	1ª (quinzena)	Setembro	1959	04	
01	04	2ª (quinzena)	Setembro	1959	04	
01	05	1ª (quinzena)	Outubro	1959	04	
01	06	1ª (quinzena)	Novembro	1959	06	
01	07	2ª (quinzena)	Novembro	1959	04	
01	08	1ª (quinzena)	Dezembro	1959	04	
01	09	2ª (quinzena)	Dezembro	1959	04	
01	10	1ª (quinzena)	Janeiro	1960	04	
01	11	2ª (quinzena)	Janeiro	1960	04	
01	12	1ª (quinzena)	Fevereiro	1960	06	
01	13	2ª (quinzena)	Fevereiro	1960	04	
01	14	1ª (quinzena)	Março	1960	04	
01	15	2ª (quinzena)	Março	1960	04	
01	16	1ª (quinzena)	Abril	1960	04	
01	17	2ª (quinzena)	Abril	1960	04	
01	18	1ª (quinzena)	Maio	1960	04	
01	19	2ª (quinzena)	Maio	1960	04	
01	20	1ª (quinzena)	Junho	1960	04	
01	21	2ª (quinzena)	Junho	1960	04	
01	22	1ª (quinzena)	Julho	1960	04	
01	23	2ª (quinzena)	Julho	1960	04	
	24					Jornal não encontrado
02	25	2ª (quinzena)	Agosto	1960	04	
02	26	1ª (quinzena)	Setembro	1960	06	
02	27	2ª (quinzena)	Setembro	1960	08	
02	28	1ª (quinzena)	Outubro	1960	04	
02	29	2ª (quinzena)	Outubro	1960	04	
02	30	1ª (quinzena)	Novembro	1960	04	
02	31	2ª (quinzena)	Novembro	1960	04	
02	32	1ª (quinzena)	Dezembro	1960	04	
02	33	2ª (quinzena)	Dezembro	1960	04	
02	34	1ª (quinzena)	Janeiro	1961	04	
02	35	2ª (quinzena)	Janeiro	1961	04	
02	36	1ª (quinzena)	Fevereiro	1961	06	
02	37	1ª (quinzena)	Março	1961	04	
02	38	1ª (quinzena)	Abril	1961	04	
02	39	2ª (quinzena)	Abril	1961	04	
02	40	1ª (quinzena)	Maio	1961	04	
02	41	14	Maio	1961	04	
02	42	21	Maio	1961	04	
02	43	28	Maio	1961	04	
02	44	04	Junho	1961	04	
02	45	11	Junho	1961	04	
02	46	18	Junho	1961	04	
02	47	25	Junho	1961	04	
02	48	02	Julho	1961	04	
02	49	09	Julho	1961	04	
02	50	16	Julho	1961	04	
02	51	03	Julho	1961	04	
02	52	06	Agosto	1961	04	
03	53	13	Agosto	1961	04	

03	54	20	Agosto	1961	04	
03	55	27	Agosto	1961	04	
03	56	07	Setembro	1961	04	
03	57	17	Setembro	1961	04	
03	58	24	Setembro	1961	04	
03	59	01	Outubro	1961	04	
03	60	08	Outubro	1961	04	
03	61	15	Outubro	1961	04	
03	62	22	Outubro	1961	04	
03	63	29	Outubro	1961	06	
03	64	12	Novembro	1961	04	
03	65	19	Novembro	1961	04	
03	66	26	Novembro	1961	04	
03	67	03	Dezembro	1961	04	
03	68	24	Dezembro	1961	08	
03	69	06	Janeiro	1962	06	
03	70	13	Janeiro	1962	06	
03	71	20	Janeiro	1962	04	
03	72	27	Janeiro	1962	04	
03	73	03	Fevereiro	1962	04	
03	74	10	Fevereiro	1962	04	
03	75	17	Fevereiro	1962	04	
03	76	24	Fevereiro	1962	04	
03	77	18	Março	1962	04	
03	78	31	Março	1962	04	
03	79	12	Abril	1962	04	
03	80	06	Maio	1962	06	
03	81	13	Maio	1962	04	
03	82	20	Maio	1962	04	
03	83	03	Junho	1962	04	
03	84	17	Junho	1962	04	
03	85	27	Junho	1962	04	
03	86	08	Julho	1962	04	
03	87	23	Julho	1962	06	
03	88	31	Julho	1962	06	
03	89	08	Agosto	1962	04	
04	90	18	Agosto	1962	04	
04	91	26	Agosto	1962	04	
04	92	02	Setembro	1962	04	
04	93	16	Setembro	1962	04	
04	94	23	Setembro	1962	04	
04	95	30	Setembro	1962	04	
04	96	14	Outubro	1962	04	
04	97	21	Outubro	1962	04	
04	98	28	Outubro	1962	04	
04	99	11	Novembro	1962	04	
04	100	25	Novembro	1962	04	
04	101	02	Dezembro	1962	04	
04	102	25	Dezembro	1962	06	
04	103	10	Março	1963	04	
04	104	01	Junho	1963	04	
04	105	15	Junho	1963	04	Número não circulado

Quadro 13 - Inventário do jornal *Canaã*

JORNAIS IMPRESSOS (1948-1973)

DATA	JORNAL	LOCAL	RESPONSÁVEL
1948	*O Progresso*	Coronel Fabriciano (Distrito)	Rubem Siqueira Maia; José Riscala Albeny
1954	*Folha do Vale*	Coronel Fabriciano	Claudiano Soares; Oscar Silva
1954	*O Tarugo*	Timóteo (distrito)	Elite Clube
1954	*O Programa*	Timóteo (distrito)	Wenceslau Martins Araújo
1955	*O Martelo*	Coronel Fabriciano	Claudiano J. Soares
1957	*Voz da Cidade*	Coronel Fabriciano	?
1959	*Canaã*	Coronel Fabriciano	Wenceslau Martins Araújo
1962	*A Verdade Impressa*	Coronel. Fabriciano	Euclides Diogo Sabará
1963	*O Ipatinga*	Ipatinga (distrito)	Walter de Lima Sales; José Francisco de Oliveira; José Edélcio Drumond Alves; Silvio Gonçalves; Elias Correia de Oliveira; Arcanjo Evangelista Pascoal
1964	*Flan*	Coronel Fabriciano/ Timóteo	Euclides Diogo Sabará e José Rodrigues do Amaral
1965	*La Cumbaca*	Coronel Fabriciano	Wenceslau Martins Araújo
1967	*O Vale do Aço*	Cel. Fabriciano	Rubem Winter Maia Filho; José Roque Pires
1968	*Diário da Manhã*	Ipatinga	Silvio Raimundo; José Carlos de Assis; Daniel O. Duque
1969	*O Metropolitano*	Coronel Fabriciano	Celso Magalhães
1972	*O Carapuça*	Timóteo	Jorge B. Silva; Jorge N. de Souza
1973	*O Popular*	Cel. Fabriciano	Celso Magalhães

Quadro 14 - Jornais impressos fundados no Vale do Aço (1948-1973)

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo